



24^o Festival do Folclore

14 a 21 de agosto/88

Olímpia
SP
Capital
do
folclore



TERNO DE CONGADA CHAPÉU DE FITAS



Olímpia, cidade de 85 anos, foi desbravada por algumas dezenas de escravos do senhor Antônio Joaquim dos Santos, mineiro de Poços de Caldas, que para cá se mudara.

Há em Olímpia a Congada denominada Chapéu de Fitas, do Capitão José Francisco Ferreira, cuja festa principal se celebra no mês de maio. É congada de fama e esplendor pela originalidade. É rico o colorido da indumentária dos integrantes, que constitui em soberbo espetáculo cromático.

No dia 13 de maio, o bumbo anuncia o início da festa. Homens, mulheres e crianças somente de cor negra e sem número fixo.

Rufam os tambores e retinam os metais dos pandeiros. Uma sanfona adere, com a grande variedade de sons agudos e baixos de suas palhetas. Começa a festa! Os componentes do numeroso grupo, de chapéus coloridos de flores e fitas, ornados de espelinhos, que devolvem algum mau-olhado, iniciam os cantos. Vestem camisas de cetim fulgurante, de cores vivas, com predominância do azul celeste e do branco e calças de brim, de cor branca ou amarela. Calçam congas brancas. Na cintura, uma larga faixa tricolor: preta, vermelha e amarela, cores oficiais do Município de Olímpia, que se destacam como nota viva no conjunto dos matizes em movimento, na prática de animada coreografia. O grupo desce a rua principal do Jardim Santa Ifigênia até o Quartel, residência do primeiro capitão do Terno.

As pancadas rítmicas do bumbo ressoam pela encosta e chegam longe, enchendo a beirada da rua larga de curiosos. Os homens do bumbo são os que mais padecem. Com passos ágeis e sacudindo as baquetas, os integrantes dos tambores associam rufos entusiásticos. O sanfoneiro intercala sonoridades melódicas, coadjuvado pelos violonistas, cavaquinistas e violeiros, ao ritmo da batucada, a que se associam os reco-recos e os pandeiros, agitados freneticamente. E quando estão atingindo o Quartel, ensaiam o canto de gratidão, que exige poupança do fôlego. E então, ao alcançarem o altar desse Quartel, soltam um canto, que é uma melopéia com estribilho onomatopaico:



Alerta, alerta, congadeiro,
Nossa liberdade chegou
Ô, ô, ô, ô, ô,
Sarve Nosso Sinhô,
É, é, é, é, é,
Sarve a Santa Isabé!

Enquanto dança, o conjunto executa música vibrante, com a cadência marcada pelos bumbos. A porta do Quartel, um casal corado, simbolizando o antigo rei do Congo e sua real consorte, acompanha, serenamente, o desenrolar da dança caprichada, destacando-se, sobretudo, tradições históricas e costumes tribais de Angola e do Congo.

E assim começa a festa, que vai continuar o dia todo e só terminar ao anoitecer.

Desta forma, todos os anos se repete, com o mesmo entusiasmo e brilho, o Terno de Congada Chapéu de Fitas, do Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia — Capital do Folclore. Foto: 13 de maio de 1988.

JOSÉ SANT'ANNA

CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRASIL

Os escravos negros das várias nações africanas que vinham desterrados para o Brasil Colonial, a bordo de navios negreiros, não traziam consigo apenas o desgosto profundo e a saudade de suas origens de onde foram arrancados repentinamente. Traziam também em seus prantos e lamentações a fé no culto e ritos religiosos de seu povo lacerado, tão vitais quanto respirar e mais do que se alimentar e dormir.

A medida que chegavam à nova terra, estimulavam e transmitiam suas crenças àqueles que aqui já estavam, que por sua vez passavam os ensinamentos aos filhos, netos e bisnetos, de forma oral, mantendo tanto quanto possível as tradições como a dança, várias palavras em dialetos africanos, instrumentos musicais, o colorido de suas vestes, turbantes e miçangas, assim como a identidade de seus deuses.

O Brasil recebeu os primeiros escravos da Guiné, depois do Congo, Angola e Moçambique.

Desde que para o Brasil começaram a vir escravos procedentes de tribos bantos, os rituais foram-se espalhando das senzalas para o país.

Os povos bantos, habitantes do centro do Sul da África, sempre conservavam em sua cultura, forte influência da civilização egípcia. Na religião, em fundamentos e princípios filosóficos, reminiscências dos povos do Baixo Nilo foram transmitidas, influenciando na tradição, criando eles de afinidade.

Os costumes totalmente diversos, exuberantes, alegres, dinâmicos, foram se incorporando aos nossos e formando uma terceira cultura, a afro-brasileira, que logo se fez sentir na culinária, na dança, na música, no canto, nos gestos, nos folguedos e na própria religião.

O braço africano sempre contribuiu de modo respeitável e decisivo para o desenvolvimento do Brasil. Muitos africanos tombaram, desbravando os sertões, derrubando matas, abrindo atalhos e picadas, domando o curso dos rios, escalando montes e colinas, fincando em seus mais longínquos rincões, a cruz de Cristo.

Hoje, após cem anos da abolição, dos 140 milhões de brasileiros, cerca de 60 milhões têm origem negra.

A data de 13 de maio é bela e grata ao coração de todos os brasileiros. Recorda um episódio mais emocionantes de nosso História: a Abolição da Escravatura em terras livres do Brasil. E não podemos deixar de recordar a Princesa Isabel — a Redentora — indiscutivelmente a figura mais impressionante desse episódio.

O 24.º FEFOL é dedicado ao Centenário da Abolição, como reconhecimento ao africano, que desde os albores de nossa colonização teve um papel marcante na formação do povo brasileiro.

Não fosse a contribuição negra, como seria triste nosso Brasil!

JOSÉ SANT'ANNA
Coordenador do FEFOL



ANUÁRIO DO FOLCLORE

24.º FESTIVAL DO FOLCLORE

14 a 21 de agosto de 1988

Olímpia — SP — A Capital do Folclore

Gráfica BRADESCO
Osasco — SP

Com apreço
[Signature] 88

Edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia" e Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia.

ANO XV
22 de agosto de 1988
N.º 18

SUMÁRIO

- 1 — Arquitetura Folclórica — 2
- 2 — Aspectos Folclóricos da Quaresma no Município de Olímpia — 7
- 3 — Adivinhe, Se Puder — 66
- 4 — Brincadeira Infantil — Rodar Pião — 69
- 5 — Calembures — 72
- 6 — Literatura de Cordel — 73
- 7 — Jocelino Conta Alguns Contos — 76
- 8 — Dança do Maçarico — 85
- 9 — Moda de Viola e Catira — 87
- 10 — Por que a Escravidão se Extinguiu — 89
- 11 — Dança de São Gonçalo — 90
- 12 — Museu de História e Folclore — 91
- 13 — Adeus a Rossini Tavares de Lima — 94
- 14 — Noticiário — 99
- 15 — Correspondência — 118

EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420
Caixa postal 60
Telefone: (0172) 81-1929 — Ramal 14
Patrimônio de São João Batista
15 400 — Olímpia — SP

Diretor: Prof. José Sant'anna

Redatora: Prof.^a Iseh Bueno de Camargo

AUXILIARES

Antônio Clemêncio da Silva, Sidney Carlos Schalch, Célio José Franzin, Débora Aparecida Vicente, João José Abra e Lupércio Bonin

FOTOS

Francisco de Assis Madalena e Hélio Garcia Filho

PENTAGRAMATIZAÇÕES

Maestros: Jônatas Manzolli e José Carlos Antonelli. Letrista: Marcos Antônio Zangirolami

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações deste Anuário podem ser reproduzidos desde que citada a fonte.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Administração: Wilson Zangirolami

ARQUITETURA FOLCLÓRICA

ISEH BUENO DE CAMARGO
Departamento de Folclore — Olímpia

“Arqui” — elemento grego que expressa idéia de superioridade, proeminência, aumento, grandiosidade... “Arquitetura” — ciência cujo objetivo é projetar edifícios, arte de edificar. Em Folclorística, portanto, pode parecer estranho falar-se em arquitetura folclórica. Pois é justamente onde nos enganamos. A construção de incontável número de casas, de abrigos humanos, de aconchegantes núcleos familiares é obra artesanal, é trabalho manual, trabalho de muitas mãos que têm a aura do artista nato.

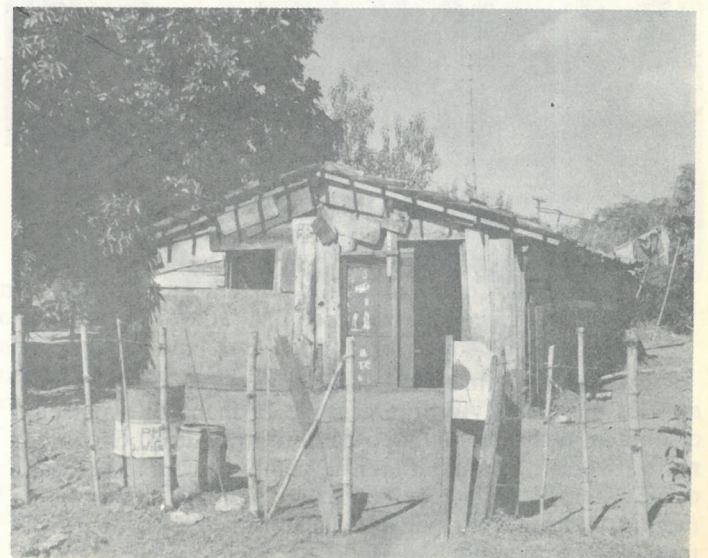


Queremos, através destas palavras, gravar a deslumbrante obra de anônimos artesãos que, extraindo do solo, da vizinhança, dos monturos, de qualquer lugar, material diversificado, constrói, passo a passo, o seu cantinho para morar. São tantas obras que podem levar o pomposo título de “arquitetura folclórica” que nos vemos na contingência de mencionar apenas algumas delas.



Para começo de conversa, vejamos o que é favela. Diz o Dicionário: conjunto de vários casebres populares. Uma conceituação clara, simplista. Favela, no meu entender, é muito mais do que mero conjunto de casinhas, de casebres populares. Favela é uma cidade diferente, é uma cidade que vive intensa e sofridamente o dia-a-dia, é o reduto de milhares de seres que arcam com o peso do desnível sócio-econômico de um país, é o recanto predileto do boêmio que grita à lua a dor que o oprime, o escondido

derijo perfeito do homem marginalizado, o coração das metrópoles. Coração que não se centraliza em determinada parte da cidadela que o atrai, que pulsa do lado de fora, quase sempre na periferia.





As casas, as moradas caracterizam, de certa forma, aqueles que nelas vivem. O castelo, a mansão, o palácio, o sobrado, a casinha velha, o casebre, o tugúrio. Ouvimos, muitas vezes: Esta família não combina com esta casa, ou: Esta casa não merece tal pessoa. É como se houvesse, necessariamente, um vínculo imaterial, etéreo, entre a moradia e o morador.



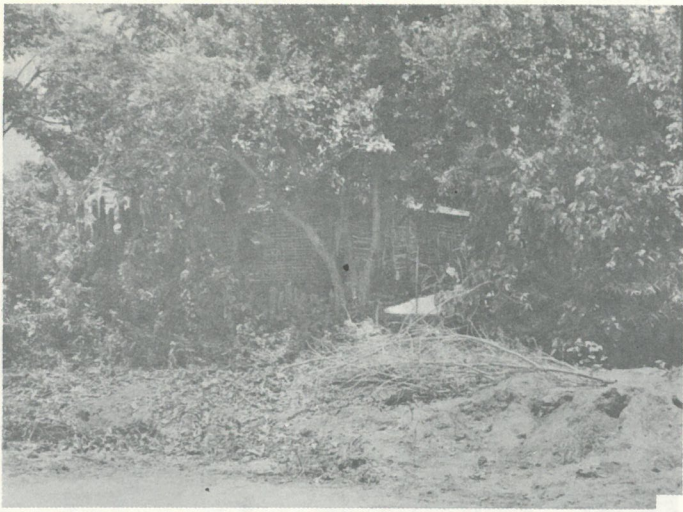
Viajante incansável, olho as casas por onde passo e, creio, reconheço o caráter ou a personalidade de quem nela vive, ou de algum elemento de maior força que lhe imprime as características próprias. Uma bela casa, arquitetura arrojada, ricos jardins, flores, gramado meticulosamente cuidado contam-me, por vezes, que lá dentro a dissensão impera, que o amor não faz parte do cotidiano. Janelas carrancudas, vazias de luz, de cor, de calor, portas que não demonstram desejo de abrir-se ao amigo, secretas, fechadas.

Casinha singela, sem qualquer traço arquitetônico, construída com o mais pobre material, descascada, desbotada pelos anos ou pelo tempo, esquecida ao longo da estrada, nos dá as boas-vindas como se abrisse amplos braços, nos sorrisse ao passarmos, é toda esperança, fé, amor e desejo de acolher a quem a espia.

Mesmo num prédio de apartamentos, as diferenças aparecem. Todos são iguais quanto à construção, vão-se diferenciando, dia-a-dia, até se tornarem personalizados. Numa colônia-conjunto de casas iguais em fazendas de café do passado, ou fazendas de culturas diversificadas, esse fenômeno pode ser observado. Por vezes, muitos detalhes distinguem uma das demais: jardim, flores, horta, pomar, galinheiro, cerca-viva, um banco à sombra de frondosa mangueira. Outras vezes, um nada, mas ela nos conta que é diferente — enfezado vaso de gerânios à janela basta para nos contar que ali mora alguém que gosta do belo, que ama seus semelhantes.



As casas têm alma, senão como explicar aquelas que nos apaixonam à primeira vista ou aquelas que nos causam calafrios, que nos levam a fugir para longe? Como explicar as que são “mal-assombradas”? As que gemem em noites de luar? As que encolhem ao ribombar do trovão?



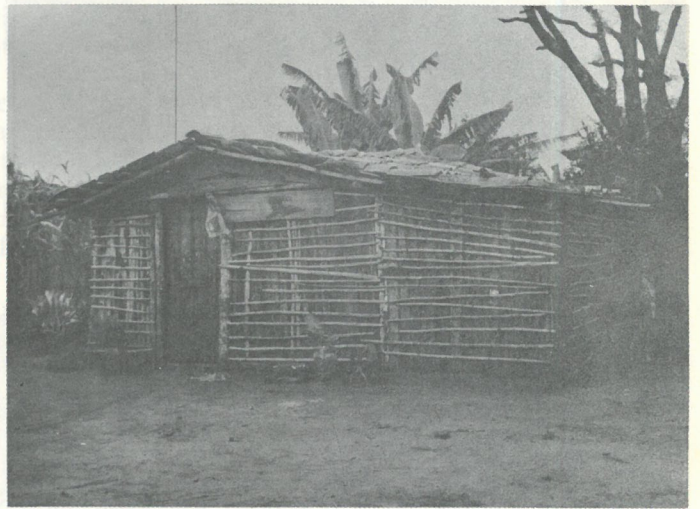
Portanto, ao construir artesanalmente a sua casa, o homem lhe dá o aspecto que liga o seu ego ao trabalho que faz. É impossível ficar alheio, cada esteio, cada viga, vigota, bambu, madeira, lata, ferro, papelão, plástico ou outro material que utiliza se impregna do seu estado de espírito, reflete os seus desejos, as suas esperanças.



Na nossa região, embora tendam a desaparecer, são encontradas algumas dessas casas maravilhosas onde, em cada detalhe, está a mão do homem, da mulher, daqueles que a ergueram. Época houve em que cidades inteiras ostentavam casas de pau-a-pique, ricamente trabalhadas, desde os esteios que as sustentavam por muitos anos até a cobertura de sapé ou telha, observados os detalhes da postura estética das portas e janelas. Algumas resistem. São o único tipo possível de moradia para os menos favorecidos. Espalham-se pelos arredores das cidades, pela zona rural, ocultas por matagal, à beira de rios, clandestinas quase sempre.



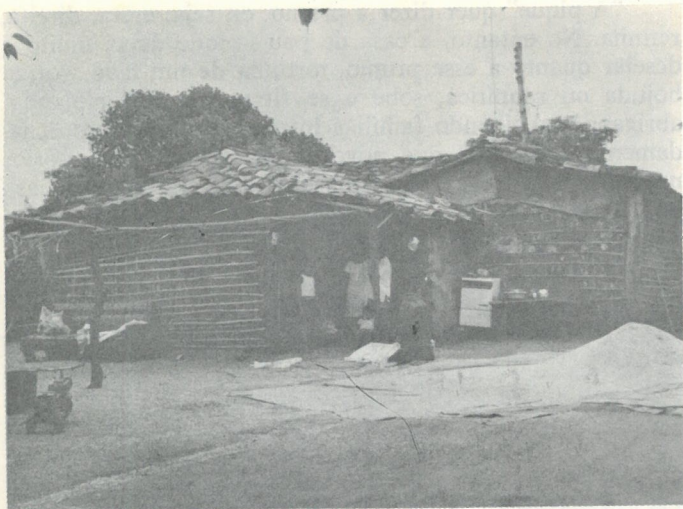
“A pique” quer dizer a prumo, ou seja, ereta, direita, retinha. No entanto, a casa de pau-a-pique deixa muito a desejar quanto a esse prumo, tortinha de um lado, gorda, bojuda ou raquítica, sobe e se firma no solo alojando, abrigando, acolhendo famílias inteiras. Cresce, desordenadamente, à medida que novo cômodo se faz necessário; novos esteios, traves, ripas, barro, cobertura. Pronto, casa aumentada.



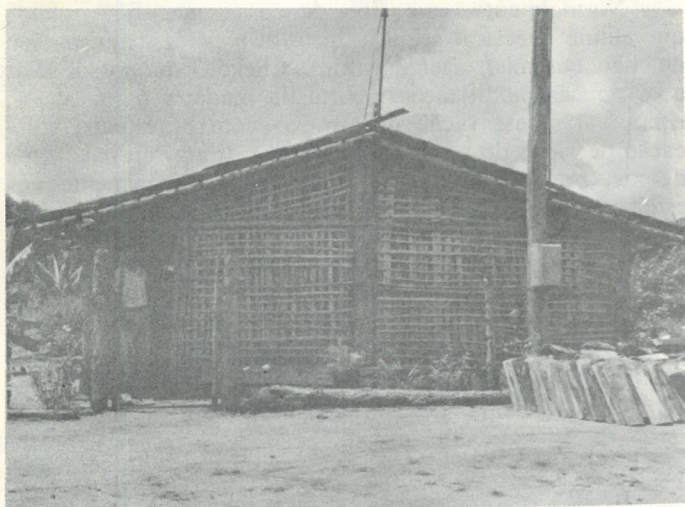
Normalmente, esse tipo de casa segue o “projeto” que algum ancestral criou, a história não registrou, passou de mão em mão, séculos afora. Chegou até nossos dias com poucas modificações: corte da madeira para esteios, ripas, varas; escavação de buracos para os esteios; colocação de varas de um esteio ao outro, diretas ou em forma de xis, presas com cipó ou encaixadas firmemente aos esteios; gradeação, deixando vazios para portas e janelas; preparo e colocação do barro sobre as varas; cobertura e, às vezes, caiação.



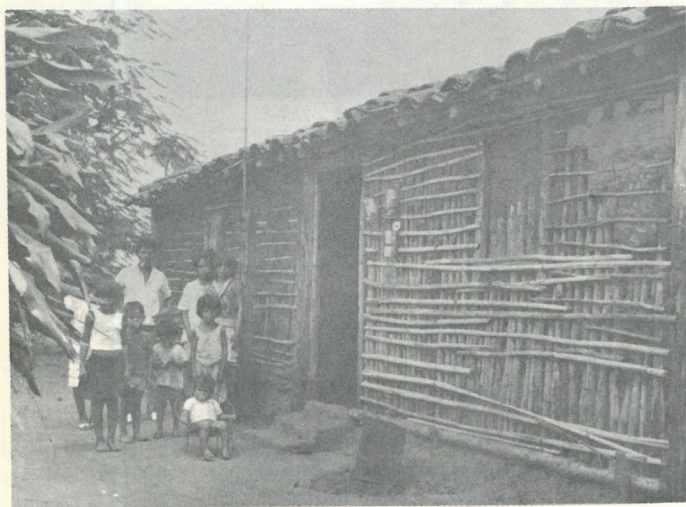
A cobertura pode ser feita com muito material à mão — palha, folhas de palmeiras, cipó, capim e é onde o artista se revela. Na colocação da cobertura vegetal, além da funcionalidade, ou seja, do trabalho de não deixar um só vão que permita passar a chuva, o artesão tem que usar a imaginação para que o vento não leve o seu teto, amarrando com embira, couro, corda. Ou, como muitas que vi em Goiás, folhas superpostas artisticamente, formando um rendilhado perfeito na parte interior, sem um único vão, sem um desvio. Atualmente, a telha vem substituindo a fibra vegetal, sem muito sucesso.



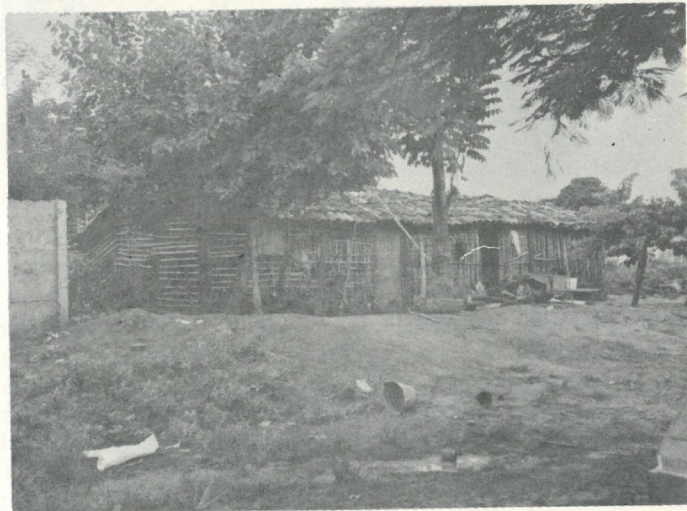
O barreamento também requer muito jeito, pois até a escolha do barro apropriado mostra a perícia do construtor. A casa é feita para durar, para abrigar, para agradar. Então, mãos à obra, ou melhor, pés à obra, porque bom barro é amassado com os pés. Depois, calma e eficientemente, de alto a baixo, o barro vai sendo colocado, formando as avermelhadas paredes que, muitas vezes, deixam ver aqui ou ali pedaços das varas ou os esteios.



Quando há meios, depois de seco o barro, procede-se à caiação, o que é muito raro. A casa fica linda quando rústica, quando o artesão alisa o barro com mãos calejadas e amigas, assim como quem acaricia um ser muito amado, muito frágil. Por que cal? É desnecessária.



O interior da casa de pau-a-pique é muito variável. Algumas têm divisões: sala, quartos, cozinha. Tabiques podem ser colocados posteriormente, dividindo ambientes grandes. Até biombos podem surgir, depende do aumento dos pertences ou dos membros da família. O chão, quase sempre de terra batida, duro como cimento, pode receber cinza bem molhada, formando um cinza-claro que dá ao ambiente um ar de limpeza. Para que o pó não se levante, ao ser varrido o chão, sempre é aspergido com generosa quantidade de água.



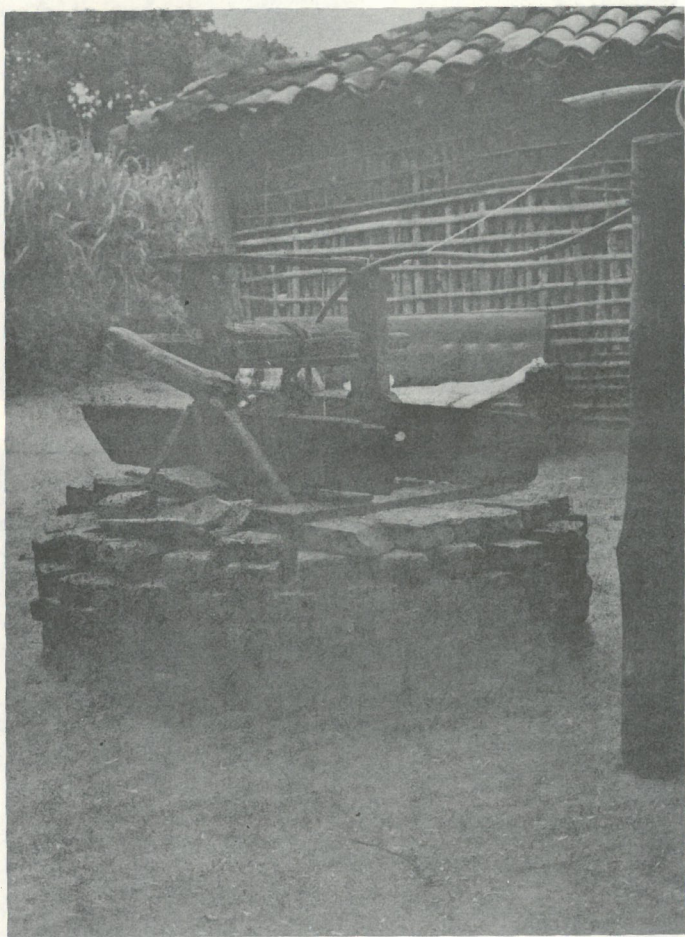
Em Goiás é muito comum encontrarmos esse tipo de casa, magnificamente recoberta com folhas de palmeiras, sem paredes — só os esteios, as traves, as ripas e a cobertura, um ranchão onde ficam a cozinha, a sala, as redes de dormir, o recanto onde são guardados os arreios, latas de adubo, veneno, mantimentos ensacados, carne-de-sol em varais. Só o casal, marido e mulher, tem um cômodo fechado por ripas de madeira ou troncos de coqueiro ou árvores retas e firmes. Escada tosca leva o casal para o "apartamento", cama diretamente feita sobre o jirau, recoberto de folhas secas de bananeira ou mangueira. Até os velhos solitários dormem ao ar livre, em redes, ao lado do fogo.

Na região de Olímpia, nos seus distritos e na zona rural do município as casas são cercadas, apresentam divisões internas, janelas e portas trabalhadas e com dobradiças. Recebem demão de cal, sem com isso perder as características que nos permitem dar à sua construção o nome de arquitetura folclórica.

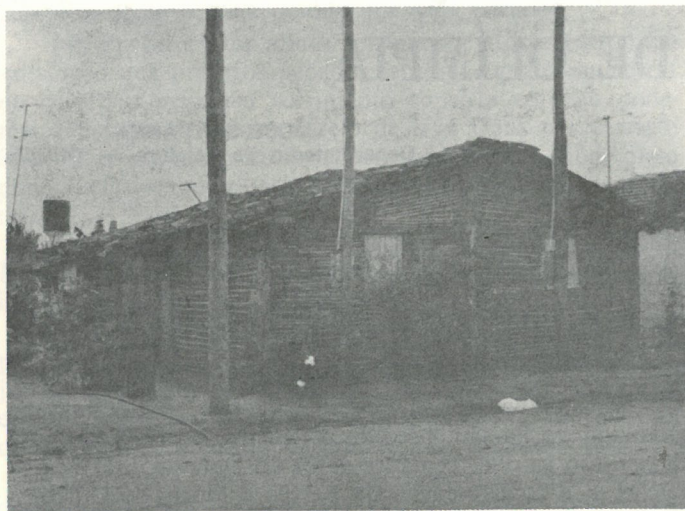


Não há uma casa de pau-a-pique semelhante a outra, igual em todos os detalhes pois, como disse, em suas paredes de bambu, madeira e barro ou no seu teto, há

sempre o “dedo de construtor”, o que as torna tão individualizadas.



O progresso das construções fez com que diminuísse o número dessas moradias mas, é certo, jamais conseguirá acabar com elas. Seu preço é inferior a qualquer outro tipo de construção, a matéria prima é gratuita, encontrada no local ou em suas proximidades. A improvisação também entra em função, colocando-se tábuas ou plásticos no telhado, quando o vento ou as chuvas o estragam. Qualquer retalho de folha-de-flandres serve para vedar buracos na parede. Um tronco forte serve, muitas vezes, de “encosto” à casa, quando as intempéries a deixam fora do prumo.

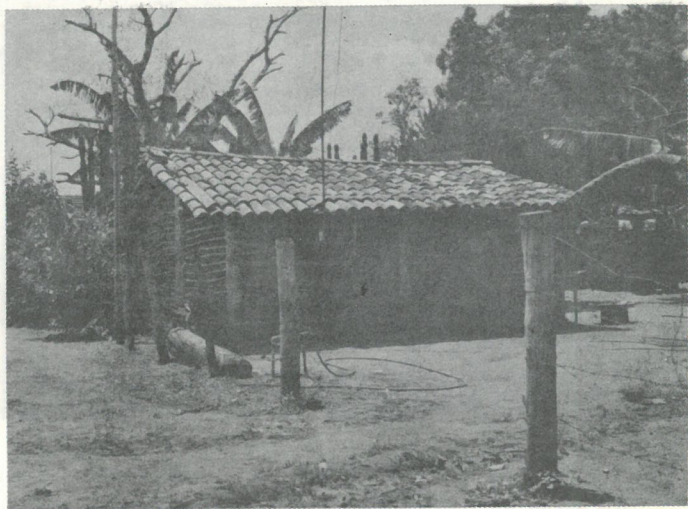


Quando se descobriu que o bicho barbeiro gostava de procriar e ocultar-se nas paredes de barro dessas casas, quase foi o seu “canto de cisne”. Número imenso delas foi demolido, o fogo consumiu muito teto de sapé ou

palha, a devastação foi grande. Os desalojados optaram pelas casas de alvenaria ou de blocos, em núcleos habitacionais, sonhando, quase sempre, com a antiga moradia que fora feita por mãos hábeis. Quando retornam ao campo, a regiões mais ermas, a casa de barro volta a ser construída. E com ela o forno e o fogão de barro, num desejo imenso de retorno às origens.

Muitas casas foram recobertas com cimento, caiadas e pintadas ficaram com jeito das casas atuais. Ao descascar a pintura ou em reformas, muita gente descobre que mora em casa de taipa, descobrindo, também, que apesar disso, mora em casa muito firme, duradoura e bela, melhor que muita casa moderna.

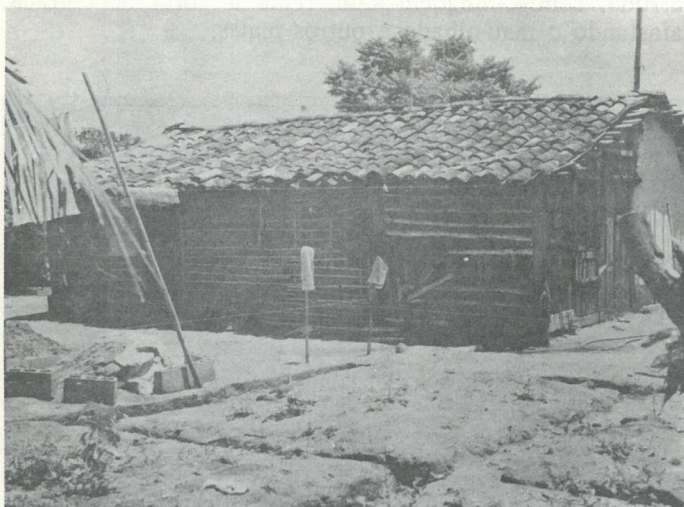
Outra característica da casa de pau-a-pique é a presença de plantas ao seu redor, árvores frutíferas ou plantas nativas, o que as torna frescas e acolhedoras. Plantas ornamentais nunca faltam, plantas que não pedem rega freqüente, não faltando a lata com pé de guiné, gambá, arruda, comigo-ninguém-pode, rente à porta de entrada, afastando o mau-olhado e outros males.



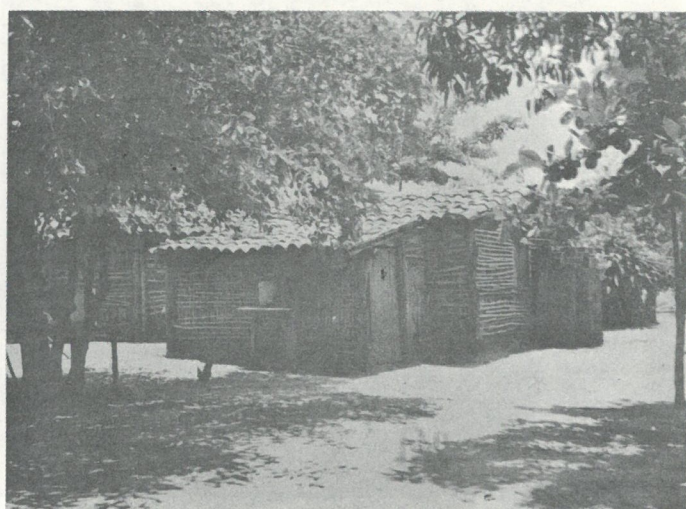
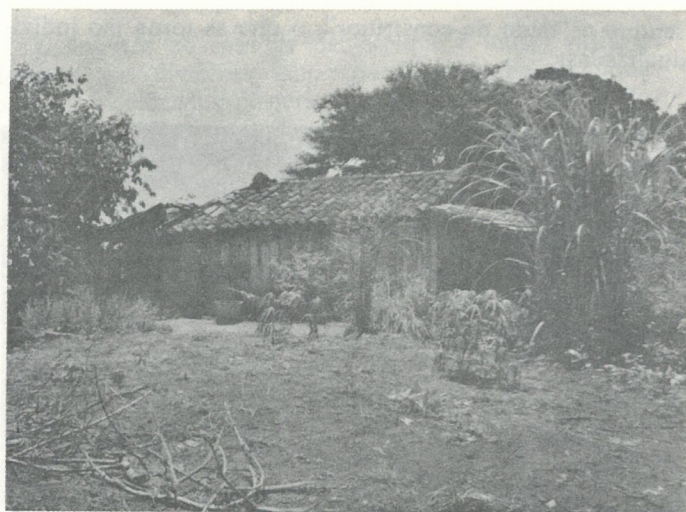
Tosco banco de madeira, sem encosto, completa o exterior da casa de taipa, da casa construída artesanalmente. Aos domingos, o banco é o ponto de encontro da família ou dos amigos, o lugar de se fazer, com calma, o cigarrinho de palha, descansar o corpo dorido das lides diárias, lugar para um animado jogo de cartas. Cachorro também parece fazer parte desse tipo de casas. Há sempre muitos, sem raça definida, magros, barulhentos. Por qualquer estranha alquímia, nasce muito mais criança na casa de barro, cresce barrigudinha e rija, comida ao alcance da língua que retira das paredes as vitaminas e os sais necessários ao crescimento e à proliferação do amarelão e outras doenças de cura demorada.



O amontoado dessas casas recebeu o nome de favelas, embora quase não sejam mais feitas de pau-a-pique, de barro. São de tábuas, de bambu, de troncos diversos, de resíduos encontrados em depósitos de lixo. Enormes cidades de aspecto estranho, sem ruas demarcadas, com vielas irregulares, sem esgoto, sem água canalizada, sem luz elétrica, vão cercando as metrópoles, colorindo a paisagem de rútilas cores, marcadas pelo choro de crianças, pragas de adultos, brigas, sons de violão, viola e pandeiro. Os eletrodomésticos invadem as mais mambembes dessas "modernas casas"; um mar de antenas de televisão recobrem a área onde a luz elétrica chegou, ou de rádio a pilha quando sem energia. Há aparelhagem de som, vídeo-cassetes, todo o conforto das casas melhormente situadas, uma vida fervilhante e ativa qual colmeia gigante e precativa.



As casas de pau-a-pique não farão parte do cenário de muitas das nossas cidades, mas o interior de inúmeros Estados brasileiros ainda as conservarão, estão sendo construídas neste momento, frágeis, sólidas, feitas de sonhos para durar, durar.



É, pois, graças à arquitetura folclórica, representada aqui por algumas poucas moradias, que erguemos nossos cantos de saudade, cantos que reverenciam seus construtores, que louvam seus idealizadores e cumprimentam os que tiveram, os que têm a ventura de habitar em casa de pau-a-pique e que encontram nela o seu palácio encantado.

ASPECTOS FOLCLÓRICOS DA QUARESMA NO MUNICÍPIO DE OLÍMPIA

JOSÉ SANT'ANNA
Departamento de Folclore — Olímpia

A Semana Santa é a última do período de 40 dias chamado Quaresma, que tem início logo depois dos três dias de Carnaval, ou seja, na Quarta-feira de Cinzas.

Esse nome "Quarta-Feira de Cinzas" se deve ao costume religioso das pessoas, indo à missa nesse dia, para se penitenciarem dos excessos cometidos no Carnaval, receberem do sacerdote uma cruz feita com cinza, na testa.

No interior de nosso país ainda se usa isso, embora nas grandes cidades o costume esteja sendo posto de lado. Trata-se de uma penitência a que se submetem as pessoas religiosas, como reparação perante Deus, dos pecados cometidos pela grande quantidade de foliões.

O período da Quaresma corresponde ao que Jesus Cristo passou no deserto, preparando-se para a Paixão. No Domingo de Ramos entrou Ele em Jerusalém, onde

foi festivamente recebido entre ramos que o povo agitava contente.

A Quinta-Feira Santa recorda o dia em que Jesus foi preso, conduzido de Herodes para Pilatos, julgado, condenado, açoitado, negado por Pedro.

Semana da Paixão é a semana que, começando no Domingo da Paixão, precede a Semana Santa. Tempo da Paixão são as duas semanas antes do Domingo da Ressurreição. É a comemoração da Paixão e Morte de Cristo.

Na Sexta-Feira Santa, Sexta-Feira Maior ou Sexta-Feira da Paixão, foi Jesus crucificado e morreu às 3 horas da tarde.

Descido da cruz, foi sepultado e seu corpo permaneceu no túmulo aquela noite, o sábado e a noite seguinte,

ressuscitando na madrugada do Domingo, que é chamado, por isso, Domingo da Ressurreição.

RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS

A devoção aos mortos é uma realidade cultural enraizada e aceita por todos os povos. Segundo a Bíblia, os judeus também cultuavam os seus mortos, com muito respeito (Tobias 2, 1-10).

Hoje, para constatar a presença desta devoção na alma do nosso povo, é suficiente prestarmos atenção às missas encomendadas, principalmente pelos católicos, em sufrágio à alma de pessoas falecidas.

Se quisermos, porém, conhecer o nosso povo "por dentro", é preciso inteirar-se das celebrações e liturgias a partir não de uma grande catequese, mas da própria vida, com toda a riqueza de conteúdo e sentido místico.

Para muitas pessoas, é possível que as expressões da religiosidade popular, principalmente nas camadas sociais mais simples, por ocasião da morte de uma pessoa querida, sejam um tanto estranhas e até ridículas. No entanto, nessas mesmas manifestações escondem-se valores importantes, pois para o povo simples, a vida não é desligada da fé e da religião.

A Recomendação das Almas é uma prática popular religiosa muito antiga e ainda perdura no Município de Olímpia. Às vezes as palavras Encomendação e Recomendação se confundem. Há uma distinção entre ambas. Encomendação é a oração fúnebre que os padres rezam junto aos mortos, antes do sepultamento. A Recomendação (ou Recomenda) é realizada por um grupo de rezadores do povo rural, por ocasião da Quaresma, intercedendo pelas almas desassistidas espiritualmente.

Este costume acontece no meio rural, devido a escassez de sacerdotes e a falta de assistência religiosa. Trouxeram-nos os primeiros colonizadores portugueses. É prática engenhosa e espontânea no catolicismo popular, cujas raízes, certamente, se prendem ao culto dos mortos, no antigo Lácio ou no antigo Egito.

Quem nunca assistiu a este ritual religioso não poderá fazer a mínima idéia de como ele se realiza. Tudo gira em torno das almas do Purgatório, almas penadas, sofredoras. Almas que estão esquecidas dos parentes ou não têm ninguém que por elas intercedam, ou que estão sofrendo, porque as pessoas suicidaram e a Igreja não pôde dar-lhes a assistência religiosa. Ou almas das pessoas que tenham praticado o mal e agora estão expiando seus erros.

Purgatório é um lugar de castigo temporal para os que morrem na graça de Deus, mas que não estão completamente livres de pecados veniais ou não satisfizeram completamente a pena devida por seus pecados.

No Purgatório as almas sofrem por algum tempo em satisfação dos próprios pecados, antes de poderem entrar no céu. Seu principal sofrimento consiste em não poderem satisfazer o intenso desejo de ir a Deus por estarem impedidas em razão de seus pecados veniais. Além disso podem elas ser ajudadas pelas preces dos fiéis aqui da terra.

Talvez, no começo, o costume tenha saído da própria Igreja que a praticava em alguns dias da Quaresma e mais intensamente na Semana Santa.

Convém lembrar ainda que essa obrigação, a princípio, era organizada pelas irmandades religiosas, nas igrejas ou capelas, no meio rural, e nas vilas mais afastadas e sem assistência religiosa permanente, nos primórdios da colonização e catequização portuguesa, em nossa terra.

Mais tarde, com a falta de sacerdotes, essas irmandades ou grupos procuravam dar um cunho próprio à Recomenda. Aí surgiram orações cantadas que, com o passar dos tempos, foram se modificando, deturpadas pelo desconhecimento lingüístico e religioso e misturadas às credências e superstições.

Nossa pesquisa em todo o Município de Olímpia foi prolongada e exaustiva.

Existem, ainda, vários grupos em plena atividade em toda a região: um (1) no distrito de Ribeiro dos Santos, um (1) na Fazenda Cachoeira, um (1) no Bairro da Galiléia e três (3) no distrito da sede do Município de Olímpia.

Além desses seis (6) grupos em atividade, existiram outros que se extinguiram: Fazenda Santa Rosa, Fazenda Santa Idelma, Bairro do Córrego das Canoas, Bairro de São Benedito do Turvo, Campo Alegre, Alto da Bela Vista, Bairro Lambari, distrito de Baguaçu, distrito de Ribeiro dos Santos, Água Parada, Córrego do Capim e outros, extintos na década de 1950.

A extinção de alguns grupos se explica pelo fato de nosso homem do campo ser semisedentário, dificultando por este motivo, a existência dos grupos ou a sua formação e ainda pela assistência dada, atualmente, pela Igreja, no meio rural. O grupo de recomendadores das almas é exótico, com um quê de medieval, entoando cânticos plangentes, com música fúnebre e matracas. Geralmente é constituído por pessoas do sexo masculino. As crianças não podem sequer ouvir os recomendadores, agarram-se aos pais ou aos mais velhos e não se tranqüilizam enquanto a todo não ouvi-los.

Na Quaresma de 1987, tivemos o importante encargo de acompanharmos este ritual sagrado, para uma revisão do nosso trabalho, realizado em 1967. Integramos, como acompanhantes, 3 (três) companhias que rezam às almas, para atualização do que vimos e ouvimos. Fomos informados pelos recomendadores que eles não levam em consideração os grandes sofrimentos que esta missão lhes traz, porque encaram tudo com alegria, por estarem suplicando a Deus a salvação de almas penadas.

Há, neste ritual, uma tarefa admirável e difícil de ser cumprida. Exporemos, minuciosamente, nossa pesquisa.

COMO SE ORGANIZA O GRUPO

Esta incumbência é do mestre (ou capelão). Assume esta responsabilidade (na maioria das vezes por tradição) e em outros casos para o cumprimento de uma promessa.

Ao mestre (embaixador ou capelão) está afeta a orientação do pessoal da companhia: dias do ritual, casas a serem percorridas (o giro), etc.

CONSTITUIÇÃO DO GRUPO

O grupo pode ser masculino, feminino ou misto. Nas companhias de Olímpia apreciamos: grupos de homem e grupos mistos. Interessante observar que um deles era formado por um único homem (capelão) e o restante só mulheres. Raramente crianças podem estar presentes. Precisam ser destemidas e disciplinadas.

VESTIMENTA

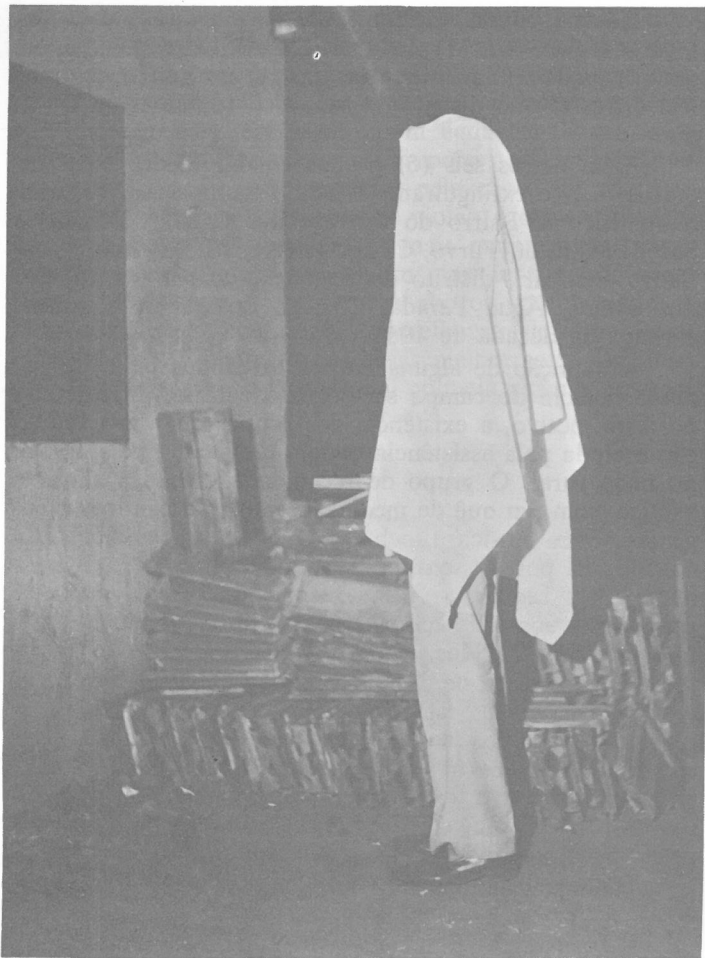
O traje é o comum com a única diferença de se cobrirem a cabeça com uma toalha branca comprida, ou véu branco ou um lençol branco, às vezes, até aos pés.

INSTRUMENTOS

Como instrumento são usados o *berra-boi* ou zurrador (feito de tábuas leves e pequenas, amarradas num cordão, que provoca um zumbido muito forte) e a *matraca* (feita de madeira e que também produz violento barulho). Em alguns grupos a matraca é chamada *catraca*.

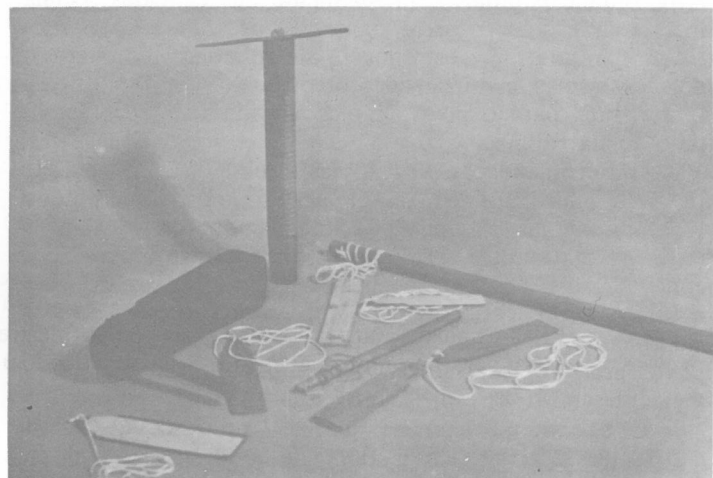
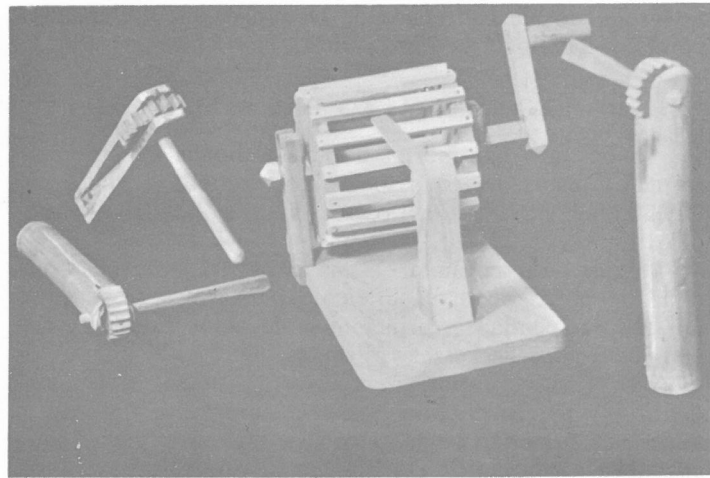
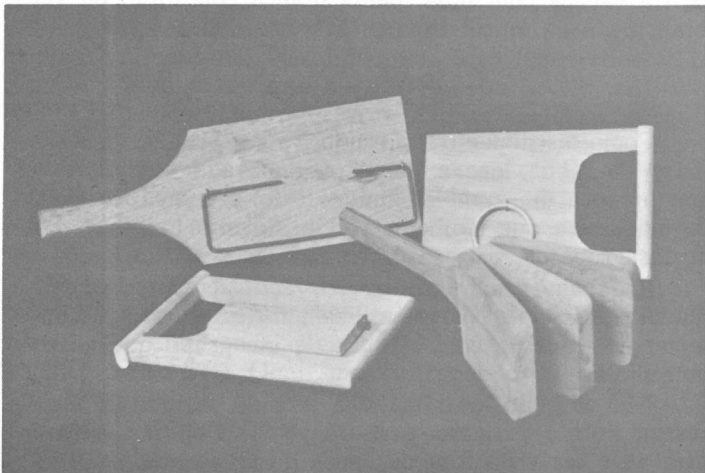
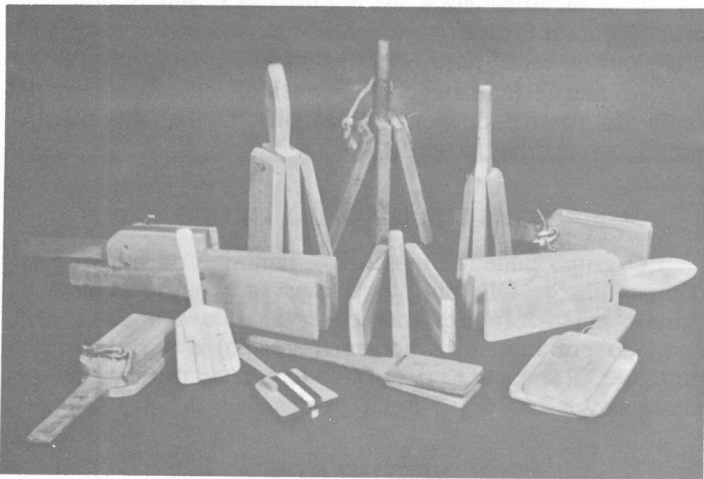
Pode ainda aparecer o *reco-reco* (reque-reque, réu-réu ou sacarraia). Não se utilizam instrumentos, que não sejam de madeira, com exceção de um grupo que utiliza uma viola.

Não se pode tocar matraca fora do período da Quaresma, pois é perigoso para o agente. Este instrumento nem deve ser visto fora da época da Quaresma.



Vestimenta

INSTRUMENTOS



PONTO DE PARTIDA

O encontro, isto é, o ponto de reunião para a partida processa-se na casa do mestre: quando não, na de um dos devotos que integram o grupo de recomendadores.

HORÁRIO DA PARTIDA

O grupo reunido e já orientado desloca-se para os lugares já determinados da visitação às 22 horas (10 horas da noite).

DISCIPLINAS DOS DEVOTOS

Do momento em que partem para a visita, para que possam realizar eficazmente a tarefa religiosa, guardam absoluto silêncio (o que é de fácil realização). Para que lhes seja dado feliz desempenho e não produzam efeito contrário aos ensinamentos religiosos da companhia, nenhuma das pessoas pode olhar para trás. Se isto se der, a pessoa terá o grande desprazer de ver as almas penadas em procissão, ou de tomar um tapa na cara sem conhecer a procedência ou, ainda, de transformar-se, provisoriamente, em estátua. Provisoriamente, não para sempre, como ocorreu à mulher de Ló que olhou para trás e ficou convertida em estátua de sal. (Gênesis 19,26).

DISTRIBUIÇÃO DE VOZES

Cada grupo é formado por sete elementos (os recomendadores), cujas vozes estão assim distribuídas: mestre (ou capelão), contra-mestre, ajudante, contrato, quarta-voz, quinta-voz e tala. O primeiro verso da oração da "Recomenda" é cantado apenas pelo mestre. A resposta é dada por todos os componentes, que no final do verso cantam à moda das folhas de reis, entoando um "ai" prolongado. O grupo pode ser acompanhado por outras pessoas, mas estas não podem cantar. Apenas acompanham os recomendadores.

A CHEGADA EM UMA DAS CASAS

Em ordem, em silêncio, como já dissemos, o grupo se aproxima à porta da sala da casa que é visitada. A chegada giram com muita força o berra-boi e põem a matraca em funcionamento (como sinais de alerta e presença do grupo). É conveniente uma das pessoas carregar um porrete para afugentar os cães que assustados com o barulho, avançam contra os recomendadores. Se porventura o pessoal da casa ainda estiver acordado, costuma-se jogar grãos de milho ou pedrinhas sobre o telhado para que fechem as portas e apaguem as luzes, inclusive os tições que ardem no fogão. Os que já estão dormindo, imediatamente acordam para rezar às almas.

É este o hino entoado pela maioria dos grupos, cuja música se encontra pentagramatizada no Grupo de Recomendadores da Família Miranda.

I — ALERTA, ALERTA, PECADOR

(Bairro Campo Alegre — Olímpia)

Alerta, alerta, pecador	(mestre)
Acordai quem tá dormindo, ai...	(todos)
Veja lá que Deus não dorme	(mestre)
Nóis também não dormiremos, ai...	(todos)
Reza lá um Padre-nosso	(mestre)
Junto com Ave-maria, ai...	(todos)
Pr'as arma do Purgatório	(mestre)
Reza pelo amor de Deus, ai...	(todos)

A fim de registrarmos pequenas variantes, porque a tradição é puramente oral, publicaremos o mesmo hino, cantado, outrora, por outro grupo misto (Bairro Alto da Bela Vista — Olímpia).

II — LERTA, LERTA, Ó PECADOR

Lerta, lerta, ó pecador
Acordais quem estais dormindo.
Assim como Deus não dorme
Nós também não dormiremos.

Ajoéia em sua cama
Pra rezar com bem sentido
Reze lá um Padre-nosso
E também uma Ave-maria
Pr'as arma toda em geral
Reza pelo amor de Deus.

Outro grupo misto do Distrito de Baguaçu — Olímpia, assim cantava:

III — ALERTA, ALERTA, UM PECADOR

Alerta, alerta, um pecador
Acordai s'está dormino
Veja que Deus pur nós num dorme
Nós também não dormirão.

Reza meno um Padre-nosso
E também uma Ave-maria
Pr'as arma do preugatório
Pelo amor de Deus.

Nosso trabalho não se limitou somente à entrevista dos grupos cantadores. Ouvimos também pessoas que, em outras épocas, dirigiam companhias.

E escrevemos o que nos ensinou a senhora Maria Batista de Carvalho, do distrito de Ribeiro dos Santos — Olímpia:

IV — ALERTA, PECADORE

Alerta, alertam, pecadore
Acordai quem tá drumindo, ai
Veja lá que Deus num drome,
Nós também num drome não, ai

Reze um Padre-nosso
Também uma Ave-maria, ai...
Pr'as arma do preगतório,
Reze pelo amor de Deus, ai...

Registramos a letra do hino que foi entoado no Córrego das Canoas, ensinado pela Sra. Maria da Conceição Basso:

V — ALERTA, ALERTA, Ó PECADOR

Alerta, alerta, ó pecador
Acordai quem está dormindo
Vejam bem que Deus não dorme
Nós também não dormiremo.

Eu vos peço um Padre-nosso
Junto com Ave-maria
Pr'as arma que morreu queimada
Rezam pelo amor de Deus.

E, finalmente, o hino de um grupo da Vila Garcez, de Olímpia, cantado por José Bercari:

VI — ALERTA, ALERTA, PECADORES

Alerta, alerta, pecadores
Acordai quem tá dormindo, ai...
Veja bem que Deus não dorme,
Nós também não dormiremos, ai...

O sono é irmão da morte
A cama é a sepultura, ai...
Reza lá um Padre-nosso
Junto com Ave-maria, ai...
Pr'as armas do seus parentes,
Reze pelo amor de Deus, ai...

Reze outro Padre-nosso,
Junto com Ave-maria, ai...
Pr'as armas dos enforcado,
Reze pelo amor de Deus, ai...

Reze mais um Padre-nosso,
Junto com Ave-maria, ai...
Pr'as armas do pelegrinos,
Reze pelo amor de Deus, ai...

Ao depois da 2.^a estrofe, a companhia, ainda em profundo silêncio, faz uma pausa suficiente para que a família, dentro de casa, reze um Pai-nosso e uma Ave-maria. E eles cá fora, também rezam silenciosamente. Costuma-se pedir orações para 3 categorias de almas, dentre as pessoas que morreram: enforcadas, suicidadas, afogadas, queimadas, abandonadas, no escuro, no deserto, no mar, de repente, na aflição, nas matas virgens, nas encruzilhadas, nas porteiras; dos desencarnados no caminho, dos fracos de espírito, e que se encontram no purgatório. É interessante registrar as formas deturpadas de purgatório: prugatório, preगतório, pugatório, prugatore, prugator, purgator, e ainda outras variantes, empregadas pelo povo. Se o dono da casa for bom entendedor do regime da recomenda e quiser que a companhia continue rezando, do lado de dentro (uma vez que não pode aparecer aos visitantes) bate, com a mão, na janela ou na porta.

O capelão, de pronto, com o seu grupo, continua cantando até 3 vezes mais para as almas sofredoras.

Ao terminar o hino principal, a companhia cantará mais um hino, escolhido pelo capelão, dentre as orações cantadas, próprias para esse ritual, programadas durante os ensaios, cuja música e palavrado ficam intimamente gravados na memória de cada um deles.

GRUPO DE RECOMENDADORES DAS ALMAS DA FAMÍLIA MIRANDA

Dos recomendadores das almas, em Olímpia, a Família Miranda é o grupo mais antigo. É uma tradição que vem do século passado. Cantam homens e mulheres. O grupo utiliza apenas instrumentos idiofonos: berra-boi e matraca e, às vezes, o reco-reco, afirmando que os instrumentos de madeira auxiliam na expulsão do temido Demônio e, por serem de madeira, simbolizam a ressurreição. As visitas são de segundas, quartas e sextas-feiras da Quaresma. Cobrem a cabeça com um lençol branco.

O hino mais antigo de que se tem conhecimento é o entoado por este grupo, cantado sempre por sete pessoas, cujo coral, apesar de muito harmonioso, é até impressionante. Estes recomendadores cantam até à hora que o galo canta, pois nessa hora o Diabo corre para o Inferno e as almas também se recolhem.

ALERTA, ALERTA, PECADOR



Alerta, alerta, pecador (mestre)
 Acordai quem está dormino, ai... (todos)
 Veja que Deus por nós não dorme, (mestre)
 Nós também não dormiremo, ai... (todos)

Reza lá um Padre-nosso (mestre)
 Também uma Ave-maria, ai... (todos)
 Pr'as almas do Purgatório, (mestre)
 Reze pelo amor de Deus, ai... (todos)

Reze mais um Padre-nosso (mestre)
 Também uma Ave-maria, ai... (todos)
 Pr'as almas dos degolados, (mestre)
 Rezem pelo amor de Deus, ai... (todos)

Reze otro Padre-nosso (mestre)
 Também uma Ave-maria, ai... (todos)
 Pr'as almas do cativoiro, (mestre)
 Reze pelo amor de Deus, ai... (todos)

Relação de outros hinos cantados pelo grupo, após o hino principal da Recomendação. De todos os hinos ensaiados pelo grupo, cantam apenas um deles, variando de uma para outra casa.

NOSSA SENHORA DA LAPA



Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela na testa
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 No dia da sua festa.

Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela no rosto
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 No dia 15 de agosto.

Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela no braço
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 Em 25 de março.

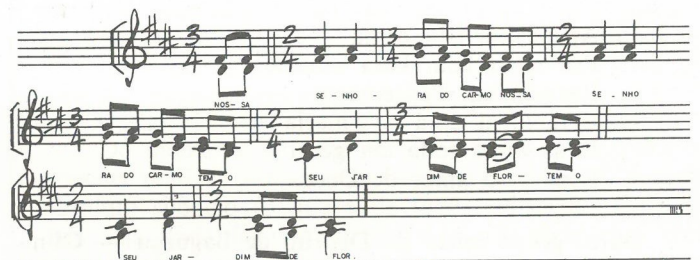
Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela na mão
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 No dia de São João.

Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela no peito
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 Com muita fé e respeito.

Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela no joeio
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 No dia do seu conseio.

Nossa Senhora da Lapa
 Tem três estrela no pé
 Foi os anjo que pois,
 Ai meu Deus,
 No dia de São José.

NOSSA SENHORA DO CARMO



Nossa Senhora do Carmo bis
 Tem o seu jardim de flor bis
 Onde os anjos vão cantar bis
 No domingo do Senhor. bis

Juntarei as três Maria bis
 Numa noite de luar bis
 Pricurando a Jesus Cristo bis
 Sem nunca poder achar. bis

Foro dar com Ele em Roma bis
 Vestidinho no altar bis
 Com cálix de ouro na mão bis
 Missa nova pra cantar. bis

Quem reza esta oração bis
 Sexta-feira da Paixão bis
 Tira uma arma do inferno bis
 Com toda a geração. bis

Nossa Senhora do Carmo bis
 Ela é madrinha de João bis
 Eu também sou afilhado bis
 Da Virgem da Conceição. bis

Ofereço este bendito bis
 Ao Senhor da Santa Cruz bis
 Que me livre do Inferno bis
 Para sempre, amém Jesus. bis

NOTA: Na repetição do 1.º e 2.º versos de cada estrofe acrescenta-se, antes, um "Ai".

EU VOS ADORO

Musical score for 'EU VOS ADORO' in G major, 2/4 time. The score consists of five staves of music with lyrics in Portuguese. The lyrics are: EU - VOS A - DO - RO TO - DA HO - RA E MO - MEN - TO O MEU DO - CE PAO DO CEU - MEU SAN - TI - SSI MO SA - CRA - MEN TO O MA - RI - A MÃE DE GRA - CA MÃE DE MI - SE - RI - CÔR - DIA LI VRAI NOS DOS I - NHOS AR - RE - CE - BEI - NOS NA HO - RA DA MORTE E - MEM.

Eu vos adoro
 Toda hora e momento,
 Ó meu doce pão do céu
 Meu Santíssimo Sacramento.

Ó Maria, mãe de graça,
 Mãe de misericórdia,
 Livra nós dos inimigo,
 Recebei nós na hora da morte. Amém.

ORAÇÃO DA VIRGEM SANTÍSSIMA

Musical score for 'ORAÇÃO DA VIRGEM SANTÍSSIMA' in G major, 3/4 time. The score consists of three staves of music with lyrics in Portuguese. The lyrics are: LOU - VE - MOS LOU VE MOS EM GLÓ - RIA AO SE - NHOR QUE HO JE NOS MOS TRA - SEU SAN TO A - MOR QUE HOJE NOS MOSTRA SEU SAN TO A - MOR.

1 — Louvemos, louvemos
 Em glória ao Senhor
 Que hoje nos mostra
 Seu santo amor. bis

2 — A Virgem Santíssima
 Que não permitais
 Que eu viva, nem morra
 Em pecados mortais. bis

3 — Em pecados mortais
 Eu não hei de morrer
 A Virgem Santíssima
 Me há de valer. bis

4 — Me há de valer
 Na maior aflição
 Chamando eu por ela
 No meu coração. bis

5 — O meu coração
 Vos dou, ó mãe de Deus bis
 Perdoai os erros
 E pecados meus.

6 — Os pecado meus
 Já me têm condenado bis
 Espero, Senhora,
 De ser perdoado.

7 — De ser perdoado
 Eu espero também bis
 No reino da glória
 Para sempre, amém.

8 — Para sempre, amém,
 Para nos salvar bis
 E nós tão ingratos
 Sempre a pecar.

9 — Sempre a pecar
 Sem emenda ter bis
 Ninguém considera
 Que havemos morrer.

10 — Que havemos morrer
 A conta que hemos dar bis
 Aquele Senhor
 Que nos há de julgar.

11 — Que nos há de julgar
 Pusemo contrito bis
 Pedindo perdão,
 Meu Deus Infinito.

12 — Meu Deus Infinito
 Espero eu também bis
 No reino da glória
 Para sempre, amém.

(Esta oração afasta os males a 7 léguas de distância)

HINO A SANTO ANTÔNIO

Musical score for 'HINO A SANTO ANTÔNIO' in G major, 2/4 time. The score consists of three staves of music with lyrics in Portuguese. The lyrics are: SE MI LA GRES DE SE JAIS RE COR REI A SANTO AN TÔN TO VE REIS FU - GIR O DE MO - NIO E AS TEN - TA - ÇÕES IN FER NAI S.

1 — Se milagres desejas
 Recorre a Santo Antônio
 Vereis fugir o Demônio
 E as tentações infernais.

Estrilho

Recupera-se o perdido
 Rompe-se a dura prisão
 E no auge do furacão
 Cede o mar embravecido.

2 — Todos os males humanos
 Se moderam, se retiram,
 Digam-nos aqueles que viram
 Digam os paduanos.

Estrilho

3 — Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro e a morte
O fraco torna-se forte
Torna-se o enfermo são.

Estribillo

4 — Glória, glória,
Glória ao Pai, ao Filho
E ao Espírito Santo,
E ao Espírito Santo.

Estribillo

(Esta oração expulsa o Demônio e faz encontrar coisas desaparecidas)

ORAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

MEU PA DRE SAN TO AN TÔN IO SAN TO DE GRAN DE VA
LOR DE POR QUE EU MOR RER ME LE VA MEU JE SUS NOS PÉS DE NOS SO SE
NHOR DE NHOR

Ó meu padre Santo Antônio,
Santo de grande valor,
Depois que eu morrer me leva, meu Jesus, bis
Nos pés de Nosso Senhor.

Ó meu padre Santo Antônio,
Santo de grande valia,
Depois que eu morrer me leva, meu Jesus, bis
Nos pés da Virge Maria.

Ó meu padre Santo Antônio,
Santo de grande fé,
Depois que eu morrer me leva, meu Jesus, bis
Nos pés de São José.

Ó meu padre Santo Antônio,
Santo de minha devoção,
Depois que eu morrer me leva, meu Jesus, bis
Nos pés de São João.

Quando deste mundo eu for
Os anjos irão também
Cantando de alegria, meu Jesus, bis
Por todo seculorum, amém.

ORAÇÃO DE NOSSA SENHORA

LEVAN TEI DE MA ORU GA DA LE VAN GA DA FUIVAR
RÊ A SUR REI CÃO FUI VAR CÃO

Levantei de madrugada bis
Fui varrê a Surreição bis
Encontrei Nossa Senhora bis
Com seu raminho na mão. bis

Eu pedi uma foia p'ra ela
Ela me disse que não
Eu tornei a repetir

Ela me deu seu cordão
Que dava sete laçada
Em roda do coração.

Numa ponta São Francisco,
Na outra São João,
No meio um letrero
Da Virge da Conceição.

VIRGEM MARIA

O VIR GEM MA RI A MÃE DA PI E DA DE O VIR
DA DE LI VRU NOS DAS CUL PAS DAS IN FER MI DA DES LI VRA DA DES.

Ó Virgem Maria,
Mãe da piedade, bis
Livrai nós das curpas, bis
Das enfermidade.

Das enfermidade
De uma traição, bis
Vem tirar as dor bis
Deste coração.

Deste coração
Ingrato, traidor, bis
Que tão duro ele foi bis
Pa Nosso Senhor.

Pa Nosso Senhor
Vos peço também bis
O reino da glória bis
Para sempre, amém.

AMOR DE JESUS

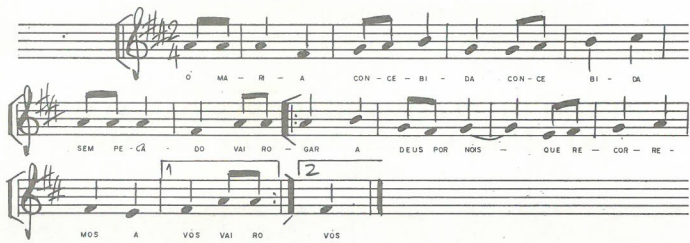
A BRE A POR TA CÉU QUE LA VEM JE SUS A BRE A POR TA
CÉU QUE LA VEM JE SUS E LE VEM CAN SA DO CO O PE SO DA
CRUZ E LE VEM CAN SA DO CO O PE SO DA CRUZ VEM DE BRA CO A
BER TO CO RA CÃO FE RI DO VEM DE BRA CO A BER TO CO RA CÃO FE RI DO
QUANTO SANGUE DER RA MA DO SE NHOR JE SUS CRIS TO QUAN TO SANGUE DER RA
MA DO SE NHOR JE SUS CRIS TO

Abre a porta céu
Que lá evém Jesus bis
Ele vem cansado bis
C'ó peso da cruz.

Vem de braço aberto,
Coração ferido, bis
Quanto sangue derramado,
Senhor Jesus Cristo! bis

Jesus é meu,
Eu sou de Jesus, bis
Maria vem comigo,
Eu vou com Jesus. bis

MARIA CONCEBIDA



Ó Maria concebida
 Concebida sem pecado
 Vai rogar a Deus por nós
 Que recorremos a vós. bis

Quem suber o que
 Oi quem Maria
 Dela nunca se esquecia
 Quer na vida ou na morte
 Ela seja nossa guia.

BENDITO DO ROSÁRIO DE MARIA



1 — Bendito louvado seja
 O Rosário de Maria,
 Se ele não viesse ao mundo,
 Ai, de nós o que seria. bis

2 — Deus quando andô pelo mundo
 Percurava e não havia,
 Quem não tinha ele dava
 O Rosário de Maria. bis

3 — Me ir preso, acorrentado
 De uma curpa qu'eu devia
 Agora eu me vejo livre
 Com o Rosário de Maria. bis

4 — Ó arma! por que tá triste?
 — Porque não tenho alegria.
 — Se apegue com devoção
 Com o Rosário de Maria. bis

5 — O Demonho quando atenta
 As arma com valentia,
 Tratamo de enxotar
 Com o Rosário de Maria. bis

6 — Lá no céu cendeu uma vela
 No ponto do meio-dia,
 As virgem tava rezano
 No Rosário de Maria. bis

7 — Os anjinhos lá no céu
 Tão cantano de alegria
 Por saber qu'eu sô devoto
 Do Rosário de Maria. bis

8 — Que águas que são aquela
 Que no mundo não havia
 São águas, que sai da fonte
 Do Rosário de Maria. bis

9 — O Rosário de Maria
 Foi feito em Jerusalém
 É pra nossa devoção
 Pra seclo, sem fim, amém. bis

HINO DE MARIA



Nome de Maria,
 O que lindo é
 Salve a minha alma,
 Que ela vossa é.

Que ela vossa é,
 Que ela há de ser,
 Salve a minha alma
 Quando eu morrer.

Quando eu morrer,
 Quando eu me acabar,
 Salve a minha alma
 Lá em bom lugar.

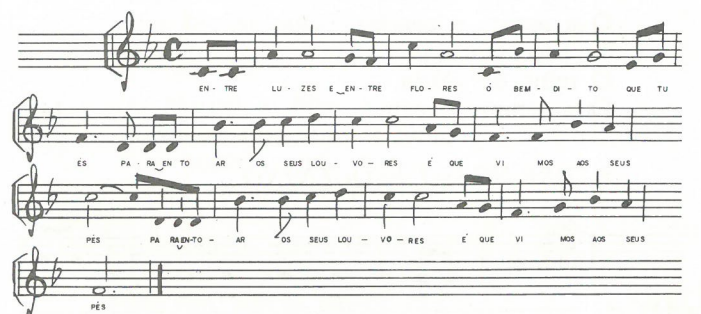
Lá em bom lugar,
 É no Paraíso.
 Salve a minha alma,
 Senhora do Riso.

Senhora do Riso,
 Senhora das Dores,
 Salve a minha alma
 Mãe do Redentor.

Mãe do Redentor,
 Mãe do Pai Eterno,
 Salve a minha alma
 Do fogo do Inferno.

Do fogo do Inferno,
 Ó meu bom Jesus,
 Com seus braços abertos
 Pregado na cruz.

HINO A SANTO ANTÔNIO



Entre luzes e entre flores
 Ó bendito que tu és
 Para entoar os seus louvores
 É que vimos aos seus pés. bis

Do Brasil aqui pedimos
 Santo Antônio confirmou
 Como tu também amemos
 A Jesus, Nosso Senhor. bis

Vinde, vinde, almas aflitas,
Levantai os corações
Que estas flores dos franciscanos
Nos prometem proteção. bis

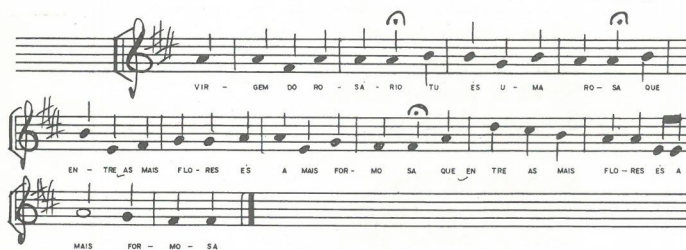
HINO A SANTO ANTÔNIO



Deus vos salve senhor,
Senhor Santo Antônio,
Com sua feliz grandeza.
Respondeu-se no seu trono,
Dentro da sua nova igreja. bis

Nasceu ramos e nasceu flores
Muitas novas freguesias
Que cantava e suspirava
De longe resplandecia. bis

VIRGEM DO ROSÁRIO



Virgem do Rosário,
Tu és uma rosa
Que entre as mais flores
É a mais formosa. bis

É a mais formosa,
Mais clara que o dia
Que de luz encheu
A Virgem Maria. bis

A Virgem Maria
É a mãe de Jesus,
O verbo divino
Que assiste e conduz. bis

Que assiste e conduz
Te peço também
O reino da glória,
Para sempre, amém. bis

PADRE-NOSSO PEQUENINO



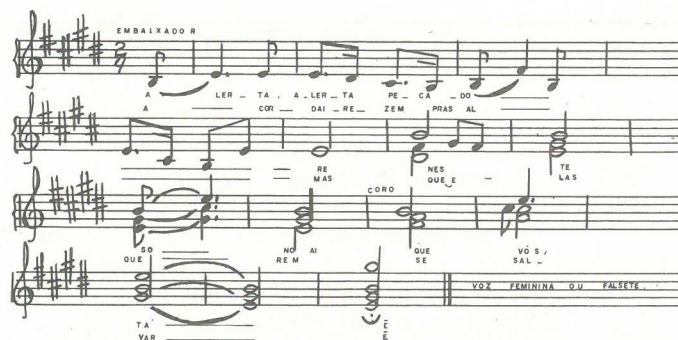
Padre-nosso Pequenino
Pelas chagas de Jesus, bis
Vamos todos à capela bis
Fazer prece pra Jesus.

TERNO DE RECOMENDADORES DAS ALMAS DO SENHOR JOSÉ MACEDO FERREIRA (JUCA)



O hino entoado pelo Terno de Recomendadores do Bairro Cachoeirinha é melancólico e difícil de ser entoado. Conhecemos o Terno há mais de 20 anos. Em toda Quaresma o Grupo cumpre o dever de rezar às almas. Quase todos os integrantes do Terno pertencem à mesma família — família do Sr. José Macedo Ferreira (Seu Juca). O único instrumento usado é a matraca.

ALERTA, ALERTA, PECADORE



1 — Alerta, alerta, pecadore (embaixador)
Neste sono, ai, que vós tá (coral com tala)
Acordai, rezem pr'as almas (embaixador)
Que elas querem se salvar. (coral e tala)

2 — Peço que reze um Pai-Nóssio (embaixador)
Junto, ai, com Ave-maria (coral e tala)
Pras armas de vossa obrigação (embaixador)
Rezemos pelo amor de Deus. (coral e tala)

A 2.^a estrofe é cantada três vezes. Cada vez lembram-se das almas sem nenhuma assistência religiosa: “armas que ninguém se lembra delas, armas dos que morreu envenenado, armas dos que morreu sem batismo, armas dos que morreu sem socorro, armas dos que morreu nas estradas...”

Alguns hinos entoados pelo Terno de Recomendadores das Almas, na Família Ferreira, do Bairro Cachoeirinha:

1 — SETA MARIA



A Seta Maria
Que a memória em pia
Com a dor da seta
As arma sentia.

bis

Esta é a bacia
Que vossos pés lavava,
Esta é a toalha
Que vossos pés enxugava.

bis

No pender da cruz
Jesus inocente
Entre dois ladrão
Três cravo presente.

bis

Abaxô a cabeça,
Seus olhos fechô,
Redenção do mundo
Deus nos consolô.

bis

Ouve, ó mãe Maria,
E Jesus também.
No céu e na terra
Para sempre, amém.

bis

Vos ofereço este bendito
Pr'o Senhor daquela cruz,
Que nos livre do Inferno
Para sempre, amém Jesus.

bis

2 — Ó MEU PAI, Ó MINHA MÃE

Musical score for the hymn "Ó MEU PAI, Ó MINHA MÃE". The score is written in G major and 3/4 time. It consists of five staves of music. The lyrics are written below the notes. The lyrics are: "Ó MEU PAI, Ó MINHA MÃE, O MEUS VER - DA DE I ROS PAIS O MEU PAI - O MINHA MÃE O MEUS VER - DA DE I ROS PAIS NA HORA DA MINHA MORTE A MI - NHA MA NÃO DEI - XAI -".

Ó meu Pai, ó minha mãe,
Ó meu verdadeiro pai.
Na hora da minha morte
A minha alma não deixai.

bis

bis

Se não emendar de vida
Sei que não terá perdão
Adentro dos óio veremos
Rai, corisco e trovão.

bis

bis

Nosso Senhor está irado
Desta nossa ingratidão
Não vamos ao pé do padre
Receber a comunhão.

bis

bis

Nosso Senhor está irado
Deste nosso ingratimento
Não vamos ao pé do padre
Receber o sacramento.

bis

bis

O espelho está na vista
Nossos óio está bem vendo,
Tanto pecador no mundo
Muitas alma se perdendo.

bis

bis

Ofereço este bendito
Ao Senhor que está na cruz
Que leve as alma pr'o céu
Para sempre, amém Jesus.

bis

bis

3 — Ó MIGUEL

Musical score for the hymn "Ó MIGUEL". The score is written in G major and 3/4 time. It consists of five staves of music. The lyrics are written below the notes. The lyrics are: "Ó MI GUEL AI. Ó MI GUEL OU VE A VOZ DE QUEM TE CHAMA AI Ó MI GUEL AI Ó MI GUEL OU VE A VOZ DE QUEM TE CHAMA ESTA AL - MA QUI NO UN - FER NO HÁ TRÊS DIA E LA RE - CLA - MA".

Ó Miguel, ai, ó Miguel,
Ouve a voz de quem te chama.
Esta arma aqui no Inferno
Há três dias ela recrama.

bis

bis

Ó de casa, ai, ó de fora
O Inferno estremeceu.
Eu vim buscá esta arma
Mandado da mãe de Deus.

bis

bis

Não faça em tolo, Miguel,
Que esta arma eu não te dou,
Tá fazendo quinze dias
Que esta arma aqui chegou.

bis

bis

Nem que face quinze ano
Esta arma hei de levá
Foi a mãe do Pai Eterno
Que mandô eu vim buscá.

bis

bis

Sai-te daqui, ó Brasabrune,
Que tu hoje é brasa viva
Tu ontem estava no Inferno
E hoje está no Paraíso.

bis

bis

Minha gente venham ver
Os milagres de Maria,
Esta arma estava no Inferno
Hoje no céu de alegria.

bis

bis

Duas variantes deste hino:

VARIANTE I

Ó Maria, ó Maria!
Pela voz que te chama.
Vai buscar aquela arma,
Fais três dia que recrama.

Ó Miguel, ó Miguel!
Leva os anjo em tua guia,
Vai buscar aquela arma,
Traga em tua companhia.

Cheguei na porta do Inferno,
O Inferno estremeceu,
Eu vim buscar aquela arma,
Quem mandô foi a Mãe de Deus.

Deixe de sê tolo Miguel
Qu'esta arma não te dô.
Esta arma fais três dia
Que aqui ela chegô.

Nem que faça quinze ano
Ela hoje vai comigo,
Quem mandô buscá essa arma
Foi a Mãe de Jesus Cristo.

Vai-te arma bernabé
 Que tu hoje foi valida
 Onte estava no Inferno.
 Hoje no Céu de alegria.

Cantado por Miguel Manige — Olímpia

VARIANTE II

Ó Maria, ó minha mãe,
 Ouve a voz de quem te chama
 Que no Inferno tem uma arma
 Que três dias se recrama.

Ó Miguel, ó Miguel,
 Leve três anjos na guia
 Vai buscar aquela arma
 Que ela é da Virge Maria.

Ó de casa, ó de fora,
 O Inferno estremeceu,
 Eu vim buscar esta arma
 Que ela é da mãe de Deus.

Ó Miguel, você vai embora,
 Que essa arma eu não te dou
 Aqui já tá com três dias
 Que no Inferno ela chegou.

Esta arma eu não te dou
 Nem que passo a passar
 Ela pra sair daqui
 Só se for pra arrebatar.

Nem que passe quinze anos
 Esta arma eu vos levo,
 Quem mandou buscar essa arma
 Foi a mãe do Padre Eterno.

Que palavra tão pesada
 Que meu corpo arrepia,
 Miguel leve a sua arma
 Que me amola todo dia.

Minha gente venham ver
 As grandezas de Maria
 Co'esta arma onte no Inferno
 Hoje no céu da alegria.

Cantado por Paulina de Miranda Amaral — Olímpia

4 — BENDITO DE SANTA QUITÉRIA

O MI - NHA SA N TA QUI TÊ RIA ES - PO - SA DE
 JE SUS CRIS - TO O MI - TO AQUI VEM UM
 RA - MA - LHE TE MAN DA - DO POR SÃO FRAN CIS
 CO AQUI CIS - CO.

O minha Santa Quitéria
 Esposa de Jesus Cristo bis
 Aqui vem um ramalete bis
 Mandado por São Francisco.

O que quer com Manuel
 Que tanto chama por ele bis
 Manuel está na glória bis
 Quem me dera eu i lá co'ele.

Eu vou aprendê um jogo
 Pra jogar com Jesus Cristo bis
 Cristo ganhô a minh'alma bis
 Eu ganhei o Paraíso.

5 — SANTA PERCILIANA

MINHA SANTA PER CI LI - A NA G MINHA
 SANTA PER CI LI - A NA E UMA
 SANTA EN - CLA RE - CI DA E UMA SANTA EN -
 CLA RE - CI - DA SENHO RA MAIS QUE
 CLA RE - CEU MAIS SE. NHO. RA. QUE EN CLA RE -
 CEU - AI DESDE A HORA EM QUE NAS -
 CEU MAIS DESDE - A HO RA EM QUE NAS - CEU.

Minha santa Perciliana
 É uma santa enclarecida. bis
 Senhora que enclareceu, ai,
 Desde da hora em que nasceu. bis

Na porta da Perciliana
 Chama Jesus toda a hora bis
 Respondeu a numa santa, ai,
 O que qué comigo agora. bis

Quero que deixe do mundo, ai,
 Vai comigo lá pra glória, bis
 Ofereço este bendito bis
 Pr'o Senhor daquela cruz.

Que nos livre do Inferno, ai,
 P'ra sempre, amém Jesus. bis
 Que nos dê a eterna glória bis
 Para sempre, amém Jesusis.

6 — ORAÇÃO DA MOÇA QUEIMADA

TRINTA DE A - GOSTO NO MEI.
 O DE TRIN TA E UM MOR REU - UMA MOÇA QUEI -
 MADA SEM TER A LÍ VIO NE - NHUM

Dia trinta de agosto
 No meio de trinta e um, bis
 Morreu uma moça queimada bis
 Sem ter alívio nenhum.

Foi fazer uma papinha
 Pra criancinha comê bis
 Forte praga, rigorosa, bis
 Qu'eu me vi, não desejei.

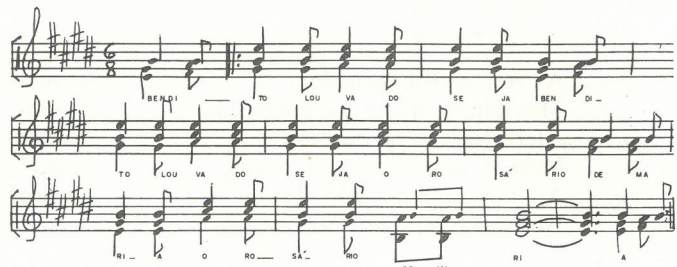
Minha mãe não chore não
 Que havemos de fazê, bis
 Já entreguei minha arma bis
 Para a Virgem do Prazer.

Minha mãe adeus, adeus,
Até dia de Juízo. bis
Nós havemos de encontrá
Na porta do Paraíso. bis

Oferecimento

Vós ofereço este bendito
Pra c'roa de Nosso Senhor, bis
Que vos dê a este a glória
Pr'essa moça que queimou. bis

Ao despedir-se de uma casa, ao som da matraca, o Terno canta este Bendito:



Bendito, louvado seja,
Bendito, louvado seja,
O rosário de Maria,
O rosário de Maria,
Rezem pr'as benditas almas,
Rezem pr'as benditas almas,
Pai-nosso, Ave-maria.
Pai-nosso, Ave-maria.

O Sr. Juca Macedo com seus filhos, netos e demais parentes preservam uma Folia de Reis, um Esquadrão de Catira e um Grupo de Fandango de Chilenas.

RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS DO EMBAIXADOR ADELIS PAULA DOS SANTOS



LERTA, LERTA, PECADOR



Lerta, lerta, pecador
Acordai quem está dormindo,
Veja lá que Deus não dorme
Nós também não dormiremos.

Reze lá um Padre-nosso
Foi Deus quem mandou rezá,
Junto com Ave-maria
Para as alma se salvá.

(embaixador)
(todos)
(embaixador)
(todos)

(embaixador)
(todos)
(embaixador)
(todos)

CORO (todos)



Lá no céu surgiu uma estrela
Ouvi um anjo dizê, bis
Essas alma foi pr'o céu
No Paraíso foi vivê. bis

CORO (todos)

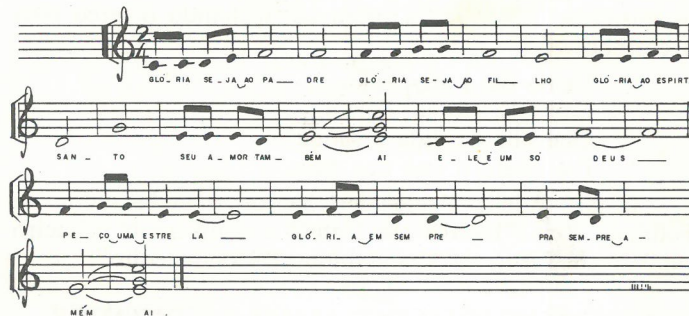


Nossa Senhora do Carmo
Tem uma pinta no rosto
Foi os anjo quem trouxe
Em primeiro de agosto.

Nossa Senhora do Carmo
Tem uma pinta no rosto
Foi os anjo quem trouxe
No dia dois de agosto.

Nossa Senhora do Carmo
Tem uma pinta no rosto
Foi os anjo quem trouxe
No dia três de agosto.

CORO (todos)



Glória seja ao Padre,
Glória seja ao Filho,
Glória ao Espírito Santo
Seu amor também, ai...

Ele é um só Deus,
Peço uma estrela
Glória em sempre
Para sempre, amém! Ai!

Depois canta novamente:

Lhe peço otro Padre-nosso
Foi Deus quem mandou rezá
Junto com Ave-maria
Para as alma se salvá.

A seguir, o grupo repete os dois corinhos, canta novamente: lhe peço otro Padre-nosso, etc., e repetindo os dois corinhos, segue para outra casa.

O Sr. Adelis Paula dos Santos reside na Avenida do Foclore, n.º 956, no Jardim Santa Ifigênia, em Olímpia. Desde criança participou da Recomendação das Almas, dirigida pelo pai, quando morava nas fazendas. Depois mudou-se para a cidade e passou a ser o embaixador (capelão) da Recomendação.

Este grupo difere dos demais existentes em Olímpia. Canta durante 9 (nove) dias da Quaresma. Faz, portanto, uma novena. São nove dias sucessivos e visita também 9 (nove) casas. Além do berra-boi e matraca, faz uso da viola, instrumento cordofone. O embaixador Adelis justifica a presença da viola, dizendo que além de auxiliar na afinação das vozes (quarta, quinta e tala) e marcar o tempo da música, torna a toada mais melódica e parece agradar mais a Deus.

Os ensaios são feitos na casa do embaixador. O horário para o ritual varia das dez e onze horas da noite. Há no grupo uma pessoa que se encarrega de ir avisar os donos das casas que receberão a visita dos recomendadores. Cobrem a cabeça com um lençol branco. Por precaução levam um pouco de milho debulhado, feijão ou arroz em casca para atirar sobre a casa onde as pessoas ainda estejam acordadas ou com luzes acesas, inclusive brasas do fogão. Os componentes do grupo são muito disciplinados: não conversam, não riem e nem olham para trás. Todas as noites eram recepcionados numa das casas, cuja família deixava um bule de café, xícaras, e um prato de quitandas, numa bandeja, sobre uma mesa ou cadeira. Contou-nos o Sr. Adelis que numa noite, ao visitar uma casa, o dono não sabia da visitação, pois a esposa esqueceu-se de avisá-lo, abriu a porta e caiu no chão, desmaiado. Não foi uma atitude de desrespeito, nem de curiosidade, mas de gentileza do proprietário da casa. Naquela noite, o embaixador Adelis ficou muito triste com o ocorrido.

Decorridos os nove dias, a promessa está cumprida. Seja qual dia for, não importa. O que se leva em conta é que seja na Quaresma. Durante a realização da Recomendação das Almas, cada estrela que cai é sinal de que uma alma foi para o céu. Finaliza-se a Recomendação, rezando-se um Terço para as Almas, o qual poderá ser realizado na casa de qualquer um dos recomendadores. O terço é o comum, entremeadado de orações cantadas entre os mistérios. Entregam a promessa fechando o terço com o corinho:

Vamo dá a despedida
Como Cristo em Belém,
Que nos dê vida e saúde
Pra cantá o ano que vem.

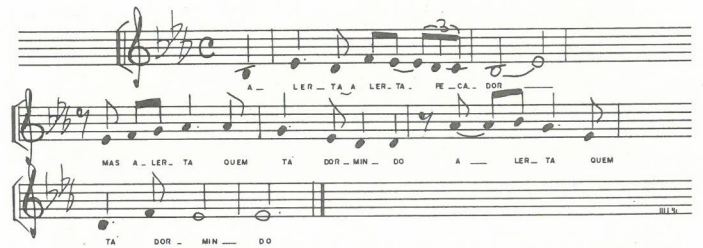
O Sr. Adelis Paula dos Santos é embaixador de Folia de Reis "Estrela do Natal" e também o primeiro capitão do Terno de Moçambique "São Benedito".

RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS DO REZADOR JOSÉ FRANCISCO FERREIRA



QUARESMA DE 1977 — ÚLTIMA RECOMENDAÇÃO ESTE É O HINO CANTADO PELO GRUPO DO CAPELÃO ZÉ FERREIRA

ALERTA QUEM TÁ DORMINDO



Alerta, alerta, pecador (capelão)
Mas alerta quem tá dormindo (todos)
Alerta quem tá dormindo (todos)
Veja lá que Deus não dorme (capelão)
Ai, nós também não dorme não (todos)
Nós também não dorme não. (todos)

O sono é irmão da morte, (capelão)
A cama é da sepultura. (todos)
Reze lá um Padre-nosso (capelão)
Junto com Ave-maria (todos)
Pr'as armas que foi morta (capelão)
Oi, na Guerra do Paraguai. (todos)

Reza lá um Padre-nosso (capelão)
Pr'as armas do Onipotente. (todos)
Pr'as armas do Onipotente. (todos)
Junto com Ave-maria (capelão)
Pr'as armas dos inocente. (todos)
Pr'as armas dos inocente. (todos)

Reza mais um Padre-nosso (capelão)
Ofereço esta oração (todos)
Ofereço esta oração (todos)
Reza pra nosso Senhor (capelão)
Nosso Pai da sarvação. (todos)
Nosso Pai da sarvação. (todos)

Os rezadores das Almas, grupo do Sr. José Francisco Ferreira, não têm saído já há dez anos. Ele reside no Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia, bairro populoso, o que o dificulta a cumprir a promessa na zona rural. Diz ele: "O povo do sítio mudou pra cidade. Na cidade, nem todas as família aceita a reza cantada. Muitos vizinhos não gosta de ser perturbado. Também há muitos crente que não aceita nem ouvir nossos ensaio. Por isso, eu parei. Mas vou reunir o grupo e futuramente vamos cantar nas fazenda, onde ainda existe colônia. As armas precisa de oração, principalmente as sofredora".

O capelão Zé Ferreira, como é mais conhecido, descreveu, com muita saudade, como era organizado o seu grupo de rezadores: "Nós fazia o ensaio, à noite, um pouco antes da Quaresma. Era somente nove pessoa que saía pra cantar. Nós visitava só nove casa por noite. Apesar de eu ser o capelão, o responsável pelo grupo, em cada casa era um que dirigia a oração cantada. Nós rezava só nos dias de quarta e sexta-feira da Quaresma. Saía de casa, sempre da minha casa, porque eu era o rezador principal, o gerente de todos. O horário era sempre o da meia-noite e nós cantava até completar as nove casa. Às vezes, nós ia até às três horas da madrugada, para cumprir a obrigação. Só dois instrumento nós usava: a matraca e o berra-boi. Todos cobria a cabeça com um véu ou uma toalha branca. Ninguém podia olhar para trás. Era muito perigoso. As armas acompanhava o grupo e a procissão delas era três vezes maior. Se a gente não chamar por elas, elas já acompanha a gente. Imagina, então, quantas armas vêm quando a gente chama. Por isso, ninguém olhava pra trás, porque argum dos can-

tador sempre é fraco e pode desmaiar, vindo as arma atrás dele. Nas casa das pessoa que nós cantava, não abria as porta e nem janela e apagava toda o que era luz, até o fogão. Na Sexta-feira santa era o último dia que nós cantava. Nesse dia nós cantava só em três casa, uma perto da outra, sendo que a terceira era a minha casa. Nós cantava em duas casa e quando desse meia-noite e meia, não podia passar desse horário, nós rezava o terço em casa para a entrega da promessa. O terço rezado era separado de um mistério e outro com a cantoria do Bendito Louvado Seja. Depois de terminado o terço, nós cantava, com a mesma música, o hino da Entrega da Promessa:

Fizemo a recomenda	(capelão)
Pra aliviar nossa dor	(capelão)
Pra aliviar nossa dor	(todos)
Agora vou-me entregar	(capelão)
À Nossa Senhora das Dor	(capelão)
Nossa Senhora das Dor.	(todos)
É a mãe de Jesus Cristo	(capelão)
E da divina encarnação	(capelão)
Da divina encarnação	(todos)
Agradeço as santas arma	(capelão)
Que acompanhô nossa missão	(capelão)
Companhô nossa missão.	(todos)
Padre, Filho, Espírito Santo	(capelão)
É o fim das oração	(capelão)
É o fim das oração	(todos)
(Faz-se o Sinal da Cruz)	(todos)

NOTA: Neste grupo não há o triple, comum aos demais grupos. Também nem um outro hino é cantado na Recomendação, senão esse. O Sr. José Francisco Ferreira reside no Jardim Santa Ifigênia, na Avenida do Folclore, n.º 607. Casado, católico, mas também espírita. Dirige um grupo de Jongo, a Folia de Reis "Estrela da Paz" e é o primeiro capitão de um Terno de Congada "Chapéu de Fitas".

OUTROS REGISTROS

PRIMEIRO — Hino cantado em 1921, no Bairro Laranjeira (rural), Olímpia, segundo informações da Sra. Rosa Pereira dos Santos:

ALERTA, ALERTA, PECADOR

Musical score for 'ALERTA, ALERTA, PECADOR' in G major, 2/4 time. The score consists of three staves: vocal line, piano accompaniment, and a lower vocal line. The lyrics are: A LER - TA A LER - TA PE - CA - DOR A LER - TA A LER - TA PE CA DOR A - COR - DAI SE ES TA DOR - MIN - DO A - COR DAI - SE ES TA DOR MIN - DO

Alerta, alerta, pecador,	bis
Acordai se está dormindo.	bis
Reza pr'as benditas almas	bis
Que é de nossa obrigação	bis
Olha que Deus por nós não dorme	bis
Nós também não dorme não.	bis
Pra rezar um Padre-nosso	bis
Junto com Ave-maria.	bis

Após cantar o hino, os recomendadores, de mãos postas, ajoelhavam-se, fechavam os olhos e, silenciosamente, rezavam o Padre-nosso e a Ave-maria. Em seguida, tocavam a matraca e saíam para cantar em outra casa.

SEGUNDO — Hino cantado em 1928, na Fazenda Floresta, em Olímpia. Informante: Rosa Fuzeto, 73 anos (1987), residente em Olímpia.

Ó DE CASA, Ó DE FORA

Musical score for 'Ó DE CASA, Ó DE FORA' in G major, 3/4 time. The score consists of three staves: vocal line, piano accompaniment, and a lower vocal line. The lyrics are: Ó DE CA - SA Ó DE FO - RA A - COR DAI DO VOS - SO SO - NO ES CU - TAI NOS - SA PRO - MES - SA PA - RA AS AR MAS EM A - BA R DO NO

Ó de casa, ó de fora,
Acordai do vosso sono
Escutai nossa promessa
Para as arma em abandono. bis

Ó de casa, ó de fora,
Não abrir a porta ou janela
Rezem nesmo em vossa cama
Também não acendam vela. bis

Ó de casa, ó de fora,
Um dia vamos morrer
Rezem enquanto têm vida
Para depois não sofrer. bis

Ó de casa, ó de fora,
Atendei o peditério;
Padre-nosso, Ave-maria
Pr'as armas do Purgatório. bis

(Pausa)

Ó de casa, ó de fora,
Cumprimos co'a obrigação
Rezem sempre para os mortos
E terá a salvação. bis

Ó de casa, ó de fora
Até pr'o ano que vem
Meus irmão fiquem com Deus
Que com Deus vamos também. bis

TERCEIRO — Hino cantado, 1940, no Bairro Córrego do Capim, em Olímpia, ensinado por Mário Celestino Rebouças, 71 anos (1987).

ACORDAI QUEM ESTÁ DORMINO

Musical score for 'ACORDAI QUEM ESTÁ DORMINO' in G major, 3/4 time. The score consists of three staves: vocal line, piano accompaniment, and a lower vocal line. The lyrics are: IR - MÃO MEU QUE ES TÁ A COR - DA DO A - COR - DAI QUEM ES TA DOR - MIN - DO RE TO - RIO - RE - ZA RE - ZA IR MÃO MEU PE DO PE LO A MOR DE DEUS PE DO PE - LO A MOR DE DEUS

Irmão meu que está acordado,
Acordai quem está dormino
Pra rezá um Padre-nosso
Pr'as arma do Purgatório
Reza, reza, irmão meu
Peço pelo amor de Deus.
Peço pelo amor de Deus.

QUARTO — Hino entoado pela companhia de rezadores das almas do Bairro São Benedito do Turvo, 1945, em Olímpia. Informante: D. Ana Lúcia Mendonça.

ORAÇÃO DAS ALMAS



Reza, reza, irmão meu,
Reza pelo amor de Deus,
Irmão meu qu'está acordado
Vai acordá quem tá dormino. bis

Reza, reza, irmão meu,
Reza lá um Padre-nosso
Reza, reza, um Padre-nosso
Reza pelo amor de Deus. bis

Reza, reza, irmão meu,
Reza mais um Padre-nosso
Pr'as arma dos sofrêdo
Reza pelo amor de Deus. bis

Reza, reza um Padre-nosso
Pr'as arma da escuridão
Com uma Ave-maria
Pr'elas tê a sarvação. bis

QUINTO — Hino cantado pelos recomendadores das almas (1946) do Bairro Água Parada, ensinado por Vicente Cardoso de Oliveira.

ACORDAI, IRMÃOS DAS ALMAS



Acordai, irmão das arma
Lembra que havemo de morrê,
Ô, ô, ô, ô, ô, ô.
Não sabemos quando
Seja pelo amor de Deus,
Ô, ô, ô, ô, ô, ô.

Rezamo um Padre-nosso
Pr'as arma dos enforcado,
Ô, ô, ô, ô, ô, ô.
Também uma Ave-maria
Pr'os morto necessitado,
Ô, ô, ô, ô, ô, ô.

SEXTO — Hino cantado, em 1949, pelos recomendadores das almas do Bairro do Tamanduá, em Olímpia, por José Pedro Ferreira.

ALERTA, ALERTA, PECADÔRI



Alerta, alerta, pecadôri!
Acordai s'está dormino.
Acordai s'está dormino.
Veja lá que Deus não dorme
Nóis também não dormirei.

Veja lá que o sono é a morte
E a cama é a sepultura
E a cama é a sepultura
Reza lá um Padre-nosso
Junto com Ave-maria
Junto com Ave-maria.

Reze mais um Padre-nosso
Junto com Ave-maria
Junto com Ave-maria
Pr'as arma de seus parênti
Reze pelo amor de Deus
Reze pelo amor de Deus.

Reze mais um Padre-nosso
Junto com Ave-maria
Junto com Ave-maria
P'ras arma do Prugatório
Reze pelo amor de Deus.
Reze pelo amor de Deus.

SÉTIMO — Hino cantado, em 1958, pelos recomendadores das almas da Fazenda Lagoinha, divisa Olímpia — Barretos, ensinado por Dr Antônio Martins Correia, 47 anos (1987), integrante do extinto grupo.

IRMÃO DAS ALMAS



Alerta, alerta, pecador,
Acordai se estais dormindo,
Irmão das almas, ai...

Veja lá que Deus não dorme
E a cama é a sepultura,
Irmão das almas, ai...

Este sono tão profundo,
Mas não é o sono eterno
Por favor ao levantar
Faça logo oração,
Irmão das almas, ai...

Nesta nossa caminhada,
Relembramos o passado.
Vós que hoje é pecador
Amanhã o que será?
Irmão das almas, ai...

Reze agora um Pai-nosso,
Reze pelo amor de Deus,
Irmão das almas, ai...

Se quiser estar com Deus,
Vai rezando e tenha fé,
Irmão das almas, ai...

Quando o seu dia chegar
Os anjos contemplarão,
Irmão das almas, ai...

Após esse hino, cantava-se o hino Semana Santa.

A entrega da promessa era realizada ao pé de um cruzeiro, com hinos e a recitação do terço. Finalizando, o tirador completava com o padre-nossação e a ave-mariação, isto é, um Pai-nosso e uma Ave-maria para a saúde de todos; para as famílias; para o gado; para os porcos, etc.

CONCLUINDO

A SAÍDA DE UMA CASA VISITADA

O matraqueador e o tocador do berra-boi funcionam seus instrumentos e o grupo segue o caminho para outra casa.

PERIGOS QUE PODEM SURGIR

Por se tratar de um ritual ruralista, o grupo poderá sofrer pequenos dissabores. Dentre eles o ataque de cães bravios. Por isso há necessidade de que um dos componentes da companhia se arme (com um porrete) para enfrentar esses vigilantes ameaçadores.

RECEPÇÃO INESPERADA



Quando a cerimônia se efetua em uma casa onde há outra ou outras casas vizinhas, o proprietário daquela, prevendo a visita do grupo, prepara um café, chá ou leite, acompanhado de quitandas já preparadas: biscoitos, bolachas, pãezinhos, rosquinhas, etc. e, às pressas, deixa uma mesa instalada, ou mesmo uma cadeira, sobre a qual se colocam as guloseimas, o bule e as xícaras para o grupo se servir.

Os recomendadores, após cumprida a obrigação, com muita ordem e respeito, silenciosamente, tomam o seu "cafezinho" e continuam o "giro".

NÚMERO DE CASAS QUE PODEM SER VISITADAS

O capelão, antes da hora da partida, planeja o local a ser visitado e conseqüentemente as casas. Nunca se visita um número par de casas. Pode-se visitar uma, três, cinco casas, isto é, sempre um número ímpar. Dizem que

se o número de casas visitadas for par um dos recomendadores morrerá naquele ano. Logo, se for par, no ano vindouro, nem todos os recomendadores estarão vivos. Sendo ímpar, é certo que no próximo ano todos participarão da Recomenda.

POR QUE REALIZAM A RECOMENDA?

Ouvimos três mestres que organizam companhias.

Todos, com a mesma persuasão, informaram-nos: o grupo se reúne, na maioria das vezes, para o cumprimento de uma promessa. Pode, ainda, reunir-se por tradição, que é o caso de dois deles. Dizem que a Recomenda das almas é tão antiga quanto o mundo, então o cristão não pode deixar morrer as coisas que a religião ensina.

HORA DO RETORNO AO LAR

O mestre prevê quantas casas serão visitadas (número ímpar), e aproximadamente, a duração da visita, a fim de retornarem ao lar à 1 hora do dia seguinte. Pouco importa ao grupo que volte a casa após a visitação de uma ou três casas. Mas quando o relógio marcar 1 (uma) hora da madrugada, terminam a cerimônia na casa que está sendo visitada. Então retornam ao lar. Nesta hora, a hora em que os galos cantam, todos devem recolher-se. Depois que o galo canta, o grupo pára de cantar, pois todos os rezadores crêem que o galo tem o poder de expulsar os demônios. Nesta hora também as assombrações se recolhem. "Quando os galos cantam, os anjos se levantam". Então, não há necessidade da continuação da reza. Está cumprida a obrigação daquela noite. Para despedida, os conservadores dessa tanatolatria, cantam:



Os galos já tão cantano,
Já tá chegano a hora, bis
Ocês fica aí com Deus, meus irmão,
Nós vai co'a Nossa Senhora. bis

OBRIGAÇÕES DOS COMPONENTES DA COMPANHIA

Quem participa da companhia de recomendadores quer por promessa, quer por uma tradição, não pode faltar ao ritual nos dias determinados pelo capelão, a não ser por motivo muito justo: luto, doença pessoal, etc. Se a pessoa faltar, sem motivo justificado, estará cometendo grande pecado.

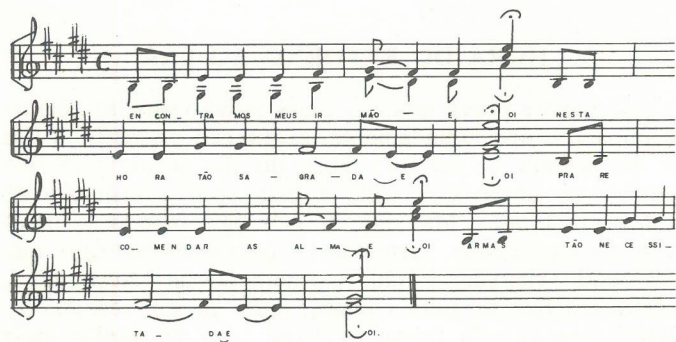
DURAÇÃO DA PROMESSA

Geralmente a promessa é feita para ser cumprida durante 7 (sete) anos. Esta promessa poderá ser reduzida caso a pessoa venha a desintegrar-se do grupo por motivo de mudança. Pode acontecer que os recomendadores das almas enquanto tenham condições físicas, participem do ritual somente pela tradição.

ENCONTRO DE COMPANHIAS

Quando dois grupos de recomendadores de almas se encontram, o que atualmente é muito difícil, um dos grupos terá que se deitar, escondendo-se, fingindo não estar vendo nada. Se deixar de fazê-lo, o capelão mais novo desfaz sua companhia, isto é, silencia seus instrumentos e os grupos se unificam, pacificamente, para completarem a obrigação, sob a gerência do capelão mais idoso, no cumprimento das obrigações daquela noite. Assim, fica estabelecido que o grupo desfeito, naquela hora, deverá organizar outro trajeto para as visitações.

Antes, porém, da integração dos grupos, a companhia gerenciada pelo capelão mais velho, canta:



- 1 — Encontramos meus irmão, e oi
Nesta hora tão sagrada, e oi
Pra recomendá as arma, e oi
Armas tão necessitada, e oi.
- 2 — Rezamo um Padre-nosso, e oi
E uma Ave-maria, e oi
Para as arma sofredora, e oi
Que recrama noite e dia, e oi.

Rezam, então, juntos, ajoelhados, um Pai-nosso e uma Ave-maria, oferecendo-os às almas sofredoras. Cantam, ainda, antes de prosseguirem na viagem sagrada, esta outra estrofe:

- 3 — Vamo junto, ó rezadô, e oi
Cumprí nossa devoção, e oi
Pra pagá sua promessa, e oi
Segue a nossa direção, e oi.

A partir desse momento, a companhia dissolvida passa a simples acompanhante dos recomendadores vitoriosos no ritual, não podendo cantar e nem tocar seus instrumentos.

Assistimos a esse Encontro, uma única vez, na Fazenda Sapé, entre as Companhias de Recomendadores na Quaresma de 1967: uma do Sr. Ezequiel Batista de Carvalho e a outra do Sr. José Chagas. O do Sr. Ezequiel, por ser mais velho, passou a dirigir os trabalhos.

PROMESSA CUMPRIDA

Finalmente, na sexta-feira santa, precisamente à meia-noite, o grupo se reúne para entregar a sua "obrigação" a Deus, uma vez que a sua missão daquele ano já está cumprida. Segundo nos informaram os mestres das companhias, o correto seria celebrar o terço ao pé do cruzeiro de um cemitério. Isto, atualmente, é quase que impossível, porque de um modo geral este ritual é puramente de ambiente rural. Torna-se difícil a vinda à cidade, à busca do cemitério. Por outro lado, os cemitérios são cuidados por "zeladores" que não gostam de ceder a chave a esta hora, o que viria trazer-lhes intranquilidade. Assim sendo, é costume das companhias efetuar o terço num cruzeiro existente nas proximidades da casa do ca-

pelão, numa cruz que lembra a morte de alguém, numa capela ou igreja; quando não, o ato se realizará na casa a qual foi o ponto de partida da companhia. O terço é o comum e é "tirado" pelo capelão, acrescido de hinos, ladainha, e esta oração:

ORAÇÃO: SEMANA SANTA

- Diga-me, meu caro e querido bom filho de Deus, onde tarás na segunda-feira santa?
- Que me ouça a minha querida Mãe de Deus, na segunda-feira santa, serei um pobre peregrino perfeito.
- Diga-me, meu caro e querido bom filho de Deus, onde tarás na terça-feira santa?
- Que me ouça a minha querida Mãe de Deus, na terça-feira santa serei martirizado.
- Diga-me, meu caro e querido bom filho de Deus, onde tarás na quarta-feira santa?
- Que me ouça a minha querida mãe de Deus, na quarta-feira santa, serei vendido por 36 dinheiro farso.
- Diga-me, meu caro e querido filho de Deus, onde tarás na quinta-feira santa?
- Que me ouça a minha querida mãe de Deus, na quinta-feira santa, serei pego, amarrado e crucificado como um pobre peligrino de pecado.
- Diga-me, meu caro e querido bom filho de Deus, onde tarás na sexta-feira santa?
- Que me ouça a minha querida mãe de Deus, na sexta-feira santa, estarei no Santo Sepulco.
- Diga-me, meu caro e querido bom filho de Deus, onde tarás no sábado da aleluia?
- Que me ouça a minha querida mãe de Deus, no sábado da aleluia, serei nascido e ressuscitado como o bom trigo sobre a terra no meis de maio.
- Diga-me, meu caro e querido bom filho de Deus, onde tarás no domingo de páscoa?
- Que me ouça a minha querida mãe de Deus, no domingo santo de páscoa, serei rei e patrono do céu e do mundo e se houver uma alma que diga esta oração ou então que mande dizer, ainda com tantos pecados, igual a tantas foias que há na beira do mar, eu perdoarei. Amém.

(A oração toda será rezada em casa, pelos recomendadores, em todo os dias da Semana Santa, para alcançar o perdão de Deus).

Para a realização deste trabalho, contamos com a atenção prestimosa de rebeiro-santenses e olimpienses, pessoas fervorosas, exemplos defé e respeito, que, com satisfação, nos acolheram e prestaram toda a colaboração necessária. São os amigos: Adelis Paula dos Santos, Antônia Batista, Antônio de Miranda Sobrinho, Emídio Irano Garcia, Ezequiel Batista de Carvalho, Jesus Francisco de Miranda, Joana Rita de Jesus, Joaquim Ribeiro de Sá, José Chagas, José Francisco Ferreira, José Macedo Ferreira (Juca), Judite Batista de Carvalho, Luís Basso, Maria da Conceição Basso, Nelsinho Pedro dos Santos, Odair Macedo Ferreira, Rosa Pereira dos Santos, Maria de Oliveira, Paulina do Nascimento, Antônio Benedito de Almeida, Jesus Francisco de Miranda, Antônio Aparecido de Miranda, Luís Batista de Carvalho, Sebastião Marcelo, José Augusto de Miranda, João Marques de Miranda e muitos outros.

CASOS EXÓTICOS CONTADOS PELOS REZADORES DAS ALMAS

Relativamente ao rito Recomendação das Almas são contados alguns casos estranhos. Provavelmente foram criados pelos mais idosos com o objetivo de incutirem medo aos mais novos e conseguirem, com isto, o respeito devido a essa prática religiosa. O ritual por si só incute medo e muita emoção e, acrescidos dessas estórias, tornam-se mais amedrontadores.

Quando se retira daquela casa, o grupo é acompanhado de mais pessoas e assim ocorre até completarem as 14 casas daquela noite.

Na última casa, além do programa religioso a ser cumprido, rezam mais 5 Pai-nossos, 5 Ave-marias e 5 Glórias ao Pai, oferecendo-os às Chagas de Jesus.

NOTA: Quem não puder fazê-la na Igreja, ou nos Bairros por morarem em casas distantes das demais, poderá realizá-la em qualquer compartimento da casa: quarto, sala ou cozinha. Basta apenas ter-se um crucifixo bento. Coloca-se o crucifixo sobre uma mesa ou em outra peça da casa e, diante dele, rezar 14 Pai-nossos, 14 Ave-marias e 14 Glórias ao Pai. A seguir rezar mais 5 Pai-nossos, 5 Ave-marias e 5 Glórias ao Pai, às Chagas de Jesus.

Vários destes acontecimentos, por exemplo, o encontro com Verônica, estão baseados unicamente em tradições e não nas Escrituras. As estações são mais comumente erigidas nas Igrejas, embora se possam encontrar em oratórios, cemitérios ou nas estradas que conduzem aos santuários, e são, ordinariamente, fixadas na parede a intervalos regulares.

Na impossibilidade de exposição dos quadros da Via Sacra, basta um crucifixo, desde que seja bento.

TERÇOS

O ciclo da Quaresma é marcado pelas rezas solenes caracterizadas pela recitação do *terço*, forma abreviada e popular do Rosário. Embora o Concílio tenha encarecidamente recomendado os “sagrados exercícios do povo cristão”, seria querer tapar o sol com a peneira ignorar que esses costumes paralitúrgicos são hoje desestimulados. O povo cristão católico tem sabido conservar essa prática e a devoção sobrevive, embora esteja praticamente banida dos atos coletivos nos tempos.

Ao contrário do que se possa parecer, o *terço* é querido do povo e sua devoção é sempre atual.

As famílias além de rezá-lo ainda o mantêm, em tamanho grande, de madeira ou de osso, como adorno de suas casas, a reivindicar indiretamente um lugar que lhes coube no passado na família brasileira.

Durante a Quaresma muitos *terços* familiares são rezados, mas destacaremos apenas dois, muito em voga em Olímpia.

TERÇO VINTE E CINCO DE MARÇO

É vasta a sabedoria do povo no tocante às práticas para afastar o Diabo ou expeli-lo dos seres. Uns fazem uso de ferradura, colocada atrás da porta; outros, plantam guiné à entrada principal, ou seja, na porta da sala ou da cozinha. Supõe-se que os espíritos maléficos preferem ficar nas portas.

Além desta sabedoria popular, as orações são frequentes e até mais eficientes.

Pode, uma oração, num átimo, afugentar o Demônio para as profundezas do Inferno.

O Diabo sempre perseguiu a humanidade. Está solto no mundo à procura de adeptos para si: provoca homicídios, encoraja suicídios, separa casais, enfim, isola o homem de seu criador.

O próprio Cristo foi alvo dessa tentação — Mateus, capítulo 4 — Tentação de Jesus: “Então foi levado Jesus pelo espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo...”

Outros exemplos de atormentação diabólica vamos encontrar ainda em Mateus, capítulo 8, versículos 28-34; capítulo 12, versículos 22-30 e 43-45. Outros exemplos no livro de Marcos, capítulo 3, versículos 22-27.

A Igreja chegou a aprovar o Exorcismo (contra o Satanás e os Anjos Rebeldes): “Nós nos exorcisamos espíritos de impureza, poderes satânicos, ataques do inimi-

go infernal, legiões, reuniões, seitas diabólicas, em nome e por verdade de Jesus Cristo...” A presença do Diabo, em qualquer lugar, é inquietadora, mas pode ser dissipada com poucas palavras sagradas, ou seja, com o pronunciamento de orações.

Embora seja o Diabo uma personagem que não se recomenda, entre inúmeros nomes que lhe são dados, figuram: Anjo Caído, Azinhavre, Brasabrune, Faca-fria, Luzbel, Mandinga, Mefisto, Mefistófeles, Muitos-beiços, Rei do Averno, Rincha-mãe e Sangue-de-outro. O homem sempre lutou para abater o poder desse inimigo, o Demônio, muito arrogante na sua força.

O Terço 25 de março é realizado nos meios católicos populares da região de Olímpia, principalmente na zona rural, onde o ambiente é mais propício à sua celebração.

Vinte e cinco de março é uma data que está inserida no período da Quaresma. E, neste dia, o Demônio está solto, atormentando a todos. O cristão deve participar deste terço para evitar a tentação diabólica.

Inicia-se o terço, cantando a oração da

MOÇA QUEIMADA/25 DE MARÇO



Dia e vinte e cinco de março
Na era de trinta e um,
Fui chamada pelo fogo
Sem ter alívio nenhum.

Minha mãe não se arrependa
Da praga que me rogô,
Tava fazendo papa às crianças,
Quando o fogo me queimou.

Foi a brasa que me queimou
No dia da Surreição
Minha mãe então não chore
Pela minha situação.

Oi que prova rigorosa
Que os anjos do céu ouviu,
Fui traída pelas brasas,
Como meu corpo sentiu.

Minha mãe não chore tanto
De me ver nessa aflição,
Minh'alma já está entregue
Pra Virge da Conceição.

Bendito e louvado seja
Nesta hora tão sagrada,
Rezem sempre pr'essa moça,
Quanta dor, morreu queimada.

Depois, o Ato de Contrição: “Meu Senhor meu Jesus Cristo, Deus e Homem Verdadeiro, Criador, Redentor meu. Por ser Vós Senhor quem sois sumamente bom, tão digno meu Senhor Amado. Pesa meu Senhor, de todo o meu coração, de vós ter ofendido, mas proponho firmemente ajudado com a Vossa divina graça de eu nunca mais pecar. Espero que Vós me perdoai. Vosso preciosíssimo sangue, tende misericórdia e piedade de mim. Amém.” Reza-se, em seguida, o Credo.

A seguir, canta-se a oração

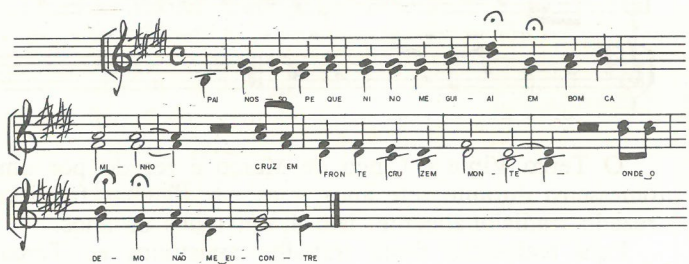
DEUS VOS SALVE, MARIA



Deus vois sarve,
 Maria, mãe de Deus Padre
 Deus vois sarve,
 Maria, mãe de Deus Filho
 Deus vois sarve,
 Maria, templo do Sacrário
 Da Santíssima Trindade.
 Deus vois sarve,
 Maria, esposa do Espírito Santo
 Deus vois sarve, Maria,
 Maria, concebida em graça.
 Deus vois sarve.

Após esta oração, canta-se o

PAI-NOSSO PEQUENINO



Pai-nosso Pequeninho
 Me guiai em bom caminho,
 Cruz em frente, cruz em monte,
 Que o Demo não me encontre.

Nem de noite, nem de dia
 Nem no ponto do meio-dia
 Sete velas me alumem,
 Sete anjos me clareiam.

Com Deus me deito e levanto
 E o Divino Espírito Santo,
 Com Deus me deito e levanto
 E o Divino Espírito Santo.

Com o terço na mão, na conta com a qual se inicia o primeiro mistério, reza-se:

Arma constante fé
 Jesus Cristo comigo é
 No campo de Josafás
 Encontrei com Ferrabrás
 Arreda de mim Satanás
 Parte em mim vós não terais
 No dia 25 de março,
 Cem veis me ajoieei
 Cem veis me alevantei
 Cem veis me apatrocinei (ou pelossinei)
 E cem Ave-maria rezei.

Este culto por ser de afastamento, da amarração do Diabo, não deve ser realizado dentro de casa. O Diabo estará, neste dia, cobrando os pecados.

Será feito no terreiro, em lugar aberto, e, se possível, atrás do cemitério.

A rezadeira segura na mão esquerda o terço. As mulheres cobrem-se com um véu ou manto branco. Os homens ficam com a cabeça descoberta.



EXPLICANDO A ORAÇÃO PRINCIPAL DO TERÇO

No verso que diz: “Cem veis me ajoieei”, os devotos ajoelham. “Cem veis me alevantei”, levantam-se. “Cem veis me apatrocinei”, fazem o Nome do Pai. E cem Ave-maria rezei”, rezam esta oração.

Quando termina o primeiro mistério, as pessoas recitaram dez vezes a oração Vinte e Cinco de Março, obedecendo ao que ela determina.

Rezado o 1.º mistério, canta-se:



Glória Pátri é do Filho
 É do Espírito em Santo
 Se puder é no princípio
 É de nunca em sempre
 De seculo, seclóri, amém.

A seguir



Amado Jesus, José,
 Joaquim, Ana e Maria
 Eu vois dô meu coração
 E arma minha
 Assiste-me com piedade
 E na úrtima agonia.

Reza-se novamente o Padre-nosso e começa o 2.º mistério, rezando mais 10 vezes a oração contra o Demônio.

Rezando o terço completo, a pessoa repetiu 50 vezes a oração contra o Demônio.

Então, começa, novamente, o terço, tendo-se o cuidado que antes da "conta" destinada à oração do Pai-nosso, os rezadores devem cantar o Glória Pátri e Amado Jesus.

Ao terminar o terço pela 2.ª vez, os devotos rezaram: 100 vezes a oração; ajoelharam, levantaram, fizeram o nome do Pai e rezaram Ave-maria tudo pela centésima vez. É uma ginástica das mais difíceis que leva muita gente idosa a não poder trabalhar no dia seguinte.

Para terminar o Terço: São Miguel Arcanjo, protegi-nos no combate; cobrimos com vosso escudo contra os embustes e ciladas do Demônio. Subjugue-o Deus, instantaneamente o pedimos. E Vós, príncipe da milícia celeste, pelo divino poder, precipitai no Inferno a Satanás e aos outros espíritos malignos que andam pelo mundo para a perdição das almas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

E canta-se a Salve Rainha

- 1 — Vossos pé venho, Senhora minha
Ovi o meu rogo, Salve Rainha. bis

Coro

Bendito seja, Senhora minha,
Ovi o meu rogo, Salve Rainha.

- 2 — Dai-me auxílio, pai de concórdia
Mãe de Deus vivo, de misericórdia. bis
- 3 — Vossos filho, mãe de ternura
Quem vós espera, vida doçura. bis
- 4 — Vossos devoto, fazem quem possa
Viver sem culpa, esperança nossa. bis
- 5 — Nós neste mundo, a vós clamamo
Para sermo sarvo, a vós bradamo. bis
- 6 — Valei a todos que tão em treva
Aos degredados filhos de Eva. bis
- 7 — Nós neste mundo vivemos pecano
Por vós suspiramo, gemeno e chorano. bis
- 8 — Estes teus olho tão lagrimoso
Mais, para nós, sempre misericordioso. bis
- 9 — Nos triste vale, onde vós fois
Ao nosso amparo e eu depois. bis
- 10 — Todos contrito, deixando erro
Quando entrai-me neste desterro. bis
- 11 — Aos pecadores, dai-me uma luz
Para nós todos mostrai Jesus. bis
- 12 — Doce Cordero, Deus Quelemente
Bendito é o fruto do vosso ventre. bis

- 13 — Ó Quelemente, ó mãe amorosa
Quem vós fiamo, ó piedosa. bis
- 14 — Nome tão doce, ó fiarguia
Dizei nós sempre, Virgem Maria. bis
- 15 — Agora em sempre chamamo a vós
Ó Virge Santa, rogai por nós. bis
- 16 — Para que não perca os filhos teus
Rogai por elas, ó mãe de Deus. bis
- 17 — Os vossos filho, Jesus benigno
Fazei que todos sejamos digno. bis
- 18 — Para de Deus estaremos benquisto
Pelas promessa de Jesus Cristo. bis
- 19 — O qual por nós morreu na cruz
Para nos sarvai, amém Jesus. bis

Este hino é ainda cantado com outra música:

O Terço Vinte e Cinco de Março é rezado por um promesseiro durante sete anos, mas em algumas famílias é rezado tradicionalmente, isto é, em todos os anos.

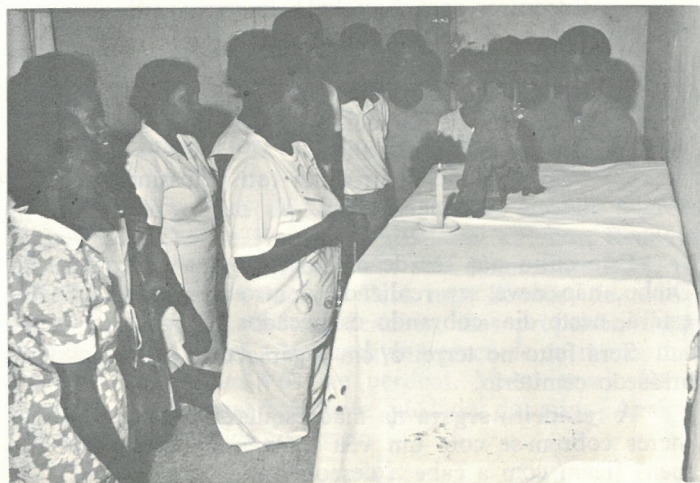
Para realização deste trabalho assistimos ao Terço na residência do Sr. Jesus Francisco de Miranda, 75 anos, no Bairro de São José, de Olímpia. É herança religiosa que procede dos ancestrais do Sr. Jesus Miranda. Celebrou-o a Sra. Narcisa Batista de Miranda, no dia 25 de março de 1987.

Foto: Terço rezado no quintal da residência da senhora Jesuína de Sousa Silva, no Jardim Cisoto, em 25-3-1988 — Olímpia.

TERÇO A NOSSO SENHOR MORTO, REZADO NA SEXTA-FEIRA SANTA

Arma-se um altar com um crucifixo (ou um quadro de Jesus pregado na cruz) e uma imagem ou quadro da Virgem Maria. Os santos serão cobertos com pano preto (símbolo da morte e da tristeza) ou roxo (símbolo de penitência). Poucas flores e algumas velas acesas. A toalha do altar só pode ser de cor branca (símbolo da pureza).

A "puxadeira" inicia o terço fazendo o Sinal da Cruz, que significa a redenção da humanidade pela morte de Cristo na cruz.



A seguir recita a oração: "Ó meu Jesus, aonde que Vós tá? Tá dentro de minha casa e no meu coração e no coração dos filhos Vosso. Quem chamar por Vós aonde estiver não correrá perigos argum. Ó meu Jesus, me escutai. Ó meu Jesus, me ouvi. Ó meu Jesus, depressa, me socorrei. Me protegei agora nesta ocasião".

Depois de cada mistério, recita-se esta oração, e cantam:

AVE MARIA

A - VE MA - RI A CHEIA SOIS DE GRA CA SE - NHOR É CON -
 VOSCO BEN - DI - TA SOIS
 EN TRES MU - LHERES BEN - D - TO É O FRUTO DO VOSSO
 VENTRE NASCEU JESUS

Ave Maria,
 Cheia sois de graça,
 O Senhor é convosco
 Bendita sois
 Entre as mulheres
 Bendito é o fruto
 Do vosso ventre
 Nasceu Jesus.

Santa Maria,
 Virge Mãe de Deus
 Rogai a Deus por nós,
 Mãe dos pecador,
 Agora e na hora
 Da nossa morte,
 Amém Jesus, Maria e José.

GLÓRIA AO PAI

GLÓRIA SE JA AO PAI GLÓRIA SE JA AO FILHO GLÓ RIA ES
 PI RTO SAN TO SEU A MOR TAM BÉM ELE É UM SÓ DEUS PE
 CO LES TRE LA GLÓ RIA SEMPRE SEM PRE A - MÉM

Glória seja ao Pai,
 Glória seja ao Filho,
 Glória ao Espírito Santo
 E seu amor também.
 Ele é um só Deus,
 Peço à estrela
 Glória pra sempre,
 Sem fim, amém.

* (onde dizem: "Ele é um só Deus, peço à estrela", deveriam dizer: Há um só Deus, pessoas três).

BENDITO DA PURÍSSIMA CONCEIÇÃO

O BENDITO É LOU - VA - DO SEJA DO SA N TI SSI MO SACRA
 MEN TO DA PU RÍ SSI MA CON CE I ÇÃO DA VIR GEM
 RI - A SE NHOR A NOS SA CON CE BIDA SEM PE -
 CA DO RIGI - NAL AMÉM JE - SUS

Ó Bendito, louvado seja,
 Do Santíssimo Sacramento
 Da Puríssima Conceição,
 Da Virgem Maria, Senhora nossa,
 Concebida sem pecado original,
 Amém, Jesus.

Para finalizar o terço reza-se a oração de Santo Anas-tácio (contra o Demônio): Santo Anastácio, glorioso de Deus, será meu advogado, meu protetor contra o espirito malinho.

Meu Senhor Jesus Cristo, rogo a Vós por Vosso ser-vo Anastácio pra me conceder a graça de viver sem a tentação do Demônio. Amém.

Puxado pela rezadeira, todos cantam:

SENHOR AMADO

O MEU SE NHOR A - MA - DO MEU SU - MO BEM
 E DEUS MEU - PER DO AI AO CO - RA - ÇÃO MEU TO
 DO CON - TRI - TO SE NHOR

Ó meu Senhor amado,
 Meu sumo bem e Deus meu,
 Perdoai ao coração meu
 Todo contrito, Senhor.

Com pesar infinito,
 E choro infinito eu rogo,
 Pelo excessivo amor
 Que eu vos tenho, ó Senhor.

E da cruz no santo lenho
 Padeceu meu bom Jesus,
 Derramou seu sangue na cruz,
 Também no horto, ó Senhor.

Antes quisera eu ser morto
 Que tornar a ofender meu Deus
 Mas antes morrer quero eu
 Do que mais pecar, ó Senhor!

Para mais me condenar,
 Mas agora com grande dor,
 As costas vos dei, Senhor,
 Já me arrependo, ó Senhor!

Como salvar-me eu quero,
 Rogo à Virgem Maria
 Que na última agonia
 Nos favoreça, ó Senhor!

Para que não prevaleça
 Contra nós todo o Inferno,
 Eu vos peço, Senhor eterno,
 Misericórdia, Senhor.

Eu vos peço, Senhor eterno
 Misericórdia, Senhor!
 Pelas dores de Maria Santíssima,
 Misericórdia, Senhor!

Misericórdia eu vos peço
 Este grande pecador
 Pelas vossas divinas chagas,
 Pelo vosso divino amor.

(A oração Senhor Amado é muito poderosa. Se uma pes-soa estiver possessa, esta oração expulsa, num átimo, o Demônio. Se houver temporal, basta cantá-la ou apenas recitá-la, para que o tempo se acalme).

Em seguida, reza-se o Credo Apostólico e todos, en-quanto beijam o altar, cantam:

BENDITO

BE - NI - DI - TO LOU - VA - DO SE - JA BE - NI - DI - TO LOU - VA - DO SE - JA É O SAN - TÍ - SI - MO SA - CRA - MEN - TO É O SAN - TÍ - SI - MO SA - CRA - MEN - TO

VOZ FEMININA OU FALSETE

Bendito louvado seja, bis
É o Santíssimo Sacramento. bis

Bendito da Eucaristia, bis
Fruto sagrado da Virgem Maria. bis

Os anjos, todos os anjos, bis
Louvem a Deus para sempre, amém. bis

Faz-se o oferecimento do terço à sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Terço realizado no dia 1.º de abril de 1988 na residência da Sra. Jesuína de Sousa Silva, de 63 anos, residente na Rua Vitório Cisoto, n.º 70 — Jardim Cisoto — Olímpia.

TRÍDUO A SÃO DIMAS, O BOM LADRÃO

Os Evangelhos falam pouco do Bom Ladrão do Calvário. A tradição nos guardou seu nome: Dimas, ou São Dimas. Foi, antes da cruz, um bandido perigoso da Palestina. Pertencia a uma família de ladrões, seu pai era chefe de bandidos. Afirmam alguns estudiosos da história religiosa ter sido Dimas um dos mais perigosos da Judéia. Pelo suplício da cruz que mereceu, bem se pode perceber que grande criminoso deveria ter sido, porque esse terrível suplício era reservado somente aos grandes criminosos e aos escravos.

Segundo muitos autores, Dimas não era judeu de nascimento, mas sim egípcio.

Corre uma lenda de que quando Dimas exercia o banditismo nos desertos de passagem para o Egito, aí conheceu a Sagrada Família e deu abrigo ao Menino Jesus, protegendo Maria e José. Nessa ocasião Dimas deveria ter de 25 a 30 anos. É também opinião de vários autores que quando sofreu o suplício da cruz deveria ter de 55 a 60 anos e que tenha vivido no banditismo cerca de 30 a 40 anos. Comemora-se o seu dia em 25 de março.

Dimas foi crucificado como Jesus. Cravaram-lhe as mãos e os pés na cruz. Crucificado ao lado de Cristo, Dimas percebeu logo a mansidão de Jesus. Tocado pela graça se converteu miraculosamente. Foi o companheiro das dores de Maria no Calvário.

São Dimas é o protetor dos pobres agonizantes. Ajuda na recuperação de bêbados, jogadores e ladrões. É também protetor dos presos, carroceiros e motoristas. Invocado nos casos difíceis, sobretudo nos negócios financeiros.

TRÍDUO

Nos dias de quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira santas, em todas as Quaresmas, deve-se ser realizado o Tríduo a São Dimas, ou seja, três dias consecutivos de oração.

Pode ser feito por uma só pessoa ou por um grupo de pessoas, nos dias mencionados, num dos horários: ao meio-dia, às três horas da tarde ou às 18 horas (seis horas da tarde).

O local poderá ser num quarto de dormir ou na sala da casa. O ambiente deverá estar bastante limpo e sobre uma mesinha ou cadeira que seja, um crucifixo coberto com pano roxo.

Antes da oração a São Dimas, rezam: o Credo Apostólico, 3 Ave-marias e 3 Pai-nossos.

ORAÇÃO

São Dimas que se salvou na hora derradeira e que de grande pecador e criminoso que foi, num momento, por misericórdia de Cristo, converteu-se para Deus, olhai por mim, que sou pobre pecador.

Pelas chagas do Divino Salvador, pelas dores de Maria Santíssima junto à Cruz, eu suplico que olhai por mim.

São Dimas que viu Jesus no Calvário crucificado e abandonado, venha em socorro dos infelizes e descrentes.

São Dimas que morreu junto à cruz de Jesus e junto de Maria, mãe dos pecadores, olhai por mim.

São Dimas, que mereceu ouvir da boca de Jesus as palavras da salvação: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso, confiando na graça divina que te santificou na Cruz do Calvário, tende compaixão de mim, para que eu alcance a graça (menciona-se a graça).

São Dimas, pelas chagas de Jesus crucificado, na vida e na morte, tende misericórdia de mim. Amém.

Vinde São Dimas
Que a Jesus acolheu
Vinde São Dimas
Que na cruz padeceu
Vinde São Dimas
Que se arrependeu
Vinde São Dimas
Ouvi o pedido meu
Amém!

NOVENAS

É crença de cristãos católicos realizarem *novenas* no transcorrer da Quaresma, oferecidas aos santos de sua devoção e aos santos da predileção, e todos relacionados ao ciclo quaresmal.

Em Olímpia realizam novenas, durante o período da Quaresma, a Nossa Senhora das Dores, a Nosso Senhor Crucificado, a Nosso Senhor dos Passos, a Santa Maria Madalena, a Santa Verônica, a São Dimas, a São João Evangelista, a São Judas Tadeu, a São Lázaro, o leproso, e a outros.

NOVENA DE SÃO MIGUEL

(chefe da Milícia Celeste)

Durante 9 (nove) sextas-feiras da Quaresma é costume realizar a Novena de São Miguel, em intenção das almas penadas, almas desesperadas que necessitam da salvação.

Primeiramente recita-se o diálogo:

Vai, Miguel, vai. Leva três anjos em tua companhia.
Vai buscar aquela alma que faz três dias que me chama, disse Nossa Senhora ao anjo do Senhor.
E lá se foi Miguel. Foi bater à porta do Inferno.
— Quem está batendo aí? Perguntou Satanás.
— Sou eu: Miguel, o anjo do Senhor. Vim buscar aquela alma que faz três dias que ela reclama por Maria.
— Esta alma é minha e esta eu não te dou. Faz apenas três dias que aqui ela chegou.
— Nem que fossem quinze anos. Eu hei de levar esta alma, porque foi a mãe do Pai Eterno que me mandou buscar.
E levou a alma à Maria.

Se as pobres almas perdidas não tiverem salvação, chamem Maria que por Deus terão perdão.

Em seguida, faz-se o sinal da cruz e reza:

Meu São Miguel, glorioso, protetor das almas, eu peço a Maria, em nome de Deus, que livrai as almas do Purgatório, levando todas para o céu. São Miguel, glorioso, ajudai a vencer o Demônio e protegei-nos contra os pecados. São Miguel, príncipe, que foi o vencedor contra Lúcifer e os poderes infernal, lava o que está sujo, rega o que está seco, sara o que está doente, dá fé a quem não tem, salva os desviados, em nome do Espírito Santo. Amém.

Finalizar com Pai-nosso, Ave-maria, Credo, Salve Rainha e Glória ao Pai, oferecendo-as à Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Desta novena podem participar todas as pessoas que querem rezá-la.

Novena realizada na casa do Sr. José Batista de Carvalho, 64 anos, na Vila Garcez — Olímpia. Quaresma de 1973.

MITOS

Mito vem do grego *mythos*: palavra, discurso. Mais tarde, o termo ganhou, entre os gregos, o mesmo sentido atual.

O folclorista Basílio da Gama assim definiu mito: transfiguração dos seres e fenômenos naturais em corpos inaturais e forças sobrenaturais.

Os mitos que se sobressaem ameaçadores no período quaresmal, no Município de Olímpia, são os mitos primários. Povoam a mente do olimpiense: Curupira, Lobisomem, Mula-sem-cabeça e Saci-pererê.

Em Olímpia tem-se conhecimento de que os primeiros habitantes eram os índios carijós e guaranis. Com a chegada do desbravador, Antônio Joaquim dos Santos (e sua família), vindo do Estado de Minas Gerais, em 1859, chegaram também sessenta escravos de sua propriedade. Os portugueses foram os primeiros europeus a se fixarem em nossa cidade. Por esta razão é justificada a crença de Olímpia em todos os mitos do Sudeste brasileiro.

Mas nenhum outro mito tem, na Quaresma, a extensão prodigiosa do Curupira, do Lobisomem, da Mula-sem-cabeça e do Saci-pererê, sabidos em todos os lábios olimpienses. Não há uma casa onde não exista uma história sobre estes mitos, desenhadas de várias formas pela imaginação do povo.

DIA DA MALVADEZA

O dia da Malvadeza, da Judiação, da Desordem, da Judiaria ou da Anarquia, é na passagem da sexta-feira para o sábado santo. É uma prática tipicamente rural, mas é também cultivada nas pequenas cidades (corrute-las). Depois da missa do Senhor Morto, a mocidade ao voltar para casa faz a mais organizada anarquia: arranca mata-burros, porteiras, desmancha cercas de arame, solta os bezerras que estão apartados das vacas, nos currais; tresmalha os porcos dos chiqueiros, arrasta para as estradas grossas toras a fim de dificultar o trânsito, pinta o couro do gado (bovino e equino) com tinta a óleo, formando manchas que demoram tempo para desaparecer.

É interessante anotar a brincadeira “esconde-chinelos”.

As moças da zona rural vêm à cidade calçadas de chinelos, uma vez que não querem estragar os sapatos. Estes vinham dentro de embornais. Ao chegarem à entrada da cidade, calçavam os sapatos e amoitavam os chinelos, em esconderijos bem escolhidos. Os moços que as acompanhavam seguiam-nas despreocupadamente. Iam ao local do esconderijo, retiravam os chinelos e davam sumiço, para pregar peças às moças e pelo simples prazer de

vê-las voltarem descalças para casa, sobre caminhos orvalhados e, às vezes, cobertos de espinhos.

Uma triste consequência destas anarquias deve ser citada: “Na fazenda Canadá, situada no bairro do Barreirinho, em Severínia, de propriedade da Família Spegorim, retiraram a porteira e a jogaram de lado. Pouco mais tarde um dos amigos do fazendeiro, passando por ali, encostou a porteira nos moirões para evitar a fuga do gado.

Um dos empregados, o senhor Alvinho Bitencourt (ainda vivo, residente em Severínia), na madrugada do sábado da aleluia (sábado santo), leva à cidade um dos filhos adoentados e, ao passar pela porteira, julgando-a normalmente instalada, puxou-a para abrir, e esta cai pesadamente sobre ele e o filho ferindo-os gravemente.

Ao passar pelas fazendas roubam frangos ou galinhas para fazer a tradicional galinhada da madrugada do Sábado da Aleluia.

É perigoso o roubo das galinhas, porque a maioria dos fazendeiros prendem-nas em viveiros e põem como vigia cães perigosos e, às vezes, um guarda munido de uma espingarda ou outra arma contra quaisquer ladrões.

Para complementar a ‘bagunça’ armam o “Judás” e no alvorecer do dia colocam-no à porta da casa de um amigo para que este venha a assustar-se ao abri-la. Às 10 horas do Sábado da Aleluia em praça pública, malham este “Judás” e dão-lhe tiros de revólver, espingarda, puxam-lhe os braços e as pernas, até destruí-lo.

Por que praticam tanta maldade, neste dia, quando a índole do povo é a de rigoroso respeito por se tratar de um dos mais importantes feriados religiosos?

— Acontece, porém, que Sexta-feira Santa relembra a morte de Cristo. “Jesus está morto. O mundo está sem governo. Tudo de mal que se fizer neste dia não será levado em conta pelo Céu.”

Assim respondem os praticantes dessas travessuras. Hodiernamente não se pratica com a mesma intensidade essas traquinagens. Dificilmente os grupos da zona rural podem reunir-se. Vêm à cidade a cavalo, de charrete, carrinho e mesmo de camioneta ou automóvel. Mas, não desapareceram totalmente essas judiações populares da Sexta-feira da Paixão. São cultivadas ainda hoje.

Já participamos do Dia da Malvadeza no ano de 1957.

Em 1967, conversando com dois senhores italianos residentes em Olímpia: D. Maria Rosa Chieza, de 89 anos de idade, residente na rua Síria, 1288, natural da cidade de Montelungo e com o senhor Avolinto Speriorin, de 80 anos, residente na rua São João, n.º 122, nascido na divisa entre Vicença e Pádova, numa casa situada sobre o rio Brenta; ambos radicados no Brasil há muitos anos, informaram-nos que na Itália o dia da Malvadeza é também rural.

Talvez tenhamos recebido influência dos italianos imigrados para nossas terras. Quem sabe?

GUARDA SANTÍSSIMA

Na noite de Domingo de Ramos principia-se a cerimônia da “GUARDA SANTÍSSIMA” e estende-se até a meia-noite da Sexta-feira Santa. Assistimos a este ritual, no transcorrer da Semana Santa, em Ribeiro dos Santos, distrito de Olímpia. Reúnem-se pessoas amigas e católicas para a celebração do terço, o qual se realiza quotidianamente. O local da reza é sempre a casa de uma pessoa devota à religião e isto se realiza em cumprimento a uma promessa. Nesta semana consagrada a este culto, as imagens serão cobertas com pano preto ou pano roxo.

Na sala poderá aparecer na parede o crucifixo, que permanecerá coberto até ao fim da Semana Santa, quando há a celebração da Páscoa.

O terço é rezado à moda popular, com hinos do Folclore Religioso e pode ser “tirado” por um capelão ou “capelona”. De todas as rezas cantadas, este merece destaque especial:

HINO DA SEMANA SANTA



- 1 — Segunda-feira santa
Onde a Senhora estava?
Com seu filho no ventre
Bendita sejais
Bendita sejais
Senhora das Dores
Rainha dos Anjos
C'roada de flores.
- 2 — Na terça-feira santa
Onde a Senhora estava?
Com seu filho no braço
Bendita sejais, etc.
- 3 — Na quarta-feira santa
Onde a senhora estava?
Com seu filho no colo
Bendita sejais, etc.
- 4 — Na quinta-feira santa
Onde a senhora estava?
Com seu filho doente
Bendita sejais, etc.
- 5 — Na sexta-feira santa
Onde a Senhora estava?
Com seu filho morto
Bendita sejais, etc.
- 6 — No sábado de Aleluia
Onde a Senhora estava?
Com seu filho no esquíbio (esquife)
Bendita sejais, etc.
- 7 — Domingo de Páscoa
Onde a Senhora estava?
Com seu filho no céu
Bendita sejais, etc.

Na Sexta-feira da Paixão, após o terço, as pessoas passam grande trecho da noite, sem dormir. A imagem do Senhor Crucificado, ainda coberto com pano preto, permanece à visitação, na sala de orações. Todos que guardam o corpo do Senhor Morto, neste mesmo tempo, rezam, silenciosamente, suas orações. Esta guarda é feita até à 1 hora da madrugada (hora em que os galos cantam) ou à primeira hora do Sábado Santo (para eles, Sábado da Aleluia). Nessa hora as pessoas poderão dormir, para as 10 horas, ao som de Aleluia, descobrirem a imagem do Senhor Ressuscitado. E, assim, termina o ritual da GUARDA SANTÍSSIMA.

No ano de 1967, participamos deste ritual, na residência do ribeirense, senhor Osório Batista Marques, moço cultivador de todas as tradições religiosas, apesar de novo, ainda: 36 anos.

PROCISSÃO DO SENHOR MORTO

É um verdadeiro plebiscito de fé a Procissão de Nosso Senhor Morto ou Procissão do Enterro que na noite

de Sexta-feira Santa desfila na cidade de Olímpia, nos seus distritos e em algumas capelas dos bairros rurais. O povo do Município de Olímpia tem por natureza a missão de manter vivas as tradições compensando, de certo modo, a secularização das concentrações urbanas. A Procissão de Jesus Morto nivela todas as camadas sociais e reúne até mesmo não praticantes ou adeptos de outros credos, num corte vertical da comunidade.

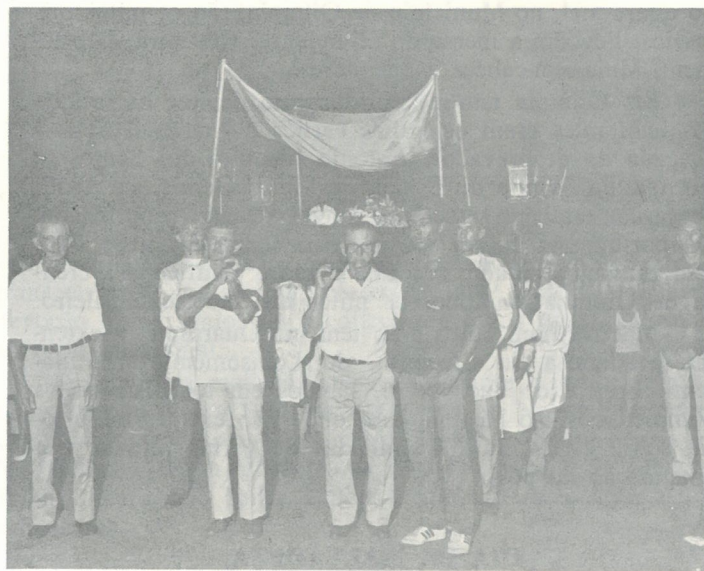
Embora os costumes tenham evoluído e o progresso científico tenha trazido inovações, os pendores religiosos do povo não se modificaram; apenas diminuíram de intensidade.

Em 1960, o Concílio anunciou nova liturgia, colocando em segundo plano várias manifestações religiosas, inclusive as procissões. Tudo em função da evolução dos costumes religiosos.

É certo que liturgia não é folclore, mas o folclore, como ensina a Igreja, não se incompatibiliza com ela e pode até enriquecê-la.

Assim vale notar os costumes antigos ligados à Sexta-feira Santa. Referimo-nos à representação ao vivo das figuras bíblicas, em particular a do Enterro do Senhor, que precede a grande manifestação de fé. Procede-se como nas representações medievais, onde personagens de carne e osso, pessoas comuns, notadamente jovens, tomam o lugar de imagens estáticas.

O povo, tanto no passado como na época atual, solidariza-se com o sofrimento de Jesus Cristo e como Ele espera a Ressurreição, no Domingo de Páscoa.



SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO EM RIBEIRO DOS SANTOS

Ribeiro dos Santos, cidade pequena, é distrito de Olímpia, distante 16 quilômetros do distrito-sede. Nasceu numa área de 12 alqueires, desmembrada do distrito de Bagaçu e que se chamou Vila Irano, em homenagem à família do Sr. Miguel Irano, doador das terras para a constituição do patrimônio sob a égide de Santo Antônio de Pádua. A povoação conservou o nome de Vila Irano até quando o distrito passou a chamar-se *Ribeiro dos Santos*, em homenagem ao Doutor Gabriel Ribeiro dos Santos, engenheiro da Estrada de Ferro São Paulo-Goiás (SPG), pessoa zelosa que se encarregou do traçado da companhia que cortou a Vila e que contribuiu para o seu progresso, que se encontrava àquela época em um período de estacionarismo que realmente contrastava.

A povoação oferece um aspecto agradável e metódico. Suas ruas são alinhadas e planas. Somente o centro é calçado com paralelepípedos. Os prédios, ainda que pouco importantes pela maior parte, são construídos com re-

gularidade. Levanta-se na Praça Miguel Irano, em terreno plano e calçado com pedras portuguesas, brancas, ornadas com pedras pretas, formando desenhos estrelários e passeriformes, a igreja de Santo Antônio de Pádua, edifício singelo, mas que não deixa de ter sua modesta elegância. A Praça está belissimamente adornada de árvores floríferas, que produzem abundante sombra e de canteiros de onde pendem os cálices de variadas flores, muitas delas perfumadas.



É uma povoação tão digna de sua solicitude e interesse, que se faz necessário o auxílio e amparo no justo e santo anelo que a impele ao futuro e ao progresso.

Tenho empenhado todos os meus esforços para obter a maior soma de dados acerca das manifestações folclóricas do distrito de Ribeiro dos Santos. O folclore tem a magia que fascina os meus pensamentos, pois de algum modo entra em sintonia com o desejo mais profundo de resguardar tradições internas que eu não sei muito bem definir, mas norteiam muitos dos meus comportamentos.

Graças ao espírito religioso de tão prestimosos cidadãos, Ribeiro dos Santos mantém a Procissão de Nosso Senhor Morto, fenômeno religioso e folclórico, súplica de uma fé que não se abala diante de mudanças revolucionárias nos usos e costumes, dificuldades, trabalho pesado e da própria crise de identidade do estabelecimento eclesiástico. É importante trabalho que mostra o povo, movido pela fé, ao redor do Senhor Morto, atitude a que dispenso muito interesse e dedicação.

Não farei a descrição dessa cerimônia referente à Paixão de Cristo, sem dirigir, primeiramente, os meus agradecimentos à coletividade católica ribeiro-santense, aos párocos Frei Francisco Aparecido Rodrigues, revendíssimo vigário da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, da Paróquia de Olímpia, à qual está vinculada a Igreja de Santo Antônio, de Ribeiro dos Santos, e a seu coadjutor, Frei Lázaro José da Silva, brasileiros hábeis que abrem campo para a incorporação do folclore à própria liturgia renova-

da e a conseqüente valorização humana dos figurantes da Procissão do Enterro de Jesus. Em especial, dirijo meus agradecimentos ao casal José Hermínio (Marilei) Correia da Silva, a quem devo, além de uma recepção obsequiosa, os meios de ter obtido as informações que, porventura, podem dar algum valor a este trabalho.



Dia 1.º de abril de 1988. É Sexta-feira da Paixão. O templo de Santo Antônio de Pádua, de Ribeiro dos Santos, permaneceu o dia todo aberto, para as cerimônias do Senhor Morto: a guarda Santíssima da imagem de Jesus e o rito da adoração e beijo da cruz.

BEIJAMENTO DA CRUZ

As três horas da tarde, na Sexta-feira Santa, o povo encontra-se reunido na Igreja. Se naquele dia foi programada a vinda do sacerdote, é ele quem dirigirá os trabalhos. Em caso contrário, quem dirige as atividades é uma pessoa leiga, porém, autorizada.

A Cruz que abrirá a Procissão, até então coberta com pano roxo, será provisoriamente descoberta para ser beijada pelos fiéis, que dobram os joelhos e tocam com eles o solo, em sinal de adoração e reverência.

Os fiéis, em fila, um por um, beijam a Cruz. Durante o ósculo é entoado este hino:

BEIJAMENTO DA CRUZ



- 1 — Chegai, ó pecador,
Beijai a Santa Cruz,
No céu acharás
Coração de Jesus.
- 2 — Jesus nos prometeu
Que houvera de salvar
Todos os devotos
Que a Santa Cruz beijar.
- 3 — Ajoelhai, pecador,
Que a morte virá,
Não se sabe quando
Nem quando será.

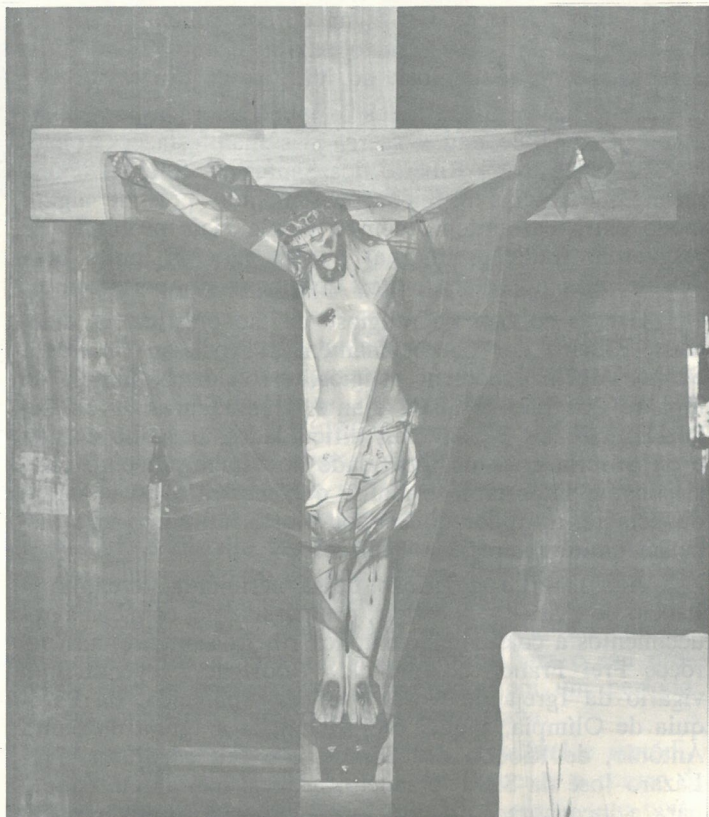
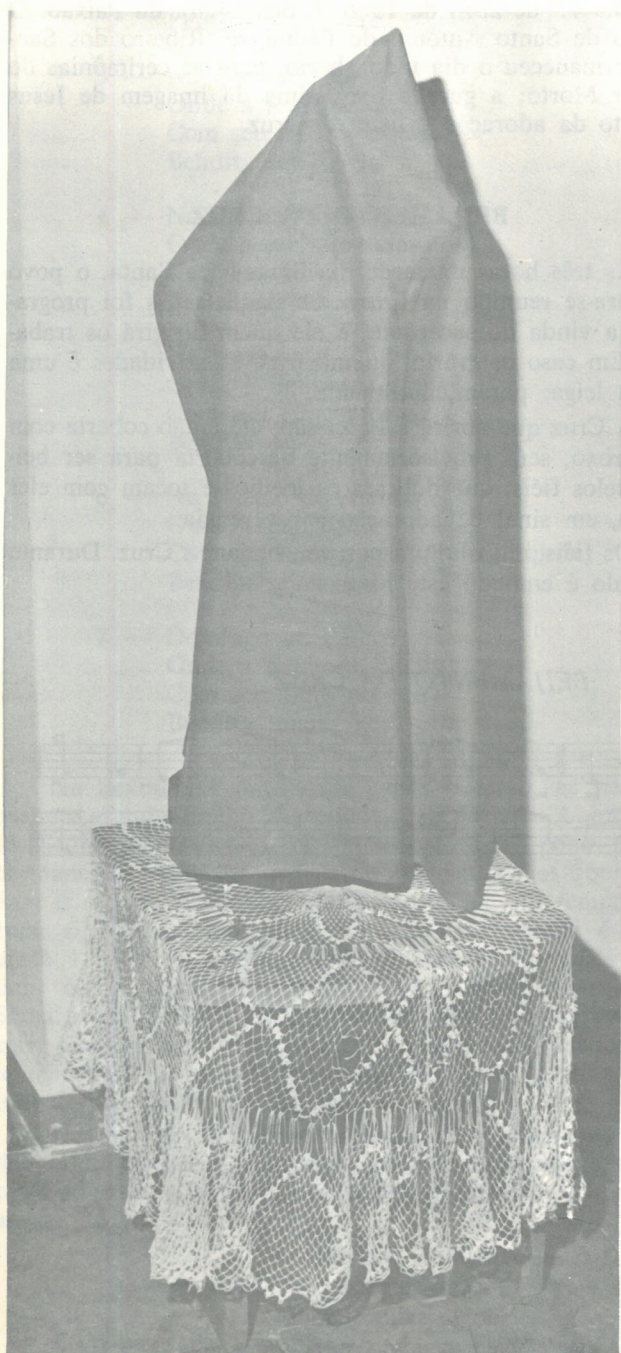


Reina um silêncio absoluto na cidadezinha. Fala-se baixo. Pisa-se delicadamente. Carros não buzina. Usam-se roupas discretas. Não há consumo de bebidas alcoólicas. Muitas pessoas não ligam seus rádios. Músicas são proibidas, com exceção da música sacra que é executada com muita discrição. Desde o quinto domingo da Quaresma — Domingo da Paixão ou Domingo de Lázaro — assinala-se o início do tempo da paixão. Neste período, na Igreja de Ribeiro dos Santos a cruz e as imagens estão cobertas com pano roxo. A cruz, porque nesses dias, Cristo se ocultou e não caminhava nas ruas abertamente entre o povo. As imagens, porque não parece conveniente que os discípulos se apresentem quando o Mestre está escondido.

A Igreja fica repleta de fiéis, que acompanham, com extrema religiosidade, as cerimônias de Cristo Morto, que são, sem dúvida, a consagração do espírito altamente cristão do povo ribeiro-santense.

São seis horas da tarde. Pelas ruas e estradas vizinhas, vindos das fazendas e sítios, caminham homens, mulheres e crianças. Uns vêm a pé, outros a cavalo, de bicicleta, de carrinho, de charrete, de trator ou de automóvel, e estacionam no adro da Igreja. Todos têm o mesmo objetivo: desfilar no caudal humano pelas principais ruas, rememorando o enterro de Cristo Jesus. Neste dia não se tocam os sinos em sinal de luto.

Ribeiro dos Santos é uma povoação de caráter monótono. No entanto, uma numerosa população nela se aninha no dia de Sexta-feira Santa e me admira como tanta



gente faz tão pouco rumor. Gradativamente os artistas locais chegam à Igreja para a encenação da Procissão do Enterro de Cristo.

São sete horas da noite. Os últimos raios do sol, inundando a atmosfera de vagos lampejos de luz melancólica, casam-se ao doce e meigo clarão da lua, que na sua quase plenitude se ergue esplêndida no azul imaculado do firmamento. Nem uma nuvem, um ponto, uma mancha se descobre no horizonte, onde apenas refulgem tímidas, uma ou outra estrela solitária.

Que poética tristeza a dessa hora tão santa, que nos traz aos olhos lágrimas involuntárias, pois confundem-se as sensações da alma com o sentimento religioso.

Os organizadores do grande encontro religioso começam a dar ordens aos fiéis e "artistas", para a saída do cortejo do enterramento, revivido em toda sua plenitude e força religiosa — uma das mais gratas tradições da Igreja — apresentadas conforme relatam os evangelistas e somadas à criatividade do povo.

A PROCISSÃO

A Procissão do Senhor Morto, com personagens representativas de figuras bíblicas, foi realizada pela primeira vez, no distrito de Ribeiro dos Santos, em 1971, por iniciativa dos membros da diretoria da Igreja, na época, os casais Luís Gonçalves e Dorvalina Franzin Gonçalves, Alaor Viana e Conceição Duarte Viana e seus companheiros de trabalhos religiosos.

As primeiras indumentárias foram confeccionadas pela senhora Helena Lucinda Cipriano Pereira, bem como os ensaios do coral, principalmente o canto de Verônica. A imagem de Cristo morto, ainda hoje utilizada na Procissão, foi doada pela senhora Francisca de Oliveira Galiente.

A princípio tudo foi muito difícil quanto à aquisição das roupas para as personagens. E isso só foi possível depois que a diretoria realizou um leilão de prendas (quitutes e doces), no extinto coreto da Praça Miguel Irano.

As personagens, pessoas simples da cidade, atuam com dedicação e orgulho, sendo grande o interesse de muita gente em vir, um dia, a participar do elenco.



ABERTURA DA PROCISSÃO

Organizam-se duas filas, cada uma iniciada por um rapaz vestido de camisa branca, com um cordão branco amarrado à cintura. Levam, à destra, três flores roxas entre ramos de cipreste, enlaçados com fitas, formando um conjunto de sete cores. As pessoas se colocam umas atrás das outras, constituindo duas enormes paredes da procissão. Ao centro, um cruciferário conduz a santa cruz, de 1,60 m, coberta por um véu roxo, porque Cristo já não está mais ali. Na cruz lê-se a sigla I N R I — Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus), que constituía a parte latina do título, isto é, a inscrição com a causa da sentença de morte, que pregaram na cruz

por sobre a cabeça de Jesus. Segundo o evangelista João (19, 20) "foi escrita em hebreu, grego e latim".

A direita e à esquerda da cruz, seguem dois rapazes, cada um carregando uma lanterna feita de folha galvanizada (pintada de vermelho) e vidros, na qual se põe uma vela ao abrigo do vento.

O cruciferário e os lanterneiros vestem-se do mesmo modo que os vanguardeiros.



Vanguardeiros: Fernando Faustino, 15 anos e Adélson Luís Davi, 17 anos.

Cruciferário: Inácio Duarte Neto, 9 anos.

Lanterneiros: Rodrigo Correia da Silva, 9 anos e Marcelo Sant'Ana, 9 anos.

ACOMPANHAMENTO ANGELICAL ANJINHOS DA GUARDA

Após a abertura da Procissão segue a falange dos Anjinhos da Guarda.

Embora a existência de anjo da guarda para cada indivíduo não seja dogma de fé, encontra apoio nas Sagradas Escrituras, no Salmo 90, versículos 11 e 12, entre outras passagens:

"Em teu favor dará ordem aos seus anjos,
Que te guardem em todos os teus caminhos;
Levar-te-ão nas suas mãos
Para que na pedra não tropecem os teus pés".

Mas, nesta Procissão, Anjinhos da Guarda são as crianças que representam os anjos protetores de cada homem. São, portanto, anjos guardiães, simulando o papel do Anjo Custódio.



As crianças para essa representação usam vestes brancas e aladas, e parecem pequenos querubins barrocos que querem voar definitivamente para o céu, diante daquela imensidão de pessoas que revelam semblantes entristecidos.

As crianças, sem distinção de ricas e pobres, sentem-se gratificadas por estarem sendo úteis à sua comunidade religiosa, apesar da tenra idade cronológica.

Andam, os mais velhos, de mãos dadas aos mais novos; facilmente se cansam e pedem água para beber. Alguns mostram fisionomia sonolenta e cheia de frio, apesar do calor reinante.

Ao término da Procissão, quando esta é recolhida na Igreja, os anjinhos já pedem aos pais uma vareta de algodão doce ou um sorvete, sempre à venda, ao lado da igreja. E, ali mesmo na Praça pública, com água de torneira, as mães lavam o rosto e as mãos desses anjinhos gulosos, com muito cuidado, para não lhes sujarem as vestimentas.

Anjinhos da Guarda: Anderson José Selete, 6 anos; Andressa Batista da Costa, 6 anos; Carolina Correia da Silva, 5 anos; Daiane Cristina Matos, 5 anos; Diego Antônio Duarte, 3 anos; Flaviana Alessi dos Santos, 6 anos; Igor Antônio Duarte, 2 anos; Jucinei Polizer Pimenta, 7 anos; Juliana Íria Gobato, 6 anos; Naiara Fernandes Pereira, 6 anos e Renato Flávio Santana da Silva, 5 anos.

SAMARITANA

Alguns passos atrás desfila a Samaritana. Está de vestido cor-de-rosa, véu e faixa marrons. Segue, muito entristecida, carregando uma moringa.



Samaritana é a mulher a quem Jesus afirmou que os judeus tinham o culto legítimo ao passo que o dos samaritanos era imperfeito, pois, se privaram de muitas revelações ao se separarem da autoridade legítima de Jerusalém.

Os discípulos se maravilharam de que Jesus estivesse falando com uma mulher, porque os mestres não fala-

vam em público com mulheres, nem mesmo com as esposas e filhas, por serem consideradas inferiores.

Essa samaritana que tinha ido à fonte de Jacó tirar água, encontrou-se com Jesus sentado sobre a borda do poço e ambos travaram importante diálogo. Depois de muitos esclarecimentos dados por Cristo, ela deixou o seu cântaro e foi à cidade dizer aos homens que fossem ver e ouvir Cristo.

Samaritana: Calisse Aparecida Castanha, 19 anos.

VERÔNICA

Na seqüência, mantendo pequena distância, apresenta-se Verônica. Aparece vestida de preto e com véu também preto, cobrindo o rosto. Enquanto entoa as lamentações, desenrola e enrola novamente o santo Sudário, de cor branca, no qual está impresso o rosto de Cristo, corado de espinhos.

Canta no início, durante e ao término da procissão, chamando os pobres mortais ao arrependimento e à compunção.

Junto de Verônica vão dois rapazes: à direita, o tocador de matraca, instrumento feito com uma tábua retangular central e duas outras tábuas moveiças de ambos os lados, e um outro, à esquerda, transportando uma cadeira. Ambos estão trajados de camisa branca, ajustada à cintura por um cordão também branco.

A matraca serve para dar o sinal de silêncio à hora do canto, executado, primeiramente, à porta da igreja, à saída da procissão e, sobre a cadeira, em todas as esquinas das ruas por onde passa o cortejo. Canta, finalmente, à porta da Igreja, antes do sermão da Paixão.

A letra é em latim, o canto é monótono, triste e de poucas palavras. O latim, desde o século III, foi empregado como língua oficial da igreja ocidental e permaneceu até quando o Concílio do Vaticano liberalizou o uso do vernáculo, nas missas rezadas e cantadas.

CANTO DA VERÔNICA



Oh vos omnes
Oh vos omnes
Qui transitis
Per viam.
Attendite,
Attendite,
Si est dolor
Sicut dolor meus.

(Ó todos vós/Ó todos vós/Que passais/Pelo caminho/
Vede/Vede/Se há dor/Como a minha dor.)

O canto de Verônica é entoado em escala menor antiga (modo eólio) que, certamente, foi levado pelos mouros à península ibérica. Os portamentos que Verônica faz, evidenciam essa influência pela mutabilidade cromática obtida nesta forma de canto, porque muda de tonalidade em razão dos glissandos contínuos. Começa em fá sustenido menor e termina em sol menor.

Em seguida, as três Marias completam o canto com um singelo refrão.



Segundo uma lenda, uma mulher chamada Verônica teria mandado pintar o retrato de Jesus durante sua vida terrena. Uma outra lenda diz que teria ela acompanhado Nosso Senhor em seu caminho para o Calvário e ter-lhe oferecido o véu para limpar o rosto. Jesus teria premiado o ato, deixando impresso seu retrato no véu que teria sido levado para Roma, no ano 700, e colocado entre as relíquias de São Pedro. A palavra *verônica* designa inicialmente algum quadro de Jesus como sendo a *vera eicon*, isto é, a *verdadeira imagem* que o povo depois transformou em nome próprio.

Santa Verônica é a padroeira das fiandeiras.

Verônica: Edna Teresinha Fernandes Pereira, 26 anos.

Matraqueiro: André Luís Bearare, 12 anos.

Portador da cadeira: Leandro Fernandes Duarte, 11 anos.

TRÊS MARIAS

Após Verônica, não muito distante dela, acompanham as três Marias, melancólicas, conduzindo os símbolos (sagrados) do padecimento de Cristo no madeiro. Caminham, emparelhadas, horizontalmente.

A do centro está vestida de roxo, com véu azul, transportando a sagrada coroa de espinhos, um entrelaçado feito de espinhos que foi posto na cabeça de Cristo durante sua paixão, para zombar de sua realeza.

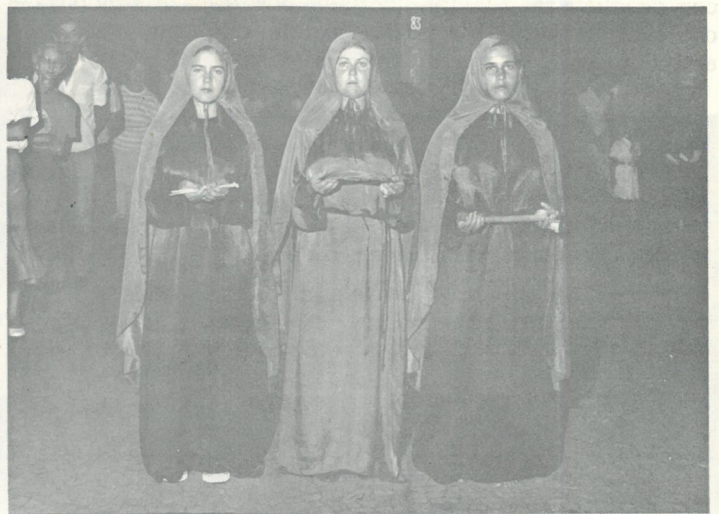
As duas outras Marias estão trajadas de vestido preto e véu azul. A que está do lado direito leva os cravos santos, três longos pregos quadrados com que fixaram Nosso Senhor à cruz: um em cada mão e outro no pé direito sobre o esquerdo. A que se posiciona do lado esquerdo, carrega o martelo santo, instrumento de ferro utilizado para fixar as mãos e os pés de Nosso Senhor na cruz. Esses símbolos são, segundo a tradição, enquanto representativos do suplício de Jesus, considerados santos, porque tocaram em seu corpo e ficaram manchados com o precioso sangue inocente de Cristo.

Após o canto da Verônica, as três Marias completam-no com o dístico:



Heu!, Heu!, Domine,
Salvator Noster.
(Ó!, ó!, Senhor/Nosso Salvador)

bis



Há, até mesmo entre os exegetas da Bíblia, dificuldades em esclarecer sobre as três Marias, que tradicionalmente participam do cortejo da simulação do enterro de Nosso Senhor.

Entre as divergentes e controvertidas hipóteses estão:

1.^a hipótese:

Maria, mãe de Jesus; *Maria de Cleofas*, irmã da mãe de Jesus, isto é, sua prima, pois em hebraico a palavra tem um sentido mais alto, e *Maria Madalena*.

2.^a hipótese:

— *Maria de Betânia*, irmã de Lázaro e de Marta. Foi louvada por sua preocupação em se instruir nas coisas de Deus. A morte de Lázaro tocou-a profundamente. Seis dias antes da Páscoa ungiu a cabeça e pés de Jesus na casa de Simão Leproso. Jesus defendeu essa sua ação de amor devotado e profetizou que essa ação seria falada em todo o mundo. Julgam alguns ser a mesma *Maria Madalena*.

— *Maria de Cleofas*, prima da Virgem Maria. Segundo uns seria a mãe de Tiago (o menor), José, Simão e Judas Tadeu e esposa de Cleofas, também chamado Alfeu.

Segundo outros, são duas pessoas com o mesmo nome: uma irmã de São José, seria a esposa de Alfeu e mãe de Tiago (o menor) e José. A outra seria a cunhada de São José por ser casada com Cleofas, irmão de São José, e mãe de Simão e Judas Tadeu.

Como quer que seja, uma *Maria de Cleofas* e uma *Maria, mãe de Tiago*, aparecem nos Evangelhos como tendo acompanhado o Senhor até o Gólgota e preparado os aromas para embalsamá-lo, e estão entre as primeiras testemunhas de sua ressurreição.

3.^a hipótese:

As três Marias são uma única Maria, ou seja, Maria filha de Joaquim e Ana, nas diferentes situações:

— *Maria*, esposa de José, mulher consagrada e escolhida por Deus para ser “vaso de bênção” (nascimento de Jesus).

— *Maria*, mãe de Jesus, dedicada e submissa aos planos divinos.

— *Maria*, orientadora da igreja, mãe adotiva dos apóstolos e servicial do Evangelho.

Maria (à direita): Cássia Aparecida Miranda, 15 anos.

Maria (ao centro): Joana Aparecida Castagno, 22 anos.

Maria (à esquerda): Andréia Aparecida Campos, 18 anos.

MARIA MADALENA

Sucede as três Marias, a personagem que representa *Maria Madalena*. Está de vestido azul e faixa transversal

cor de abóbora. Ela foi libertada por Jesus e simboliza o arrependimento. Durante o séquito está com as mãos em adoração.



Maria Madalena, de Magdala, cidade da margem ocidental do Lago de Tiberíades. Foi convertida por Jesus que dela expulsou sete demônios. Mostrou-se reconhecida e serviu a Jesus no grupo das mulheres santas. Acompanhou Jesus até o Gólgota e foi uma das primeiras a vê-lo ressuscitado. Julgam alguns que seja a mesma Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro.

Maria Madalena: Maria Edinalva de Oliveira, 24 anos.

JOÃO EVANGELISTA, JOSÉ DE ARIMATEIA E NICODEMOS

Continua a procissão com os representantes de João Evangelista, José de Arimatéia e Nicodemos.

João Evangelista veste-se com túnica cinza, capa marrom e cordão azul na cintura. Conduz uma Bíblia, aberta no Evangelho de sua autoria.

José de Arimatéia está de túnica verde, capa marrom e cordão vermelho na cintura. Carrega no braço direito um lençol branco de linho.

Nicodemos aparece de túnica marrom, capa verde-escuro e cordão amarelo na cintura. Transporta um vidro de aroma.

As três personagens se dispõem no formato de um triângulo equilátero, que chamaremos triângulo ABC, estando João Evangelista no vértice A, José de Arimatéia no vértice B, e Nicodemos, no vértice C.



— João Evangelista, o discípulo e apóstolo predileto de Jesus, era irmão de Tiago e filho de Zebedeu e Salomé. Foi discípulo de João Batista e autor do quarto evangelho, que relata, com mais informações, a Paixão de Cristo.

— José de Arimatéia era membro do Sinédrio e discípulo oculto de Jesus. Recusou aprovar a condenação de Cristo. Depois da crucifixão conseguiu de Pilatos o corpo de Jesus que envolveu num lençol de linho branco e depositou no sepulcro que mandara cavar para si, na rocha.

— Nicodemos era fariseu de certa importância que se fez discípulo de Jesus Cristo. Foi o único judeu a defender Jesus quando o Sinédrio tramava sua prisão. Após a crucifixão, ajudou José de Arimatéia a preparar o corpo de Jesus para a sepultura.

João Evangelista: Davi Gonçalves Dias, 47 anos.

José de Arimatéia: Éder Roberto Fernandes Pereira, 21 anos.

Nicodemos: Ocimar Duarte, 23 anos.

SÃO JOSÉ E NOSSA SENHORA

Também presentes no cortejo estão os pais de Jesus: São José e Nossa Senhora.

Embora os Evangelhos nada digam a respeito, tem-se conhecimento, através da História, de que José falecera bem antes da Paixão de Jesus. Mesmo assim, ele é revivido na Procissão do Enterro de seu amado Filho.

São José está de túnica cor de vinho, faixa transversal verde e cingulo roxo. Leva um cajado na mão direita e, na mão esquerda, uma machadinha, como símbolo de sua profissão: carpinteiro.

Nossa Senhora está de vestido azul, véu também azul com orla de renda branca e cordão franciscano de cor azul.



— Quando José desposou a Virgem Maria, contava já cinqüenta anos.

Ignora-se onde e quando morreu São José, mas sabe-se que morreu com avançada idade, muito antes da crucificação de Jesus, seu querido filho putativo.

Segundo uma lenda que se tradicionalizou, conta-se que quando se tratou de dar esposo a Maria, filha de Joaquim e Ana, muitos foram os que se apresentaram, pretendendo a sua mão de esposa. A escolha estava difícil, pois entre os pretendentes havia moços de grandes méritos e boa posição. Foi resolvido, então, o seguinte: cada um dos aspirantes à mão da Virgem plantaria seu cajado, em lugar previamente escolhido. Aquele cujo cajado brotasse no chão, e criasse raízes primeiro, seria eleito e desposaria Maria de Nazaré. E foi o bastão de José,

o carpinteiro, que apareceu florido, convertendo-se o humilde operário em esposo de Maria.

Por esta razão que a imagem de São José é representada, levando ele na mão um cajado em cuja extremidade vicejam açucenas. A açucena é uma flor popularmente conhecida por palma-de-são-josé, bastão-de-são-josé, copo-de-leite e lírio branco.

— De acordo com os textos evangélicos Maria (Miriam, Mariam), nome de significado incerto, era uma jovem muito virtuosa, que morava com seus pais, em Nazaré. Casou-se com o carpinteiro José. Maria recebeu a visita do anjo Gabriel, anunciando que ela seria a mãe do Salvador. A Virgem Maria são oferecidas devoções como o Santo Rosário, As Sete Dores, O mês de Maria e outras. A Igreja comemora os principais fatos de sua vida, nas chamadas: Anunciação, Visitação, Imaculada Conceição, Natividade, Purificação, Apresentação e Assunção. Maria nasceu em Jerusalém, possivelmente no ano 20 aC. Seus pais eram Joaquim e Ana. A vida de Maria foi toda passada junto de seu filho, quando este se viu perseguido e escarnecido, a divina Mãe sofreu os maiores tormentos vendo-o maltratado.

Acompanhou o seu Filho, banhada em pranto, até o Calvário, e ali, assistiu com grande dor, à crucificação e morte de Jesus.

Supõe-se que Maria falecera com a idade de 70 anos, acreditando-se que o seu falecimento tenha ocorrido em Éfeso.

São José: Orivaldo Saquetim, 33 anos.

Nossa Senhora: Célia Regina da Silva Mendes, 18 anos.

O ESQUIFE DE CRISTO

Esta é a principal cena da Procissão. Lembra o lutuoso sepultamento de Jesus. Há muita demonstração de fé e respeito e, inclusive, lágrimas de muitos acompanhantes. O ambiente se enche de tristeza, de quietude e de melancolia.

O esquife com a imagem do Senhor Morto vem coberto de flores, oferecidas pela comunidade religiosa, as quais serão bentas após a Procissão, para serem distribuídas ao povo.

É conduzido, aos ombros, por quatro pessoas da comunidade, geralmente homens, que cumprem promessa. O esquife vem recoberto por pálio (sobrecéu portátil, sustido por varas), amarelo, transportado por quatro pessoas de camisa e cingulo brancos. Outrora era levado pelos irmãos de opa, pertencentes a confrarias da Igreja.

Acompanham o ataúde quatro jovens, dois à direita e dois à esquerda, também de camisa e cordão brancos, carregando lanternas acesas para maior profusão de luz ao lúgubre acontecimento. É cena de completo nevoeiro de tristeza, de recolhimento, de piedade.

Logo depois do esquife vai um outro matraqueiro, com traje idêntico ao do primeiro, estalando seu instrumento, nas paradas de Verônica, arrepiando a pele do cristão. A matraca é acionada ao mesmo tempo que a do primeiro matraqueiro, exigindo silêncio, para ouvirem Verônica. Quem se rebela contra essa atitude de silêncio é considerado um "judeu".



MORTE E ENTERRAMENTO DE JESUS

MORTE — E depois chegaram ao lugar que se chama Calvário, que é a forma latinizada do aramaico Gólgota, que quer dizer crânio.

Ali o crucificaram a ele, e aos ladrões, um à direita e outro à esquerda. E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Dividindo, porém, os seus vestidos, sortearam-nos. Entretanto, estava o povo olhando para ele e os príncipes dos sacerdotes, com o povo escarneciam, dizendo: Quem salvou aos outros que se salve a si, se este é o Cristo escolhido de Deus. E da mesma sorte o escarneciam os soldados, chegando-se a ele, e oferecendo-lhe a beber vinagre (isto é, a "posca" dos soldados romanos, água com um pouco de vinagre), e dizendo: Se tu és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. E estava também sobre ele um título, escrito em letras gregas, e latinas, e hebraicas, o qual dizia: Este é o rei dos judeus.

E um daqueles ladrões, que estavam dependurados, blasfemava contra ele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós outros.

Mas o outro respondendo, o repreendia, dizendo: Nem ainda tu temes a Deus, estando no mesmo suplício. E nós outros o estamos na verdade justamente, porque recebemos o castigo que merecem as nossas obras: mas este nenhum mal fez. E dizia a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino! E Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo: que hoje serás comigo no paraíso. Era então quase a hora sexta (meio-dia), e toda a terra ficou coberta de trevas até à hora nona (três horas da tarde). Escureceu-se também o sol e rasgou pelo meio o véu do Templo. E Jesus dando um grande brado, disse: Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito. E dizendo estas palavras, expirou (Lucas 23, 33-46).

(A tradição nos ensina ser Dimas o nome do bom ladrão e Gestas, o do mau).

ENTERRAMENTO — E depois disto José de Arimatéia (pois que era discípulo de Jesus, ainda que oculto por meio dos judeus) rogou a Pilatos que o deixasse tirar o corpo de Jesus. E Pilatos lhe permitiu. Veio pois, e tirou o corpo de Jesus. E Nicodemos, o que havia ido primeiramente de noite buscar a Jesus, veio também, trazendo uma composição de quase cem libras (isto é, 32 quilos e setecentos gramas) de mirra e aloés. Tomaram pois o corpo de Jesus, e o ligaram envolto em lençóis depois de embalsamado com aromas da maneira que os judeus têm por costume sepultar os mortos. No lugar, porém, em que Jesus fora crucificado havia um horto e neste horto,

um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado. Portanto em razão de ser o dia da preparação dos judeus, visto que este sepulcro estava perto, depositaram nele a Jesus. (João 19, 38-42).

Jesus: Imagem estática.

Sustentadores do púlio: Luís Fernando Pércio, 16 anos; Geraldino Socorro Martins, 18 anos; Gilmar Rodrigues de Oliveira, 12 anos e Luís Henrique Pereira Pinto, 15 anos.

Lanterneiros: Olívio Atílio Castanho Júnior, 10 anos; Juliaño Rodrigo Matos, 11 anos; Márcio Gleique Sant'Ana, 12 anos; e Rogério Gonçalves Dias, 12 anos.

Matraqueiro 2.º: Cláudio Luís Carvalho, 15 anos.

JUDAS ISCARIOTES

Alguns metros após o caixão mortuário de Cristo, depois do 2.º matraqueiro, segue a figura que representa o traidor, Judas Iscariotes. Está vestido de calção preto, camiseta vermelha (preto e vermelho juntos representam o mal), superpostos por um saiote de fitas e uma blusa de alças, tipo dalmático, de cor verde clara. Usa um capacete romano, sandálias marrons (romana) e traz à cintura uma sacola de couro, marrom com um cifrão desenhado na cor branca, simbolizando a ganância, a ambição e, à mão direita, uma seta, símbolo da maldade.



Judas Iscariotes só recebeu bons conselhos de Jesus, mas gostava muito do luxo, da ostentação, das riquezas e, então, propôs o negócio maldito a Caifás e disse que os soldados romanos fossem ao bosque das Oliveiras à noite. O homem que ele beijasse seria o procurado. E recebeu uma sacola de dinheiro: trinta moedas. Esse di-

nheiro retirou-lhe o sossego. Judas, com remorso, começou a ficar abatido e foi procurar castigo com as próprias mãos, enforcando-se em um laço.

Judas Iscariotes: Milton Sant'Ana, 33 anos.

NOSSA SENHORA DAS DORES

Segue a única imagem estática — o andor de Nossa Senhora das Dores — carregado por quatro senhoras da comunidade local, pessoas fervorosas e que geralmente estão pagando promessa.

A imagem é de tamanho pequeno. Está coberta com manto azul e é carregada sobre uma charola revestida de pano e véu brancos e enfeitada com flores roxas de tonalidade clara.



— Os acontecimentos dolorosos na vida de Maria salientam bem a natureza de seu martírio espiritual e de sua compaixão — de sua associação ao sofrimento de seu divino Filho. São sete os principais acontecimentos seguintes: 1) A profecia do Simeão; 2) A fuga para o Egito; 3) A perda de Jesus no templo; 4) O encontro com Jesus no caminho do Calvário; 5) Maria ao pé da cruz; 6) A descida do corpo de Cristo da cruz e 7) O enterro de seu Divino Filho.

Maria acompanhou a procissão fúnebre e, antes de embalsamarem o corpo, para sepultamento, ela abraçou mais uma vez os sagrados restos de seu Filho morto.

Os Evangelhos não mencionam nenhuma aparição de Jesus a sua mãe no dia da Ressurreição. Contudo, o sentimento cristão cultivou sempre, com especial carinho, a crença de que Cristo apareceu, primeiramente, a Maria.

Transportadoras do andor: Alfêmia Francisca de Carvalho, Edna Maria Teixeira Mendes, Maria Angélica Selete Saquetim e Teresinha da Silva Galindo.

CORAL POPULAR

Após o andor de Nossa Senhora das Dores vêm os integrantes de um Coral Popular com participação dos fiéis nas partes cantadas da Procissão. Alguns papas inculcaram esta participação como auxílio para a piedade e como meio para os fiéis melhor compreenderem a cerimônia. As vozes são improvisadas, pois atualmente não há ensaio para essas apresentações.

A presença da mulher (soprano e contralto) é muitas vezes superior a de homens que geralmente fazem a voz "baixo".



As pessoas que acompanham em fila e que estão próximas ao Coral, também cantam, ainda que desafinadas.

Nenhum daqueles músicos em coro deixa de executar com muito sentimento, as tristes e pungitivas melodias de Sexta-feira da Paixão.

Nesses momentos as orações cantadas são fortalecidas pelo espírito, emoção e talento dos cantores que acumulam bênçãos e graças sobre o distrito de Ribeiro dos Santos.

Segue o cortejo religioso com uma intensidade de fé duplicada, pura, nobre, elevada, edificante, proporcionando ao povo um verdadeiro êxtase de paz e confiança em Cristo ressurgido.

OS APÓSTOLOS

Fechando a Procissão estão os representantes dos doze Apóstolos. Todos de túnica branca com cingulo roxo à cintura. Quatro estão com faixa transversal azul, quatro com faixa transversal vermelha e os outros quatro com faixa transversal verde-claro.

Cada apóstolo leva, à direita, um ramallete de três flores roxas, com ornato de ramos de cipreste, unidos por fitas num ornato de sete cores: amarela, azul, branca, preta, rosa, verde e vermelha. A cor roxa significa penitência e simboliza o amor à verdade; os ramos verdes de cipreste bem como a fita preta, simbolizam morte, luto e tristeza.

— A palavra apóstolo foi usada para significar os doze discípulos especiais de Cristo. Foram escolhidos por Jesus para serem testemunhas de sua Ressurreição, e foram solenemente encarregados por Ele para pregarem o Evangelho e organizarem o Reino de Deus na terra. Cristo escolheu: Pedro, André, Tiago (o maior), João, Tomé, Tiago (o menor), Judas Tadeu, Felipe, Bartolomeu, Mateus, Simão Zelotes e Judas Iscariotes.

— Judas Iscariotes era um dos doze discípulos de Jesus. Denunciou por trinta dinheiros (moeda do tempo) onde era encontrado Cristo. Depois se arrependeu e se



enforcou num laço em uma figueira, antes da morte de Cristo. Por isso, não seria necessária a presença dele entre os Apóstolos, nesta Procissão.

— João Evangelista é figura que se repete no préstito, pois já aparecera antecedendo São José e Nossa Senhora.

Contudo, foi bom que não quebrasse o quadro dos doze escolhidos pelo Mestre. Com exceção de Iscariotes, receberam “a incumbência de ensinar todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...”

APÓSTOLOS:

- Pedro:* Moisés Inácio Duarte, 25 anos.
- Tiago, o maior:* José Roberto Duarte, 17 anos.
- Tomé:* Cleinel Teixeira, 16 anos.
- Judas Tadeu:* Manuel Fernandes Pereira Júnior, 24 anos.
- Bartolomeu:* Luís Antônio Gonçalves Dias, 28 anos.
- Simão Zelotes:* José Roberto Miranda, 22 anos.
- André:* Luciano Aparecido da Silva, 12 anos.
- João:* Gilmar Antônio Buzato, 27 anos.
- Tiago, o menor:* João Maurílio de Oliveira, 20 anos.
- Felipe:* João Fausto Leme, 18 anos.
- Mateus:* Fausto Gonçalves Dias Filho, 18 anos.
- Judas Iscariotes:* Moisés Matos, 22 anos.

TERÇO

Assim que a Procissão se inicia, inicia-se também o Terço, rezado durante todo o préstito.

Há muitos anos quem o dirige é a senhora Escolástica (D. Ica) da Silva Fernandes. Neste ano de 1988, o terço foi celebrado pelo reverendíssimo Frei Lázaro. É terço popular. Após cada mistério, há a entoação do trecho de um hino popular, do ciclo quaresmal, entoado

pela capela e pessoas que constituem o corpo coral e colaboram para que o cortejo sacro alcance o merecido esplendor. Contudo, o desfile sagrado torna-se mais sombrio, piedoso e invocador.

Enquanto a Verônica canta, o terço se interrompe. São hinos tradicionais desse encontro religioso:

1 — PERDÃO, MEU JESUS

Musical score for 'Perdão, meu Jesus' in 3/4 time. The lyrics are: PER - DÃO MEU - JE - SUS PER - DÃO DEUS DE - A MOR - PER - DÃO DEUS CLE - MEN - TE PER - DÃO MEU SE - NHOR - PER - NHOR -

Perdão, meu Jesus
Perdão, Deus de amor,
Perdão, Deus clemente,
Perdão, meu Senhor.

De quanto sofrestes
Fui eu causador,
Por estes tormentos,
Perdoai, Senhor.

2 — PEDOAI, SENHOR

Musical score for 'Perdoai, Senhor' in 3/4 time. The lyrics are: FA - ZEI MEU BOM JE - SUS POR VOS - SA CRUZ DO MAL ME DES - VI - E FA - ZEI MEU BOM JE - SUS QUE VOS - SA LUZ NO CÉU ME A LU - MI - E PER - DO - AI SE NHOR POR PIE - DA - DE PER DO - AI A MI - NHA MAL - DA - DE SE - NHOR AN - TES SO - FRER AN - TES MOR - RER QUE VOS O - FEN - DER -

Fazei, meu bom Jesus,
Por vossa cruz,
Do mal me desvie.
Fazei, meu bom Jesus,
Que vossa luz
No céu me alumie.

Perdoai, Senhor, por piedade,
Perdoai a minha maldade,
Senhor!
Antes sofrer, antes morrer,
Que vos ofender.

3 — PECADOR, AGORA É TEMPO

Musical score for 'Pecador, agora é tempo' in 3/4 time. The lyrics are: PE - CA - DOR A - GO - RA É TEM - PO DE CON - TRI - CÃO E DE TE - MOR SER - VE A DEUS DES - PRE - ZA O MUN - DO JÁ NÃO SE - JAS PE - CA - DOR

Pecador, agora é tempo
De contrição e de temor,
Serve a Deus, despreza o mundo,
Já não sejas pecador.

Misericórdia vos pedimos,
Misericórdia, Redentor,
Pela Virgem, mãe das dores,
Perdoai, ó Deus de amor.

4 — SANTA CRUZ

Musical score for 'Santa Cruz' in 2/4 time. The lyrics are: BEN - DI - TA E LOU - VAL - DA SE - JA NO CÉU A DI - VINA LU - Z E NÓS A - QUI NA TER - RA LOU - VE - MOS A SAN - TA CRUZ E CRUZ

Bendita e louvada seja
No céu a divina luz,
E nós aqui na terra,
Louvemos a Santa Cruz. bis

No mais alto do Calvário
Morreu nosso bom Jesus,
Dando o último suspiro
Nos braços da Santa Cruz. bis

5 — CORAÇÃO SANTO

Musical score for 'Coração Santo' in 3/4 time. The lyrics are: CORAÇÃO SANTO TU REINA - RÁS TU NOSSO EN - CAN - TO SEMPRE SE - RÁS! SEMPRE SE - RÁS! JESUS A - MÁ - VEL JESUS PIE - DO SO PAI A MO - RO SO O DEUS DE A - MOR IA TEUS PÉS VE - NHO SE TU ME DEI - XAS SENTI DAS QUEI - XAS HU MIL DE EX - POR

Coração Santo,
Tu reinarás.
Tu nosso encanto
Sempre serás.

Correi cristãos,
Vinde adorar,
Vinde louvar
O bom Jesus.

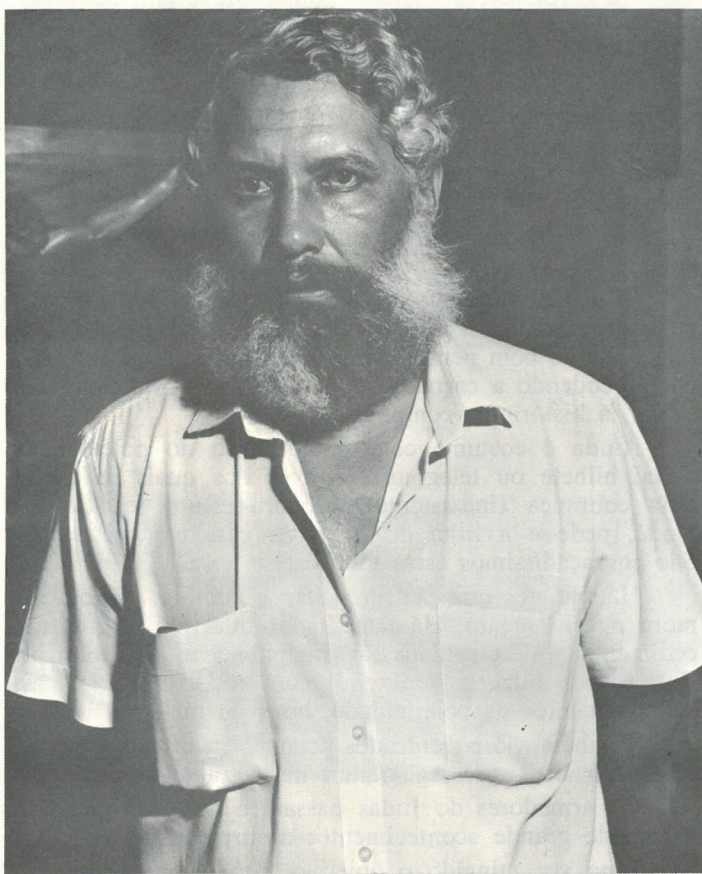
Com grande ardor,
Rendei-lhe preitos
Com os eleitos
Na eterna luz.

Ao final do terço, recitam a oração Alma de Cristo — Anima Christi — em honra de Cristo em sua paixão, de autor desconhecido cuja tradução é a seguinte:

Alma de Cristo, santificai-me,
Corpo de Cristo, salvai-me,
Sangue de Cristo inebriai-me,
Água do lado de Cristo, lavai-me,
Ó bom Jesus, ouvi-me,
Dentro de vossas chagas, escondi-me,
Não permitais que me separe de Vós,
Do inimigo maligno, defendei-me,
Na hora de minha morte, chamai-me,
E mandai-me ir para Vós,
Para que com vossos santos vos louve,
Por todos os séculos, amém.

PAGADORES DE PROMESSA

Muitas pessoas fazem promessa para ser cumprida no dia da Procissão do Senhor Morto. Problemas ligados à saúde, principalmente, são os temas centrais dos pedidos que as pessoas dirigem a Jesus. Quando não, são as mães que interferem pelos filhinhos, ainda incapazes de saber o que lhes é necessário, para curar seus males. Mãe promete vestir o filho de anjo. A palavra *anjo* quer dizer mensageiro. Usa-se esta palavra na Bíblia só para designar os puros de espíritos que atuam como mensageiros divinos. Mas os anjos a que nos referimos, são as crianças vestidas de anjos figurados por meninos e meninas, nas procissões católicas. Trajam um camisolão, asas e grinaldas bem trabalhados, verdadeiras obras de arte, nas cores branca (para ambos os sexos), azul (para os meninos) e rosa (para as meninas), desfilando, às vezes, descalças. Não podem exceder a 7 anos, para representarem os mensageiros divinos.



Acompanham a Procissão, fazendo passos miúdos, andando num ar de quem vai para o céu. Uns caminham com cara de quem está com o pé a doer, outros com o sono perto. Os mais novinhos vão dormindo, agarrados ao pescoço das mães.

Os anjos voltam para casa com a impressão daquele espetáculo triste, comovente, arrepiador.

Neste préstito quaresmal, o espetáculo nunca muda: anda-se devagar, fala-se baixo, poupa-se o riso. Há mais serenidade nos trajés, nos ornatos. O movimento se reveste de um colorido beato, distante. Perdura o costume de algumas senhoras vestirem roupas discretas: preta, cinza ou roxa e de usarem véu da mesma cor do vestido, neste séquito fúnebre.

Vêm-se acompanhantes conduzindo velas acesas, com anteparo de papel de seda, resguardando as chamas e os pingos quentes contra a mão, bem como cumpridores de promessas com os pés descalços. Nessa Procissão havia tantas velas acesas que bem poderia ser chamada de procissão do Lume.



As velas quando não consumidas totalmente durante o trajeto da procissão, serão colocadas ao pé do Cruzeiro, chantado na Praça, defronte a Igreja.

Alguns homens (moços e velhos) deixam de aparar o cabelo ou a barba, ou as duas coisas, no transcorrer da Quaresma e, somente depois de participarem da Procissão é que podem cortá-los.

ADORAÇÃO E BEIJAMENTO DO SENHOR MORTO

A Procissão, pelo caráter religioso, toma o aspecto compatível com o prestígio e o sentimento de fé e eloquente demonstração pública de religiosidade. Por isso mesmo, as menores coisas, as mais insignificantes coincidências, os acontecimentos sem importância, atuam, de um modo preponderante, no espírito do povo. O povo é imensamente supersticioso, e o ambiente da Procissão do Enterro é o maior espetáculo para o fortalecimento de crendices.

Outrora uma banda de música fechava o desfile sacro, tocando a marcha fúnebre. Há muitos anos a banda



de música não participa do séquito religioso. São percorridos, em Procissão, 9 quarteirões da cidade.

A porta da Igreja (ou no altar), o sacerdote celebra o Sermão da Paixão, ouvido com muito silêncio e atenção pelos fiéis.

Ocorrido o Sermão, o povo lota o templo para a adoração e beijamento do Senhor Morto, exposto num caixão de beleza triste, cujas flores, que serviram de enfeite, vão sendo retiradas pelos fiéis, para serem guardadas e aplicadas, no momento propício, contra todos os males. O povo passa, revezadamente, na Igreja, em vigília, até o momento da Ressurreição.



NOTA: Muitas pessoas contribuíram para a realização desse majestoso espetáculo religioso, além das que já foram mencionadas no corpo destes escritos: Alfêmia Francisca de Carvalho, Áurea da Silva Belintani, Dorvalina Franzin Gonçalves, Edméia Moreira de Oliveira, Joaquim Correia da Silva, Luís Leme Gonçalves e Neusa Polizer Pimenta.

JUDAS ISCARIOTES

Judas Iscariotes, o Apóstolo que traiu Nosso Senhor (Mt 10,4; Mc 3,19; Lc 6,16). Iscariot quer dizer "homem de Cariot", aldeia de Judá. Durante o período do ministério de Jesus, ficou ele com o encargo do pouco dinheiro pertencente ao grupo dos apóstolos (Jo 12,6). Com o tempo mostrou tendência para a avareza, começou a roubar e a negligenciar a doutrina sobrenatural de Jesus (Mt 26,15; Jo 6,65 — 71; 12,6). Esta paixão chegou mesmo a suplantar seu primitivo amor e devotamento para com Jesus, levando-o a traí-lo por trinta moedas de prata (Mt 26,21 — 46-49). Esperava que Jesus escapasse como já o fizera de outras vezes em que os judeus tentaram apanhá-lo, mas quando viu as conseqüências de sua traição, cheio de remorsos e desesperado, suicidou-se (Mt 27,4; At 1,18).

O apelativo Iscariotes que usam os evangelistas, é para o distinguir de Judas Tadeu. O substantivo judas, derivação imprópria de Judas, o Iscariotes, figura em nossa língua com sinônimo de traidor, hipócrita.

Por uma tradição, o povo na sexta-feira santa, constrói um boneco disforme, hediondo, figura representativa do falso discípulo, o vendedor do Divino Mestre.

Para a constituição do "Judas" organiza-se uma cooperativa, entre amigos: uns arrumam uma calça velha; outro, botinas usadas, meias rasgadas, paletó arremendado, camisa rota, gravata desbotada, chapéu imprestável, cabeça verde ou seca, abóbora verde ou madura, ou, ainda, mamão verde; uma vela para ser acesa dentro da

cabeça de cabaça a fim de provocar maior espanto aos expectadores.

Costuma-se fazê-lo também com cabeça de pano, bordada com linhas de diferentes cores. Algumas vezes bombinhas são colocadas no interior destes fantoches para explodirem ao serem os mesmos incinerados.

Vimos Judas com cabeleira e barba longas, feitas com corda desfiada; Judas com cara pintada a carvão ou tinta preta. A desproporção entre a cintura, pernas e tronco causou-nos profunda admiração e motivo de muita graça. Para que o monstro possa permanecer em pé dão-lhe um bom reforço físico.

Armam-no, tendo como sustentáculo uma forquilha de madeira e terá por recheio, um dos seguintes elementos: palha de milho, palha de arroz, serragem, capim, trapos, couro, papel, estopa, algodão, paina, terra ou qualquer outro material que possa ser utilizado na confecção desse palhaço. As vezes, procuram reproduzir o traje característico de alguém que seja mal visto na cidade. Ou mesmo de políticos: federal, estadual e municipal.

Ao alvorecer, no sábado santo, procuram, de preferência a casa de uma pessoa amiga e bem defronte à porta principal, instalam o boneco para pregar peças aos moradores.

Ao abrir a porta, o horroroso monstro tomba sobre a pessoa que, ainda meio sonolenta, deixa ecoar enorme grito, botando em polvorosa a situação de todos os membros da família.

Ao depois do susto, muito xingamento e muitas gargalhadas.

É interessante anotar que somente as pessoas amigas recebem a visitação do Judas. Em se tratando de inimigos nem é bom pensar nesta brincadeira. A pessoa, não compreendendo a caçoada, poderá tornar-se até homicida e, daí, a história se complica.

Ainda é costume colocar no bolso do poletó uma carta, bilhete ou telegrama, através dos quais se efetua uma cobrança (inexistente), procura-se um serviço ou, ainda, pede-se a filha do dono da casa em casamento. São engraçadíssimos esses escritos.

Há bilhetes que pedem pouso e comida, outros, namoro ou casamento. Há também os que ironizam o procedimento de autoridades, principalmente de políticos. Enfim, tais bilhetes "mexem" com todos os principais acontecimentos da coletividade, bons ou maus.

Também são encontrados poemas em quadras ou sextilhas, como os que registramos neste trabalho.

Os armadores do Judas passam a noite acordados à espera do grande acontecimento: a surpresa.

Uma vez atingido o objetivo, isto é, haver pregado a peça, recolhem o Judas e, ansiosamente, esperam o horário: 10 (dez) horas, momento da Aleluia.

Torna-se digna de registro esta outra brincadeira: colocam o Judas nas encruzilhadas, com uma vela acesa dentro da cabeça, que é oca; outras vezes, presa à mão, com o fim especial de amedrontar pessoas que por ali passam depois da meia-noite (hora amedrontadora na passagem da Sexta-feira da Paixão).

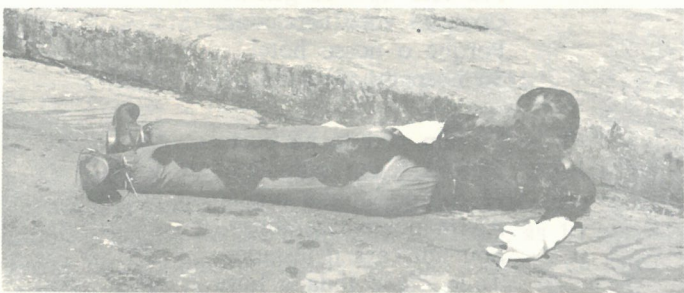
MALHAÇÃO E QUEIMA DO JUDAS

Exatamente, às 10 horas, ouve-se o estouro da Aleluia. Todos se alegram com os primeiros tiros de foguetes, rojões e mesmo de revólver. Então as crianças (número maior de meninos) sob a orientação de 2 ou 3 adultos carregam o Judas para o local do enforcamento. Isto para que se rememore o que está escrito nas Sagradas Escrituras, no Evangelho de Mateus, capítulo 27, versículo 5: "E, tendo atirado as moedas de prata para o templo, retirou-se e foi pendurar-se num laço (enforcarse). Embora contrariando a Liturgia da Semana Santa (aliás, a certa) que levou a Aleluia das 10 horas do sá-

bado para as primeiras horas do Domingo de Páscoa; o povo não a aceitou (a tradição impera), a malhação e queima se processam às 10 horas do Sábado da Aleluia.

Nesta hora a Igreja ainda permanece ao redor da imagem de Jesus Cristo e continua em oração até a meia-noite, e a partir desta hora é celebrada a vigília pascal, em pleno alvorecer do Domingo.

A cena da malhação é motivo de risos e entusiasmo. Contrariando os princípios cristãos que condenam o espírito de vingança, a atitude dos malhadores é realizada com muita fúria. Empolga-se quando principiam a malhação.



BILHETE DO JUDAS

(Pedindo casamento e também para não ser queimado)

Bom dia, bom dia mesmo
 Bom dia caro patrão,
 Vim pedir a hospedagem
 Nesta atenciosa pensão.

Senhora proprietária
É cozinheira de fama
Por isso desejo mesa
E também eu quero cama.

A pensão é bem central
Tem salão e grande área
Está num ponto tão bom
Perto da Rodoviária.

Tem telefone pra gente
Toalha, água e sabão
E além desse bom trato
Tem até televisão.

Todos hóspedes daqui
Não provocam arrelia
Recebem bom tratamento
E mas pagam sempre em dia.

Seu dono é camarada
Não toma nem capilé,
Quando é de madrugada
Já prepara bom café.

Ele também faz espeto
E discute economia
Sai de casa toda hora
E adora pescaria.

Fica bravo com os gatos,
Mas cuida dos passarinhos
Dorme um pouquinho de dia
E ralha co'os cachorrinhos.

Aqui nesta hospedagem
Vem gente de toda as idades
Todos trazendo notícias,
Contando as novidades.

Sou Judas Iscariotes
Traidor arrependido,
Fui infiel a Jesus
Até hoje sou sofrido.

Não quero ficar sozinho
Por isso vou lhes falar,
Há aqui moça solteira
Com quem possa me casar?

Se vocês não me aceitam
Não me deixem enganado
Só uma coisa lhes peço:
Não quero morrer queimado.

Olímpia — 1980

LAMENTAÇÃO E TESTAMENTO DO JUDAS

1 — Eu vinha vindo a pé
Por uma das rodovias,
Cheguei nesta região
Quando a tarde já morria,
Me deparei c'uma placa
Que deste jeito dizia:

2 — Olímpia, Menina-moça,
A Capital do Folclore,
Todos que aqui vierem
Com muito amor se acolhe
Pensei, vou entrar ali,
Talvez a vida melhore.

3 — O meu saco eu deixei
Na entrada da cidade,
Pedi água numa casa
Vejam que barbaridade,
Soltaram um cachorro brabo
Que quase quebrou a grade.

4 — Saí correndo pra rua
E a molecada atrás
Tinha uns quarenta meninos
E ainda chegava mais
Uns vinham de pau na mão,
Parecendo o Ferrabrás.

5 — Cheguei num tal de Didi
E já sentei numa mesa,
Chegou o garção e disse:
Veja só quanta beleza,
Se eu for lhe atender
Quem vai pagar a despesa?

6 — Me deram um pontapé,
Me jogaram na avenida,
Então já saí disposto
A dar mais uma corrida,
Mais deu tempo de cuspir
Num caldeirão de comida.

7 — Saí dando uma volta
Com minha cara de pau
E eu fui pedir um pouso
No Hotel Municipal,
Mas os donos desse hotel
Fizeram cara de mau.

8 — Me disseram para ir
Dormir debaixo da ponte
Pra este tipo de gente
Conosco você não conte,
Porque o nosso hotel
Só hospeda viajante.

9 — Fiz um xixi lá na porta
Que já fedeu sem demora.
Já cumpri minha missão,
Agora posso ir embora
Sou um cara detestado,
Todo dia e toda a hora.

10 — Andei mais uns vinte metros
E já cheguei no jardim
Toda gente que passava
Ficava olhando pra mim
Minha roupa estava suja
E com fedor de cupim.

11 — Me deram um pescoção
Eu fui parar na matriz
Fiquei debaixo da escada
Alguns momentos feliz
Aí eu fui recordando
De toda arte que fiz.

12 — Pensam que eu sou ruim
Mas eu sou um cara bom,
Pois vou dar tudo que tenho
Vou dar de recordação
Desde o meu velho chapéu
Até o meu sapatão.

13 — O meu chapéu vocês dão
De presente ao delegado,
A camisa pr'o juiz

Por ser um cara aprumado,
A botina é de lembrança
Pra sargento ou soldado.

- 14 — A cueca vocês dêem
Para quem vocês quiser
Contando que seja macho,
Pois não serve pra mulher
Minhas meias, minha cinta,
Podem dar a um qualquer.
- 15 — A camiseta eu quero
Que seja dada ao Zezinho,
Pois ele não compra nada
É um rico pobrezinho
Vive queixando da sorte
No Orlando e pr'os vizinhos.
- 16 — O meu paletó eu deixo
Ao estimado prefeito
Por ser um homem honrado
E que trabalha direito
Dê as calças e gravata
E está o *judas* desfeito.
- 17 — Todos querem me bater
Até me despedaçar
Peço que guardem meu saco
Pra quando aqui retornar,
Eu volto de ano em ano
Pra quem vive no engano
Que vai um *judas* matar.
- 18 — Façam de mim o que querem,
Seu Beltrano ou Seu Fulano,
É tola a humanidade,
Pois vive em grande engano:
São todos *judas* de carne,
Matando um *judas* de pano.

Olímpia, Sábado da Aleluia de 1985.

O autor da poesia, nosso desconhecido, exprime em 18 estrofes a lamentação e faz testamento do Judas, queimando na manhã do dia 6 de abril de 1985, às 10 horas. Serve-se de sextilhas heptassílabas, com exceção da estrofe 17, que é constituída de sete versos.

Considera os malhadores (ou queimadores) do Judas, tolos e hipócritas: são *judas* vivos que matam o Judas há muito tempo morto, representado, agora, por um boneco de trapos.

Após o enforcamento avançam contra o discípulo traidor com pedaços de paus, facas e às vezes surgem até tiros. Malham com violência o boneco. O tiro é dado por algum adulto inflamado, que vingando a injustiça do falso apóstolo chega a dar um caráter real à brincadeira, considerando o boneco como se vivo estivesse. E, em virtude disto, a sanha aumenta. Depois é retirado da força e levado à praça pública ou a outros logradouros, onde é estraçalhado e seus restos são reunidos para serem queimados.

As pessoas rancorosas, embora cristãs, vingam-se do que está escrito no Livro de Mateus, capítulo 26, 14-16: Então um dos doze, que se chamava Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes e disse-lhes: que me quereis vós dar, e eu vô-lo entregarei? E eles lhe assinaram trinta moedas de prata. E desde então, buscava oportunidade para o entregar”.

Depois de toda a farra a alegria volta a reinar entre o povo, porque lembra de Cristo ressurgido entre os mortos.

ESTÓRIAS DA QUARESMA

As estórias contadas na Quaresma tentam explicar a origem de muitas coisas. A tradição oral limita-se a estórias singelas. Muitas delas são contadas, de preferência à noite, visando, quase sempre a conduzir as pessoas à crença, principalmente, na religião católica. São numerosas e a maioria delas dramatiza o sofrimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

1 — NOSSA SENHORA À PROCURA DE JESUS

Na sexta-feira da Paixão, Maria sai, muito triste, à procura de Jesus que tinha sido preso depois de muito maltratado pelos judeus. Procurou por todo lado e ninguém sabia dizer-lhe onde Jesus estava. Sentindo sede, pediu água numa casa de uma mulher que se penteava e pediu à pedinte que esperasse. Mas o pouco caso foi tanto que ela nem apareceu com a água para a mãe de Jesus. Nossa Senhora, por lição, amaldiçoou todos os que penteassem cabelo no dia de Sexta-feira santa.

Saindo dali, Nossa Senhora bateu em outra casa e foi atendida por uma senhora que estava fazendo pão. A mulher, ao dar água à Maria, se desculpou por estar com as mãos cheias de massa. Nossa Senhora a abençoou e a todos que amassassem pão no dia de Sexta-feira da Paixão.

Contada por Sebastiana Leal, 85 anos (1973) — Olímpia.

2 — A COROA DE JESUS

Quando Jesus Cristo ia arrastando a cruz, morro acima, a coroa de espinho que lhe deram, caiu no chão e soltou um espinho. Um homem de muita piedade catou o espinho, que estava molhado de sangue, e guardou no lenço. Naquele mesmo dia o filho do rei que mandou matar Jesus ficou muito doente e ninguém podia curá-lo.

Então, o homem foi lá e deu um cutucão no braço do menino com o espinho da coroa de Jesus e o menino, na mesma hora, sarou e pulou da cama.

— Que virtude tem esse espinho, meu bom homem?, perguntou o rei.

— A virtude desse espinho é o sangue daquele homem.

Contada por Raimundo Ferreira, 70 anos (1973) — Olímpia.

3 — SÃO LONGUINHO

Conta-se que um cego, chamado Longuinho, homem muito mau, vivia na época em que Jesus estava padecendo os sofrimentos da Paixão. No dia em que Cristo estava morrendo na cruz, cada pessoa que passava dava-lhe pedradas. Mas nenhuma delas tinha coragem de dar-lhe uma lancetada no coração.

Longuinho, também, quis fazer sua maldade a Jesus, e pediu a um judeu que pusesse a lança bem no rumo do coração de Cristo, que ele queria acabar com ele. Assim foi feito, mas ao cravar a lança no coração de Jesus, o sangue espirrou por todos os lados e uma gota caiu certa bem nos olhos de Longuinho. Imediatamente o cego pôs-se a enxergar.

Contada por Josefina Cerina de Sousa, 69 anos (1973) — Olímpia.

4 — SANTA VERÔNICA

Depois que Jesus morreu, Santa Verônica saiu pelo mundo com seu filho São Brás. Não tinha parada, porque o rei perseguia todos os amigos de Jesus. Um dia os dois foram parar na casa de uma mulher que estava fazendo beiju. São Brás era menino e por isso pediu um coscorão para a mulher. A mulher disse que não dava nada, que aquilo só era para seus filhos e que nem ia dar para eles todos. Santa Verônica disse que não fazia mal e foi-se

embora. Quando estavam longe, ouviram um berreiro de mulher. Voltaram correndo e viram o filhinho daquela mulher retorcendo no chão com falta de ar, engasgado com um coscorão de beiju. Santa Verônica chamou seu filho e disse: Lembre como Jesus fazia e cure esse menino. São Brás foi lá e batendo nas costas do menino disse:

São Brás menino,
São Brás, santo moço,
Tire o engasgo
Do seu pescoço.

Então, em nome de Jesus, o menino sarou.

Contada por Alfredo de Sousa, 70 anos (1970) — Olímpia.

5 — CARPINTEIRO E FERREIRO

Os judeus procuraram, de casa em casa, uma pessoa que fizesse a cruz para pregar Jesus. Mas ninguém quis saber de fazê-la. Um carpinteiro, de atrevido, aceitou a incumbência, porque seria bem pago. Também um ferreiro se ofereceu em troca de bom dinheiro, para fazer os cravos para crucificá-lo. Jesus amaldiçoou os dois senhores e as pessoas que exercem estas profissões não triunfam na vida.

Contada por Júlia Garcia, 73 anos (1973) — Olímpia.

6 — O CARREIRO

A hora da Procissão, numa Sexta-feira Santa, enquanto todos rezavam, pagavam promessas e choravam, Zé Carreiro, um homem descrente, botou a boiada no carro e seguiu viagem. Fazia um desdém às coisas da religião.

Depois de andar alguns quilômetros, a natureza revoltou-se. Houve violento temporal. O carro foi jogado num grotão. No meio da tempestade e entre raios, Zé Carreiro ferroava os bois e blasfemava. Tanto aguilhoava esses animais que um deles, em meio à escuridão, deu-lhe uma chifrada certa no coração de Zé Carreiro. Assim, pagou com a vida a descrença que tinha às coisas sagradas.

Contada por Brasilino Mariano, 64 anos (1973) — Olímpia.

7 — O BAILE

Num dia da Quaresma, uma moça que residia numa fazenda pediu ao pai para deixá-la fazer um baile em sua casa.

Este pai que nunca negou um pedido à filha, desta vez, por se tratar da Quaresma, não consentiu.

Mas a moça, muito teimosa, mesmo sem a permissão do pai, fez o baile.

E o baile foi animado.

Às 22 horas, aparece um rapaz muito simpático, bem vestido, e convida a dona do baile para uma contradança; mas dançaram durante muito tempo. Quando bateu meia-noite o moço disse que era tarde e precisava ir-se embora.

E para despedir-se tirou o chapéu e soltou um horrendo grito.

Todos, assustados, olharam para ele e viram dois enormes chifres em sua cabeça.

Num estalo, desapareceu, deixando no salão um insuportável cheiro de enxofre.

Contada por Sebastião Antônio Maciel, 60 anos (1972) — Olímpia.

8 — A COLHEITA DO FEIJÃO

Numa Sexta-feira Santa, o senhor José convidou seu compadre, o senhor Joaquim, para ajudá-lo a colher feijão.

O senhor Joaquim não atendeu ao chamado, pois nada o faria trabalhar em dia santo tão grande.

O senhor José disse: eu vou colher o feijão e nada me acontecerá.

E foi. Mal começou a trabalhar, apareceu-lhe um animal, muito parecido com um veado. Seu José, de tanto susto, subiu sobre uma casa de cupim, mas nada lhe adiantou. O tal bicho pulou-lhe sobre as costas, derrubando-o e ele ali permaneceu até o escurecer, quando sua esposa, já preocupada, saiu à sua procura.

Encontrando-o, levou-o para casa e somente depois de um longo prazo de tempo é que voltou a si, para narrar o acontecimento.

Prometeu nunca mais trabalhar às sextas-feiras santas.

Contada por Rita Batista de Faria, 60 anos (1968) — Olímpia.

9 — NÃO SE COME CARNE À SEXTA-FEIRA SANTA

Um homem discutia com sua esposa, pois queria que a mesma preparasse carne para o almoço, na sexta-feira santa.

A mulher, que não aceitava preparar carne e nem comê-la naquele dia santo, chorou muito, mas não teve outro remédio senão atender ao pedido do esposo, pois este lhe afirmava que qualquer dia era dia de comer carne.

Quando a mulher foi buscar a carne para fazê-la, encontrou-a cheia de bichos. Era o castigo.

Chamou o esposo e mostrou-lhe o acontecido. A carne foi deixada de lado e, no dia seguinte, para surpresa de todos, estava limpinha, sem nenhum bicho.

Contada por Benedito de Sousa, 40 anos (1972) — Olímpia.

10 — FORNADA DE PÃO

Num dia de Sexta-feira Santa, uma senhora, embora trabalhadeira, mas muito descrente das coisas da religião, resolveu fazer pão. Advertida pelas amigas, ela disse:

— Não vejo pecado nenhum em fazer pão no dia de hoje. É alimento e todos querem comer. E mesmo se fosse pecado, eu faria do mesmo jeito.

Amassou o pão, deixou crescer. Acendeu o forno e assou muitos pães, que ficaram grandes, bonitos, amarelinhos e muito cheirosos.

À hora que foi cortar o primeiro pão para servir as pessoas, uma estranha surpresa aconteceu: o pão estava cheio de veias, cheinhas de sangue. E assim, cheio de sangue, estavam todos os pães.

O resultado foi jogar fora todos eles. E a lição serviu para que a mulher passasse a respeitar o maior dia santo do ano — a Paixão de Cristo.

Contada por Maria da Conceição Basso, 62 anos (1975) — Olímpia.

11 — PÃO DA SEXTA-FEIRA SANTA

Tinha um menino que andava nas estradas, sozinho. Um dia de Sexta-Feira Santa, ele encontrou uma senhora de cabelos muito compridos e disse para ela:

— A senhora não quer me enrolar nos seus cabelos que são compridos e macios?

A senhora disse que não.

Então o menino andou mais um pouco e encontrou uma casa. Nessa casa estava uma mulher fazendo pão.

A menino então pediu à mulher que o escondesse na massa de pão. A mulher atendeu o pedido e enrolou o menino com toda a massa que tinha preparado. Misteriosamente o menino desapareceu de dentro daquele enorme pão que, depois de assado, serviu para alimentar a família durante muitos dias.

Por isso é que o povo diz que é bom assar pão no dia de Sexta-feira da Paixão.

Contada por D. Cassilhas Spineli, 56 anos (1988) — Olímpia.

12 — SÃO PEDRO

Quando Jesus ressuscitou e foi para o céu, despediu-se de São Pedro e disse:

— Pedro, pode pedir três coisas que eu as concederei.

Pedro pensou e disse:

— Quero um baralho que nunca me deixe perder o jogo. Quero um chapéu onde caiba tudo o que quiser por dentro. Quero também um banco em que, quando eu sentar, ninguém possa me tirar dele, nem o Senhor, que é Todo-Poderoso.

E assim, sentiu-se dono do mundo e foi fazer reinação no Inferno. Lá vendo muitas almas sofrendo, teve pena.

O Diabo então lhe disse: O que é que você quer aqui no Inferno?

Pedro respondeu: Eu já estou cansado de viver no meio de Santos e Anjos e vim aqui para jogar truco.

O Diabo lambeu os beiços de gosto, já pensando em agarrar Pedro pelas pernas, de ponta cabeça.

— Brincadeira eu não jogo!

— Joguemos dinheiro, respondeu Pedro.

— Dinheiro eu não quero, não me serve para nada. Quero sua alma e a pedra que Deus lhe deu! E você o que vai querer?

— Duas coisas: jogar com o meu baralho, que é novo, e uma alma por mão que eu ganhar.

— Certo, disse o Diabo.

Pedro, ganhava sempre e ia pondo as almas no chapéu, até que conseguiu todas as almas do Inferno. O Diabo deu um berro, deu um coice e saiu zunindo pr'o mundo afora. Pedro pensou que já estava na hora de ir para o Céu e foi com aquela carga e tudo. Quando chegou, Jesus veio ver quem era e, sentindo o mau cheiro que saía do chapéu, disse:

— Aqui é que você não entra com essas imundícies!

Pedro aproveitou a porta aberta e jogou o chapéu lá pra dentro, perto do banco que já era seu.

Jesus mandou um anjo jogar aquelas coisas esquisitas, mas Pedro disse:

— Pode deixar que eu mesmo as jogo. Pegou o chapéu, sentou-se no banco e disse: Lembra de sua promessa?

Cristo lembrou e para castigar Pedro disse:

— Pode ficar e nunca mais sairá daí. Todos os santos e anjos podem andar, de lá pra cá, mas você, não.

Por esta razão é que até hoje São Pedro é o Porteiro do Céu.

Contada por Joaquim Francisco de Sousa, 55 anos (1977) — Olímpia.

13 — O GALO

Quando Jesus foi crucificado e enterrado, os soldados que ficaram de guarda mataram um galo. O mesmo galo que por três vezes cantou quando São Pedro negou que conhecia Jesus. A uma hora da madrugada, os guardas assaram o galo e iam comendo os pedaços e jogando os ossos em cima do túmulo de Jesus, enquanto zombavam, dizendo que não poderia haver melhor enfeite para o túmulo de Cristo.

Foram comendo, jogando dados, fazendo alvoroço e criticando Nosso Senhor morto. Quando começou a clarear, para amanhecer o dia, os ossos do galo começaram

a se mexer por cima do sepulcro e, de repente, o galo ressuscitou e cantou que nem trombeta. Os soldados, tremendo de medo, saíram numa disparada e por isso não viram Nosso Senhor ressuscitar.

Contada por Antônio Bercari, 43 anos (1972) — Olímpia.

14 — O PINTARROXO

Quando Jesus foi crucificado, puseram-lhe na cabeça uma coroa de espinhos, e os espinhos entraram na carne de Jesus, causando-lhe muita dor e fazendo sair muito sangue. Nisso, passou um passarinho que sentiu muita pena de Jesus e começou a arrancar com seu bico aqueles espinhos, sem perceber que um esguicho de sangue lhe molhou o peito.

Esse passarinho abençoado se chama pintarroxo e a marca que ele tem no peito é a lembrança do agradecimento de Jesus.

Contada por Maria de Oliveira, 68 anos (1968) — Olímpia.

15 — O QUERO-QUERO

Numa Semana Santa todos os pássaros se reuniram e combinaram de manter o mais profundo silêncio no transcorrer da Semana, em respeito ao sofrimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Todos decidiram que respeitariam, com muito sentimento, as recordações da Paixão e Morte de Jesus. Mas acontece que o quero-quero, muito esquecido e também sem muito sentimento, não cumpriu o prometido e na Sexta-feira Santa promoveu grande rumor, soltando gritos estridentes noite afora.

Então, por castigo, Nosso Senhor, amaldiçoou essa ave, não permitindo que ela durma à noite e fazendo gritar, em bando: quero-quero, como se estivesse suplicando o desejo de também fazer silêncio durante a Semana Santa.

Contada por Luís Carlos Bernardino Teixeira, 28 anos (1988) — Olímpia.

16 — AMOR-PERFEITO

No Calvário, Jesus foi pregado na cruz do centro, entre os ladrões Gestas, com palavras de ódio e, Dimas, com palavras de perdão. O chão estava seco, sem nenhuma plantinha sequer.

De repente, uma voz chega muito delicada aos ouvidos de Cristo.

Jesus alongou o olhar para ver de onde vinha a tão sentida queixa. E Jesus olhou para o chão e viu, junto a sua cruz, umas folhas pisadas, murchas, que olhavam para Ele.

— Que desejam? Perguntou Jesus.

— Senhor, antes de ir ao céu, deixe uma lembrança para nós.

E enquanto Jesus parecia dormir, pensando na Paixão, a chaga de seu ombro se abriu e uma gota de sangue caiu sobre as folhinhas murchas.

Tempos depois, a plantinha ficou formosa e deu flores. Era o amor-perfeito, com algumas pétalas roxas, claras e escuras. Essas pétalas foram a lembrança que Jesus deu à plantinha no dia da Paixão.

Contada por Maria Jesus de Miranda, 36 anos (1980), residente em Olímpia.

17 — LÁGRIMA-DE-CRISTO

Dizem que quando Jesus foi crucificado, ao pé de sua cruz havia uma trepadeira que produzia cachos de flores de tom branco amarelado. Esta trepadeira, sentindo o drama da paixão, começou a murchar, assistindo ao sofrimento de Cristo.

Jesus chorou.

As lágrimas foram caindo lentamente de sua face e pingando, certas, a corola de todas as flores de cada cacho. Foi regada pelas lágrimas que a trepadeira ganhou nova vida e mais beleza, apresentando suas corolas num tom bem avermelhado, da cor de sangue.

Quando estas flores envelhecem, os cálices ganham um tom roxo claro também da cor de sangue, relembrando a paixão de Jesus. Esta flor é conhecida do povo pelo nome de lágrima-de-cristo.

Contada por Iraci de Jesus Menino, 33 anos (1980), residente em Olímpia.

18 — O ALECRIM

Quando Jesus foi sepultado, Nossa Senhora levou uma braçada de alecrim, planta aromática, para colocar no túmulo. Por esta razão ficou sendo o alecrim a planta que simboliza a saudade.

Contada por Maria Barbareli, 49 anos (1968) — Olímpia.

19 — A AMOREIRA

Quando Nossa Senhora saiu à procura de Jesus, depois de ter andado muito, sentiu-se cansada e parou, para descansar, debaixo de uma árvore frondosa, de muita sombra, que produzia uns frutinhas macios, mas sem nenhum sabor. Nossa Senhora chorava, pensando no sofrimento que seu bendito filho estava padecendo. As lágrimas caíam, aos poucos, no tronco da árvore.

Ao sair de lá, abençoou a amoreira, dizendo que a partir daquele dia, os frutinhas produzidos por ela seriam muito doces e apreciados por todos. Assim, há três qualidades de amora: a branca, que faz lembrar as lágrimas de Nossa Senhora; a vermelha e a roxa, que recordam o sangue derramado por Jesus, na cruz do Calvário.

Contada por Maria Baltazar, 35 anos (1970) — Olímpia.

20 — O CIPRESTE

Quando Nosso Senhor foi crucificado havia perto do Monte do Calvário um pé de cipreste. À hora que Jesus morreu, o vento soprou muito forte e o cipreste gemia, mostrando grande tristeza pelo acontecimento. É por isto que o cipreste é o símbolo da morte, do luto, e é cultivado, sobretudo, nos cemitérios.

Contada por Luís Alves da Silva, 35 anos (1972) — Olímpia.

21 — A FLOR DE MARACUJÁ

Quando Jesus estava na cruz, seu sangue ia escorrendo pela madeira e molhava o chão. No pé da cruz tinha uma planta que nunca deu flor e não tinha nenhuma virtude. Quando o sangue molhou a planta, ela soltou um botão. O botão virou flor e a flor trazia todos os sinais da crucificação. Essa planta tem o nome de planta da paixão, que a gente chama também de flor de maracujá.

Contada por Júlia Blanco Gigliotti, 62 anos (1968) — Olímpia.

22 — A FLOR DE MARACUJÁ - II

Quando Nosso Senhor foi crucificado, ao pé da cruz havia uma planta viçosa que dava flores muito bonitas, de cor branca. Essa planta era o maracujá. Mas o sangue de Cristo foi respingando, gota a gota, sobre as flores e elas ficaram roxas. Por isso é que a flor de maracujá é das mais bonitas e seu fruto é empregado como remédio na cura de pessoas nervosas.

Contada por Judite Santana Nogueira, 48 anos (1973) — Olímpia.

23 — O PÉ DE TREMOÇO

Uns soldados saíram à procura de Jesus para prendê-lo e entregá-lo a Caifás, que condenou Jesus à morte. Para livrar-se desses malfeitores, Jesus procurou uma moita de tremoço para refugiar-se. Mas o tremoço começou a mexer-se e fazer muito barulho, denunciando aos soldados o esconderijo de Nosso Senhor Jesus, então, disse: O tremoço há de produzir grãos duros e amargos.

Contada por Martina de Aquino Oliveira, 49 anos (1972) — Olímpia.

24 — O TREMOÇAL - II

Quando Nosso Senhor fugia dos judeus, colocou em seu jumento as ferraduras em posição contrária, para dar a impressão de que estava seguindo noutra direção. Mas após ter caminhado algumas léguas, percebeu que o bando de inimigos andava por perto. Então, deixou o jumento num pasto e foi esconder-se no meio de um tremoçal. À medida que Jesus penetrava no tremoçal, os tremoços balançavam suas vagens maduras e faziam um barulho semelhante ao dos guisos de cascavel, denunciando o seu esconderijo.

Então Jesus amaldiçoou o tremoço, dizendo que quem comesse do seu fruto cansaria o queixo e nunca encheria a barriga, pois seria um alimento sem nenhum valor.

Contada por Maria da Conceição Basso, 62 anos (1975) — Olímpia.

25 — O PINHEIRO

Quando Jesus fugia dos maldosos que queriam matá-lo, ele se escondeu sob um pinheiro. O pinheiro, por maldade, ergueu os galhos e mostrou Jesus aos perseguidores. Então Jesus amaldiçoou esta árvore, dizendo: Com os galhos erguidos atrairá raios que a destruirão.

Contada por Aurora de Oliveira Miranda, 60 anos (1968) — Olímpia.

26 — A QUARESMEIRA

Quando Nosso Senhor foi crucificado, a Quaresmeira abaixou seus galhos e cobriu-se de flores roxas, em sinal de tristeza e dor. Por esta razão é que o povo diz que quem passar debaixo de uma Quaresmeira, na noite de Sexta-feira Santa, estará desrespeitando o seu luto e poderá transformar-se em Lobisomem (se for homem) e em Mula-sem-cabeça (se for mulher).

Contada por Maria Santana Irâni, 30 anos (1970) — Olímpia.

27 — O SALGUEIRO

Quando Nosso Senhor se escondia dos judeus, foi esconder-se debaixo de um salgueiro, que abaixou seus galhos para protegê-lo. Por isso, Nosso Senhor abençoou-o, dizendo: Com sua atitude, você será para sempre santificada e sua madeira será própria para fazer cruz.

Contada por Valdemira Segantim de Carvalho, 54 anos (1980) — Olímpia.

28 — LOBISOMEM - I

Minha mãe ainda era moça e cuidava de um irmãozinho dela que estava dormindo em uma esteira. Meu pai e meus irmãos mais velhos estavam na varanda da cozinha esquentando-se ao fogo. Nisso entrou um lobisomem e quis pegar a criança que estava na esteira. Minha mãe peleva para gritar, mas não conseguia. Mas de repente ela conseguiu soltar um grito e acenar com a mão. Nessa hora meu pai e meus irmãos se armaram com um pedaço

de pau para ir matar o lobisomem, aquele cachorro grande e cinzento, mas ele desapareceu sem deixar vestígio por onde saiu.

Contada por Fátima Aparecida Provásio de Miranda, 34 anos (1988) — Olímpia.

29 — LOBISOMEM - II

Uma noite da quaresma um homem, carregando sua filhinha ao colo, às oito horas da noite, foi visitar seu irmão que morava na mesma fazenda. Mas, para chegar de uma casa à outra, tinha que passar por um matagal bem fechado. De repente o homem começou a ouvir um barulho enorme e viu um bicho preto, do tamanho de um carneiro, que batia as patas e as orelhas.

Esse bicho monstruoso tentava pular contra a criança para tirá-la dos braços de seu pai. Nessa hora o homem acendeu um farolete e somente assim pôde espantar o lobisomem que tomou a direção de um mandiocal, desaparecendo-se.

Contada por Jesus F. de Miranda, 76 anos (1988) — Olímpia.

30 — LOBISOMEM - III

Era uma vez um homem que todas as noites da Quaresma ouvia um barulho no quintal.

Um dia ele falou para a mulher dele:

— Hoje eu vou descobrir quem é este fulano que vem todas as noites querer me assombrar. Vou ficar na janela, à meia-noite, com um prato de sal.

Daí a pouco ouviu um barulho que vinha quebrando tudo.

Então, ele falou para a mulher:

— O Capeta já vem vindo aí.

No mesmo instante aquela assombração se aproximou dele e ele logo disse:

— Aqui está um prato de sal pra você. Venha buscar amanhã.

A assombração respondeu:

— Não sou quem você está pensando. Sou este que você disse agora mesmo: o Diabo.

O homem, de tanto pavor, desmaiou. Só foi acordar no dia seguinte, muito amedrontado.

Contada por Teresinha B. Henrique Teixeira, 53 anos (1988) — Olímpia.

31 — A QUEBRA DO ENCANTO DO LOBISOMEM

Uma vez uma moça teve um nenezinho. A mãe dela, isto é, a avó da criança, foi para a casa da filha ficar com ela durante a dieta.

Na casa não havia nenhum cachorro. Quando a velha foi preparar a comida para a filha, que estava no quarto dormindo, apareceu um cachorrinho preto que puxava as tripas do frango para fora da bacia. Foi aí que a velha bateu com a faca na testa do cachorrinho, formando um corte de onde saía muito sangue. O cachorrinho desapareceu. À hora que a velha foi ao quarto para ver o netinho, percebeu que em sua testa havia um corte e dele saía muito sangue.

Então ela compreendeu que o Lobisomem era o próprio netinho. Mas, ficou desencantado a partir da hora em que a velha bateu com a faca no cachorrinho preto.

Contada por Fátima Aparecida Provásio de Miranda, 34 anos (1988) — Olímpia.

32 — O ABUSO DO FAZENDEIRO

Um fazendeiro muito rico tinha muitos escravos. Quando foi numa Sexta-feira da Paixão, ele reuniu os escravos e disse:

— Vamos trabalhar, vamos para o campo.

Os escravos disseram que não iam trabalhar na Sexta-feira da Paixão, porque era o dia mais sagrado e eles queriam guardar o dia santo.

Então, o patrão respondeu:

— Têm que trabalhar sim. É um dia como os outros. Quem não for trabalhar, vai apanhar. Nós vamos somente cortar uma paineira. Daí, eu dispensei vocês.

Cada um pegou o seu machado e foi para o campo. Chegando lá começaram a cortar com o machado em volta da paineira.

Assim que começaram a bater o machado, em vez de sair seiva, correu sangue purinho da paineira e formou o desenho de Jesus Cristo e os espinhos dela formaram a sagrada coroa.

Somente o fazendeiro foi quem viu esses desenhos no tronco da paineira e, com enorme desespero, ele gritava:

— Parem! Parem! Venham ver de frente o que eu estou vendo. Olhem! Ali está Cristo coroadado de espinhos.

Os homens ficaram todos assustados, pegaram seus machados e foram embora.

O patrão ficou louquinho e morreu na hora.

No dia seguinte, todos os escravos da fazenda foram ao campo para ver a paineira, mas para a surpresa de todos, ela estava perfeita, como antes.

Por isso é que a paineira é uma árvore sagrada.

Contada por Teresinha B. Henrique Teixeira, 53 anos (1988) — Olímpia.

33 — O DIABO

Era uma vez um senhor que pegou de empreitada, para carpir na Quaresma, uma roça. Dentro de vinte dias ele teria que dar conta do serviço ao patrão. O serviço não rendia de jeito nenhum.

Muito nervoso com os empregados, porque nada rendiam, jogou o chapéu no chão, olhou para cima e disse:

Nem que seja com a ajuda do Diabo, eu entrego o serviço no dia combinado com o patrão.

Na mesma hora apareceu um rapaz, muito simpático, trajado de roupa de serviço, pedindo emprego ao empreiteiro.

Na mesmíssima hora já ajustou o camarada. O novo camarada apenas pediu uma enxada e entrou na roça com toda a força, saindo na frente de todos os companheiros. Só se ouvia o barulho da enxada dele: vafe!, vafe!, vafe!

Terminou a parte dele e veio ao encontro dos companheiros. Os companheiros, todos assustados, acharam que aquilo não era normal.

Em dois dias terminou a empreitada que era pra vinte dias.

Na hora do pagamento, ele sentou debaixo de uma árvore, sozinho, esperando acertar a conta com o empreiteiro.

Mas o empreiteiro pagou, primeiramente, a turma que começou o trabalho, para depois acertar com ele.

Chegando perto dele, perguntou:

— Já fez a conta, moço, de quanto lhe devo? Por que, graças a Deus, e olhando para o céu, estou muito satisfeito com a ajuda que você me deu.

O moço respondeu para o empreiteiro:

— Você não me deve nada. Só não gostei de uma palavra que você disse agora. Por que você não chamou Deus antes, quando estava atrapalhado? Você chamou foi pelo Diabo. Eu vim lhe ajudar e não por mim. Deu um estouro e desapareceu, deixando um insuportável cheiro de enxofre no local.

Contada por Teresinha B. Henrique Teixeira, de 53 anos (1988) — Olímpia.

34 — A MOÇA QUE DANÇOU COM UM MORTO

Num dia da Quaresma, uma moça desobedecendo ao pedido da mãe, foi a um baile juntamente com algumas colegas.

Ao chegarem no baile, logo ela foi convidada por um moço muito bonito, alto, mas de cor meio pálida.

Dançaram muitas contradanças mas ao bater meia-noite saíram para ir embora, pois o rapaz justificou ter afazeres no dia seguinte que o impediam de permanecer por mais tempo no recinto do baile.

Ao ganharem a rua, começou uma chuva forte e o moço, por delicadeza, ofereceu sua capa preta para abrigá-la.

Depois de caminharem alguns quarteirões juntos, o moço disse:

— Você pode levar esta capa e, amanhã, você vai me devolvê-la. Leve-a em minha casa e lhe deu o endereço. Despediram-se.

No dia seguinte, à hora do almoço, a moça apanhou a capa preta, embrulhou-a e foi à procura do rapaz.

Chegando, foi atendida por uma senhora que afirmou não ter nenhum filho, pois o único que tinha havia falecido há 10 anos. E já lhe perguntou:

— Este moço lhe disse como se chamava?

— Sim senhora. Disse que seu nome é Pedro Botelho e que residia neste endereço.

A mãe apanhou a capa embrulhada e colocou-a sobre uma cômoda e disse para a moça:

— Este meu filho é morto e, para você ter certeza, venha cá, às três horas, que eu vou levá-la ao túmulo dele.

Às 3 horas da tarde a moça voltou e juntamente com a mãe do moço foram ao cemitério. Mas antes de saírem, a mãe procurou a capa embrulhada, mas procurou em vão, pois não a encontrou.

Mesmo assim foram ao cemitério. Ao chegarem no túmulo a moça reconheceu o moço pela fotografia que lá estava e, para maior comprovação do mistério, a capa preta estava sobre o túmulo.

A mãe do rapaz chorou demais e a moça chegou a ficar muitos dias doente. Este foi o castigo que ela sofreu por não ter respeitado a quaresma.

Contada por Maria Santana Irâni, 48 anos (1988) — Olímpia.

35 — NÃO PRESTA CAÇAR NA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Era uma vez um menino desobediente. Não respeitava ninguém, nem mesmo a mãe. Gostava muito de caçar e tinha até espingarda. Num dia de Sexta-feira da Paixão, preparou sua tralha e, depois do almoço saiu para a caçada. Quando estava bem no meio da mata encontrou um tatu muito bonito, que estava parado perto de uma árvore. Nem teve tempo de pensar, apontou a espingarda e matou o coitadinho do tatu.

Saiu depressa para apanhá-lo, mas teve uma grande surpresa. O tatu pôs-se na ponta do pé e dançou, como gente, uma valsa que ele mesmo 'assobiava.

O menino saiu correndo, com muito medo, do meio da mata e com a promessa de nunca mais caçar.

Contada por Suzana Maria Paladini, 21 anos (1988) — Olímpia.

36 — NA SEXTA-FEIRA SANTA É PECADO CAÇAR

Uma vez um senhor, homem descrente, amante da caçada, armou-se num dia de Sexta-feira Santa, para matar alguns animais, num mato bem distante de sua casa. Sua mulher tinha implorado muito para ele não ir, pois ela tinha muito medo das coisas erradas, principalmente contra religião.

O homem não deu muita importância a isto e partiu para a caçada.

Já no meio do mato não encontrava nenhuma caça. Então, para não ficar parado, começou a cortar as árvores mais novas.

Nisto, foi surpreendido por um bando de catetos e mal deu tempo para subir numa árvore. Lá do alto atirou no bando, matando o maior cateto que passava. Depois que o rebanho todo passou, desceu da árvore, e foi buscar uma corda, junto dos apetrechos pra levar o cateto pra casa.

Voltou, amarrou bem o animal, e foi buscar as coisas para ir embora.

Voltando, chegou a desmaiar de tanto susto, pois o cateto sozinho se desamarrou, trepou na árvore e gargalhava para o caçador.

Contada por Ezequiel Batista de Carvalho, 76 anos (1988) — Olímpia.

ORAÇÕES

A medicina é filha da religião, por isso ambas estão intimamente ligadas, porque buscam o mesmo fim: a defesa da pessoa contra o mal.

As doenças e a conjuração de espíritos maus levam o homem a buscar recursos para sarar, buscando a proteção de amuletos e orações e recorrendo à ação de benzedores, para livrar-se das enfermidades e outros males.

A oração misteriosa da qual o enfermo não se pode inteirar, presa ao pescoço, tem uma influência considerável em seu espírito e não passa de uma representação mágica de amuleto.

As orações servem para simplificar o meio de defesa da pessoa que se encontra em luta com os espíritos do mal.

Embora não seja conhecida a origem das orações, elas se reproduzem facilmente. São encontradas com pessoas crentes e até com as descrentes. São escritas para serem carregadas, em saquinho de pano ou de couro, levadas na carteira de dinheiro, no forro do chapéu ou guardadas nas malas de roupas ou em outros pertences. Muitas orações, bastante extensas, são pronunciadas (decoradas ou lidas) ou carregadas, em patuás, como verdadeiros talismãs. E chega a hora em que a pessoa necessita da oração, para ser feliz no amor, ter sorte no jogo, para fazer chover, para derrotar o inimigo, para ganhar dinheiro, etc., etc. Algumas orações são encontradas em livros, outras em cadernos ou folhas de papel amarelecido pelo tempo.

Algumas orações são eficazes quando pronunciadas cabalisticamente pelos benzedores; outras ganham poderes simplesmente escritas numa folha de papel e guardadas com fé. Muitos rezadores e mesmo fiéis não gostam de passar aos semelhantes cópias das orações que aprenderam. Afirmam perder a "virtude" se assim agirem. Há orações boas, orações milagrosas, orações encantadas, orações poderosas, orações miraculosas, orações fortes, orações bravas, orações mágicas que os portadores trazem como segredo guardado a sete chaves.

Grande parte das orações, pela falha da memória ou erro dos copistas, ficam deturpadas e como consequência, apresentam várias variantes.

Selecionamos as orações empregadas pelo povo olimpense, copiadas pelos benzedores e interessados, nas horas grandes: zero hora ou meio-dia da Sexta-feira da Paixão. Somente assim a oração terá efeito milagroso. Quase todas as orações são endossadas pelo Pai-Nosso (bíblico) e por orações costumeiras da Igreja Católica: Ave-maria e Salve-rainha. Muitas pessoas delas se utilizam para "fechar o corpo", para se defender contra os espíritos malignos, para invocar a si o amor ou contra a inveja do próximo. E há pessoas que depositam toda a sua crença em orações, as mais absurdas que surgiram, pois há orações ilógicas, de significação abstrusa.

Mas o homem simples, para retemperar sua vida, carrega uma arma (de fogo ou branca) e uma oração.

Muitas são as orações que ganham mais eficácia, se copiadas no dia de Sexta-feira da Paixão: Chaga do Ombro de Jesus, Jesus Crucificado, Nossa Querida Mãe Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio (muitas variantes), São Miguel Arcanjo, Virgem Maria, Espírito Santo, Glorioso Santo Onofre, Cosme e Damião, Crispim e Crispiniano, Bom Jesus do Calvário (diversas variantes), contra obsessões dos Maus Espíritos e Perseguições de Demônios, Contra os Inimigos, Cruz de Jesus, Cabra Preta, Pedra Cristalina (Santo Sepulcro de Jerusalém), Porta da Rua, Sagrada Face de Cristo, das Almas (muitas variantes), das Estrelas, das Onze Mil Virgens, das Treze Almas, de Jesus Morto na Cruz, de Maria Padilha, de Nossa Senhora do Bom Parto, de Nossa Senhora do Desterro, de Nossa Senhora do Monte Serrat, de Nosso Senhor dos Passos, de Santa Bárbara, de Santa Helena, de Santa Luzia, de Santa Marta, de Santa Rita dos Impossíveis, do Santo Lenho de Nosso Senhor Jesus Cristo, do Santo Sepulcro, de São Cipriano (muitas variantes), de São João Batista, de São Jorge Cavaleiro, de São Jorge Lanceiro, de São Marcos e São Manso, de São Marcos de Judéia, de São Marcos de Veneza, de São Marcos Verde, de São Miguel, de São Salomão, Diante da Cruz, do Anjo da Meia-noite, do Boi Estrelado, do Glorioso São Jorge, do Pelo Sinal, do Sagrado Coração de Jesus, do Santíssimo Breve de Roma, do Santo Lenho, do Eterno Pai, Jesus e São Pedro, Milagre que Fez Nosso Senhor Jesus Cristo, O Mistério de Regular, Para Benzer a Cama, para Confessar Sozinho, para Curar Febres Intermitentes, para Defender-se, pelas Almas do Purgatório, pela Sagrada Coroa de Espinhos, do Relógio da Paixão, de Santa Catarina (diversas variantes), do Sonho de Nossa Senhora, Triste Noite Escura, Virgem Santíssima e muitas outras.

Delas, destacaremos quatro:

1 — ORAÇÃO DO SANTO SEPULCRO

Cópia de uma letra e oração, achada no Santo Sepulcro de Nosso Senhor Jesus Cristo, e conservada a sua santidade pelo Imperador Carlos II, em seu oratório, em caixa de prata.

Desejando Santa Elisabete, rainha da Hungria, Santa Matilde e Santa Brígida saber alguma coisa da Paixão de Cristo, fizeram muitas particulares orações, em seguida às quais lhes apareceu Jesus Cristo, falando com elas assim:

“Servas minhas prediletas, sabeis que os soldados armados foram 150; assim, os que me conduziram foram 23, e os executores de justiça foram 33; socos que me deram na cabeça foram 150, no peito 108; golpes nas espáduas 80; fui arrastado com cordas pelos cabelos 23 vezes; cuspiram-me no rosto 30 vezes; pancadas que me deram no corpo foram 6666, destas, as que recebi na cabeça foram 110; deram-me um murro mortal no coração; estive no ar, pelos cabelos, duas horas, dei de um tempo 192 suspiros; fui arrastado e puxado pela barba 23 vezes; chagas na cabeça 20, espinhos de junco marinho 92, espetaduras de espinhos na cabeça 110; espinhos na testa 3; depois fui flagelado; vestiram-me de rei da Burla, e cuspiram-me no rosto 150 vezes; chagas no corpo 1000, soldados que me conduziram ao Calvário, 980; os que me vigiaram eram 3, gotas de sangue que derramei foram 38430.

A toda pessoa que rezar 7 Padre-Nossos, 7 Ave-Marias e 7 Glória-pátri, pelo espaço de 15 anos continuados para completar o número de gotas de sangue que derramei, concedo cinco graças, que são:

Primeira — Indulgência plenária e remissão de todos os seus pecados;

Segunda — Será livrado das penas do Purgatório;
Terceira — Se morrer antes de ter completado os 15 anos, será como se os tivesse completado;

Quarta — Será como se fosse um mártir e derramasse todo o seu sangue pela santa fé;

Quinta — Virei eu do Céu pela alma dos seus parentes até a quarta geração.

Aquele que trazer consigo esta oração não morrerá afogado, nem de má sorte, será livrado do contágio da peste e do raio, não morrerá sem confissão; será livre de seus inimigos, do poder da justiça, de ações más e falso testemunho; e a mulher que não puder dar à luz, pondo esta oração ao pescoço, logo dará e sairá do perigo.

As casas onde estiver esta oração não sofrerão tratamento nem outras coisas, e 40 dias antes da hora da morte, verão a Beata Virgem Maria.”

Um capitão espanhol, viajando por terra, perto de Barcelona, viu uma cabeça cortada do corpo, a qual lhe falou assim:

“Viajante, como vais a Barcelona, conduz-me um confessor, porque já faz três dias que os ladrões me mataram, e não posso morrer sem me confessar”.

O capitão conduziu um confessor ao mesmo lugar: a cabeça vivente se confessou e depois expirou; e foram ver o corpo do qual a cabeça estava cortada e acharam-lhe a dita oração, a qual foi aprovada de vários tribunais da Santa Religião, a rainha da Espanha.

Os mesmos Padre-nossos podem ser aplicados por qualquer intenção, com a invocação das gotas de sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Outra semelhante cópia, foi milagrosamente achada no lugar chamado Possuit, três léguas distante de Marselha, escrita em letras de ouro, por obra divina, trazida por um menino de 7 anos, do mesmo lugar de Possuit, em 2 de janeiro de 1752; com a declaração seguinte:

“Diz Deus que todos os que trabalharem no dia de domingo serão amaldiçoados da minha parte, porque no domingo devem ir à Igreja rogar para que perdoe os seus pecados, por isso deixei seis dias de trabalho, e o sétimo para descansar e fazer exercícios de devoção e da vossa abundância fazei aos pobres, e assim a vossa gente será abençoada e cheia de graça, e pelo contrário, aqueles que não acreditarem na presente oração serão amaldiçoados, eles e seus filhos, e lhes mandarei a fome, peste e guerra, dor e angústia de coração, em prova do meu desgosto; verão sinal do céu, trovões e terremotos; aqueles que julgarem que estas letras não sejam escritas por obra divina e ditadas por minha sagrada boca, e aqueles que a tiveram maliciosamente escondida sem a publicar a outras pessoas, serão amaldiçoadas e confundidos, e no dia do juízo, ao contrário, o que a publicar ainda que tenha cometido tantos pecados como estrelas há no céu, lhe serão perdoados, porque verdadeiramente se verá arrependido de me ter ofendido, ainda que tenha feito alguma injúria ao seu próximo, pedirá perdão de todos os seus pecados”.

Aqueles que copiarem, lerem, ou derem a ler esta oração e a conservarem dentro de casa, nunca mais perigarão.

Meu Senhor, meu Deus e meu Pai!

Em memória das 38430 gotas de sangue que Jesus Cristo, Vosso Filho e Nosso Senhor, derramou por todos nós, tende piedade de mim, segundo a imensidão de vossa misericórdia.

(7 Padre-nossos, 7 Ave-marias e 7 Glória Pátri)

Cópia cedida por D. Lucinda Batista de Carvalho — Olímpia.

2 — BOM JESUS DO CALVÁRIO

Bom Jesus do Calvário
Vossa cruz de oliveira
Nasceu de um lindo cravo
No espinho, entre a roseira.

Vosso sagrado cabelo
É tão lindo como ouro
Pelos meus grandes pecados
Passar por este tesouro.

Vossa sagrada cabeça
Coroadada de espinhos
Pelos meus grandes pecados
Sofreu tanto martírio.

Vossos sagrados olhos
Lagrimados pelo chão
Pelos meus grandes pecados
Sofreu tanta paixão.

Vossa sagrada boca
Cheia de fel e amargor
Pelos meus grandes pecados
Passaste tanto desgosto.

Vosso sagrado rosto
Foi cuspidado na cruz
Pelos meus grandes pecados
Jesus Cristo, bom Jesus.

Vosso sagrado pescoço
Amarrado com uma corda
Pelos meus grandes pecados
Senhor Deus, misericórdia.

Vosso sagrado ombro
Esconjuntado na cruz
Pelos meus grandes pecados
Senhor meu bom Jesus.

Vosso sagrado lado
Foi lançado com uma lança
Pelos meus grandes pecados
Sofrestes tanta vingança.

Vossa sagrada cintura
Foi amarrada com uma toalha
Pelos meus grandes pecados
Jesus Cristo, Deus, me valha.

Vosso sagrado joelho
Está ferido de ajoelhar
Pelos meus grandes pecados
Por tantas penas passar.

Vossos pés e vossas mãos
Repicados de martelo
Pelos meus grandes pecados
Sofreste tanto flagelo.

Vem a mulher Verônica
Que morreu lá no Calvário
Vem nos dar a boa nova
Que veio do Santo Sudário.

Quem esta oração rezar
Um ano continuado
Terá tanto de perdão
Como dias tem o ano.

Terá tanto de perdão
Como as árvores têm de folhas
Terá tanto de perdão
Como um mar tem de areia.

Quem esta oração rezar,
Quem souber e não ensinar
Quem ouvir e não aprender
No dia do Juízo vai se arrepender.

(*Pesquisa oral*)

Informante: D. Sebastiana Batista Henrique Teixeira —
Olímpia.

3 — O RELÓGIO DA PAIXÃO

A hora e seu objeto devem ser decorados e uma oração deve ser rezada de hora em hora. Este exercício religioso serve para a salvação das almas e também para intenções particulares.

A prática piedosa inicia-se às 19 horas da Quinta-feira Santa e termina às 18 horas da Sexta-feira da Paixão. O devoto passará uma noite sem dormir, de joelhos. São 24 horas de oração.

A pessoa rezará assim:

“Padre Eterno, eu Vois ofereço todas as separação de Jesus durante a hora em que (mencionar o acontecimento) e eu me uno em tudo quanto está em meu poder, às santas intenção que animava sua arma adorável e quero que tudo de mim até os menores movimento seja para Ele e com Ele, para Vossa grande glória, para a sarvação de todas as armas necessitadas, para a minha sarvação e a do mundo inteiro. Amém”.

O Relógio da Paixão faz lembrar os sofrimentos suportados por Nosso Senhor Jesus Cristo (de noite e de dia — 24 horas).

Quinta-feira Santa

19 horas: Jesus lava os pés dos discípulos
20 horas: Jesus na última Ceia
21 horas: Jesus reza no Monte das Oliveiras
22 horas: Jesus em agonia, sua sangue
23 horas: Jesus é beijado pelo Judas, traidor
meia-noite: Jesus é levado ao grande sacerdote

Sexta-feira da Paixão

1 hora: Jesus é denunciado por falsas testemunhas e seu rosto é escarrado
2 horas: Jesus é negado por São Pedro
3 horas: Jesus é maltratado na prisão
4 horas: Jesus está preso
5 horas: Jesus está preso
6 horas: Jesus é levado a Pilatos
7 horas: Jesus é desprezado por Herodes
8 horas: Jesus é flagelado
9 horas: Jesus é coroado de espinhos
10 horas: Jesus é condenado à morte
11 horas: Jesus beija a cruz e a carrega
meio-dia: Jesus é despido e pregado na cruz
13 horas: Jesus perdoa a Dimas, o bom ladrão
14 horas: Jesus diz que a Virgem Maria passa a ser a mãe de todos os homens
15 horas: Jesus morre na cruz
16 horas: Jesus tem seu coração transpassado por uma lança
17 horas: Jesus é tirado da cruz e colocado nos braços da Virgem Maria
18 horas: Jesus é sepultado
(24 horas de oração)

Informante: Débora Aparecida Vicente — Olímpia.

ORAÇÃO DA CABRA PRETA

Cabra Preta Milagrosa que pelo monte subiu, trazei-me (fulano) que de minha mão se sumiu. (Fulano), assim como o galo canta, o burro rincha, o sino toca e a cabra berra. Assim como Caifás, Satanás, Ferrabrás e o Maioral do Inferno que faz todos se dominar, fazei (fulano) se dominar, para me trazer cordeiro, preso debaixo do meu pé esquerdo. (Fulano) dinheiro na tua e na minha mão não há de faltar, com sede tu nem eu não há de acabar. De tiro e de faca nem tu nem eu não há de me pegar. Meus inimigos não há de me enxergar. Na luta vencerá, com os poderes da Cabra milagrosa. (Fulano) com 2 eu te vejo, com 3 eu te prendo, com Caifás, Satanás, Ferrabrás, com os maiores, vencerei.

(Rezar esta oração satânica durante sete dias, com uma faca de ponta na mão esquerda, diante de uma vela preta ou vermelha acesa, atrás da porta).

Não emprestar esta oração para não tirar a força.
Cedida por D. Luzia Cassimira de Jesus — Olímpia.

PROFECIA

Assim como há pintores, desenhistas, ceramistas que se servem do drama da Paixão para exteriorizarem seus sentimentos através da arte, há poetas populares que descrevem, com conhecimento bíblico, o nascimento, vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um exemplo: esta Profecia.

- 1 — Pai Eterno e poderoso
Veio este mundo criar
Criou o céu e a terra
E tudo o que aqui está.
- 2 — Criou o sol e a lua
E as estrelas pra brilhar
Criou os anjos e os homens
Sua luz nos veio dar.
- 3 — Criou grandes matas verdes
Junto aos bichos e animais
Criou as águas e os peixes
E também criou o mar.
- 4 — A Providência divina
De nosso pai celestial
Enviou o filho de Deus,
Jesus para nos salvar.
- 5 — Outros tempos anunciado
Pelo profeta Isaías
A vinda do Salvador,
O prometido Messias.
- 6 — Isaías anunciava
Em toda povoação
A vinda de Jesus Cristo
Do nascimento à paixão.
- 7 — Profeta, homem de Deus,
O seu tempo era marcado,
Pregava a justiça divina
E por Deus era enviado.
- 8 — Tudo neste mundo tem
Do bom Deus sua palavra
Falou da vinda de Cristo
Que está na Bíblia Sagrada.
- 9 — Muitos séculos passados
Veio um anjo do Senhor
Anunciando à Maria
A vinda do Salvador.

- 10 — O anjo São Gabriel
O resplendor do Divino
Anunciou à Maria
Pra ser mãe de Deus-menino.
- 11 — Maria estava rezando
No seu quarto ajoelhada.
Quando se apresentou o Anjo,
Ela ficou assustada.
- 12 — Maria, cheia de graça
Resplandecente de luz,
Bendita és entre as mulheres,
Do santo ventre, Jesus.
- 13 — A Virgem lhe respondeu,
Prometeu com humildade
Ao bondoso Pai celeste
Não perder a virgindade.
- 14 — Na hora que anunciava
Resplandeceu como onda
Virá o Espírito Santo
Para cobrir sua sombra.
- 15 — O Anjo lhe replicou
Eu vim pela Majestade
Será virgem para sempre,
Não perderá a virgindade.
- 16 — A Virgem lhe respondeu
Quando o anjo anunciava,
Faça de mim vossa serva
Segundo vossa palavra.
- 17 — Menino-deus foi nascido
Numa noite de Natal,
Foi nascido à meia-noite
Antes do galo cantar.
- 18 — Menino-deus foi nascido,
Por mistério, por encanto,
Por obra do Pai celeste,
O Divino Espírito Santo.
- 19 — Jesus então foi nascido
Por seus pais Ele foi criado
E com o suor do rosto
O bom exemplo foi dado.
- 20 — Jesus, bom filho de Deus,
Ele é nosso Salvador
Até os seus trinta anos
Milagres apresentou.
- 21 — Jesus, o filho de Deus,
Deus de leis e mandamentos,
Deixou para nós, na terra,
Seu poder e entendimento.
- 22 — Jesus Cristo, poderoso,
Por Deus Ele foi escolhido
Pelos milagres que fez
Por seu povo foi traído.
- 23 — Jesus falava aos discípulos
O que tinha de acontecer
Em troca de trinta moedas
Iscariotes o ia prender.
- 24 — Iscariotes disse aos soldados
Uma turma vou mandar
Em que eu der o meu ósculo
Pode prender e amarrar.

- 25 — Iscariotes comandante,
A Jesus foi procurando,
Com o beijo de traidor
Já o prenderam, amarrando.
- 26 — Jesus sabia de tudo
Mas humilde de coração
Suportou grande tormento
Na hora de sua prisão.
- 27 — Eles prenderam Jesus
Bem rápido, num zás-trás,
Foi entregue ao rei Anás
E depois a Caifás.
- 28 — Caifás o investigou
E destinou a sua sorte,
Enviou-o a Pilatos
Com uma sentença de morte.
- 29 — Pilatos mandou-o a Herodes
Pra ver o que resolveu
Todas perguntas que fez
Nenhuma ele respondeu.
- 30 — Vestiu-se Jesus de branco
A Pilatos o enviou
Naqueles grandes tormentos
Tantas pancadas levou.
- 31 — Vestido em traje de louco
A Pilatos se apresentou
Sua carne toda tremia
Os seus ossos se abalou.
- 32 — Caminhou Jesus a Pilatos
Judiado pelos caminhos
Enterraram em sua cabeça
Uma coroa de espinhos.
- 33 — Jesus perante Pilatos
Para ser investigado
Sua sentença de morte
A Ele foi confirmada.
- 34 — Pilatos falou a Jesus
Peço responder a mim
Você é rei dos judeus?
E Jesus disse que sim.
- 35 — Meu reino não é daqui
Esta é minha autoridade
Eu vim aqui neste mundo
Testemunhar a verdade.
- 36 — Pilatos pegou Jesus
Algemado pela mão
Investigou sobre tudo
Mas não achou culpa não.
- 37 — Pilatos disse ao povo
Culpa nele não encontrei
O que queiram que eu faça
Que crucifique vosso rei?
- 38 — O povo ficou nervoso
Pilatos disse: eu não sei,
Não tenho autoridade
Pra desrespeitar nossa lei.
- 39 — Pilatos pedia ao povo
Pelo homem de boa fé:
Deixa na cruz Barrabás
Ou pregue o de Nazaré?

- 40 — Todo povo reunido
Gritava muito enraivado:
Solte já a Barrabás
Pra Cristo ser crucificado.
- 41 — Pilatos pediu ao povo
Falando como um bruto:
Não quero ser responsável
Pelo sangue deste justo.
- 42 — Pilatos disse de Jesus
Culpa ele não tem não,
Numa bacia com água
Ele lavou suas mãos.
- 43 — Pilatos repetia forte:
Defendo Jesus de Nazaré
Fiz tudo pra não matá-lo
Façam dele o que quiser.
- 44 — Levaram Jesus pr'o Calvário
Com seu coração amoroso
Quanto sangue derramado
No trajeto doloroso.
- 45 — Jesus seguiu ao Calvário
Na maior judiação
Carregando cruz pesada
E caindo pelo chão.
- 46 — Já presente no Calvário
O seu tempo era chegado
Ele foi posto na cruz
Para ser crucificado.
- 47 — Pregaram Jesus na cruz
Cravos e pregos nas mãos
Perfuraram os seus pés
Suspenderam ele do chão.
- 48 — Jesus dizia ter sede
E para fazer lisonja
Em vez de água lhe deram
Vinagre numa esponja.
- 49 — Ali pregado na cruz
No meio de dois ladrões,
Um falava em Paraíso
E o outro só palavrões.
- 50 — Quando foi pelas três horas
Sexta-feira da Paixão
Jesus rendeu seu espírito
Completo sua missão.
- 51 — O céu se cobriu de luto
Houve grande tempestade
Cumpru o que estava escrito
Esta é a grande verdade.
- 52 — José de Arimatéia
Ali perto, ao pé da cruz,
Perfumou o corpo do Mestre,
Sepultou meu bom Jesus.
- 53 — Foi assim que se passou
Com Jesus, o bom Pastor,
Antes de ir para o céu
Pra ser nosso Salvador.

De autoria de José Augusto de Miranda (Juca Vato), de 77 anos (1980), residente no Bairro de São José — Olímpia.

IMAGENS DE BARRO

No Município de Olímpia há uma artesã, Antônia Gonçalves Vechiato, que trabalha com barro comum, tirado de um córrego e temperado com saibro de barranco. Os dois elementos juntos são misturados muito bem num pilão e depois colocados num saco de estopa para ser sovado.

Com uma faquinha, uma concha sem cabo e uma agulha velha de crochê, constrói, a cerâmica utilitária e figurativa. E tem um gosto acentuado também para a produção de imagens religiosas, sobretudo as que representam cenas da Via Sacra.



Suas peças são queimadas durante três dias. São de uma coloração marrom-avermelhada. São muito bonitas, porém, muito pesadas.

As peças que possuímos foram confeccionadas em 1967, mas D. Antônia as constrói ainda hoje.

DOMINGO DE RAMOS

“E trouxeram a jumenta e o jumentinho e puseram sobre os seus vestidos e fizeram-no montar sobre o jumentinho. E o povo, em grande número, estendia no caminho os seus casacos, e outros cortavam ramos de árvores, e juncavam com eles a estradas”... (Mateus 21, 7-10).

Este episódio cristão: Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém, ficou conhecido como “Domingo de Ramos”, comemorado no domingo que antecede a Páscoa.

Nesse dia os católicos vão à missa no período da manhã, levando ramos verdes de coqueiro, de manjerição, de arruda, de erva-cidreira, de cipreste, de laranjeira, de samambaia, etc. Mas qualquer ramo de planta da medicina caseira, da espécie que se planta em galho, se bento no Domingo de Ramos, deverá ser plantado nesse mesmo dia. A planta já nasce benta e é de muito poder na cura das doenças. O arbusto já nasce bento e o seu uso aplaca todos os males.



Também é costume levar flores para benzer, as quais deverão ser colocadas num oratório e aplicadas contra temporal ao serem queimadas.

Algumas pessoas portam muitos ramos e outras, poucos, para serem benzidos. Outras não se entusiasmam em levar nem um raminho, mas participam do cortejo. Os homens dão menos importância ao benzimento de ramos e também é pequeno o número deles que participa da procissão.



Os ramos que com maior frequência apareceram nessa procissão que antecede a missa são os de coqueiro, mais conhecidos por palmas.

Algumas palmas são trabalhadas à mão, nascendo belíssimos trançados nas folhas de coqueiro, que depois de bentas são guardadas para muitas finalidades.

No ano de 1968 registramos, em Olímpia, alguns depoimentos prestados por pessoas que levam ramos para se tornarem bentos e que crêem na sua eficácia.



1 — Domingo de Ramos o povo leva ramos para benzer, porque acredita que o ramo benzido serve para parar com os ventos e tempestades. Informante. A. M. Pinheiro, 72 anos.

2 — Com o ramo benzido e seco, nos dias de chuva de vento ou contra qualquer perigo, coloca em uma lata bastante cinza e faz uma cruz na cinza com o ramo. Depois joga a lata com a cinza e o ramo para o lado que vem o vento ou a chuva. Também joga em direção da lua quando é para combater algum mal ou para salvar alguma alma. Informante: O. Rufino, 69 anos.

3 — Nós leva o ramo pra benzê pra quando fazê tempestade ponhá pra queimá. Faz três cruéis e ponha no burraio com um pouco de brasa. Assim fais a fumaca e acarma o tempo. O ramo benzido tem que sê guardado atraís da porta da cuzinha e não pode jogá fora, senão dá azá naquele ano intero. Muita benzedera usa ramo pra benzê a cabeça de sor, de mal oiado e de quebrante. Informante: M. Isabel, 70 anos.

4 — Pra dizê pr'ocê a gente usa o ramo no tempo de tempestade, ventania braba. É só pô o ramo em cruéis no fogo e dizê: "Sinhô tenha piedade de nós". É a mesma coisa que tirá co'a mão. Informante: A. Bertolo, 68 anos.

5 — O ramo serve pra quando vem tempestade e também pra fazê chá quando uma gente tá doente. O ramo é guardado num caixotinho. Usa também guardá atrás de quadro de santo. Informante: A. A. Castro, 72 anos.

6 — O Domingo de Ramos é o dia em que Nosso Sinhô entrô com uma palma na mão, na Galiléia, acompanhado de seus amigo e gritava: "Aleluia!" Depois foi entregado na mão do inimigo. Domingo de Ramos é devido a palma que tava na mão de Nosso Sinhô. Informante: L. F. Braga, 61 anos.

7 — O ramo serve para benzer a criança que tá com quebrante. O ramo bento a gente põe pra secá e na

quarta-feira de cinza, a gente queima e com a cinza benze as pessoas. Informante: A. M. de Jesus, 80 anos.

8 — O ramo bento é pra sê jogado de um lado do vento. Ele esparrama na chuva e ela vai embora. Serve também pra fazê chá para doentes. Qualquer doente terá alívio. Informante: A. A. Castro, 78 anos.

9 — O ramo serve pra quando tivê temporal, pô fogo de brasa em cruéis e deixá queimá, que é bão pra acalmá o temporal. Deve guardá atraís dos santos depois de queimado, pra não dá azá. Informante: E. Bortelli, 73 anos.

10 — O dia em que Cristo entrou na cidade de Nazaré, sendo num dia de domingo, o povo estendia ramo para que Cristo passase e abençoasse os ramos. Esses ramos queimado e jogado na chuva serve pra acalmá ela. Informante: A. F. Souza, 90 anos.

1 — O Domingo de Ramos quer dizer o primeiro dia de sofrimento de Jesus Cristo. Para maltratar e judiar de Cristo, o judeu com aqueles ramos verde de oliveira, cana de espinho, batiam no rosto até sangrar. É por isso que até hoje benze os ramos para lembrar os sofrimentos de Cristo. Esses ramo serve pra acalmar temporal. Nas fazendas, é costume colocá três ramo bento em cruéis nos treis canto da casa pra tê boa coieta. Informante: J. L. Silva, 72 anos.

12 — Esse ramo tem que sê de coqueiro, porque dá uma trançada mais bonita. Tem pessoa que usa benzê até com junco ou otro ramo que dura muito. Esse ramo é santo remédio para espantá os temporal. A gente queima o ramo, reza bastante e joga pela janela. Deus fais pará a chuva num instantinho. Informante: B. D., 81 anos.

E é assim que o povo entende o significado do ramo bento na missa do Domingo de Ramos, no Município de Olímpia.

DOMINGO DE PÁScoa

A data da Páscoa não é fixa e isso se explica:

O dia da Páscoa, segundo determina a Igreja, é sempre o domingo que se segue à primeira lua cheia depois do dia 20 de março. Isso faz com que nunca se comemore a Páscoa antes do dia 22 de março, podendo, porém, ser depois.

Se a lua cheia for a 20 de março, a lua cheia seguinte será a 18 de abril e se esse dia for domingo, só no domingo seguinte, isto é, a 25 de abril poderá ser realizada a Páscoa. Portanto, também depois de 25 de abril nunca se pode comemorar a Páscoa.

Na Páscoa, há o costume secular de dar ovos de chocolate e também coelhinhos. São os símbolos de Jesus que, por si só, em breve, ressuscitou, como fazem os pintinhos que, por si sós, picando a casca, saem para a luz; como os coelhos, que ficam no ventre materno muito pouco tempo, apenas quatro semanas (28 dias).

OVOS DE PÁScoa

SÍMBOLOS DE FECUNDIDADE

Como as tradições populares a origem dos ovos de Páscoa perde-se no tempo. O coelhinho que, curiosamente, os bota escondendo-os nas moitas ou entre os tufos de flores, nos jardins, animal dos mais prolíferos, significa fecundidade. É o símbolo folclórico de maior expressão nas festas pascais. Há, porém, outros símbolos por assim dizer, secundários: o peixe, o cordeiro, o círio, o trigo e o girassol.

ORIGEM DOS SERES E DO MUNDO

Historiadores, pesquisando sobre a tradição do ovo pascal, atribuem-na aos pagãos que o consideravam origem dos seres e do mundo. O ovo de Orfeu, por exemplo,

exprimiam o conceito de fecundidade e força internas do solo.

Desde épocas remotas, os egípcios, no período de seca, semeavam, às margens do Nilo ovos de avestruz que geravam espontaneamente, sem serem chocados, pois o sol e a água das inundações lhes bastavam. Isso era sinal da promessa de fecundação da Terra.

Quanto aos gregos costumavam, desde longa data, levar coroas de ovos aos templos e guardavam os de avestruz como mascotes.

Também na Ásia os ovos festivos têm bases folclóricas. Acredita-se que por volta de 772 tenha surgido o costume de pintá-los caprichosamente. Preparavam-no com esmero, para a Festa da Primavera, celebrando a renovação da Natureza. Era proibido acender fogo, segundo o ritual. Por isso, comiam alimentos preparados dias antes, inclusive ovos cozidos e cuidadosamente pintados em cores vivas.

ENTRE OS CRISTÃOS PRIMITIVOS

Uma das mais conhecidas lendas liga o ovo de Páscoa à igreja primitiva, às luzes iniciais do Cristianismo assim como herança folclórica e de certa maneira religiosa. Representava a ressurreição de Cristo com o nascimento do pintainho ao quebrar a casca que o envolve.

Nessa época os católicos ofereciam ovos aos sacerdotes para que os repartissem com as famílias. A tradição é atribuída, também, à manifestação de alegria pelo fim da abstinência e do jejum, na Quaresma.

Aliás, presentear alguém com ovos, para alguns povos hebreus, era voto de prosperidade, de felicidade.

Afirmam outros que esse costume remonta ao pagamento de dízimos, na era feudal. Naquela ocasião os camponeses deveriam entregar ao seu senhor o dízimo de ovos das aves que tivessem. O hábito, mais tarde, transferiu-se, servindo para estreitar relações entre parentes e amigos, o que perdura até os nossos dias.

Conta-se, também, que no século II, em Paris, estudantes e vizinhos de bairro saíam às ruas pedindo dinheiro para comprar ovos de Páscoa. Depois, com eles, presenteavam os amigos. Mas, ainda, à saída da igreja o próprio rei distribuía ovos ao povo.

Por fim, no século XVII, a igreja adotou esse símbolo para expressar a ressurreição pascal, em seguida à publicação de uma Encíclica do Papa Paulo V.

OVOS DE PÁScoa TÊM MUSEU

Entre os russos é, ainda, comum o uso dos ovos coloridos distribuídos a todos que se encontrem nas ruas, no domingo de Páscoa.

Os povos eslavos cuidam, de modo particular, da decoração dos ovos. Em Ljubliana, Iugoslávia, existe interessante coleção deles. São cuidadosamente pintados. Estão no museu etnográfico.

Os húngaros vão mais longe. Fundaram um museu só para ovos de Páscoa. E o mantém em Bucareste, atualizando sempre. É o único no gênero em todo mundo. Atrai turistas que vêm ver, de perto, os seus 10 mil ovos de diferentes feitios e procedências. Os desenhos que os cobrem refletem, em motivos folclóricos, a alma do povo. Mas, para que se conservem, por dezenas de anos, são cozidos em cinza. Isto faz com que fique dissecada completamente a parte interior, permanecendo apenas a casca. Há exemplares, tratados por esse processo, que datam de mais de meio século.

A LENDA DO COELHINHO

Encantadora como todas as lendas a do coelhinho que põe ovos na Páscoa foi introduzida pelos anglo-saxões. Exprime vida e fecundidade e também renascimento, pois o coelho dorme todo o inverno, acordando só na primavera européia. Conta que, nessa época do ano, o coelhinho

põe ovos como as aves. Mas, ao contrário delas, não faz ninhos, nem os choca. Esconde-os em diferentes lugares, nos jardins. Com relação aos ovos, vamos buscar sua origem na tradição milenar chinesa, que simboliza a eternidade.

Ovos e coelhos foram adotados pelos primeiros cristãos para significar a renovação da vida.

As crianças adoram procurá-los, encontrando-os juntos com bonitos presentes e muitos brinquedos.

Assim, presentear amigos com coelhos e ovos de chocolate, cheios de confeitos, como agora se costuma fazer, é prática antiqüíssima. Porém, apesar do decorrer dos séculos, mantém o mesmo espírito simbólico e emotivo. Exprime votos de prosperidade, de felicidade, de amizade fraterna entre amigos e parentes que, ao trocá-los, comungam reavivando os laços que os unem.

Em algumas aldeias a pintura artística dos ovos pelos pais e irmãos mais velhos, às ocultas das crianças, constitui hábito tradicional. Na manhã de Páscoa, bem cedo, as crianças vão procurá-los nos jardins. Aí está uma esplêndida coleção que muito alegrará os pequenos e também os adultos que os encontrarem ou com eles forem presenteados.

Na Alemanha, há pessoas especializadas em pintar ovos com motivos folclóricos. É a arte que passa de pais a filhos, sempre conservando a primitiva pureza.

Engenhosamente, as mães preparam mesas festivas, para as comemorações pascaís para mais encantarem as crianças. Aí está um motivo bonito, com o coelhinho à porta da casa, rodeado de ovos.

As vitrinas das lojas mostram ovos dos mais variados tipos e tamanhos — são mensagens de felicidade e prosperidade aos lares que os recebem. O ovo de chocolate ainda é o grande presente de Páscoa.

CARTÕES

As ilustrações de cartões postais, que são enviados por ocasião da Páscoa, têm como motivos coelhos e ovos. Também o comércio, por sua vez, lança em propaganda os mesmos motivos. Mas a criançada é que não resiste aos "chocolates" que custam tão caros.

Para a criançada, como no passado, domingo de Páscoa é dia de coelho, sinônimo de ovo, que, de preferência, deve estar escondido em um canto qualquer, só pelo prazer da procura e descoberta. É imbatível essa tradição.

É, ainda, dia da Procissão da Ressurreição, nas primeiras horas do Domingo; dia de ir à missa, de lauto almoço e até de foguetório.

Algumas pessoas preferem queimar o Judas nesse dia.

CRENDICES, SUPERSTIÇÕES, SIMPATIAS, MEZINHAS E MAGIAS DA QUARESMA EM OLÍMPIA

A credice tem sua origem no irracionalismo mágico. Acompanha o homem do nascimento à morte.

A superstição é tudo aquilo que a pessoa crê, sem nenhuma razão ou fundamento, recalcada no medo. Acredita em coisas que propiciam vantagens ou dão azar.

Simpatia é o ato de atrair algo que se deseja por meio de uma coisa semelhante a esse desejo. A fé é que comanda a confiança cega que as pessoas depositam nos resultados de sua eficácia. Mas, para isso, não se pode contá-la ao paciente. O máximo que se pode dizer é que está fazendo uma simpatia, sem entrar em pormenores.

Mezinha ou meizinha (da palavra medicina) é a sugestão medicamentosa de curandeiro, raizeiro e benzedor. O benzedor se destaca pelo poder de suas orações. Outra, a escassez de médicos foi alegada como fator estimulante da difusão da medicina empírica. A Sexta-feira Santa é dia propício para curar bronquite. Resumindo, mezinha é a medicina folclórica.

Magia é a invocação de poderes sobrenaturais e forças ocultas para produzir fenômenos invulgares. É empregada para afastar o azar, o mau-olhado, ou como proteção contra doenças, fracassos e calamidades parecidas. Utilizam-se palavras, símbolos, animais, vegetais ou minerais em sua prática. Os amuletos e os talismãs são usados junto ao corpo, na casa ou em outros pertences da pessoa, para afastarem o sortilégio e outras infelicidades como também para darem sorte. Isto, porque o homem teme o sobrenatural, o imponderável.

As crendices, superstições, simpatias, mezinhas e magias passam de geração a geração e quase todas são nacionalmente conhecidas. Quem procura estudar suas origens saberá que elas são portuguesas, indígenas, africanas, espanholas, italianas e outras. Resultam na aculturação nacional.

Existem para resolver problemas de um ou de todos. São conhecidas pelos membros de um meio social qualquer, pela gente dos campos e das cidades. Propagam-se e perpetuam-se pela necessidade. Os mais velhos: avós, pais, padrinhos ou outros transmitem-nas aos mais novos, havendo uma continuidade. Por isso, elas sobrevivem. As crendices e superstições da Quaresma nasceram, na maioria dos casos, pela imposição do sentimento religioso. Efetivaram-se estas práticas no transcorrer da Quaresma. Os novos aprenderam com o próprio fato e passaram a aceitá-las e respeitá-las.

A respeito das crendices e superstições, muitas vezes ouvimos: Por que não se pode fazer isto ou aquilo ou por que devemos realizar esta ou aquela coisa na Semana Santa?

Se fizermos esta pergunta a qualquer dos informantes, a resposta sempre será: "Faço assim, porque aprendi com meus pais", "Ou com meus avós". São práticas que se tradicionalizaram. Muitas delas são divergentes: Quem cortar as unhas na Semana Santa, transforma-se em Lobisomem/Quem desejar ter unhas sadias e bonitas, deve cortá-las e enterrá-las numa Sexta-feira da Paixão.

A explicação não tem grandes segredos. Como já dissemos, muitas dessas crenças nascem de recursos empregados pelos pais (ou pessoa mais velha) a fim de conseguirem o respeito dos filhos às coisas da religião. Vejamos este exemplo: "Quem tocar o berra-boi (pedaço de tábua amarrada num barbante, que quando rodado provoca barulho muito forte, perturbador) durante a Quaresma, a não ser no ritual da "Recomenda de Almas", estará atraindo o Satanás".

Qual a explicação a tal crença?

Exigir silêncio, muito silêncio, ou seja, o respeito pelo maior dia santo do ano. Por outro lado: evitar o barulho provocador do berra-boi, o que muita gente idosa já não pode suportar.

A criança acreditando na "estória" fica amedrontada e guarda o mágico instrumento.

Adquire um novo conhecimento. Com o decorrer do tempo passa a acreditar piamente nele e transfere-o a outros. Nasceu o fato e se propagou.

Quase todos têm um desprezo para com as superstições, mas quase todos não deixam, provavelmente, de acreditar nelas.

Conheçamos algumas delas:

1 — No dia 25 de março (sempre cai em dia da Quaresma) o Diabo anda solto. Para expulsá-lo é preciso rezar sete vezes o Credo. (5)

2 — No dia 25 de março, dia em que o Demônio governa o mundo, deve-se queimar raspas de chifre, ao lado da casa. O cheiro fétido do chifre queimado afugenta o obsessor. (7)

3 — No dia 25 de março a pessoa, para livrar-se do Demônio, deverá esfregar alho no peito e permanecer assim o dia todo. O Demônio fugirá do cheiro desse condimento. (5)

4 — Criança que nasce no dia 25 de março, se não for batizada com nome de Santo, será perseguida pelo Diabo. (9)

5 — No dia 25 de março é bom usar fezes de boi para defumação, com a finalidade de afastar os espíritos maus. (13)

6 — No dia 25 de março, as pessoas devem jejuar em sinal de respeito, pois é esse dia perigoso, o Demônio está solto. É também dia sagrado, pois o anjo Gabriel apareceu a Maria, anunciando-lhe que seria a mãe do Messias. (21)

7 — No dia 25 de março, na sala das casas deverá ser colocado um vaso com folhas de planta comigo-ninguém-pode, a fim de que o Diabo não persiga a família. (4)

8 — No dia 25 de março, mãe que ainda tenha filho pequeno nunca poderá dizer-lhe: "Menino do Diabo!" ou "Vá para o Inferno!" É certo que o Diabo se apoderará da criança e a lançará numa moita de arranha-gatos, que é a vivenda dele, aqui na terra. (23)

9 — No dia 25 de março é preciso que as pessoas rezem, ao meio-dia, a oração contra o Demônio, para não serem visitadas por ele. (27)

10 — No dia 25 de março, a casa que não tiver um crucifixo ou simplesmente uma cruz, será atentada pelo Demônio. (20)

11 — A pessoa que sofre de bronquite, tudo o que comer na Sexta-feira Santa, deverá guardar um pouquinho num prato virgem. À noite, jogar o prato com os restos de comida ajuntados nas águas correntes de um rio, sem olhar para trás. Cura-se a bronquite. (17)

12 — Outra maneira de curar a bronquite é esta: Na Sexta-feira Santa, antes do sol nascer, pega-se um copo virgem, um pedaço de pano que não foi usado (de qualquer cor) e um pedaço de barbante que também não tenha sido usado. Enche-se o copo com leite fervido e o dá ao doente para tomar, recomendando deixar um pouco de leite no copo. Daí, cobre-se o copo com o pano, amarrando-o bem com o barbante e o enterra perto da casa. Quando o barbante apodrecer e arrebentar, o doente estará curado. (2)

13 — Para curar a bronquite de alguém, uma das pessoas da família, mas sem que o doente saiba a finalidade, deverá pedir para cortar-lhe primeiramente as unhas da mão direita, depois as unhas do pé esquerdo; a seguir, as unhas da mão esquerda e as unhas do pé direito. Corta-se também um pouquinho do cabelo da pessoa. Juntam-se as unhas, o cabelo e guarde-os. Num.a Sexta-feira Santa, antes do sol se esconder, abre-se uma latinha de sardinha, mistura-se muito bem, as unhas e o cabelo, e dê a um gato para comer. A pessoa ficará definitivamente curada. (13)

14 — Na Sexta-feira Santa, para curar a bronquite de uma criança do sexo feminino, deverá fazer-se o seguinte: cortar a pontinha da orelha de um gato, extrair três pingüinhos de sangue e dá-los à criança, para engolir. Se a criança for do sexo masculino, a orelha a ser cortada será a de uma gata. A bronquite será curada. (20)

15 — Apanhar um ovo de galinha que tenha sido posto na Sexta-feira da Paixão. Guardá-lo durante um ano, isto é, até Sexta-feira da Paixão do ano futuro. Este ovo secará. Então, nesse dia da Paixão, amassá-lo bem, com casca e tudo, em um pano, até transformar-se num pó muito fino. Misturar esse pó em um alimento qualquer e dar a uma pessoa bronquítica para comê-lo, sem que ela tenha conhecimento da simpatia. A bronquite desaparecerá. (7)

16 — Numa Sexta-feira da Paixão, tirar a medida de doente de bronquite em uma parede da casa. Fazer um burquinho na parede à altura da medida. Cortar 3 punhadinhos do cabelo da nuca do doente. Enfiá-los no buraco da parede e fechar com barro. A pessoa não pode ter conhecimento da finalidade da simpatia.

17 — Numa Sexta-feira da Paixão, uma pessoa deverá ir a três casas onde residam mulheres por nome Maria e pedir um pouquinho de comida. Misturar a comida e dar à pessoa que tem bronquite. A comida que sobrar, dar para um gato. O doente não poderá ficar sabendo da simpatia. (17)

18 — Comprar um prato novo e uma colher nova e numa Sexta-feira da Paixão ir a três casas onde houver mulher chamada Maria e pedir uma colher de comida, pelo amor de Deus. Misturar a comida, comer um pouco, menos da metade, e o resto que ficou no prato, levar a um rio (sem conversar com ninguém no caminho). Chegando ao rio, ficar de costas e jogar o restante da comida juntamente com o prato e a colher. Voltar para casa. Isto será feito pelo próprio doente. (2)

19 — Numa madrugada de Sexta-feira da Paixão pega-se um inhame, corte-o pela metade e peça para a pessoa doente cuspir numa das metades. Depois uma as duas partes e enterre o inhame em lugar úmido, onde ele possa nascer. Quando espalhar ramas, a bronquite terá seu fim. O doente não poderá saber. (6)

20 — Quem quiser livrar-se da bronquite deverá realizar esta simpatia num dia de Sexta-feira da Paixão: Pôr leite em três copos. Dar um copo ao doente, um copo a um gato e o outro será despejado na raiz de uma árvore, do lado em que o sol se esconde. (28)

21 — Para curar bronquite é bom dar ao doente, durante os dias da Semana das Dores e da Semana Santa, em jejum, um copo de leite de égua recentemente parida. (23)

22 — Numa Quinta-feira Santa pegar um copo virgem e enchê-lo de leite até à boca. Dar para quem tem bronquite tomar. Depois amarre um pano virgem na boca do copo, fechando-o bem. Enterrá-lo numa construção por onde a pessoa nunca passará. O doente não poderá ficar sabendo. (31)

23 — Durante 5 anos, ou seja, em 5 Sextas-feiras Santas, encher um copo de vidro (sem uso) com leite. Dar a metade do leite ao doente de bronquite, para beber. Fechar bem a boca do copo, com o restante do leite dentro, e enterrar num lugar por onde o doente nunca passará. (35)

24 — Deixar pousar no sereno, passagem de Quinta para Sexta-feira Santa, meio copo de leite. Na Sexta-feira Santa dê o leite para o doente de bronquite beber. O doente não deve tomar conhecimento da simpatia. (9)

25 — Na Quinta-feira Santa pôr um copo de leite para pousar no sereno. No dia seguinte, antes do sol nascer, pega-se a metade do leite e dê para o doente beber. A outra metade do leite será colocada num saquinho bem amarrado e enterrado num lugar por onde a pessoa jamais passará. (20)

26 — Numa Sexta-feira Santa encher um copo virgem com leite até à boca. Dar a metade para o doente de bronquite tomar. Completar o leite novamente, até à boca do copo. Tampar com um lenço branco e enterrar o copo. Quando secar o leite, secará também a bronquite. Esta simpatia será feita uma só vez. (2)

27 — Para combater a bronquite, num dia de Quinta-feira Santa, mata-se um frango preto (se for para mulher) ou uma franga preta (se for para homem) e cozinha com temperos, para a pessoa comer. A pessoa doente não poderá ficar sabendo que se trata de uma simpatia. Tudo quanto se fizer, desde a água com a qual se esaldou o frango: penas, tripas, etc. e inclusive a sobra do prato, será guardado para, no dia de Sexta-feira da Paixão, antes do nascer do sol, ser jogado em águas correntes. (37)

28 — Chá de cravo-de-defunto, tomado na Sexta-feira Santa, porá fim, para sempre, à bronquite. (38)

29 — Para curar a bronquite num dia de Sexta-feira da Paixão, deve-se pedir, pelo amor de Deus, a uma pessoa: um pouco de farinha de mandioca, 1 ovo, um pouco de óleo e um pouquinho de sal. Comprar 1 frigideira, 1 prato, 1 copo e 1 colher, tudo sem ter sido usado.

Preparar uma farofa usando os utensílios novos. Dar esta farofa ao doente, sem que ele saiba a finalidade. Se pedir água, esta também será servida no copo virgem. O resto da farofa será jogado em águas correntes, a qualquer hora do dia de Sexta-feira Santa. (13)

30 — Para curar a bronquite, pega-se um copo virgem, enche-o de leite, na Sexta-feira Santa, e dá ao bronquítico para tomar. Se tomar todo o leite, enterra-se o copo vazio, no quintal. Se, por acaso, não conseguir tomá-lo todo, enterra-se o copo com o leite que restar. (17)

31 — Contra bronquite, deve o doente, numa Sexta-feira Santa, arrancar, antes do nascer do sol, uma raiz de cambará e preparar um chazinho para tomar. (4)

32 — Em três Sextas-feiras da Quaresma, sendo que a última seja a Sexta-feira Santa, cortar três pontinhas do cabelo da pessoa bronquítica: dois do lado da orelha, e uma atrás da cabeça, ou seja, na nuca, enquanto a pessoa dorme. Colocar estes fios de cabelo debaixo do tijolo da construção de um prédio qualquer, quando o pedreiro for assentar os tijolos, na parede. A bronquite será totalmente curada. (12)

33 — Colher um ovo que uma galinha tenha botado na Quinta-feira Santa. No dia seguinte, ou seja, na Sexta-feira da Paixão, fritá-lo para o doente de bronquite comer. (6)

34 — Numa Sexta-feira da Paixão retirar 3, 5, 7 ou 8 bichinhos, acinzentados, popularmente conhecidos por tatuzinhos e que se criam debaixo da madeira velha e podre. Faz-se um chazinho com estes tatuzinhos e dar para o doente de bronquite tomar 1 (uma) xícara (café), antes do sol nascer. Depois que o sol se esconder, jogar fora o chazinho que sobrou. Com 3 ou 5 tatuzinhos vivos, fazer um patuá e colocar no pescoço do doente, o qual deverá ser usado até perder-se. A pessoa doente não poderá ter conhecimento dessa simpatia. (23)

35 — Para ter-se melhor qualidade e boa colheita, deve-se plantar o alho na Sexta-feira Maior. (2)

36 — Do alho colhido e que foi plantado na Sexta-feira da Paixão, retirar três dentes de uma das cabeças e preparar a seguinte simpatia, para que uma mulher evite a infidelidade do marido. Um dente deverá ser colocado dentro do travesseiro em que dorme o esposo (o travesseiro deverá ser marcado) e outro, dentro do travesseiro em que dorme a mulher. O terceiro dente será guardado para, num dia de Sexta-feira Santa, ser novamente plantado. (9)

37 — Na Quinta-feira Santa, apanhar três dentes de alho. A cada dente dar o nome de um moço (ou moça) pelos quais sente muita simpatia. Plantá-los num canteiro e marcar cada um com nome de moços. O alho que brotar primeiro revelará o nome da pessoa com quem se casará. (25)

38 — Na Sexta-feira Maior, ao meio-dia, plantar um canteiro de alhos. O primeiro pé de alho que nascer, com um dente na ponta da folha, servirá para curar muitas doenças, tais como dor-de-barriga, dor-de-ouvido, dor-de-dente, etc. (12)

39 — Para evitar feitiço, deve-se ter, durante a Quaresma, uma réstia de alho dependurada na parede da cozinha. (23)

40 — Quem tiver gato, principalmente gato preto, não pode deixar de colocar todos os dias, três dentes de alho no fogo, para que o Diabo não venha, através desse animal, atentar a família (20)

41 — Na Sexta-feira Santa ninguém deve passar debaixo de uma quaresmeira, pois corre o perigo de se transformar em Lobisomem. (28)

42 — É costume levar do esquife de Nosso Senhor Morto plantas aromáticas como: manjerição, alfavaca, alecrim, artemija, hortelã, etc. É bom retirar uma dessas folhas para fazer chá no dia em que alguém estiver sentindo alguma dor. (2)

43 — A pessoa que guardar uma flor que foi retirada do esquife de Nosso Senhor, numa Sexta-feira Santa, não morrerá repentinamente. (26)

44 — Na Sexta-feira da Paixão, quando o caixão de Nosso Senhor, na Procissão do Enterro, entrar na Igreja, a pessoa deverá tirar uma flor ou simplesmente uma pétala e guardá-la bem, para se ter sorte. (25)

45 — Na Sexta-feira Santa, antes do sol nascer, apanhar um ramo de arruda, tirar-lhe as folhinhas e pendurá-lo, por um cordão, ao pescoço de uma criança. É muito bom para que a criança cresça com saúde. (17)

46 — As plantas caseiras medicinais (arruda, alecrim, losna, manjerona, artemija, macela, coentro, hortelã, poejo, etc.) se plantadas no dia de Sexta-feira da Paixão, crescerão com virtudes e curarão todas as doenças. (4)

47 — Alecrim plantado na Sexta-feira Santa crescerá abençoado. Com ele se prepara remédio contra qualquer mal. (13)

48 — À meia-noite da Sexta-feira Santa é bom plantar, ao lado esquerdo da porta de entrada da sala, um pé de gambá (guiné), arruda ou manjericão. Essas plantas de cheiro nauseativo afastam os maus espíritos e idéias sinistras. (12)

49 — Na Quinta-feira Santa, apanhar um galho fino de cedro verde ou seco. No outro dia, Sexta-feira Santa antes do sol sair, faz-se uma pequena cruz, cortando o cedro em três pedaços: o corpo da cruz e dois pedacinhos para a formação do braço, colocando-se um sobre o outro, de sorte que o corpo da cruz fique ao meio da madeira que constitui o braço. Juntar à cruz três galhinhos de arruda, três folhinhas de aipo e três raminhos de alecrim. Colocar a cruz com essas plantas num copo d'água. O cedro ganhará a coloração de um roxo escuro. Ao meio-dia, retire-a da água e a amarre com um barbante virgem de cor preta. Esta cruz deverá ser transportada pela pessoa, em seu corpo, mas de maneira que ninguém a perceba. Transporte secreto. Ao encontrar-se com pessoas inimigas e mal intencionadas (ladrão, homicida, feiticeiro, etc.), basta a pessoa colocar a mão direita sobre o local onde esteja a cruz, repetindo as palavras: "Cruz de São Bartolomeu, a virtude da água em que ficaste e das plantas e madeira que és formada, que me livres das tentações e dos maus espíritos e que traga sobre mim as graças de que gozem os bem-aventurados. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém". A pessoa ficará com o corpo fechado. (20)

50 — É bom defumar a casa com arruda, alecrim ou gambá (guiné) nos dias da Semana Santa. Esta prática expulsa os espíritos malignos e traz proteção ao lar. (9)

51 — Nas noites da Quaresma não é bom passar debaixo de gameleira, pois nos seus galhos, no período noturno, pousam os fantasmas. (25)

52 — Nas segundas, quartas e sexta-feiras da Quaresma, deve-se defumar a casa com artemisia (artemigem, artemija ou erva-de-são-joão) para proteger-se contra feitiços. (2)

53 — Para curar diabruras de crianças, na noite de Sexta-feira Santa, é só colocar debaixo da cabeça dela, enquanto dorme, uma folha de erva-cidreira (melissa). (6)

54 — Para livrar a casa contra qualquer maldade, deve-se plantar, defronte a porta da sala, um pé de acácia, árvore sagrada que serve para fazer cruz. (25)

55 — É bom plantar no quintal da casa, num dia de Sexta-feira Maior, uma cruz feita de madeira de cedro verde, molhá-la sempre para brotar e crescer. O chá feito com a folha dessa árvore curará qualquer doença. (1)

56 — Plantar um pé de loto, símbolo da ressurreição, no Domingo de Páscoa, e servir-se do banho de suas folhas cozidas, é bom para ter vida prolongada. (14)

57 — Não é bom passar debaixo de figueiras nos dias de Quinta e Sexta-feiras Santas, pois nesses dias os demônios reúnem-se em sua copa para perturbar as pessoas. (3)

58 — Para afastar os maus espíritos e quaisquer outras perseguições, a pessoa deverá, nos dias de Sexta-feira da Quaresma, defumar a casa com ramos de alecrim e raízes de lírio, depois de secos. (35)

59 — Durante a Quaresma, a pessoa deverá carregar junto à roupa, uma folha de urtiga para afastar bruxas, o Lobisomem e a Mula-sem-cabeça. (31)

60 — Quem cortar a unha na Semana Santa, transforma-se em Lobisomem. (12)

61 — Ninguém deve andar sozinho no dia de Sexta-feira Santa. A pessoa poderá encontrar-se com o Lobisomem ou com bruxas. (28)

62 — Quem tocar instrumento musical nos dias da Quaresma, estará sujeito a criar rabo ou transformar-se em Lobisomem. (33)

63 — A pessoa que sair de casa, na noite de Sexta-feira Santa, sem que tenha alguma coisa necessária a fazer, estará sujeita às tentações diabólicas e à perseguição do Lobisomem. (4)

64 — Na casa onde há criança sem o batismo, durante a Quaresma, não presta dormir com a luz apagada. Haverá perseguição do Lobisomem, da Mula-sem-cabeça e de bruxas. (21)

65 — Criança que não é batizada, no transcurso da Quaresma, o Lobisomem virá chupar-lhe o umbigo ou sugar o leite da mãe. (37)

66 — Um casal que tenha sete filhos (todos homens) o mais velho terá que batizar o mais novo para quebrar o encanto. Se isto não se der, um dos dois virará Lobisomem, durante a Quaresma. (16)

67 — É perigoso casar na Quaresma: o primeiro ou o último filho virará Lobisomem e a primeira ou a última filha virará Bruxa. (33)

68 — A pessoa pagã, isto é, que ainda não tenha recebido o batismo, corre o risco, durante a Quaresma, de ser tomada pelo Diabo. (38)

69 — Quem não cobrir os quadros de Santos, durante a Quaresma, terá a ronda do Diabo durante esses quarenta dias. (11)

70 — Quem jogar baralho na Sexta-feira Santa está ofertando sua alma ao Diabo. (6)

71 — A pessoa que dançar na Quaresma, principalmente na Sexta-feira Maior, está entregando sua alma ao Demônio. (13)

72 — Criança que não foi batizada, não pode dormir no escuro, durante a Quaresma, para não ser atraída pelo Demônio. (26)

73 — O filho que for gerado na Semana Santa terá, durante toda a vida, a perseguição do Diabo. (14)

74 — Na Sexta-feira da Paixão, matar um gato preto, pôr-lhe uma fava de feijão em cada olho, outra debaixo da cauda e uma em cada ouvido. Depois de feito isto, faz-se um buraco no quintal e enterre o gato, cobrindo-o de terra, fazendo o Sinal da Cruz e rezando o Credo, para evitar a tentação do Demônio, que é invejoso. Regar o local todos os dias, ao dar meia-noite (repetindo o Sinal da Cruz e recitando o Credo), com pouca água, até que as favas amadureçam. Depois de maduras, corta-se o feijoeiro bem rente ao pé. Uma vez feito isso, leve-o para casa e coloque as favas, uma de cada vez na boca. Quando parecer que está invisível é porque a fava que está na boca é a que tem o encanto da magia. Então, quando a pessoa não quer ser vista pelo inimigo, coloque, primeiro, a referida fava na boca. Esta prática não tem nenhum pacto com o Demônio. (3)

75 — Quem quiser ter clarividência natural, deve proceder assim: Numa Sexta-feira Maior, à meia-noite, mata-se um gato preto, coloca-se-lhe um grão de feijão de fava em cada olho. A seguir, planta-se o gato, não se esquecendo de aguar a cova todas as noites. Aqueles feijões vão nascer, crescer e produzir vagens. Depois de secas, colher a quantidade de feijões que quiser, atendo fogo no que restar. Um grão desse feijão, levado no bolso esquerdo

da calça, da camisa ou do paletó, dá ao portador todas as qualidades de um gato, isto é, muita agilidade. (14)

76 — A mulher que usar pintura na Sexta-feira Santa, estará condenada ao fogo do Inferno, isto é, entregando a alma ao Diabo. (25)

77 — Não se pode costurar no dia de Sexta-feira da Paixão, principalmente à noite. A costureira será tentada pelo Diabo, que jogará sobre ela uma imensa capa preta. (38)

78 — Durante a Quaresma, para que a Mula-sem-cabeça não apareça às pessoas, estas, durante a noite, não podem usar junto ao corpo, coisa que brilhe. (10)

79 — Mulher casada que se amasia com um compadre, nas sextas-feiras da Quaresma transforma-se em Mula-sem-cabeça, caso venha, à noite, encontrar-se com o amásio. (37)

80 — Na Sexta-feira da Paixão ninguém deve passar debaixo de uma quaresmeira, pois corre o perigo de transformar-se em Lobisomem. (31)

81 — Deve-se batizar a criança recém-nascida antes da Quaresma, senão a Mula-sem-cabeça vem chupar-lhe o umbigo. (9)

82 — Se um casal tiver sete filhas e a mais velha não for a madrinha de batismo da mais nova, uma ou outra virará Mula-sem-cabeça. (21)

83 — Não se deve passar em encruzilhadas na Sexta-feira da Paixão para não encontrar a Mula-sem-cabeça. (1)

84 — Criança que nasce numa segunda-feira da Quaresma, receberá a proteção das almas. (4)

85 — Quem dançar depois da meia-noite, do último dia de Carnaval (ou transcorrer da Quaresma), virará "Coisa-ruim". (33)

86 — Quem assoviar durante a Quaresma vira Sacipererê. (25)

87 — Todo cristão deve acender uma vela à meia-noite da Sexta-feira Santa para livrar uma alma do Purgatório. (17)

88 — Para que sete almas do Purgatório sejam salvas, é bom matar uma cobra na Quinta-feira Santa, depois do meio-dia, ou no transcorrer do dia de Sexta-feira da Paixão. Feito isso, a pessoa deverá permanecer por algumas horas em oração, por haver ajudado as sete almas a irem para o Céu. (28)

89 — Quem cortar o cabelo no dia da Sexta-feira Maior, não sofrerá dor de cabeça. (9)

90 — Na Semana Santa, a pessoa que pentear o cabelo na Sexta-feira sofrerá para sempre uma terrível dor-de-cabeça, porque Maria, mãe de Jesus, estava penteando o cabelo, para sair a procurá-lo, quando Jesus foi condenado à morte. (24)

91 — Numa Sexta-feira Santa fazer uma coroa com um ramo que tenha espinhos, e guardá-la. O chazinho feito com um pedacinho do ramo dessa coroa, curará dor-de-cabeça. (29)

92 — Quem lavar a cabeça em água fria, à meia-noite da Sexta-feira Santa, não sofrerá dor-de-cabeça. (31)

93 — Quem cortar a barba na Sexta-feira da Paixão, não sofrerá dor-de-dente. (16)

94 — Quem cortar a barba no dia Sexta-feira Santa, ao meio-dia em ponto, não sofrerá dor-de-dente. (35)

95 — Quem quiser evitar futuras dores de dentes, deve colocar um pedaço de ferro entre os dentes e apertar, quando estiverem tocando os sinos, no Sábado de Aleluia. (33)

96 — Na Sexta-feira Santa, antes do Sol nascer, a pessoa deve ir ao vizinho para cortar 3 pedacinhos da madeira do pilão, colocá-los num patuá, para amarrar no pescoço da criança. Isto é bom para o nascimento de dentes. (10)

97 — Para ter-se boa dentição, numa Sexta-feira Santa, tirar as pernas de uma aranha caranguejeira, colocá-las dentro de um escapulário e dependurá-lo ao pescoço da criança. (4)

98 — Às 10 horas do Sábado da Aleluia, quando se soltam foguetes, anunciando a Aleluia, as crianças dizem em voz bem alta, batendo em latas: Aleluia, Aleluia, carne no prato e farinha na cuia. (28)

99 — Quando estourar o primeiro tiro anunciando a Aleluia, todos devem lavar os olhos para não sofrerem dor-d'olhos. (37)

100 — Quando der o primeiro tiro às 10 horas de sábado da Aleluia, todos os cristãos devem lavar os olhos, mas não enxugá-los. Procedendo assim, a pessoa estará rememorando a Ressurreição do Senhor e conseguindo muitos benefícios à saúde. (17)

101 — No Sábado de Aleluia, colocar uma bacia cheia de água e ficar olhando uma réstia do sol nela refletida. A pessoa ficará sabendo a hora da Aleluia, quando aparecer uma bolinha vermelha do reflexo do sol, na água. (21)

102 — No Sábado da Aleluia (Sábado Santo), às 10 horas, quem colocar uma bacia d'água ao sol, verá a aleluia, isto é, uma roda de fogo refletida na água da bacia. (6)

103 — Para criança andar, no Sábado da Aleluia, quando bater o sino anunciando a Aleluia, a mãe deverá pegar o filho pelo bracinho e sair andando. Atravessar uma rua três vezes, indo e voltando do lugar ao ponto de partida. (13)

104 — Na Sexta-feira Santa, a pessoa solteira que quiser descobrir se casará ou não, à meia-noite, deverá apanhar um prato fundo quase cheio de água. Acender, a seguir, uma vela branca. Segurando o prato com a mão direita e a vela acesa e inclinada com a mão esquerda, a meio metro de altura, sobre o prato de água, sem mover o braço, a pessoa rezará três Ave-marias que serão oferecidas à Maria Santíssima e às Almas. A vela deverá ser queimada até à metade. Os pingos que caírem formarão as iniciais do nome da pessoa com quem o praticante da "simpatia" deverá casar-se. Caso os pingos da vela formem uma linha reta sobre a água do prato, a pessoa nunca se casará. (14)

105 — Na Sexta-feira da Paixão, à meia-noite, ir a uma moita de bananeira, levando uma faca virgem. Enfiar a faca no tronco da bananeira e retirá-la, por duas vezes. Na terceira vez, enfiar a faca e deixá-la. No dia seguinte, antes do nascer do sol, ir ao local e retirar a faca. Se em sua lâmina estiver desenhado um caixão mortuário, a pessoa morrerá solteira. Mas se houver letras, na certa, a pessoa se casará. (16)

106 — O casal que esteja compromissado para casamento, não é permitido que uma das partes, namore, furtivamente, outra pessoa, na Sexta-feira da Paixão; pois se isto ocorrer, é com a pessoa namorada nesse dia com quem se casará. (3)

107 — O casal que na Sexta-feira Santa der um beijo sensual na boca, ficará, por algumas horas, com os lábios grudados. (21)

108 — Quem quiser viver em harmonia com o esposo, deverá colocar sua aliança no dedo da imagem de Nosso Senhor Morto, na Sexta-feira Maior. (24)

109 — As pessoas que namorarem na Sexta-feira Maior, por castigo, não se casarão. (10)

110 — Na representação teatral dos episódios da Semana Santa, a moça que desempenhar o papel de Maria Madalena e o moço que fizer o de Judas Iscariotes, morrerão solteiros. (29)

111 — Para que o casamento seja sempre feliz, num dia de Sexta-feira da Paixão, a mulher deverá escrever à caneta o nome do marido num pedaço de papel em branco, sem linhas. Depois escrever o seu próprio nome por cima, formando uma cruz. Colocar o papel dentro de um copo liso com água pela metade, juntamente com 3 colheres de açúcar. Pôr esse copo em lugar bem escondido, onde ninguém mexa e deixá-lo por muito tempo. Quando o copo ficar vazio, a mulher deverá jogá-lo no meio de um jardim. (5)

112 — Durante todos os dias da Semana Santa, levar ao pé de Nosso Senhor uma moeda de pequeno valor e trazer uma moeda de menor valor ainda, de troco. Guardar estas sete moedas, para que nunca falte dinheiro em casa. (24)

113 — Ao beijar o Senhor Morto, é bom ofertar um dinheiro (de papel) e retirar uma moeda para ser guardada, a fim de que nunca lhe falte dinheiro. (11)

114 — Dinheiro achado no dia de Sexta-feira Santa, se não for encontrado seu dono, não presta ficar com quem o encontrou. Deve ser dado à pessoa pobre. (29)

115 — Quem maltratar um burro, dando-lhe pancadas ou outras judiarias, na passagem da Semana Santa, não será bem sucedido nos negócios, pois esse animal tão depreciado, aparece em três passagens importantes da vida de Jesus: aqueceu o Deus-menino no presépio de Belém, com seu alento quente; serviu para a fuga da Sagrada Família para o Egito; foi montado em um burrinho que Jesus entrou em Jerusalém. (31)

116 — Quem desejar ter unhas sadias e bonitas, deve cortá-las e enterrá-las num dia de Sexta-feira Santa. (33)

117 — Mulher de nome Maria não pode varrer a casa, cortar cabelos, cortar unhas e nem usar pinturas na Sexta-feira Santa. (35)

118 — Não se deve usar roupa vermelha no dia de Sexta-feira Maior, pois foi com uma capa vermelha que os judeus, por zombaria, vestiram Jesus, ao ser condenado à morte. (12)

119 — A fim de evitar o encontro com assombrações, no decorrer da Quaresma a pessoa deverá levar consigo, na roupa, no chapéu ou na carteira de dinheiro, um objeto qualquer de aço. (32)

120 — Para que a pessoa deixe de fumar, realizar esta simpatia, no dia de Sexta-feira da Paixão, à meia-noite: desmanchar um cigarro e pôr o fumo num copo d'água para pousar no sereno. De manhã, usar a água (coada) para fazer o café ou o chá e dar ao fumante, sem que ele saiba. (29)

121 — Para que uma pessoa abandone o vício da bebida, num dia de Sexta-feira Maior, dar-lhe a beber um cálice de aguardente que tenha pousado no sereno. Depois de bebida a aguardente, o cálice deverá ser enterrado ao pé de um cruzeiro e oferecido a Santo Onofre, em intenção da cura do vício. (6)

122 — Na Sexta-feira Santa o melhor alimento para as pessoas é o chocolate. Sendo o chocolate preparado com o cacau, fruto sagrado, que por ser amargo, fará com que a pessoa goze boa saúde. (13)

123 — Para que nunca falte alimento, na Sexta-feira Santa, duas vizinhas devem trocar um prato de comida. A água com a qual se lavará os pratos, será jogada em águas correntes. (8)

124 — Para conseguir-se uma graça é bom fazer penitência de não comer nada doce durante a Semana Santa. Nosso Senhor padeceu muito e ainda foi obrigado a beber fel. (18)

125 — Durante a Semana Santa não se deve comer doces, porque Jesus sofreu muitas amarguras e nós devemos fazer penitência por Ele, a fim de sermos bem sucedidos na vida. (24)

126 — Quem comer carne (com exceção da de peixe) nas Quartas e Sextas-feiras da Quaresma e nos dias da Semana Santa, não terá boa saúde. (29)

127 — Quem comer carne no almoço da Sexta-feira da Paixão não jantará, porque morrerá antes. (15)

128 — Às 10 horas do Sábado da Aleluia quando se soltam foguetes, anunciando a Aleluia, as crianças devem dizer em voz bem alta, batendo em latas: Aleluia, Aleluia, carne no prato e farinha na cuia, para não faltar alimentos. (21)

129 — No dia de Sexta-feira da Paixão não se deve acender o fogo, em sinal de respeito pela Morte de Cristo. A comida deve ser leve e preparada à véspera do grande

dia santificado. Assim procedendo, a pessoa gozará de muita saúde. (5)

130 — Quem morrer no dia da Sexta-feira Santa, ainda que muito pecador, obterá o perdão. (12)

131 — O ladrão (que estiver preso), para ser perdoado, a exemplo de Dimas (nome dado pela tradição ao bom ladrão), deve, no Dia de Sexta-feira Santa, fazer este pedido: Meu Jesus, assim como vós perdoastes, Dimas, um ladrão, também vos peço para me perdoardes. (18)

132 — Quem rezar pelas almas dos padecentes: enforcados e suicidas nas segundas, quartas e sextas-feiras da Semana das Dores e Semana Santa, alcançará graças. (16)

133 — Quem desejar fazer penitência para absolvição dos pecados ou alcançar alguma graça para resolver problemas de saúde, deve, durante 7 anos, no dia de Sexta-feira da Paixão, carregar a uma distância de 7 quilômetros, uma cruz de madeira que pese, ao menos, catorze quilos e que tenha 3 metros de comprimento, em homenagem ao sofrimento das sete chagas de Cristo, ao morrer por nós. (15)

134 — Quem quiser pôr em liberdade uma alma penada, basta ir ao Cemitério na Sexta-feira Santa e virar de bruços uma pedra de um túmulo em ruína. (24)

135 — Na Quaresma, durante sete segundas-feiras, a pessoa que desejar alcançar uma graça, deve proceder da seguinte forma: Sendo a segunda-feira o dia dedicado às Almas, a pessoa deverá respeitá-lo como um dia santificado. Neste dia, então, a pessoa não deverá lavar roupa e nem permitir que seja lavada por outra pessoa. Obrigatoriamente deve rezar três Ave-marias e um Pai-nosso e acender, não dentro de casa, uma vela e oferecê-la às Almas. Completadas as sete segundas-feiras da Quaresma, a graça será alcançada. (11)

136 — Na Sexta-feira Santa, corta-se um punhadinho de pêlo das duas pontas das orelhas e um punhadinho do pêlo da ponta do rabo de um cachorro, formando, portanto, três punhadinhos de pêlos. Colocam-se os pêlos na chaminé do fogo a lenha, de cima para baixo, de preferência ao meio-dia, às quinze horas, às dezoito horas ou à meia-noite. O cão nunca ficará louco. (21)

137 — Na Sexta-feira Santa, antes que nasça o sol, contar cinqüenta grãos de milho, fazer um pedido à Paixão e Morte de Cristo, para obter uma graça. A seguir, rezar as orações Pai-nosso e Ave-maria em cada um dos grãos de milho. Completada a obrigação, ir ao terreiro das galinhas e, de costas, jogar o milho aos galináceos e, sem olhar para trás, sair do local. As galinhas comerão os grãos de milho. Depois disso, a graça será recebida. (10)

138 — Na Sexta-feira Santa, antes do sol nascer, para fazer com que uma pessoa distante, que há muito não é vista, nos visite, ou encontrar um animal desaparecido, a pessoa deverá ficar bem ao centro da porta de casa que dê para a rua, sem que haja conversado com alguém. Chama-se a pessoa (ou o animal) pelo nome. Cada vez que pronunciar o nome da pessoa (ou animal), sai do centro da porta e vai até o meio da rua e olha para o local onde nasce o sol, voltando ao local onde estava. Isto se repetirá três vezes. A pessoa terá notícias ou receberá a visita da pessoa (ou encontrará o animal). (8)

139 — Na Quinta-feira Santa, a pessoa que desejar alcançar perdão pelos erros cometidos, deverá lavar os pés do primeiro menino pobre que encontrar, passando diante de sua casa. Para tanto, a bacia deverá ser nova e a água muito limpa. Enquanto estiver lavando os pés, reza-se uma Ave-maria, em voz baixa. Depois de lavados, os pés deverão ser enxugados numa toalha muito alva, que ainda não tenha sido usada. (35)

140 — A pessoa que desejar conseguir o que quiser, em qualquer quarta ou sexta-feira da Quaresma, deverá entrar no cemitério, à meia-noite, e rezar o Credo em um dos túmulos e oferecê-lo a todas as almas do Purgatório. (10)

141 — Para obter-se uma graça, no dia de Sexta-feira da Paixão, à meia-noite, a pessoa deverá acender uma vela branca e oferecê-la à morte de Nosso Senhor. (30)

142 — Quem quiser alcançar alguma graça é só jejuar nos dias da Semana Santa. (15)

143 — Para evitar que a pessoa fique doente, ela deverá comprar um anel barato e levá-lo, na Sexta-feira da Paixão, à igreja e colocá-lo no dedinho de Nosso Senhor Morto. A partir deste ato, o anel ficará bento. Então a pessoa passará a usá-lo. Em caso de doença esta passará para o anel, que se partirá. Para que a doença desapareça definitivamente, o anel deve ser atirado no meio de uma mata. (24)

144 — Quem quiser alcançar alguma graça é só jejuar nos dias da Semana Santa. (32)

145 — A pessoa ao assistir à missa da Sexta-feira da Paixão, deverá levar consigo uma garrafa d'água. Ao chegar em casa deverá jogar um pouquinho da água em cada canto dos cômodos, para afugentar todos os males. (5)

146 — Na Sexta-feira da Paixão, antes do nascer do sol, cortar um pedacinho da orelha do cachorro para que ele não fique louco. (Ou: Na Sexta-feira da Paixão, cortar um pedaço da orelha do cachorro, (misturar este pedaço num pedacinho de pão), e dar ao cachorro, para evitar-lhe a loucura). (19)

147 — Na Sexta-feira Santa contar de 10 a 30 (ou até mais) grãos de milho. Para cada grão de milho rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria. Jogar em cruz no terreiro, para as galinhas comerem. É muito bom para evitar a peste dos galináceos. Isto deve ser feito antes do nascer do sol e será oferecido à Paixão e Morte do Nosso Senhor Jesus Cristo. (36)

148 — Quem jejuar todas as segundas, quartas e sextas-feiras da Quaresma alcançará a graça pretendida, por mais difícil que seja. Nos dias de jejum a pessoa deverá rezar a oração À Chaga do Ombro de Jesus. (30)

149 — É bom cortar as pontinhas das orelhas de cachorro novo na Sexta-feira da Paixão, para que ele nunca fique louco. (14)

150 — A pessoa que quiser afastar qualquer doença, durante três sextas-feiras seguidas da Quaresma, deverá trazer água do rio para casa e jogá-la debaixo da cama em que dorme. (10)

151 — A pessoa que desejar alcançar algum benefício para a saúde ou mesmo resolver um problema, deverá fazê-lo no dia de Sexta-feira da Paixão. Escolher entre os alimentos, um dos que mais gostar e ficar sem comê-lo até à próxima Sexta-feira da Paixão. A pessoa conseguirá o que pedir. (27)

152 — Tirar, numa fita, a medida da imagem de Nosso Senhor Morto, na Sexta-feira Maior, e guardar esta fita. Ela servirá de lenitivo contra qualquer dor. Basta, para isso, amarrá-la no local da dor. (24)

153 — Na Sexta-feira Santa, quem quiser tirar verruga, pega-se uma lesma ainda dentro do caracol e esfregue-a na verruga. Depois de esfregá-la, espete-a junto do caracol numa cerca de arame farpado. Quando a lesma morrer, seca-se a verruga. (11)

154 — A pessoa que desejar perder a barriga, deve, em três sextas-feiras seguidas da Quaresma, sendo a última a Sexta-feira Santa, à hora em que se levantar, sem que tenha conversado com alguém, ir à porta da sala e bater três vezes com a barriga contra ela. (19)

155 — No Domingo de Ramos, a pessoa que jejuar até meio-dia e rezar a oração de São Lázaro, estará, para sempre, livre da lepra. (32)

156 — Quem fizer abstinência de carne às quartas e sextas-feiras da Quaresma estará livre de qualquer doença perigosa. (21)

157 — Na Sexta-feira Santa, o melhor alimento para as pessoas é o chocolate. Sendo o chocolate preparado com o cacau, fruto sagrado, evitará muitas doenças às pessoas. (2)

158 — Quem dançar baile na Sexta-feira da Paixão, enquanto dançam criam rabo e chifres. (16)

159 — Não se deve bater em criança durante toda a Quaresma. É o mesmo que se estivesse espancando Nosso Senhor. (22)

160 — É pecado dos grandes matar uma criação na Sexta-feira Santa. Nesse dia ninguém pode fazer sangue. Nem mesmo os animais perigosos devem ser mortos. (13)

161 — É um grande pecado manter relações sexuais na Sexta-feira da Paixão. O homem que assim agir perderá todo o seu poder e a mulher não terá filhos. (26)

162 — Cozinhar com gordura de porco na Semana Santa é pecado grave. (36)

163 — É pecado mortal xingar uma pessoa de desgraçada, na Quaresma. Deus virará as costas por três dias ao xingador, antes de sua morte. (37)

164 — É pecado comer carne às quartas e sextas-feiras da Quaresma e no transcorrer de toda a Semana Santa. (1)

165 — Os açougueiros que abaterem animais (vaca, porco, etc.) antes da meia-noite da Sexta-feira, não serão perdoados jamais. (37)

166 — Na Sexta-feira Santa, para não cometer pecado, nem fogo deve ser acendido, mesmo para preparar alimentação. (38)

167 — Cometerá gravíssimo pecado quem abrir porta ou janela para ver ou ouvir o rito da "Recomendação das Almas". (26)

168 — Não se pode cantar durante a Quaresma (a não ser hinos religiosos). Cantar é sinal de contentamento e Nosso Senhor padeceu durante a Quaresma toda. (15)

169 — Não se pode rachar lenha na Quinta e Sexta-feira Santas. Rachando-a estará a pessoa partindo as costas de Nosso Senhor. (34)

170 — Não se deve olhar no espelho durante os dias da Semana Santa. Quem sustentar essa vaidade estará cometendo pecado imperdoável. (37)

171 — No dia de Sexta-feira Santa, todos os espelhos de casa devem ser cobertos, pois quem vir sua imagem refletida no espelho estará festejando a morte de Jesus. (19)

172 — Quem viajar sobre lombo de animais, na Sexta-feira Maior, sofrerá desastre. Mas, se houver necessidade da viagem, a pessoa não poderá usar relho, nem esporas. (30)

173 — É perigoso viajar de automóvel, a cavalo, ou mesmo a pé no dia de Sexta-feira Santa, a não ser que haja necessidade. A pessoa estará sujeita a desastres. (5)

174 — Quem varrer a casa depois de meio-dia da Quinta-feira Santa e no dia da Sexta-feira da Paixão, estará varrendo a felicidade de toda a família. (22)

175 — Não presta varrer a casa a partir do meio-dia de Quinta-feira e durante todo o dia de Sexta-feira da Paixão. A pessoa que assim agir estará ajudando a crucificar Nosso Senhor. (32)

176 — Quem xingar durante a Quaresma, principalmente na Semana Santa, a ele Deus virará as costas por 3 dias. (33)

177 — Não se pode ordenhar as vacas na Sexta-feira da Paixão. Ao invés de leite, sairá sangue. (7)

178 — Para que o criador de bovinos fique muito rico, todo o leite tirado das vacas, na Sexta-feira da Paixão, deverá ser dado aos pobres. (22)

179 — É grande pecado usar perfume na Sexta-feira da Paixão, pois o perfume é sinal de festa, de alegria. (14)

180 — É pecado lavar roupa na Sexta-feira Maior. Cada batida no batedouro equivale a uma pancada nas costas da Mãe de Jesus. (30)

181 — Aquele que tomar banho na Quinta e Sexta-feiras Santas, será excomungado. (15)

o "coro" por fora e a igreja tem o coro por dentro. O ouvinte, então, interpelará: E a esmola? Ao que o glosador acrescentará: Não tenho trocado agora, passe outra hora.

Existem Perguntas em Linguagem Cifrada. Esta é a modalidade mais complicada de perguntas. Dificilmente a pessoa acertará a resposta. É preciso que seja contada uma história em relação à pergunta para auxiliar o decifrador na resposta. Em caso contrário não há possibilidade na decifração do enigma. Mesmo assim, ainda continua difícil a solução.

As Adivinhas, erradamente chamadas Charadas por alguns amiguinhos, dão ensejo a maneiras diferentes na formulação da pergunta para uma mesma resposta. Citemos exemplos: O que é que fica mais alto que o homem, mas é menor que uma galinha? ou O que é que quando virado para baixo está cheio, mas quando virado para cima está vazio? A resposta para as duas perguntas é a mesma: O chapéu.

Também tivemos a oportunidade de observar que há grande interesse pelas Adivinhas rimadas: dísticos, tercetos e quadras. Há um número considerável de quadras que exigem respostas: Vive debaixo do céu/É senhora delicada/Não toma sol e nem chuva/Mas vive sempre molhada. Resposta: Língua.

Nossos amigos de boa memória facilmente guardarão as Adivinhas e suas respostas para os momentos de recreação, pois são brincadeiras muito atraentes, talvez as mais atraentes do folclore verbal.



Adivinhe, então:

- 1 — Na metade de uma careca há 1586 fios de cabelo. Quantos fios de cabelo há na careca toda?
— Nenhum.
- 2 — Cinco cachorros entraram numa igreja. Por que não saíram mais?
— Porque só entraram cinco.
- 3 — Dois pedreiros construíram uma casa em oito dias. Em quantos dias 4 pedreiros construirão a mesma casa?
— Em nenhum dia. A casa já está construída.
- 4 — São dois irmãos: Um vai e outro vem. Quase se tocam quando se encontram. Se um parar, o outro pára também. Quem são eles?
— Os pés.
- 5 — O que é que passa na água e não se molha e passa no fogo e não se queima?
— A sombra.
- 6 — Um caixote pesa oito quilos. De que deverei enchê-lo para pesar quatro quilos?
— De buracos.
- 7 — O que é que enquanto estamos em pé, eles estão deitados e quando estamos deitados, eles estão em pés?
— Os pés.
- 8 — O que é que a gente não tendo não se lembra, mas tendo, procura logo não ter?
— Fome.
- 9 — O pai do padre é filho único do meu pai. O que o padre é meu?
— Filho.
- 10 — O que é que quem faz não quer, quem vê não deseja ter e quem quer não vê?
— Caixão mortuário.
- 11 — O que é, o que é: Uma cobra enrolada na água, com fogo na boca.
— Lamparina.
- 12 — O que é hoje, foi ontem e será amanhã?
— O dia.
- 13 — O que é: Eu tenho, ela tem, ninguém tem.
— A letra e.
- 14 — O que é que só trabalha se apanhar?
— O prego.
- 15 — Até aonde é possível penetrar na mata?
— Até o meio dela, porque a partir daí a pessoa está saindo.
- 16 — Qual o mês do ano que termina diferente dos outros?
— Abril (os demais terminam em o).
- 17 — Como se escreve feijão com farinha com apenas quatro letras?
— Tutu.
- 18 — O que é que quem tem procura, mas quem tem, não quer?
— Pulga.
- 19 — O que é que eu faço com os olhos fechados e você não faz com os olhos abertos?
— Esfregá-los.
- 20 — Como se pode comer um ovo sem quebrar a casca?
— Pedindo a outra pessoa para quebrá-la.
- 21 — Por que os pássaros voam para o Norte?
— Porque andar é mais difícil.
- 22 — Em que espécie de mato o canguru senta quando chove?
— Em mato molhado.
- 23 — O que é que a um metro de altura tem um nome e no chão tem outro.
— Chuva (água).
- 24 — O que é que não se quebra com um machado, mas se quebra com um ovo?
— O jejum.
- 25 — O que é que cresce quando se tira a cabeça?
— O travesseiro.
- 26 — O que é que antes de ser já era?
— Café.
- 27 — O que é que tem o rasto comprido e o pé redondo?
— Automóvel.
- 28 — O que é que se compra para os pés, mas se usa na barriga?
— Esporas.
- 29 — Qual o transporte coletivo que não faz curva?
— Elevador.
- 30 — O que é que ninguém quer ter, mas quando tem não quer perder?
— Uma questão (demanda).
- 31 — O que é que está no meio da rua, sempre de pernas para o ar?
— A letra u.
- 32 — O que é que nasce e morre todo o dia?
— O sol.
- 33 — Quando é que três mais dois não são cinco?
— Quando a conta está errada.

- 34 — Por que que o marido de uma viúva não pode casar com sua cunhada?
— Porque ele já morreu.
- 35 — O que é que quanto mais apanha mais alegre fica?
— O pandeiro.
- 36 — De que lado da sala de aula os alunos mais gostam de ficar?
— Do lado de fora.
- 37 — O que é que quem entra não vê e quem vê não entra?
— Túmulo.
- 38 — O que é que quanto mais cozinha, mais duro fica?
— Ovo.
- 39 — Qual a fruta que tem nome de uma mulher e de feito de outra mulher?
— Jenipapo.
- 40 — Por que o alfinete vive aborrecido?
— Porque só dá furo.
- 41 — O que tem no meio de nós?
— Gomos.
- 42 — O que é que morre queimada, mas morre em pé?
— Vela.
- 43 — Quem é que anda com a barriga para trás?
— A perna.
- 44 — Quem é que sola sem tocar instrumentos?
— Sapateiro.
- 45 — O que é, o que é: É mudo e surdo, mas conta tudo.
— Livro.
- 46 — Qual é o rádio de Deus?
— A Bíblia.
- 47 — O marido é rico e a mulher é pobre.
— Tesouro e tesoura.
- 48 — Um ovo de pato colocado numa ladeira, rola ou fica parado?
— Pato não põe ovos.
- 49 — Quem poderá calcular quantos saltos dá um boi?
— O sapateiro.
- 50 — O que é que se cura cobra, se mata cobra?
— Médico.
- 51 — Qual a metade de dois mais 2?
— Três.
- 52 — O que é que nasce verde, cresce vermelho e morre preto?
— Café.
- 53 — Como pode um homem ganhar a vida sem trabalhar em nenhum dia?
— Sendo guarda-noturno.
- 54 — O que é que não se quebra na pedra, mas se quebra na água?
— Papel.
- 55 — O que é que todo mundo tem?
— Nome.
- 56 — O que o asfalto disse para o carro?
— Não adianta correr, pois já vi tudo.
- 57 — O que o fósforo falou para o isqueiro?
— Larga a pedra e vem no braço.
- 58 — O que o açúcar falou para o café?
— Quando vejo este pretinho me derreto todo.
- 59 — O que a zebra disse para a mosca?
— Você está na minha lista negra.
- 60 — Qual a diferença entre a bota e a calça?
— A gente bota a calça e calça a bota.
- 61 — Qual a diferença entre o jipe e o vaqueiro?
— O jipe pega para correr e o vaqueiro corre para pegar.
- 62 — Qual a diferença entre uma mulher e um leão?
— A mulher usa batão e o leão ruge.
- 63 — Qual a diferença entre o Estado do Paraná e uma agulha?
— O Paraná tem Ponta Grossa (cidade) e a agulha tem ponta fina.

- 64 — Qual a diferença entre um boi e uma igreja?
— O boi carrega o sino debaixo do pescoço e a igreja o carrega no alto da cabeça.
- 65 — Qual a diferença entre o trem e um errante?
— O trem anda na linha e o errante fora da linha.
- 66 — Qual a diferença entre o carro e o Sol?
— O carro esquentava para sair, o Sol sai para esquentar.
- 67 — O que resulta do cruzamento de cobra com porco-espinho?
— Arame farpado.
- 68 — O que resulta do cruzamento de girafa com papagaio?
— Alto-falante.
- 69 — Qual o nome do Estado brasileiro que se escreve com dez letras diferentes?
— Pernambuco.
- 70 — Qual a cidade do Estado da Paraíba que tem todas as vogais?
— Juazeirinho.
- 71 — Qual o país que cabe numa geladeira?
— Peru.
- 72 — Qual o país que se tirarmos duas letras vira alimento?
— Japão.
- 73 — Qual o bairro de Olímpia que pode ser encontrado no rio?
— Lambari.
- 74 — Qual o distrito de Olímpia que diz ser estreita correnteza de água sagrada?
— Ribeiro dos Santos.
- 75 — Que a mulher tem na frente
E o homem tem atrás,
A mocinha também tem
A viúva não tem mais.
— A letra *m*.
- 76 — Começo e acabo o oceano
No mundo eu ando também
O Diabo me carrega
E os Anjos dizem amém.
— A letra *o*.
- 77 — O que que nasce no mato,
Também no mato se cria,
E irá morrer de parto
Dando a primeira cria.
— Bananeira.
- 78 — Eu nasci em verdes campos,
Me criei em verdes laços,
Vive chorando por mim
Quem me corta em pedaços.
— Cebola.
- 79 — Capote sobre capote,
Capote de fino pano,
Quem não souber a resposta
Dou o prazo de um ano.
— Cebola.
- 80 — Em campo muito graúdo,
Existe um gado miúdo,
Com uma moça formosa
E um homem carrancudo.
— Céu, estrelas, Lua e Sol.
- 81 — Apesar de não ter dedos
Vivo cheia de anéis;
Também nunca fui atleta,
Mas corro sem ter os pés.
— Cortina.
- 82 — Estando sempre quietas,
Estão sempre agitadas,
Dormem durante o dia,
De noite estão acordadas.
— Estrelas.

- 83 — Sou branca de nascimento,
Preta de geração;
Delgadinha de cintura
E vivo na escuridão.
— Formiga.
- 84 — Eu sou feito de taquara
O meu nome digo já,
Pense antes um pouquinho
E depois venha pra cá.
— Jacá.
- 85 — Aqui neste meu reinado
Há donzela encantada,
Quer chova ou quer faça sol,
Não deixa de estar molhada.
— Língua.

Variante:

- Está debaixo do céu,
Quase sempre está deitada,
Faça sol ou caia chuva
Sempre, sempre está molhada.
— Língua.
- 86 — As vezes sou bola prata,
Às vezes pareço foice;
Outras vezes sou um bote
Ou gancho no céu, à noite.
— Lua.
- 87 — Nasceu, não foi batizado,
Nem de Deus mereceu tanto,
Morreu, não foi sepultado
Mesmo assim se tornou santo.
— Madeira de cruz.
- 88 — Debaixo da capa parda
Ela é branca que nem prata,
Sua boa carne cura,
Mas seu leite é que mata.
— Mandioca.
- 89 — De planta verde nasci,
De ouro me quis cobrir,
Se me jogarem no fogo
Na cor neve vou surgir.
— Milho de pipoca.
- 90 — Duas gaiolas de arame
Sobre um espelho sombrio,
Com duas meninas dentro,
Tremendo sempre de frio.
— Olhos.
- 91 — Ao todo são três irmãos:
O mais velho já morreu,
O mais moço está conosco
E o caçula não nasceu.
— O passado, o presente e o futuro.

- 92 — Numa casinha branca,
Sem porta e sem janela,
Moram nela duas moças:
Uma branca, outra amarela.
— Ovo.
- 93 — Estando nu, eu não danço
Me vestem para dançar,
Mas me arrancam a capa
Para me verem brincar.
— Pião.
- 94 — Eu existo em qualquer pé,
Retrato casa e cidade,
Fico firme sobre a terra;
Sou de muita utilidade.
— Planta.
- 95 — Não tenho pernas e corro,
Ora largo, ora estreito;
Socorro a quem tem sede,
Corro sem sair do leito.
— Rio.
- 96 — Eu sou nascido na água
E na água me criei,
Se me puserem na água,
Na água eu morrerei.
— Sal.
- 97 — Eu sou útil às pessoas,
Não tenho carne, nem osso;
Solto fogo na cabeça
E leite pelo pescoço.
— Vela.

Respostas dadas às Quadras rimadas, que podem ser respondidas também rimadamente:

- 98 — O senhor que sabe tudo,
Conhece a vida dos santos;
Responda já, neste instante:
Quantas aves tem nos campos?
— Se não morreram algumas,
Se o caçador não matou,
Nos campos ainda existem
As aves que Deus criou.
- 99 — Você diz que sabe muito,
Você diz saber somar,
Diga agora, bem depressa:
Quantos peixes há no mar?
— Há os peixes que estão vivos,
Isto posso lhe dizer.
Também há os que morreram
E os que estão para nascer.

Por fim, solicitamos aos leitores aficcionados de Advinhas que nos remetam suas sugestões e também algumas perguntas para publicação.

BRINCADEIRA INFANTIL: RODAR PIÃO

SÉRGIO ALEXANDRE DI MARCO
Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos
Olimpia

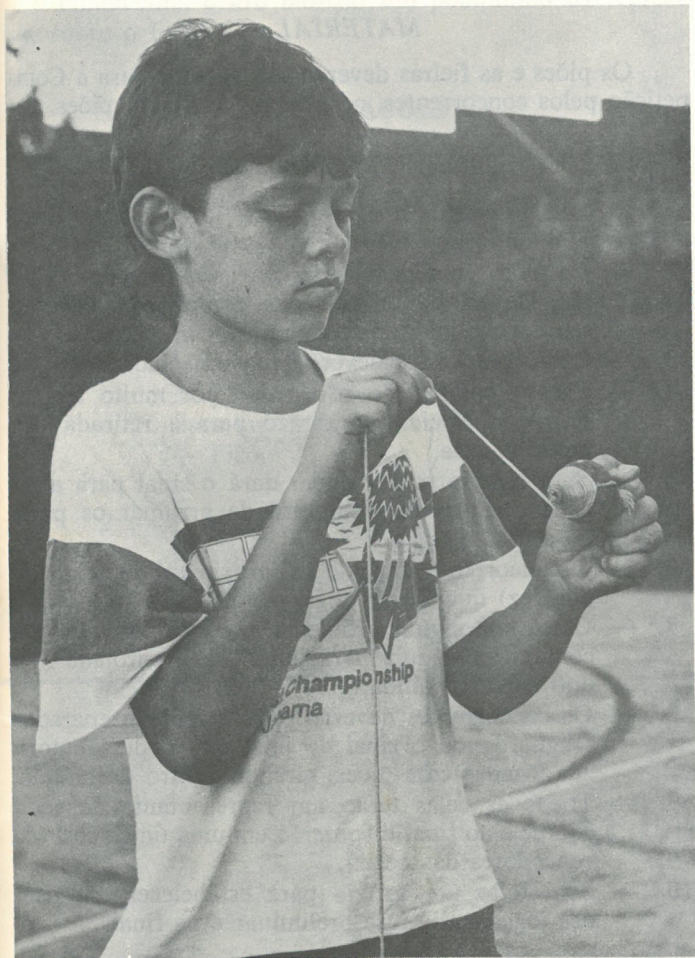
Brinquedo infantil, constituído de uma peça de madeira, piriforme, com uma ponta metálica, sobre a qual faz movimentos rotativos, após ter sido impulsionado por um cordel.

Mundialmente conhecido, acredita-se que o pião tenha origem remota, tendo, até mesmo, sido praticado pelos homens pré-históricos. Existe uma pintura, em um vaso grego, de cerca de 2500 anos, no qual se observam duas pessoas e um grande pião de madeira. Plínio e Virgílio co-

mentaram em suas obras a grande popularidade que possuía o pião entre as crianças romanas. Existem certas regiões em que o pião assume caráter comercial e profissional como é o caso do Japão, onde artistas exibem-se executando números musicais, ao mesmo tempo em que giram os piões. Há inúmeras variedades de piões, tais como: a zorra, de forma achatada e de metal; o alemão, que gira por meio de golpes de um látego especial; a piorra ou rapa, que é movido pelos dedos e muitas vezes se destina

a jogos de azar; e o piriforme, que é o mais moderno, datando do século XIV.

O pião é um jogo para brincar em chão de terra. É brinquedo de madeira, piriforme, com uma ponta de ferro, que gira, impulsionado pelo cordão (fieira) enrolado no corpo do brinquedo e que é puxado com violência e destreza ao ser lançado ao chão. Se o pião gira velocemente, pouco se deslocando, diz-se que “está dormindo”.



Os piões podem ser comprados ou feitos artesanalmente, por pessoas com habilidade manual. Nesse caso, são feitos em madeira com um prego na extremidade mais fina (o prego deve ser lixado na ponta para ficar bem fino).



Fazem-se também “carrapetas”, com a parte de cima do cabo da vassoura, que é serrado e lixado. Enfia-se depois um prego (sem cabeça) e afina-se a ponta.

Quando são dois os participantes, risca-se um círculo, com cerca de um metro de diâmetro, que funciona como baliza do jogo. Quem jogar o pião dentro do círculo, ganha um ponto; quem jogar fora, perde um.



Na modalidade “rachar pião” as regras são as seguintes: traça-se no chão uma linha em círculo. Todos os jogadores tentam, um a um, “tirar o ponto”, isto é, colocar o seu pião o mais próximo possível da linha. Começam primeiro os que se colocaram mais perto. O que jogou mais longe perde o ponto e seu pião é posto no centro do círculo, deitado e parado. Todos os outros vão então para trás da linha riscada no campo e, deste local, pela ordem, cada um joga o seu pião tentando tirar o que está dentro da cela”. Cada um joga só uma vez. Se não conseguir, o jogador pode ir até o círculo apanhar o seu pião ainda rodando, colocá-lo na palma da mão e deixá-lo cair, sempre rodando, tentando expulsar do círculo o pião caído. Se o consegue, deve ainda jogar três vezes tentando rachá-lo. Se isto acontecer o dono do pião só poderá continuar no jogo se puser um outro pião. Se o primeiro competidor não rachar o pião, os demais vão jogando pela ordem, até alguém conseguir tirar e rachar o pião. Quando o pião é rachado, o jogo recomeça com todos os meninos tentando “tirar o ponto da linha” como no início. Costuma-se também fazer apostas, valendo o pião do adversário abatido. Ganha-se o direito a este quando se consegue, com uma só jogada, colocá-lo fora do círculo. A aposta pode ser feita por todos os competidores do grupo.



Gosto de cidades e a Taís de Campos.
Aprecio mares e a Míriam Rios.
Lavo pratos e a Glória Pires.
Escalo montanhas e Fernanda Torres.
Louvo Montes Claros e Fernanda Montenegro.
Eu sou negro e José Augusto Branco.
Sou pequena e Paulo César Grande.
Como canela e Leila Cravo.
Sou tolerante e Marieta Severo.
Anuncio mortes e Milton Nascimento.
Sou muito pobre e o José Rico.

Nomes de Pessoas da Coletividade Olimpiense:

Eu uso malas e a Jandira Baú.
Eu desenho brasão e o Sérgio Bandeira.
Eu sou conde, o Djalma Barão.
Eu gosto da Sadia, o Eurípedes Bordon.
Eu aprecio Napoleão, a Vilma Cabral.
Adoro matos e o Milton Campos.
Folgo aos sábados e o Osvaldo Domingos.
Eu trabalho com alumínio e o Edson Ferro.
Cultivo frutas e o José Roman Flores.
Admiro Londres e Aurora Castro França.
Amo a Deus e Maria Jesus.
Adoro rio, o Valentim Lago.
Comprei lâmpadas e o Carlos Lustre.
Sou um homem velho e o Orlando Menino.
Sou Itália e Luís Mônaco.
Eu louvo São Joaquim e o José Sant'Ana.
Eu sou ruim e o Arcídio Bom.
Eu planto noqueira e Décio Eduardo Pereira.
Eu uso martelo e Arlindo Matos Cunha.
Eu apito e o José Silva.
Eu fumo Continental e Manoel Loureiro Plaza.
Eu como hortelã e a Iolanda Arruda.
Eu faço bailinhos e o Luís Sérgio Bailão.
Eu crio galinha e o Laerte Coelho.
Eu carrego crucifixo e José Carlos Cruz.
Sou falso e o Antônio Franco.
Eu tomo café e o Pedro Leite.
Eu sou gordo e o Antônio Magro.
Eu sou facão e o Sebastião Machado.
Eu sou branco e o Jesus Pardo.
Aprecio Londres e o Hilário Paris.
Eu cultivo margarida e o João Rosa.
Eu gosto de tomate e a Rosa Maria Batata.
Eu sou feio e o Reginaldo Belo.
Eu uso sapatos e Antônio Bota.
Eu sou preto e o Darci Branco.
Eu cultivo ipê e o Paulo Ribeiro Carvalho.
Eu compreí um violão e o Sílvio Piano.
Eu uso espingarda e o Albano Lopes Canhão.
Eu tenho cara pequena e o Luís Neto Carão.

Eu sou velho e o Orlando Moço.
Eu gosto de pedras e o João Carlos de Oliveira Rocha.
Eu adoro o verde e o Jair Roxo.
João cria onça e o José Quati.
Eu vou ao Pará e João Salvador.
Eu falo não e o Osvaldo Sim.
Eu fui visitar castelos e o José Torres.
Eu como muito fubá e Maria Trigo.
Eu quebro vidro e o José Trinca.
Eu arranco capim e o Paulo Matos.
Eu apanho laranjas e o Ricardo Lima.
Eu tenho filho e o Sílvio Roberto Mathias Neto.
Eu plantei abacateiro o Rogério Oliveira.
Eu sou do Corinthians e o Nelito Santos.
Eu aprecio Castilho e o Adilson Vieira.
Eu como pimentão e o Ademar Pimenta.
Eu visitei Belém e o Luís Antônio Nazaré.
Eu uso corda e o Sargento Antônio Martins Correia.
Eu faço vaso e José Aparecido Canteiro.
Eu chupo limão taiti e o Antônio Galego.
Eu anuncio noivado e o José Carlos Nascimento.
Eu uso roupas claras e Maria Giuseppe Escura.
Eu sou simples e o Antônio Carlos Modesto.
Eu compreí xícaras e o Sérgio Bule.
Eu conto histórias de Maria, o Alcides de Jesus.
Eu gosto de estátuas e o Rubens de Quadros.
Eu tenho cipós e o Márcio Ramos.
Eu tenho paletó desbotado o Milton José Garrido.
Eu tenho pá e o Manoel Cunha.
Eu leio Davi e o Azis Salomão.
Eu tenho casinha e o Valdecir Casagrande.
Criamos cachorro e o Pedro Gato.
Eu jogo valetes e o Francisco Reis.
Eu uso martelo e o Zico Machado.
Eu sou curandeiro e o João Salvador.
Não moro em Bagaçu, o Brás Vicente Mora.
Visito Bagaçu e o Natalino Ribeiro dos Santos.
Eu leio Dante e a Vera Bernardes.
Eu admiro campo e a Zélia Prado.
Eu apanho crisântemo e o Pedro Rosa.
Eu tenho sobrinho e o Luís Salata Neto.
Eu desejo felicidade e o José Carlos Ventura.
Eu comento livros de Herculano e o Joel de Alencar.
Eu transporteí paralelepípedo e o José Luís Rocha.
Eu visitei Haia e o Paulo Bruxelas.
Aquilo serve de sinal e o Sérgio Alexandre Di Marco.
Fizemos tudo isso, se não o Renato Faria.

Perceberam? Os calembures são o aproveitamento de nomes de pessoas, conhecidas de todos, ou de uma coletividade pelo menos. São jogos com locuções nominais que quando bem torneados, indicam a macieza de espírito das pessoas que os organizam. Muitas pessoas têm verdadeiro dom para calemburar.

LITERATURA DE CORDEL

CLARISMUNDO SANT'ANA
Departamento de Folclore — Olímpia

Alguns estudiosos afirmam que a Literatura de Cordel está morrendo. Mas não é esta a verdade. Ela continua muito viva, como a alma das pessoas que a cantam em todo o território nacional.

Literatura de Cordel, nome dados pelos eruditos que a pesquisam e estudam, assim é chamada pelo simples fato dos livretos ficarem suspensos, amarrados a cordéis, quando expostos à venda. Geralmente é cantada ao som da viola, porque ela é escrita para ser cantada. Outrora era conhecida apenas por Poesia Popular. A classificação po-

pular considera as publicações de Cordel em *folhetos e romances*, de acordo com o número de páginas que possuam. Assim, os trabalhos de 8 até 16 páginas recebem a denominação de *folhetos*. Os de 24, 32, 48 e 64 páginas são conhecidos como *romances*.

Dado ao alto custo da impressão tipográfica, os poetas são obrigados a recorrer a papel barato, papel-jornal, e procurar tipografias que cobram preços módicos, para difundir sua obra.

Geralmente a Literatura de Cordel vem ilustrada com

xilogravura que, às vezes, é da criatividade do próprio autor.

Alguns poetas chegam ao desinteresse pelo Cordel, pela falta de apoio e pela crítica que recebem, quando taxam seus trabalhos de obra sem valor. Chegam, então, a sentir vergonha da arte que produzem e a abandonam.

Mesmo assim, de um lado, se o espírito de cordel continua vivo, de outro, sofre terríveis dias de agonia.

Em Olímpia há um cordelista: Acedilo Novaes. Descendente de baiano, após ler o primeiro folheto de Cordel, sentiu-se profundamente entusiasmado e passou a preparar seu primeiro trabalho. Escreveu e deu certo. Não vive absolutamente da venda da sua obra, mas gosta de recitá-la ou mesmo cantá-la em programas radiofônicos sertanejos, quando é convidado.

Já escreveu muitos folhetos e um romance inclusive. Retrata fatos do dia-a-dia de Olímpia. Não manda publicar, mas oferece os originais para que a Comissão de Folclore de Olímpia cuide disso. Assim sendo é que registramos o poema de cordel "Wilson Zangirolami", em homenagem ao prefeito de Olímpia, considerado um protótipo da administração municipal.

WILSON ZANGIROLAMI

- 1 — Olímpia teve prefeitos
Que a nós deixou saudades
Lutaram com sacrifícios
Pra embelezar a cidade
Nestes meus versos comuns
Eu quero falar de um,
Batalhador de verdade.
- 2 — Todo mundo já o conhece
Mais eu dele vou falar
É o Wilson Zangirolami,
Criado neste lugar
Que pelas lutas constantes
É o homem que nesse instante
Vamos homenagear.
- 3 — Quando entrou na Prefeitura
Com vontade e sem demora
Começou com fé em Deus
Também em Nossa Senhora
Arregaçou bem as mangas
Um valente sem capangas,
Só pensando na melhora.
- 4 — Primeira coisa que fez
Foi pagar o atrasado
Todo o dinheiro que entrava
Foi pagando os empregados
Botou a casa em dia
Todo mundo então dizia:
Eta prefeito danado!
- 5 — E foi fazendo melhoras
Em todas as repartições
Máquinas aprimoradas
E frota de caminhões
Não parou um só momento
Todos viram o movimento
De todas as suas ações.
- 6 — Asfaltou as nossas ruas
Por todos abandonadas
Alegrando os proprietários
Pondo água encanada
Pôs luz onde era escuro
Quem namorava atrás do muro
Ficou com a cara lavada.
- 7 — Veja bem o que ele fez
Lá em Ribeiro dos Santos
Acabou com a sequidão
Botou água em todos os cantos
Pra dizer bem a verdade
O povo daquela cidade
Teve até um bom espanto.
- 8 — Tudo quanto o Wilson fez
Foi com classe e com sorte
Mudou o nosso Folclore
Lá pr'o Ginásio de Esportes
Depois de realizado
Ficou sendo admirado
Do povo, do Sul ao Norte.
- 9 — Fez várias pontes metálicas
Ligando os sítios à cidade
Tudo tão bem planejado
E não parou na metade
Fazendo, assim, mais amigos
E por isso que eu digo
Sobre sua honestidade.
- 10 — Nosso rio estava imundo
Com tanta sujeira dentro
O povo estava dizendo
Que córrego mais fedorento,
Com draga jogou pra fora
Passe lá e vê agora
O que eu falo, eu sustento.
- 11 — A limpeza foi total
Em toda a extensão do rio
O homem merece palmas
É digno de elogios
Se falarem que é mentira
Nem que for sobre uma mira,
Eu aceito o desafio.
- 12 — Fez creches bem arrumadas,
Apoiou sua senhora
Se estamos falando dele
Ela não fica de fora,
Olímpia inteira a conhece
É sinal que ela merece
O que vou falar agora.
- 13 — Comprou uma vaca mecânica
Pra alimentar as crianças,
Prevendo que no futuro
São elas nossa esperança,
Dá sopa e lanche aos pobres
Um gesto assim tão nobre
Nosso coração balança.
- 14 — Dá sua atenção pr'o rico,
Para o pobre e para o médio
Terminou o Pronto Socorro,
Pôs bons médicos e remédio
Consulta o dia inteiro
Não se fala em dinheiro,
Nem quanto custou o prédio.
- 15 — Eu já estava me esquecendo
De falar do varejão
Todas as quintas e domingos,
Resolvendo um problemão
Todos compram à vontade
E comentam na cidade
Que os preços são muito bons.

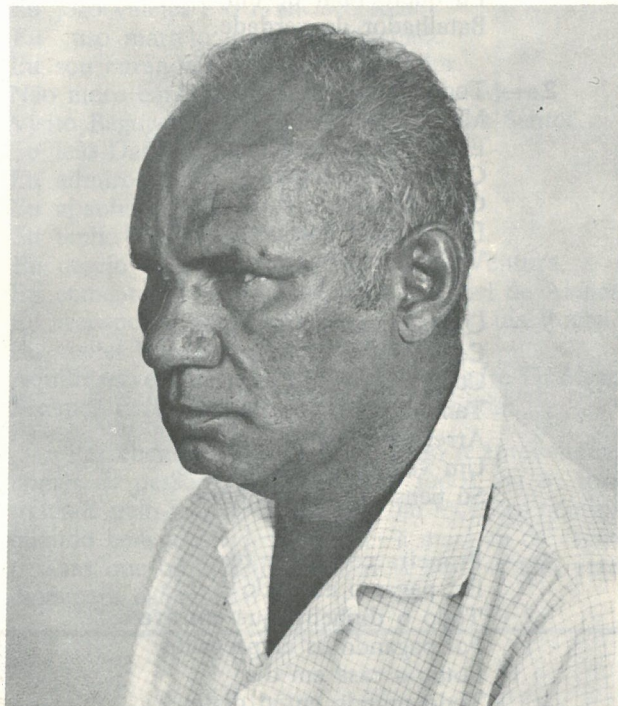
- 16 — Lá você encontra tudo
Pra suprir sua cozinha:
Arroz, feijão e tomate
Quiabo, vagem e abobrinha
E tudo mais pra mistura
Todo mundo traz fartura
Desde carne e batatinha.
- 17 — Ainda tem o balaião
Dá sorte pra todo mundo
Todos pegam um cupom
E preenche num segundo
Seja mulher, criança ou homem
Não importa o seu nome
Pedro, Paulo ou Edmundo.
- 18 — Se você for sorteado
Vão entregar na sua rua
Quando abrir a sua porta
Dá de cara com a perua
Então sorri, mostrando os dentes
Ficarão todos contentes
Você e a família sua.
- 19 — Tudo isso é criação
Do nosso grande prefeito
Que ama a nossa terra,
Trabalha honesto e direito
Com muito amor e carinho
Para pôr tudo certinho
Grande esforço ele tem feito.
- 20 — Mantém os circulares
Por toda nossa cidade
Transportando todo mundo
Na maior facilidade
Não precisamos inventar
Basta apenas nos lembrar
Do que ele fez de verdade.
- 21 — Lembram do ano passado,
Na greve dos laranjeiros?
Foi a São Paulo e Brasília
Com o seu próprio dinheiro
Enfrentou quase uma guerra
Pra defender sua terra
Com os demais companheiros.
- 22 — Acabou com os buracos
Da Praça de São Benedito
Que deixou por muitos anos
Seus moradores aflitos
Com todo azar do mau cheiro,
Parecia um chiqueiro
De pernilongo e mosquito.
- 23 — Tudo isso que ele fez
Foram obras de valores
E agora está fazendo
A Câmara dos Vereadores
Para servir nossa gente
E também se de repente
Chegam de longe os doutores.

24 — Comprou um terreno próprio
Para a Festa do Folclore
Todos ficam à vontade
E o seu lugar escolhe
Um mundo de diversões
Na área de atrações,
Sanfoneiro puxa o fole.

25 — Barraca pra todo lado,
Churrasco delicioso,
Doce de leite e de coco,
Sorvete do mais gostoso
Quem vier nesta festa
E disser que ela não presta
Tá duro ou é mentiroso.

26 — Vamos ver o que ele fez
Também com o Carnaval
Enfeitou a Avenida
Todo mundo achou legal
Dançou-se a noite inteira
Como é gostoso a canseira
Da Avenida marginal.

27 — Para falar bem do Wilson
Eu falo a semana inteira
Meus amigos até logo
Desculpe das brincadeiras
Tudo que eu disse é verdade
Pergunte aí na cidade
Se acaso eu falei besteira.



Poema composto por Acedilo Novaes, residente na Avenida Deputado Valdemar Lopes Ferraz n.º 929 (fundos) — Olímpia, em 1.º de setembro de 1986. A cada acontecimento da cidade, o senhor Acedilo sente-se no dever de registrar o fato através de seus poemas de cordel, escritos em estrofes de sete versos heptassilábicos. E assim estará sempre contribuindo para o registro de nossos fatos históricos.

JOCELINO CONTA ALGUNS CONTOS

JOSE SANT'ANNA
Departamento de Folclore — Olímpia

Jocelino Cipriano Leal pode ser considerado um ri-beiro-santense, pois na cidadezinha de Ribeiro dos Santos, Município de Olímpia, ali vive há 58 anos, juntamente com sua família: esposa, filhos, genros e netos.

Jocelino, mais conhecido por Joce, tem uma larga tradição na formação do distrito e distingue-se pelas suas qualidades de caráter, excepcional capacidade de trabalho, bondade acolhedora, delicadeza no trato com as pessoas e muita franqueza.

Nós que o conhecemos e o acompanhamos ao longo de muito tempo, podemos afirmar que Joce é um homem corajoso, apaixonado por Ribeiro dos Santos, a cidade Colibri, a quem serve com a mais viva força de sua inteligência e a maior espontaneidade de seu coração.

Trabalhador, de um temperamento irrequieto, tem sempre disposição para muitas atividades. Cria gado bovino, planta e explora a produção de laranja. Sua propriedade agrícola, bem cuidada, revela o seu largo espírito de iniciativa e a forte vontade de vencer.

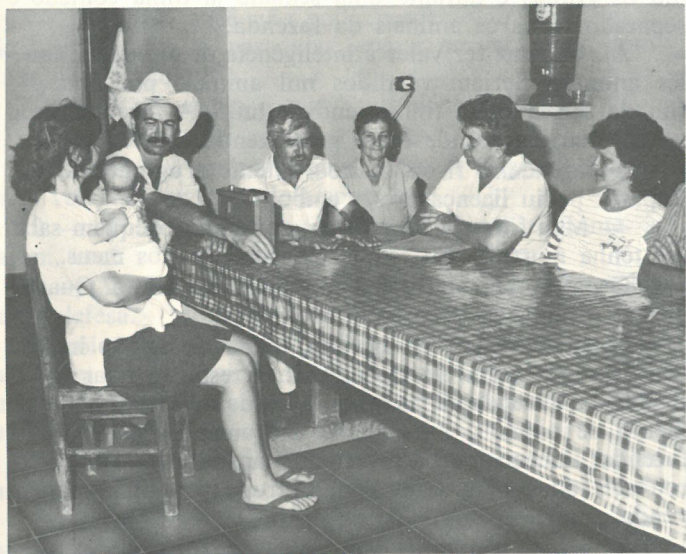
O trabalho é para ele uma fatalidade imperiosa do seu destino.

Notável é seu conhecimento acerca da Medicina Folclórica. Alegre e acolhedor, sua conversa encanta pela espontaneidade das idéias e das observações expendidas sempre no forte colorido da sua palavra.

Tem a previsão do tempo como a dos acontecimentos na ordem política e social do país. Choverá? perguntam-lhe interessados em se precaverem contra as intempéries. Olha o céu e responde sim ou não, convictamente, hoje, amanhã ou dentro de dois ou três dias. E a chuva vem ou não, conforme a sua predição.

Em uma das recentes visitas que lhe fizemos, descobrimos, com muito contentamento, que o amigo Jocelino é brilhante narrador e profundo conhecedor dos contos folclóricos, herança recebida quando ainda criança.

Pedimos-lhe que nos contasse alguns contos de sua longa coleção e ele não hesitou. Com voz macia, harmoniosa, bom humor e extraordinária memória iniciou as estórias.



1 — O PÃO DE OURO

“Havia um menino órfão, de 5 anos de idade, que não tinha com quem morar. Aí ele procurou a casa do tio dele. O tio dele aceitou o menino e logo passou a gostar dele. E deu serviço para ele ir ganhando a vida.

Quando ele tinha 12 anos, passou a ajudar a administrar a fazenda do seu tio. Trabalhou muito, com muita liberdade, e administrava bem a fazenda.

Quando completou 16 anos, o tio deu mais liberdade para continuar a administrar a fazenda e arranjou um animal arreado pra ele ir à cidade passear e também para fazer algumas compras para a fazenda. Quando completou 17 anos já tinha alguns colegas na cidade, da mesma idade dele, e passeavam juntos. Os colegas convidaram ele para ir nas festas, mas ele respondeu que primeiro ia falar com o tio. Contou ao tio e ele permitiu que ele fosse com os colegas nas festas.

Completando 18 anos, então ganhou do tio um animal arreado e mais liberdade para passear, porque era muito trabalhador e muito correto também. Numa noite de festa, ele foi à cidade e saiu com seus colegas pelas ruas. Foi aí que ele viu uma moça muito bonita e ficou gostando muito dela. Na noite seguinte ele voltou à cidade e perguntou pr'os colegas se eles sabiam onde aquela moça morava. Os colegas disseram: É bobagem você ir atrás dela, porque ela não está a fim de namorar ninguém, nem você. Mas ele insistiu com os colegas pra eles dar um jeito pra que eles se encontrasse, porque ele estava gostando muito dela. Então os colegas prometeram que fariam de tudo pra eles conversar.

Ele voltou pra casa muito triste, com vontade de ver a moça, mas não perdeu a esperança.

Chegando em casa ele contou pr'o tio que estava gostando muito de uma moça que ele viu pela primeira vez, que nunca tinha conversado com ela, mas era com ela que ele queria casar.

O tio disse pra ele: Se der certo, eu faço tudo por você. Você é como se fosse meu filho.

Num outro dia de festa, ele foi novamente à cidade e junto com os colegas foi para esta festa e lá pôde conversar com a moça. Ele disse que estava gostando muito dela e ela também falou que estava gostando muito dele. Então, começaram o namoro. E ele prometeu que se casaria com ela, se tudo corresse bem.

Quando ele completou 19 anos, o tio dele disse: Daqui pra frente eu vou chamar você de Capataz. É o nome que eu vou chamar você. Não quero que você me leve a mal. E daí pra frente ele passou a ser chamado de Capataz. Quando ele completou 20 anos, ele falou pra Susamar, a namorada dele: Eu já completei 20 anos e quero me casar. Se você quer realmente casar comigo, nós já precisamos tratar do casamento.

Ela disse que queria casar com ele, porque gostava muito dele. Conversaram e marcaram o casamento.

Quando Capataz chegou em casa, contou a seu tio a decisão dele. O tio falou: Estou de pleno acordo. E disse também que daria tudo que ele precisasse para o casamento.

Então Capataz falou: Tio, eu vou casar daqui a 60 dias e preciso de uma casa mobiliada.

— Você pode escolher o lugar que eu mando fazer a casa e deixo ela todinha mobiliada.

Passados 60 dias, ele se casou. E foi morar na cidade, na casa que ele ganhou. Já não ia mais trabalhar com o tio, pois junto com a mulher eles ia cuidar da profissão deles.

Quando passou um mês do casamento, Susamar estava grávida e quis fazer uma surpresa para o marido. E para festejar a boa nova, ela preparou um bom banquete com tudo quanto existe, até flores.

Quando o Capataz chegou, quase caiu de costas ao ver aquela festa tão maravilhosa e perguntou pra ela o

que estava acontecendo. Ela respondeu: Depois da festa eu conto tudo a você.

Comeram bastante e depois de servida a sobremesa, ela falou: Fiz esta festa para comemorar a vinda de nosso filho. É a coisa que mais espero. Eu estou grávida.

Capataz também se encheu de muita alegria, pois o sonho dele era ser pai.

Capataz, então começou a fazer planos para conseguir o dinheiro para receber o herdeiro. Cinco dias depois, Capataz disse para Susamar: Nós vamos ter um filho e nós precisamos de muito dinheiro. Eu preciso arrumar um bom serviço para tratar desse filho que vai nascer. Você não faria questão de eu arrumar um serviço para tratar desse filho que vai nascer? Você não faria questão de eu arrumar um serviço melhor, mesmo que eu tivesse que sair daqui?

Ela respondeu: Se for para você ganhar dinheiro pra tratar do nosso filho, você pode ir até amanhã mesmo, para onde você quiser.

No dia seguinte, Susamar arrumou as malas da viagem, pôs tudo o que era preciso e no outro dia de manhã ele viajou, recomendando que ela cuidasse de tudo e dizendo que não sabia o dia que ia voltar.

Despediu dela e saiu triste porque ia deixá-la, e conformado porque saía à procura de muito dinheiro.

Viajou, viajou, viajou e quando percebeu estava longe demais. Chegando numa cidade, procurou uma pensão. Na pensão perguntou pr'o dono dela se ele não sabia de algum fazendeiro que precisasse de administrador.

O dono da pensão disse: Eu sei de uma fazenda, a melhor daqui, que o fazendeiro precisa de um administrador. É muito perto. Uns cinco quilômetros mais ou menos. No dia seguinte, depois que tomou o café, pediu mais explicações como chegar na fazenda e recomendou pr'o dono da pensão que segurasse o quarto pra ele, caso ele não conseguisse o emprego. O dono da pensão disse: Nem é preciso guardar, porque sei que você vai ser ajustado, mas mesmo assim eu reservo o seu quarto por dois dias.

Capataz saiu, seguindo a orientação recebida, mas antes de chegar na fazenda, já foi recebido pelo fazendeiro que tinha visto de longe, com binóculo.

Antes de chegar na casa, o fazendeiro já tinha ido encontrar com ele. E ele foi logo dizendo o que queria.

O fazendeiro falou: Está tudo bem. Eu preciso mesmo de um administrador e pode ir chegando. Eu sou um fazendeiro muito rico e preciso de você para tomar conta da fazenda.

Apresentou sua mulher, seus filhos e já comemoraram a chegada dele com uma festa. Depois, pediu pra ele subir no segundo andar da sede da fazenda, que o quarto dele era lá: um quarto bem arrumado, com tudo.

Você mostrou ser um homem muito competente, muito correto, disse o fazendeiro. Depois desceram as escadas e foram no pátio da fazenda bater o sino para os empregados se reunirem.

Eram cem empregados, todos cavaleiros. Chegaram para receber as ordens do patrão.

O patrão disse: durante três dias vocês não vão trabalhar. São três dias de festa para comemorar a chegada de Capataz, que vai ser o nosso administrador da fazenda. Vou mandar matar um ou dois bois dos mais gordos, chamar grupo de catireiros e banda de música e outras coisas. Chamou o administrador velho da fazenda e deu ordens para comprar tudo que era necessário para a festa. Dentro de duas horas tudo estava pronto. Convidou todas as famílias dos empregados e vizinhos. Foi aquela linda festança de três dias.

Depois dos três dias, o patrão disse: A festa acabou e agora nós vamos trabalhar.

Capataz disse: pois é isso que eu quero e para isso que eu vim.

Chamou então o administrador velho e disse: Você ficará mais um mês aqui ensinando o Capataz a trabalhar

nesta fazenda. Depois você vai sair e deixar o seu lugar para ele.

A fazenda aqui cria e cuida de seis mil animais. Você vai aprender comprar, vender e permutar animais. Passado um mês Capataz já sabia de tudo. O administrador velho foi dispensado, e Capataz passou a ser o administrador da fazenda.

No dia seguinte, Capataz bateu o sino e os cem cavaleiros se reuniram. Capataz chamou o patrão e disse: E agora, patrão, que vou fazer?

O patrão respondeu: Agora as ordens são suas. Você passa ser o dono da fazenda. Tudo o que você fizer está bem feito. Eu confio em você e acho você muito inteligente.

Capataz respondeu: Está bem, embora o senhor ainda não me conheça bem, vou fazer de tudo para esta fazenda progredir.

Então Capataz chamou todos os empregados para perto dele para conversar e disse:

Quero que todos sejam amigos. Nós somos 101 homens trabalhando para o mesmo patrão. Quero sinceridade, que todos sejam honestos e amigos. Ninguém carregará revólver nem faca para fazer maldade um para o outro. Daqui pra frente vocês vão ganhar o dobro do que estão ganhando. Aqui na fazenda vamos ter uma igreja com padre permanente para ensinar religião. Vai ter uma escola para as crianças, um campo de futebol e um salão para bailes. Vamos escolher um dia para a festa da fazenda. Todos os anos essa festa será realizada. Vim de muito longe e quero passar meu tempo com vocês, que considero como meus legítimos amigos.

De amanhã em diante, nossos cem empregados serão divididos em 10 grupos, cada grupo com 10 homens, que vão zelar com muito amor dos animais. Todo o serviço será registrado numa caderneta. Vou escolher, entre vocês, dois homens para me ajudar na administração. Está entendido?

Hoje ninguém vai trabalhar. Está todo mundo de folga. Mas deixo também este aviso: qualquer pessoa que brigar, fazer mal o serviço, enfim, não cumprir com a obrigação, vai ser mandado embora. Os bons terão tudo comigo.

No outro dia, Capataz levantou muito cedo, a mesa do café estava pronta, com muitas qualidades de quitandas. Depois que ele se alimentou, o patrão e sua família vieram dar os parabéns pra ele e dizer que tudo o que ele tinha prometido seria cumprido.

Capataz desceu, tocou o sino, reuniu o pessoal, dividiu os grupos e durante uma semana já tinha contado e separado todos os animais da fazenda.

Aí, Capataz fez valer a inteligência dele: vender aqueles animais. Seriam vendidos mil animais por ano. No fim de seis anos já tinha vendido tudo. A fazenda ficou vazia. Deu um grande lucro pra fazenda.

O fazendeiro ficou muito contente e agradecido. Aí, Capataz pediu licença pra ir embora.

— Meu filho já deve estar grandinho ou quem sabe, até tenha morrido. Eu estou com saudade dos meus.

O patrão respondeu: Não! Ainda não é hora. Quando chegar a hora, eu deixo você ir embora.

Capataz era um homem muito educado e não insistiu com o patrão para ele ir embora. E resolveu ficar trabalhando na fazenda. E começou a cuidar de fazer o cruzamento de animais, para encher novamente os pastos da fazenda. Encheu toda a invernação com as criações. Demorou seis anos para estar com a tropa prontinha para a venda.

Com esse tempo ele completava doze anos de trabalho na fazenda. Foi novamente ao patrão e pediu licença para ir embora para casa, junto com a família.

— Estou com muita vontade de ir conhecer meu filho, se é que ele ainda está vivo.

O patrão disse: Não! Não está chegada a hora. Quando chegar a hora eu deixo você ir embora. Eu ainda preciso de você.

Mais uma vez Capataz atendeu o seu patrão. E começou então a vender os animais, levando mais seis anos para vender todos eles. Com isso, ele completou dezoito anos de trabalho naquela fazenda. Ao entregar aquela dinheiro pela venda dos animais ao patrão, tornou a fazer, pela terceira vez, a pergunta: Patrão, já realizei meus serviços, agora eu posso ir embora?

O patrão tornou a responder: Não! Ainda não é hora.

— Mas patrão, já faz dezoito anos que estou aqui. O senhor não acha que é muito tempo para ficar numa fazenda, sem nunca ter ido visitar a família?

O patrão disse: Agüenta mais um tempo, ainda não é hora. E o remédio foi continuar na fazenda.

Começou, então, a fazer o cruzamento de animais para formar nova tropa.

Mas, passados quatro anos, ele começou a ficar muito triste, com saudade da esposa e do filho, que já devia ser um belo moço.

O patrão percebendo a tristeza que dominava Capataz, à noite, falou pra ele:

— Capataz, hoje eu tenho uma bela notícia para você, uma surpresa. Vou deixar você ir embora.

Capataz recebeu a notícia com muita alegria e nem sabia como agradecer o patrão, por poder ir embora da fazenda para junto da família. Ele ia satisfeito, porque tudo o que prometeu ao patrão e aos empregados, ele cumpriu coisa por coisa.

No dia determinado para o Capataz ir embora, o fazendeiro mandou preparar uma linda festa, para a despedida. A dona da fazenda mandou fazer muitas quitandas e ela mesma fez também um enorme pão.

O fazendeiro reuniu todo o pessoal logo de manhã e a festa continuou até meio-dia. Compareceu todo o pessoal da fazenda e da cidade também. No final da festa, Capataz agradeceu a todos, desejou felicidades a um por um.

Nisto, o fazendeiro perguntou:

— Capataz, como fica aqui? Quem será o que vai substituir você?

Na mesma hora Capataz indicou o nome da pessoa que ficaria no lugar dele, que já conhecia o serviço e seria, naturalmente, um grande administrador.

A esposa do fazendeiro já tinha arrumado muitas sacolas cheias de quitandas, para a viagem. E, em outra sacola, colocou um enorme pão, cheio de libras esterlinas, correspondentes ao dinheiro de vinte e dois anos de trabalho honesto na fazenda, dizendo pra ele:

— Este pão você não pode perder, não pode dar e não pode vender. É para você comer em sua casa, com sua mulher e seu filho.

Capataz não sabia o que havia dentro do pão.

Nesse ponto, o fazendeiro pediu a palavra e disse:

— Você está muito longe de casa, a viagem é longa. Então vou lhe dar estes dois conselhos:

1 — Tudo o que você ver na frente, durante a viagem, você vê e fica quieto.

2 — Você nunca mate uma pessoa, a não ser em legítima defesa.

Depois o patrão disse ao Capataz que escolhesse dez burros pra levar na viagem. Deu-lhe um burro bem arreadinho e um revólver para ele se defender contra bichos e outros perigos.

Despediu-se e foi embora. O povo todo sentiu a sua partida.

Depois de ter viajado muito tempo, só restavam três animais. A fome e o cansaço eram grandes e ele resolveu parar numa casa, à beira da estrada.

Bateu palmas e foi atendido por um ricaço, um coronel, que disse:

— Apeia, moço!

Logo depois da primeira conversa, o coronel já pediu para ele soltar os animais no pasto e ir tomar um banho. Em seguida mandou servir o jantar.

O jantar foi servido por uma moça chamada Susana, filha do coronel, que trazia uma pesada corrente presa ao braço, que se arrastava ao chão, fazendo grande barulho.

Após o jantar conversaram mais um pouco e depois foram dormir.

No dia seguinte, de manhã, Susana foi quem serviu o café.

Capataz estava sempre sorrindo e sem nada perguntar sobre o caso de Susana.

Nessa altura, o coronel disse ao Capataz:

— De tudo o que você viu aqui, você nada me perguntou.

Capataz não disse sim e nem não.

O coronel repetiu três vezes a mesma coisa. E em seguida, disse:

— Sorte sua não ter perguntado sobre Susana, porque todos os que perguntaram sobre o caso dela, eu mandei matar. E você fez o contrário, nada me perguntou. Portanto, a partir de hoje, Susana será libertada, inclusive os vinte pistoleiros que estão no porão, com a finalidade de matar as pessoas que perguntarem sobre o caso de Susana.

Então, chamou Susana na presença de Capataz e também um empregado com a chave do cadeado para abrir as algemas dos braços dela.

Aí o coronel falou:

— Capataz, você terá o direito de abrir o cadeado e botar minha filha em liberdade.

Capataz, com muito medo de morrer, perguntou três vezes ao coronel:

— Posso mesmo soltar sua filha da prisão?

O coronel respondeu:

— Pode sim, você é o libertador.

Depois, o coronel disse ao Capataz:

Leve esta chave e a corrente com você e jogue bem longe daqui da fazenda.

Em seguida, o coronel chamou sua esposa que trouxe um cofre superlotado de dinheiro para Capataz, por ter ele libertado sua filha da maldita corrente.

Como presente também o coronel deu-lhe um revólver que tirou da sua cintura, dizendo que era para Capataz livrar-se de todos os males, para defender-se dali pra frente.

Ainda chamou Susana e disse:

— Susana, dê três beijos na face do Capataz, que ele é merecedor pela sua libertação.

Susana perguntou: Posso beijar mesmo, papai?

O coronel confirmou que sim. E Susana deu os três beijos em Capataz.

À hora da despedida, Capataz perguntou:

— Coronel, quanto lhe devo pagar pelo pasto dos animais e pela minha hospedagem?

— Nada! Você não me deve nada. Segue sua viagem com Deus. Depois que você apareceu por aqui, nem pistoleiros quero mais em minha fazenda.

Capataz seguiu em viagem e depois de muitos dias estava novamente muito cansado e também com muita fome, pois toda a matula que levava tinha chegado ao fim.

Com muita fome e muita sede, encontrou uma casinha muito simples, soltando uma fumacinha pela chaminé. Aproximou-se da casinha e foi recebido por uma senhora muito velha e pobrezinha que perguntou o que ele queria.

— Minha senhora, eu quero pasto para meu animal. Já era o único que possuía. Quero também comida e um pouso.

A boa velhinha respondeu:

— Posso arrumar tudo o que o senhor quer, mas peça para não reparar, porque sou muito pobre e quase não tenho conforto.

Depois do jantar, eles conversaram muito tempo, e depois foram dormir.

No dia seguinte, Capataz levantou muito cedo e falou para a velhinha que queria pagar as despesas.

A velhinha disse:

— Não! O senhor não me deve nada. Foi muito pouco o que eu fiz.

Então, Capataz, por agradecimento, foi até onde estava sua mala, pegou o cofre, encheu as duas mãos de dinheiro e deu para a velha, dizendo que era uma lembrança.

A velhinha, muito agradecida, falou pr'o Capataz:

— Fique ainda mais um dia aqui que eu quero fazer umas quitandas para o senhor levar.

Capataz concordou. No dia seguinte, despediu-se e foi embora.

Viajou muitos dias e quando já estava cansado e sem comida, novamente, só restava aquele enorme pão que a fazendeira tinha dado e recomendado para comer somente com a família reunida.

Mas, para grande sorte de Capataz, a cidade dele já estava próxima. Ele e o seu animal estavam muito cansados. O nervosismo já tomava conta de Capataz.

Quando andou algumas léguas mais, ao longo, ele avistou sua cidade e também a sua casa. Já não tinha mais força, mas fazia de tudo para agüentar chegar até lá.

Com muito sacrifício, cansado, nervoso, descontrolado, sem perceber, já estava entrando em sua cidade.

Cortou a cidade e parou numa venda que havia perto da sua casa. Desceu do cavalo, entrou na venda, pediu uma garrafa de guaraná e foi tomá-la do lado de fora. Da calçada ele viu no quarteirão da frente sua mulher sentada numa cadeira e sendo beijada por um homem. Mais que depressa, tirou da cinta o revólver que o seu patrão deu, mirou na direção da cabeça daquele homem e, quando ia puxar o gatilho, lembrou-se do segundo conselho do patrão. Abaixou a arma e colocou-a na cintura outra vez.

Entrou na venda, comprou outra garrafa de guaraná e voltou para a calçada. Teve novamente o desejo de matar aquele homem que conversava com a mulher dele, mas lembrando-se do conselho do patrão, guardou a arma.

Então, quase louco, entrou na venda, apontou para o alpendre da casa, e pergunta ao negociante:

— O senhor conhece aquela mulher?

— Sim senhor, conheço há 22 anos. Ela se casou com um homem irresponsável, que depois de deixá-la grávida, desapareceu. Nem notícias nunca mandou. Aquele moço que está conversando com ela, é o filho dela, nosso vigário. Infelizmente, ele ainda não conhece o pai.

Nisto, o padre já ia se retirando para a igreja, para celebrar a missa.

E pouquinho tempo depois, Capataz pagou a conta, montou no burro e foi ao encontro da esposa.

Ao chegar na casa, a mulher reconheceu, na hora, tratar-se do seu marido. Ria, chorava e com muito amor e carinho, pediu a ele que apegasse.

Ele, então, perguntou três vezes à esposa:

— Mulher, você ainda me aceita como esposo?

Ela respondeu:

— Foi o nosso trato. Você disse que depois de ganhar dinheiro viria pra casa, para cuidar do nosso filho. O tempo passou e o nosso filho é um homem de vinte e dois anos. E para nossa maior felicidade, é o vigário aqui da cidade.

Meio envergonhado e muito arrependido, ele desceu do cavalo e entrou na casa.

A mulher ajudou a levar a bagagem dele para dentro e, por coincidência, colocou o pacote do pão sobre a mesa.

Em seguida, chamou um moço, o vizinho, e pediu para ele ir soltar o cavalo no pasto. Mandou também recado ao padre, seu filho, para que depois de celebrada a missa, voltasse para casa, pois ele iria receber a maior das surpresas.

Nesse meio de tempo, a mulher preparou alguma coisa para comer, para festejar a volta do esposo.

Quando o padre chegou, emocionou-se muito, chorou demais. Beijou muitas vezes o pai e fez uma linda oração pelo seu retorno ao lar.

Depois começaram a conversar. Capataz contou tudo o que aconteceu durante os vinte e dois anos. Destacou, principalmente, o cofre de dinheiro que ganhou.

Conversaram tanto, que a comida só pode ser servida bem tarde da noite.

Obedecendo às ordens da patroa, foram partir aquele enorme pão, já endurecido pelos dias de viagem, mas recomendado para ser aberto somente junto da família.

Capataz pediu à esposa para cortar o pão, mas ela não conseguiu.

Então foi ele mesmo que cortou.

Para maior surpresa e alegria, dentro do pão não havia massa. Só libras esterlinas. A família, então, ficou milionária. A emoção foi tão grande que foi muito difícil contar as libras esterlinas.

Em seguida, jantaram muito contentes.

Depois do jantar, o pai perguntou ao filho:

— O que vamos fazer com tanto dinheiro?

O filho respondeu:

— Eu não, papai. Eu sou padre e não preciso de nenhuma riqueza.

Então, foi decidido pelo casal, que seria comprada uma ótima fazenda na qual eles terminariam os seus dias".

2 — O LADRÃO DESMASCARADO

"Era uma vez um coronel muito rico, dono de uma grande fazenda. Nessa fazenda havia muitos empregados. Ele era pai de um filho único, moço muito bom e bem educado.

Quando o moço atingiu os 18 anos de idade, o coronel mandou seu filho ir estudar nos Estados Unidos e deixou muito dinheiro depositado num banco, quantia suficiente que dava para o rapaz fazer o curso inteiro e ainda sobrar dinheiro.

O rapaz, por ser muito estudioso e dedicado ao trabalho foi indo às mil maravilhas. Em pouco tempo já estava especializado em língua inglesa e começou a estudar o curso de Advocacia. A vontade do moço era tanta em se formar, que não sobrava tempo nem para escrever uma cartinha aos pais. E assim, o tempo foi se passando e o rapaz já era um advogado de grandes qualidades.

Então, resolveu fazer o concurso para promotor público e conseguiu ser um dos primeiros da lista.

Não se conformando em parar por aí, prestou o concurso para juiz de direito e, para sua maior alegria, foi o primeiro classificado.

O moço ficou famoso em todo o país norte-americano, ganhou prestígio e, com isso, foi-se esquecendo de seus pais e das propriedades deles.

Decorrido algum tempo, apareceram muitas moças bonitas na vida do importante juiz, que facilmente foram tomando conta do seu coração. Isto serviu para esquecer ainda mais de seus velhos pais, aqui no Brasil.

Com isso, seus pais já estavam velhinhos e com muita saudade do filho. Mas eles não tinham nem o endereço para mandar pra ele, pelo menos, uma cartinha.

A saudade foi apertando tanto que um dia os pais resolveram procurar esse filho, publicando notas nos jornais, rádios e até televisão.

Depois de ter mandado essas notícias para as principais cidades dos Estados Unidos, o velho piorava a saúde. Ficou tão doente que não podia mais nem viajar. Mas a sorte dele era que o capataz, que administrava sua fazenda, era um homem muito honesto, amigo e de muita confiança do coronel.

Um dia o capataz disse ao coronel:

— Coronel, o senhor é um homem muito rico e poderoso. Por que o senhor não manda buscar seu filho nos Estados Unidos, mesmo que para isso o senhor tenha que gastar a metade da sua fortuna?

O coronel respondeu:

— O senhor tem razão, capataz. Mas acontece que eu dei a ele tudo o que merecia e tudo o que era preciso. Infelizmente ele se esqueceu de todos nós.

Nisto, um outro empregado da fazenda, que auxiliava o capataz, muito condoído pela situação, interferiu:

— O senhor não quer que eu vá buscar seu filho nos Estados Unidos?

— Não! disse o coronel. Ele tinha a obrigação de se comunicar com os pais. Por isso eu não vou buscá-lo.

O coronel estava cada vez mais triste, muito preocupado e sua doença se agravava ainda mais.

Poucos dias depois, não suportando mais a ausência do filho, faleceu o velho coronel. O mesmo aconteceu com sua esposa, com saudade do filho e pela morte do marido.

Com o falecimento do casal de velhos, a responsabilidade de toda a fazenda ficou para o capataz, empregado bom e o mais antigo.

O capataz continuou mandando correspondência para os Estados Unidos, à procura do moço herdeiro.

Somente depois de dois anos o doutor juiz recebeu, lá nos Estados Unidos, a notícia da morte de seus pais.

Ficou desesperado, chorou muito, abandonou suas companheiras prediletas, tomou um avião e veio para o Brasil a fim de cuidar dos seus negócios. Cuidar de sua herança.

Chegando na fazenda, muito aborrecido e muito nervoso, ele falou pr'o capataz:

— Por que vocês não me avisaram da doença e da morte de meus pais?

— Avisamos sim. Temos muitas provas disto. O senhor não deve ter recebido, por isso é que não respondeu.

Sabe patrãozinho, entregamos o relatório de tudo quanto seu pai possuía, ao morrer, para o juiz de direito da comarca. E ficamos a sua espera. O juiz achou que fizemos muito bem.

Mas acontece, que nesse meio de tempo, um moço conhecedor de toda a situação da fazenda, ou melhor, um ladrão profissional, também fez um relatório da fazenda e dos bens e se apresentou ao juiz, como herdeiro de tudo. Fez um relatório idêntico ao que entregamos ao nosso juiz.

O juiz, ao receber o segundo relatório, ficou muito desconfiado, dizendo que estavam querendo brincar com a justiça, que em poucos dias ele poria tudo em prato limpo.

O juiz recebeu, primeiramente, em audiência o moço que tinha vindo dos Estados Unidos. Em seguida ouviu o outro, o pretencioso herdeiro. Para ambos, o juiz marcou uma outra audiência.

Antes, o juiz foi à fazenda para conferir o levantamento que foi feito pelo capataz. Achou tudo em perfeita ordem.

No dia da audiência, o juiz fez novo interrogatório. Perguntou aos dois o nome do coronel e de sua esposa. Tudo foi respondido corretamente. O depoimento dos dois homens era idêntico. Batia um com o outro.

O juiz ficou ainda mais preocupado e até nervoso com toda a história inventada por um deles. Achava nisso algum mistério. Então marcou nova audiência para os dois moços.

O juiz era muito inteligente e honesto, mas estava encontrando dificuldade para o julgamento.

Mas não desanimou. Ficou ainda mais preocupado, e procurou resolver a situação recolhendo mais provas.

Voltou novamente à fazenda, para descobrir novas provas.

Chegando lá encontrou, dependurados na parede, dois quadros: um era o retrato do coronel e, o outro, o retrato da esposa dele.

O juiz disse ao capataz:

— Eu vou precisar destes dois retratos. O senhor vai ter que guardar silêncio. Eu levo os dois hoje, mas daqui a dois dias eu trago os retratos de volta.

Levou os quadros dos retratos ao retratista e pediu uma reprodução de cada um.

O retratista fez uma reprodução perfeita dos quadros. Então, mais que depressa, o juiz levou os retratos originais lá na fazenda e mandou o capataz colocar no mesmo lugar onde eles estavam.

Chegou o dia da terceira audiência. Na hora marcada, lá estavam o filho do fazendeiro e o famoso ladrão.

O juiz conversou uns quinze minutos com cada um deles. Mas parecia que estava falando em vão, pois as respostas eram tão iguais, que o juiz chegou a perder a paciência.

E foi nessa hora de muito nervosismo que ele tomou uma decisão para resolver, de uma vez por todas, o problema.

Chamou dois soldados. Para um, ele deu os dois quadros embrulhados e, para o outro, uma carabina. E disse para os dois moços: Vamos lá pr'o pátio.

Os moços obedeceram às ordens.

Chegando no pátio, o juiz com tom de voz autoritário, disse: Agora, de qualquer maneira, eu preciso resolver este caso.

Mandou um dos soldados colocar o quadro do coronel num muro e pediu ao outro soldado para dar-lhe a carabina. Em seguida disse:

— Atire!

O ladrão deu um tiro certo, que esbagaçou o quadro inteirinho. Ele tinha ótima pontaria.

Depois, o juiz pediu ao soldado que pusesse, no muro, o quadro da esposa do coronel e, entregando a carabina ao moço herdeiro, disse:

— Atire!

O moço, vagorosamente, pegou a carabina e, muito nervoso, quase chorando, disse ao doutor juiz:

— Doutor, eu sei e muita gente sabe que eu sou o legítimo herdeiro dos bens deixados pelos meus pais. É uma herança muito grande, incalculável. Apenas, por ocasião da morte deles, eu não estava no país. Peço-lhe mil perdões por não acatar sua ordem. Prefiro não receber nenhum centavo da fortuna que me pertence, mas atirar nesse retrato, eu não atiro. Eu sei que ali está apenas retratada uma figura. Mas este retrato para mim significa muito na vida. É o retrato de minha querida mãe. E tem mais: eu não atiro nele e, na minha presença não permito que ninguém faça isso, porque se fizer, sou capaz até de matar a pessoa.

Perdão, doutor, por não poder cumprir o seu pedido. Eu também sou juiz de direito e somente agora deixo o senhor sabendo disso. E sei que o senhor poderá inclusive me condenar, por não ter acatado sua ordem.

Quanto aos bens, não há dúvida nenhuma, todos me pertencem. Sou o único herdeiro de meus pais, inclusive herdeiro do amor que me dedicaram. Tome esta espingarda, doutor. Dê para mim o retrato de minha mãe, porque o do meu pai foi destruído por uma pessoa que nem sabia em que retrato estava atirando.

O juiz, então, pôde entender tudo certinho e disse ao legítimo herdeiro:

— Gostei muito da sua franqueza. Você foi quem decidiu a questão. Realmente todos os bens lhe pertencem. E acrescentou: Estes retratos daqui são cópias dos originais que estão na sala principal da sede de sua fazenda. Infelizmente a cópia do retrato de seu pai não se aproveitou nada, mas a do retrato de sua mãe, pode levá-la também.

Seja feliz, meu doutor, muito feliz.

E, voltando-se para os dois soldados e fixando o rosto do ladrão, falou:

— Podem prender este malandro. É um homem perigoso, especialista em mentiras e malandragens. E que a condenação dele sirva de exemplo a outros vagabundos, que têm essa mesma profissão do diabo".

3 — A MOÇA QUE ERA FILHA, NETA E NORA DE UMA SÓ MULHER

“Era uma vez uma mulher de 17 anos que tinha um filho de dois anos de idade. Moravam os dois numa casinha muito pobre, à beira de uma estrada, que era ponto de pousada dos tropeiros que por ali passavam.

A mãe do menino, por ser muito pobre, tinha medo de não dar conta de poder criar o menino como era preciso. Tinha medo de não achar uma escola para ele e de não poder ensinar uma boa profissão.

Um dia, ela contou isso pr'um tropeiro que se interessou em ajudar o menino. O tropeiro levou o menino para a casa dele e, quando estava na época, matriculou numa escola para aprender a ler e escrever, ao mesmo tempo que foi ensinado pra ele a profissão de tropeiro. O menino aprendeu a ler e, com o tempo, já lidava com tropa e se tornou um grande tropeiro.

Quando ele completou 21 anos, participou de uma viagem com outros tropeiros para o lugar de onde ele tinha vindo. Mas os companheiros de trabalho guardaram segredo e não contaram para ele para onde iam.

O moço já não se lembrava mais da fisionomia de sua mãe e muito menos do lugar onde tinha nascido e vivido até os 2 anos.

Nesse lugar fizeram uma pousada e dessa pousada, depois de nove meses, nasceu uma menina, filha de uma senhora muito bonita e do tropeiro de 21 anos. Mas esse tropeiro nem sonhava que havia nascido uma menina e que, para maior confusão, era filha dele com a própria mãe. Somente a mulher sabia que o moço, pai de sua filha, era também seu filho.

O tempo foi passando. O tropeiro, depois de decorridos mais 15 anos, participou de uma viagem em comitiva, levando uma tropa pr'aquelas bandas para onde já tinha ido, mas desta vez a pousada foi em outra fazenda. E lá ficou conhecendo uma mocinha muito bonita, que trabalhava na casa do fazendeiro.

O tropeiro que já contava 36 anos, apesar da diferença da idade, começou a namorar essa mocinha de 15 anos.

Um gostava muito do outro e, então, resolveram casar e começaram a cuidar dos preparativos do casamento.

O primeiro passo que o tropeiro deu foi alugar uma casa numa cidadezinha, próxima daquela fazenda. Depois de tudo preparado, casaram-se.

A moça disse ao marido que não queria que a mãe dela continuasse sozinha, pois ela já estava com 51 anos de idade e precisava morar com outras pessoas que pudessem, pelo menos, servir de companhia. E pediu ao marido para deixar a mãe dela vir morar junto. O marido concordou e os três passaram a morar juntos. Até naquele dia o tropeiro ainda não sabia quem era a sogra dele, mas ela sabia que era mãe deles dois: do marido e da mulher.

O tropeiro era muito carinhoso, trabalhador e tratava muito bem sua mulher e sua sogra. Levantava muito cedo e ia para o trabalho e deixava a mulher, ainda deitada, para descansar um pouco mais.

Todos os dias, quase na hora do almoço, a mãe ia ao quarto chamar a filha para levantar e dizia assim: Levanta minha filha, minha neta, minha nora, porque teu marido, teu pai, teu irmão, não se demora para o almoço.

Passavam os dias e ela sempre ouvindo o mesmo palavreado da mãe.

A moça não suportando ouvir mais aquelas palavras, contou ao marido.

Foi, então, a partir daí, que ele pôde compreender toda história. Ficou indignado e disse para si mesmo:

Então essa senhora é minha mãe, minha esposa e minha sogra? E apavorado, procurou um padre para confessar-se e contar toda a verdade.

O padre aconselhou que ele e a sua mulher se mudassem imediatamente de lá. E, no mesmo dia, eles se mudaram, deixando a velha sozinha, naquela casa.

No dia seguinte, a casa se afundou, desaparecendo com a velha, que era ao mesmo tempo, mãe e sogra do tropeiro.”

4 — OS TRÊS CAVALOS ENCANTADOS

“Era uma família pobre demais, que não possuía nem roupa para vestir. Vivia numa pobreza de fazer dó. O casal tinha três filhos, dois maiores e um caçula. Morava no meio de uma mata, bem distante da cidade.

Os dois moços mais velhos se chamavam Antônio e José. E o mais novo tinha o nome de Joãozinho.

Um dia Joãozinho disse ao pai: Papai eu acho que nós não podemos viver mais nessa miséria. Eu acho bom o senhor ir à cidade e arrumar recurso para nós irmos para lá. Assim, nós todos vamos trabalhar e endireitar nossa vida.

O pai pensou muito no que o filho disse e achou melhor mesmo mudar para a cidade.

Um dia ele saiu a pé e andou muito, sem parar, até chegar na cidade.

Lá chegando foi procurar o prefeito para pedir ajuda pra mudar pra cidade.

Chegou na prefeitura, muito acanhado, porque estava com roupa muito velha, rasgada, e pés no chão. O prefeito recebeu muito bem o homem e logo foi perguntando o que ele desejava.

Muito trêmulo e envergonhado, ele falou sobre a situação de pobreza em que vivia ele e sua família.

Depois de ter ouvido, com muita atenção, o prefeito então perguntou:

— O que o senhor deseja fazer para melhorar sua situação?

O homem respondeu:

— Eu sei que o senhor tem uma fazenda aqui por perto. Se fosse possível eu gostaria que o senhor me cedesse meio alqueire de terra, para fazer uma horta. Eu, minha mulher e nossos três filhos vamos plantar muitas qualidades de verduras e assim nós poderemos atender todo o pessoal da cidade.

O prefeito gostou da idéia e disse:

— Até parece que o senhor adivinhou. Nossa cidade não tem nenhuma horta. Eu mesmo gosto muito de verdura, mas por não ter horta por aqui, às vezes passo até vontade de comer umas hortaliças. E para o senhor plantar essas hortaliças, o que eu preciso fazer para ajudar?

O homem disse:

— Eu preciso que o senhor mande derrubar o meio alqueire de mato, porque eu não tenho recursos para isso. Deixe a terra bem limpa e mande construir uma casinha de pau-a-pique. Preciso também de sementes de todas as hortaliças, para plantar.

O prefeito concordou em mandar fazer tudo o que ele pediu e, em pouco tempo, a família já estava mudando para lá.

Fizeram uma cerca de bambu em volta da horta, deixando apenas um portão de entrada. De início foram fazendo os canteiros, trabalhando até de noite, plantando as sementes.

Em poucos meses a horta estava uma beleza. Causava até inveja para as pessoas que por ela passavam:

Foi nessa ocasião que o homem visitou o prefeito para levar umas verduras. Então o prefeito ficou tão entusiasmado que fez ao homem a doação de dois carrinhos e dois burros, para que pudessem vender verduras na cidade.

Essa família foi trabalhando e ficando muito rica, O homem visitou o prefeito, novamente, para pagar a dívida. O prefeito nada quis receber e desejou muitas felicidades pelo trabalho.

Mas para atrapalhar o progresso da família, no dia seguinte, a horta amanheceu faltando muitas verduras. Fizeram uma vistoria na horta e não descobriram nada. Não havia vestígio de nada a não ser a falta de muita verdura.

No outro dia aconteceu a mesma coisa: faltava muita hortaliça.

Então, o pai tomou uma decisão, dizendo:

— Hoje eu vou passar a noite lá na horta para ver se eu descubro esse mistério.

Quando chegou a noite, foi para lá. Passou o tempo todo vigiando a horta, mas nada ele viu acontecer. Mas quando o dia foi clareando, ele percebeu que faltava mais verdura ainda. Ele ficou indignado.

Na noite seguinte, ele disse para Antônio, o filho mais velho, que ficasse na horta para ver se ele conseguisse descobrir alguma coisa.

Logo que anoiteceu, Antônio foi para a horta. Levou um colchão e dormiu a noite todinha. Ao acordar de manhã, olhou para os canteiros e encontrou a coisa ainda pior. Chegando em casa, contou ao pai sobre o fracasso.

O pai pensou bastante e disse: O que vamos fazer? Precisamos descobrir esse mistério. Hoje quem vai passar a noite, vigiando a horta é o José.

Ao anoitecer José pegou seu colchão e foi para a horta. Vigiou um pouco, mas logo deitou e dormiu um sono pesado. De manhã, ao acordar, percebeu que a situação da horta era mais triste ainda. Levou a notícia pr'o pai, e o pai disse:

— O Joãozinho, ainda é criança, mas nesta noite é ele que vai vigiar a horta.

Mal anoiteceu, o Joãozinho agarrou o seu colchão e foi para a horta. Vigiou em todos os cantos. Quando deu sono, ele colocou o colchão pertinho do portão da horta e, para não dormir, pôs uns galhos de caruru debaixo do lençol. Assim, ele não dormia, porque se virasse na cama, os espinhos feriam o corpo dele e ele não pegaria no sono.

Quando deu meia-noite, ele ouviu um terrível sopro de vento, muito forte, mesmo. Aí, Joãozinho perguntou:

— O que é isso?

Uma voz respondeu:

— Eu sou o cavalo preto. Você deixa eu entrar na horta para comer umas hortaliças?

Joãozinho disse pr'o cavalo:

— Pode entrar e comer à vontade.

Depois que o cavalo comeu bastante e ia saindo, ele falou pr'o Joãozinho:

— Eu vou te dar um fio do meu cabelo. Você guarda muito bem guardado. Você não pode dar, nem emprestar, nem vender e nem pode perder.

Joãozinho enrolou muito bem o fio de cabelo num paninho branco e guardou no bolso dianteiro da calça.

Quando o dia amanheceu, a horta estava muito bonita. Renasceram as verduras e a horta estava uma beleza.

Quando os irmãos de Joãozinho viram aquilo, ficaram com muita inveja dele.

Na noite seguinte, Joãozinho pediu ao pai para ir fazer a vigia novamente. E foi.

À meia-noite ele ouviu o mesmo barulho. Parecia uma tempestade.

Joãozinho perguntou: Quem é?

Uma voz respondeu:

— Eu sou o cavalo branco. Você dá licença, eu quero comer umas hortaliças?

Joãozinho deu o consentimento. O cavalo comeu de tudo o que havia nos canteiros. Quando saiu, disse pr'o Joãozinho:

— Toma aqui um fio do meu cabelo. Você não pode dar, nem emprestar, nem vender e nem perder. Agradeceu o Joãozinho e foi-se embora.

Joãozinho o enrolou muito bem enrolado num paninho branco e guardou juntinho com o outro fio de cabelo do cavalo preto.

No outro dia a horta amanheceu muito mais bonita. Aquilo parecia um milagre.

A inveja dos irmãos, Antônio e José, era tanta que eles falaram em matar o Joãozinho. Mas Joãozinho nem se incomodou, não ficou nervoso e nem com medo. Ainda

pediu ao pai para ir passar a outra noite na horta, mas não contava do que acontecia na horta, para sua família.

Na terceira noite foi, outra vez, tomar conta da horta. À meia-noite em ponto, ele ouviu um barulho de fazer medo, mas perguntou: Quem é?

Uma voz respondeu:

Eu sou o cavalo castanho. Você deixa eu comer umas hortaliças nos canteiros?

Joãozinho disse:

— Pode entrar e comer o quanto quiser.

O cavalo entrou e pastou a gosto. Ao sair, disse pr'o Joãozinho:

— Guarde este fio do meu cabelo. Você não pode dar, nem emprestar e nem vender. Tome muito cuidado para não perder.

Agradeceu muito e foi embora.

Joãozinho fez a mesma coisa com o fio de cabelo do cavalo castanho. Enrolou bem enroladinho, guardou num paninho branco e pôs no bolso da calça, junto com os fios de cabelos dos dois outros cavalos.

Amanheceu o dia e a horta estava um encanto, muito bonita.

Quem gostou muito disso foi o pai dele, que continuou vendendo verduras, ganhando muito dinheiro.

Mas acontece que os dois irmãos mais velhos, com inveja de Joãozinho disseram ao pai que não ficariam mais em casa. iam embora para outra cidade.

Então o pai perguntou a Antônio, o filho mais velho:

— O que você quer: bênção ou dinheiro?

— O que eu vou fazer com bênção? Eu quero é muito dinheiro.

O pai deu bastante dinheiro para ele e menos bênção. Depois perguntou para o José: — O que você quer: bênção ou dinheiro?

José respondeu:

— O que eu vou fazer com bênção? Eu também quero é muito dinheiro.

Antônio e José arrumaram suas malas e foram viajar. Viajaram muito tempo. Chegaram em uma casa, à beira de um lago. Ali descansaram dois dias.

Um dia Joãozinho com sua família sentiram muita falta dos dois irmãos. Joãozinho não estava sabendo viver sem eles. Então, tomou uma decisão definitiva: acompanhá-los, como era o costume. Meio sem graça, Joãozinho aproximou-se dos pais e disse:

— Eu também vou embora, papai. Aqui não consigo mais ficar. Não sei viver sem os meus irmãos, eu gosto muito deles.

O pai respondeu:

— Deixe disto, meu filho. Fique por aqui mesmo.

Joãozinho respondeu:

— Não papai! O senhor e a mamãe me perdoem, mas eu não agüento de saudade dos meus irmãos. Sempre que tiver um tempinho eu venho ver os senhores.

O pai continuou:

— Você ainda é novo, mas se a sua decisão é essa, eu vou deixar que você faça o que quer. Só quero saber se você quer mais dinheiro ou bênção.

— Eu quero que me dê a bênção.

O pai abençoou-o bastante. Pediu ao anjo da guarda para acompanhar.

O pai ainda insistiu:

— Você precisa de dinheiro, meu filho? É bom levar. Como você vai viver longe sem dinheiro?

Joãozinho falou:

— Não preciso, papai. Eu preciso é encontrar meus irmãos, não consigo ficar longe deles.

O pai tornou a abençoar dizendo:

— Vai com Deus!

Ele pegou a mala e saiu. Caminhou uns cinco quilômetros e cansou-se. Sentou-se ao pé de uma árvore e pensou: Como vou seguir viagem, se eu não sei onde estão meus irmãos?

Foi nesse momento que ele se lembrou dos três cabelos dos cavalos encantados, que estavam em seu bolso, muito bem guardados. Tirou o fio de cabelo do cavalo castanho, espichou-o e disse:

— Há de me aparecer o cavalo castanho para me levar aonde estão meus irmãos.

Acabou de fazer o pedido e o cavalo apareceu num relance dizendo:

— Pronto! Aqui estou para te servir. O que você precisa?

— Eu preciso encontrar meus irmãos, estejam onde estiverem, porque eu não posso viver sem eles.

Assim que acabou de fazer o pedido, o cavalo respondeu:

— Seus irmãos estão lá naquela casa, perto daquela lagoa, descansando, prontos para seguir viagem novamente.

E falando, o cavalo desapareceu.

Joãozinho seguiu em direção daquela casa, à procura dos irmãos.

Chegando na casa, Joãozinho contou ao dono dela que estava à procura dos dois irmãos. O dono da casa ouviu com muita atenção a história, ficou com muita pena dele e explicou:

— Seus irmãos Antônio e José estavam aqui, mas viajaram para muito longe, para a chamada zona nova, numa grande plantação de café. Eles foram ajustados para esse serviço e vão morar numa casa da colônia. O fazendeiro combinou com eles serviço para quatro anos, para a formação do cafezal. Lá eles vão ficar trabalhando.

Joãozinho permaneceu dois dias na casa desse novo amigo, sendo muito bem tratado e protegido. Joãozinho ao se despedir, agradeceu a gentileza do amigo, as informações recebidas quanto ao paradeiro dos irmãos.

Pegou sua malinha, colocou nas costas e foi-se embora. Viajou o dia inteirinho sem parar e também sem saber para onde iria.

Sentou-se debaixo da sombra de uma grande árvore, descansou um pouco e começou a construir o seu castelo. O que fazer para ir até a casa dos irmãos?

Quando o dia estava amanhecendo, veio à sua mente que ele tinha no bolso os três cabelos de cavalos, guardados.

Como ele já tinha chamado o cavalo castanho, desta vez chamou o cavalo preto. Pegou o fio de cabelo dele e disse:

— Valei-me, cavalo preto. Apareça arreado.

Rapidamente o cavalo preto já apareceu arreado e disse pr'o Joãozinho:

— Pronto! Você me chamou e eu estou aqui para servir.

Joãozinho montou no cavalo e falou:

— Eu quero que você me leve onde estão meus irmãos. Eu não sei onde eles estão.

O cavalo tomou uma direção e depois disse pr'o Joãozinho:

— Seus irmãos estão a cinco quilômetros daqui. É só seguir esta estrada sempre em frente. Você vai encontrá-los perto de um açude. Aqui eu te deixo. Adeus!

Joãozinho fez conforme o cavalo preto ensinou. Andou os cinco quilômetros e encontrou Antônio e José perto do açude. Quando viram que Joãozinho vinha chegando, Antônio ficou enfurecido. Chegou perto de Joãozinho, ficou muito bravo e bateu nele, arrancando os seus olhos e jogando nas águas do açude. José não bateu em Joãozinho, mas ajudou a arrancar os olhos dele.

Depois que cegaram o irmão caçula, os dois maldosos voltaram para o serviço, na lavoura de café.

Joãozinho ficou à beira do açude, cego, com muita dor, chorando e lastimando a vida. Começou a raciocinar o que deveria fazer.

Lembrou-se de Santa Luzia e começou a rezar e a pedir pra ela que ajudasse a voltar a visão perdida.

Em seguida ele ouviu a voz da santa milagrosa, que disse assim:

Joãozinho, dê três passos à frente, chegue perto do açude, passe a mão na água três vezes, que seus olhos voltarão.

Assim Joãozinho fez e ficou perfeito novamente. Agradeceu muito a santa e nesse momento lembrou-se do fio de cabelo do cavalo branco.

Enfiou a mão no bolso, tirou o fio de cabelo e fez o pedido:

— Apareça meu cavalo branco, já arreado.

O cavalo apareceu, rapidamente:

— Pronto! Estou aqui. O que você deseja?

— Eu quero ir onde estão meus irmãos.

— Seus irmãos estão aqui por perto, numa mata virgem, muito grande. Estão abrindo uma lavoura de café e moram na primeira casa da colônia.

O cavalo deixou Joãozinho na porta da casa e em seguida, desapareceu.

Joãozinho conseguiu entrar na casa e foi fazer a comida para os irmãos.

À tarde, quando Antônio e José voltaram para casa, encontraram Joãozinho com os dois olhos perfeitos, assustado e sentado no chão.

Nada de mal Antônio e José fizeram ao irmão. Até ficaram contentes por ele ter feito a comida e arrumado a casa.

Antônio e José, aproveitando a presença do irmão para tomar conta da casa, resolveram ir, no sábado próximo, à cidade passear. Lá encontraram muita propaganda de uma grande festa que ia realizar, por ordem do rei da cidade. Trouxeram um cartaz, que dizia assim:

— Nesta cidade vai haver uma grande festa. A princesa, filha do nosso rei, vai ficar na janela, numa altura de cinco metros, com um anel de ouro, no dedo. O cavaleiro que conseguir tirar o anel da mão da princesa, sobre o lombo do cavalo, casará com ela. Esta festa durará três dias.

Os irmãos de Joãozinho leram e jogaram fora o cartaz, mas Joãozinho achou e guardou no tronco de uma árvore seca.

No domingo, Antônio e José compraram dois cavalos para participarem do concurso. Treinaram muito os animais, para ficarem em ordem até no dia da festa.

Quando foi no primeiro dia da festa, Antônio e José ajeitaram bem seus cavalos, vestiram-se muito bem e foram para a cidade.

Chegando lá, a princesa já estava na janela, com a mão estendida com o anel de ouro no dedo.

A Guarda do Rei estava de prontidão, pondo em ordem o povo, mantendo os cavalos em fila, de acordo com a chegada dos cavaleiros. Antônio e José chegaram e ocuparam os seus lugares.

Enquanto isto tudo acontecia, Joãozinho, lá na colônia, pensava com seus botões. Dizia consigo mesmo que também iria participar do concurso.

Lembrou-se outra vez dos fios de cabelos dos cavalos. Abriu o paninho, pegou o cabelo do cavalo castanho e disse:

— Valei-me, cavalo castanho. Apareça com uma bela arreata e traga uma bonita roupa de príncipe para mim.

Acabou de pedir e o cavalo apareceu:

— Pronto, Joãozinho. Aqui estou e com tudo o que você me pediu.

Joãozinho disse ao cavalo:

— Espere um pouquinho que eu vou mudar de roupa.

Depois nós vamos à cidade e, sobre seu lombo, vou tentar pôr a minha mão na mão da princesa.

O cavalo confirmou:

— Assim será feito.

Mal Joãozinho se arrumou, montou no cavalo e num segundo já estava na fila, atrás dos irmãos. Ele estava tão bem trajado que não foi reconhecido nem pelos irmãos. A população vibrou quando viu o cavalo e o cavaleiro tão

bonitos. Até o rei se encheu de admiração. A princesa, lá do alto da janela, também demonstrava muita alegria.

Quando chegou a vez de Joãozinho saltar, o cavalo deu um pulo tão bem dado, mas Joãozinho apenas conseguiu relar a mão no anel da princesa. E, em seguida, saiu depressa da cidade.

O rei se entusiasmou tanto que pôs sua Guarda à procura desse cavaleiro, mas não o encontrou.

Joãozinho chegou em casa, dispensou imediatamente o cavalo, vestiu sua roupa maltrapilha e foi cuidar dos afazeres de casa.

À tarde Antônio e José vieram da cidade, tristes e aborrecidos, porque alguém tinha conseguido pôr a mão sobre o anel da princesa. Soltaram os animais, guardaram as arreatas e foram ao encontro de Joãozinho. Antônio já foi logo perguntando:

— Não foi você, Joãozinho que pôs a mão sobre o anel da princesa? Pois eu estou achando que foi você.

João respondeu:

— Não! Eu não! Nem estou sabendo dessa história. Não saí daqui e nem tenho dinheiro para comprar cavalo e nem roupa.

Já estava formando uma grande discussão, quando José entrou na conversa e acalmou Antônio, que estava muito nervoso.

No dia seguinte, Antônio e José deram bom trato aos seus cavalos, ajeitaram bem os seus trajes e partiram, com muita esperança, para a cidade. Chegaram e se puseram nos últimos lugares da fila.

Enquanto isso, Joãozinho desembrolhou o paninho onde estavam os fios de cabelos dos cavalos, pegou o cabelo do cavalo preto e pediu:

— Valei-me, cavalo preto. Apareça com uma arreata de prata e roupa muito elegante de príncipe.

Imediatamente o cavalo apareceu e disse:

— Pronto, Joãozinho. Aqui estou. Aqui também está a sua roupa.

Joãozinho pediu o prazo de poucos minutos para vestir a roupa. Depois contou ao cavalo que no salto que ele deveria dar, gostaria, novamente, de pôr a mão sobre o anel da princesa.

Chegou já na hora de fazer pular o cavalo e pôs-se na fila, em último lugar, depois de seu irmão José.

Dito e feito. O cavalo pulou e Joãozinho tornou a passar a mão sobre o anel da princesa.

O povo alegre, aplaudiu com entusiasmo.

Joãozinho sobre o cavalo, voltou rapidamente para casa.

O rei ficou num desespero para saber quem era o misterioso cavaleiro. A princesa estava aflita. A Guarda do Rei saiu à procura do cavaleiro, mas tudo foi em vão.

Joãozinho chegou em casa, agradeceu muito o cavalo, devolveu a roupa e o cavalo desapareceu.

Em seguida, já vestido com sua roupa velha, estava cuidando da casa e preparando a comida.

Não demorou muito tempo chegaram seus irmãos, Antônio e José, bufando de bravos. Soltaram os animais, xingando demais e foram procurar o pobre Joãozinho. Antônio já foi gritando com o irmão.

— Joãozinho, você está tapeando todo mundo.

Diga com sinceridade: Não foi você que pôs a mão sobre o anel da princesa? Responda, malcriado.

Joãozinho disse:

— Como assim? Sou um pobretão. Não tenho nada e vivo aqui só trabalhando. E vocês não me convidaram nem uma vez para ver essa festa.

Quando a conversa começou a perigar, José entrou no meio dela para apaziguar.

Naquela noite mesmo Antônio e José compraram mais dois cavalos, bonitos, fortes e amestrados. Cuidaram de comprar roupas finas, bonitas e muito elegantes. Estavam certos de que seriam os vitoriosos.

Na hora certa, seguiram para a cidade.

Não demorou muito tempo, Joãozinho retirou o paninho do bolso, separou o fio de cabelo do cavalo branco e fez o pedido:

— Valei-me, cavalo branco. Apareça com uma arreata muito chique de prata e de ouro, e traga também a vestimenta mais bela de um príncipe.

Mal fez o pedido, o cavalo apareceu, ricamente arreado e com a roupa de Joãozinho, dizendo:

Aqui estou, Joãozinho. Trouxe a roupa que você me pediu.

Joãozinho trocou de roupa imediatamente e disse pr'o cavalo:

— Hoje, meu bom cavalo, você vai saltar comigo e eu vou conseguir tirar o anel da mão da princesa.

O cavalo respondeu:

— Será feito o seu pedido. Eu vou saltar e você vai tirar o anel da mão da disputada princesa.

Partiram, rapidamente, e num instante chegaram na cidade e foram se colocando no final da fila. Todos os cavalos já tinham pulado. Ninguém tinha conseguido êxito.

Joãozinho, então foi o último a saltar. Num átimo conseguiu tirar o anel da mão da princesa. Retirou o anel, deu um adeusinho à princesa e desapareceu.

A multidão vibrou de alegria. Muitos vivas, aplausos e gritarias. Enquanto o povo se manifestava, Joãozinho já estava lá na casa da colônia, de roupa rasgada, fazendo a comida e cuidando da casa.

O rei e sua filha estavam impacientes, porque o cavaleiro vencedor se fez de misterioso.

Convocaram a Guarda do Rei para sair à procura do cavaleiro vitorioso. Revolucionaram a cidade em busca do futuro príncipe.

O rei deu o prazo de uma hora para que os seus homens vistoriassem a cidade e achassem o moço daquela maior proeza.

Enquanto a Guarda do Rei revistava a cidade, Antônio e José chegavam em casa, bravos, estúpidos e furiosos. Depois que desarrearam seus animais e soltaram no pasto, chamaram Joãozinho para dar explicações sobre o acontecimento, pois desconfiava que ele era o tal cavaleiro misterioso.

Conversaram tão alto com Joãozinho que a casa estremeceu. Tudo porque eles não alcançaram o objetivo para o qual tanto lutaram.

Então foram dar buscas na casa inteirinha à procura do anel. Procuraram na mala dele, peça por peça, e não conseguiram encontrar o desejado anel de ouro, que estava embulhado num trapinho, dentro da mala.

Por fim, acalmaram-se, porque nada encontraram. Já não desconfiavam mais de Joãozinho.

A Guarda do Rei, depois de ter vasculhado toda a cidade, casa por casa, e nada ter descoberto, recebeu ordens do rei para aumentar o número de homens e fazer vistoria na zona rural.

O chefe da Guarda distribuiu o comando em cinco grupos de cinquenta homens. Cada grupo tinha o comando de um subchefe. Dividiu em setores a zona rural e deu a responsabilidade a cada subchefe.

O agrupamento que se dirigiu pra zona do cafezal fez a primeira vistoria, por coincidência, na casa de Joãozinho. Os homens já foram dizendo aos três irmãos:

— Aqui ninguém entra e daqui ninguém sai, enquanto não for procurado o anel por toda a casa.

Perguntaram, primeiramente, a Antônio e José:

— Vocês participaram da festa?

Eles responderam:

— Sim, mas Joãozinho, não.

— Quem é Joãozinho?

— É este que está sentado no chão.

— Vocês dois, Antônio e José tiraram o anel da mão da princesa?

— Não senhor. Pelejamos, mas não conseguimos.

O subchefe do comando perguntou ao Joãozinho:

— Joãozinho, você participou da festa?

Ele respondeu:

— Não! Nem de casa eu saí.

O subchefe continuou:

— Existe mais alguém nesta casa?

Os três responderam:

— Não, senhor. Aqui somos só nós três.

Mesmo assim o comando continuou a procura pela casa toda.

Revistaram a mala de Antônio e José. Depois foram vistoriar a mala de Joãozinho. Tudo bem examinado, até que encontrou o anel num pedacinho de trapo, entre as peças de roupa. O subchefe ficou admirado. Examinou muito bem examinado o anel e ficaram convencidos de que era realmente o anel da princesa.

Então, o subchefe, encarando firme Joãozinho, perguntou:

— Joãozinho, foi você quem tirou o anel da mão da princesa?

Ele não teve por onde escapar e disse:

— Sim, fui eu mesmo.

O subchefe falou:

— Então venha conosco, porque o rei quer falar com você.

Os dois irmãos quando descobriram a verdade, ficaram a ponto de matar Joãozinho.

Joãozinho pediu o anel ao subchefe, colocou no dedo e seguiu com o comando para a cidade.

Quando o rei recebeu a notícia, mandou avisar todos os habitantes da cidade. Por isso, a multidão toda esperava o príncipe encantado.

Chegando na cidade, Joãozinho disse ao subchefe:

— Eu vou parar aqui, neste hotel, para mudar de roupa. Quero aparecer muito bem trajado junto de minha noiva.

— Sim, você está certo.

Joãozinho tomou seu banho, abriu o paninho com os fios de cabelos dos cavalos e disse:

— Valei-me, três cavalos encantados. Quero que vocês venham muito bem enfeitados e tragam uma roupa de príncipe, a mais bonita do mundo.

Os cavalos apareceram, deram a roupa ao Joãozinho e perguntaram:

— O que mais que você quer?

Joãozinho respondeu:

— Quero que vocês me acompanhem até o palácio, puxando um carrinho cravejado de prata, ouro e diamante.

Os cavalos responderam:

— Tudo será cumprido, Joãozinho.

O subchefe do comando, ao ver Joãozinho vestido de príncipe, chegou a ele e disse:

— Alteza, perdoe-nos por tudo. O que Vossa Alteza quer que nós fazemos agora?

Joãozinho respondeu:

— Quero que vocês obedeçam às minhas ordens e me acompanhem até ao palácio.

O subchefe disse:

— Será cumprida sua ordem, Alteza.

Chegando ao palácio, Joãozinho encontrou o rei, a rainha e a princesa que estavam à sua espera.

Desceu de sua carruagem e acompanhado pelos homens do comando foi cumprimentar seus sogros e beijar sua futura esposa.

O rei já tinha convocado o juiz de paz para a celebração do casamento. Casaram. Fizeram uma riquíssima festa, para durar três dias.

Joãozinho, então, mandou buscar seus pais para participarem da felicidade dele.

No meio de tanta alegria, o rei anunciou:

— Joãozinho, o meu palácio é para você. De hoje em diante você vai dirigir todo o trabalho daqui.

Muito alegre e feliz, Joãozinho lembrou de seus dois irmãos, Antônio e José, que apesar de invejosos, eram muito queridos do irmão caçula. Pediu para ir buscá-los para participarem da festa.

Não demorou muito, o mensageiro voltou com a triste notícia de que seus irmãos, por inveja, tinham-se suicidado.

Joãozinho chegou a chorar de tristeza, porque gostava muito deles, mas por decisão do rei, a festa continuou.

Terminada a festa do casamento, Joãozinho mandou construir uma linda casa para seus pais, perto do palácio.

Longe da cidade havia um lago muito grande e os três cavalos encantados foram morar nele.

Os cavalos nada mais tinham a ver com Joãozinho, porque Joãozinho nunca poderia perder os três fios de cabelos e, por infelicidade, acabou perdendo.

Assim, Joãozinho, depois de príncipe, muito rico e muito importante, voltou a ser um homem normal, sem a proteção misteriosa dos três cavalos encantados."

DANÇA DO MAÇARICO

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI
Departamento de Folclore — Olímpia

A cultura brasileira, nova e autêntica, nasceu do encontro entre culturas diferentes. Da mescla do índio, do negro, do português, acrescida dos traços das culturas trazidas pelos imigrantes, formou-se a cultura espontânea brasileira, palco e ação do nosso folclore.

Assim constituímos um folclore rico e variado. Quando falamos de brasileiro, falamos do gaúcho ao sertanejo nortista e nordestino, passando pelo caipira paulista e de outros rincões nacionais.

O folclore faz sua incursão no campo da medicina popular, no artesanato, na música, na dança e coreografia típica.

São ricas as manifestações, especialmente as relacionadas com a música e a dança, e esta riqueza tem que ser desfrutada por elementos folques e eruditos.

Levando em conta esta preocupação é que durante muitos anos, temos pesquisado e registrado música, coreo-

grafia, trajes, para que toda essa riqueza não se perca, mas que seja preservada e consumida por aquele que é o legítimo dono do folclore — o povo.

Este trabalho de pesquisa — *Dança do Maçarico* — registrado e vivido pelo Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça" do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia, teve como fonte principal o Grupo Parafolclórico "Os Baioaras", de Belém, Pará.

MAÇARICO

Percussão musical e coreográfica deixada no Município de Cameté pelos escravos africanos que habitavam a ilha de Mola, onde os fugitivos construíram um quilombo para sua própria proteção.

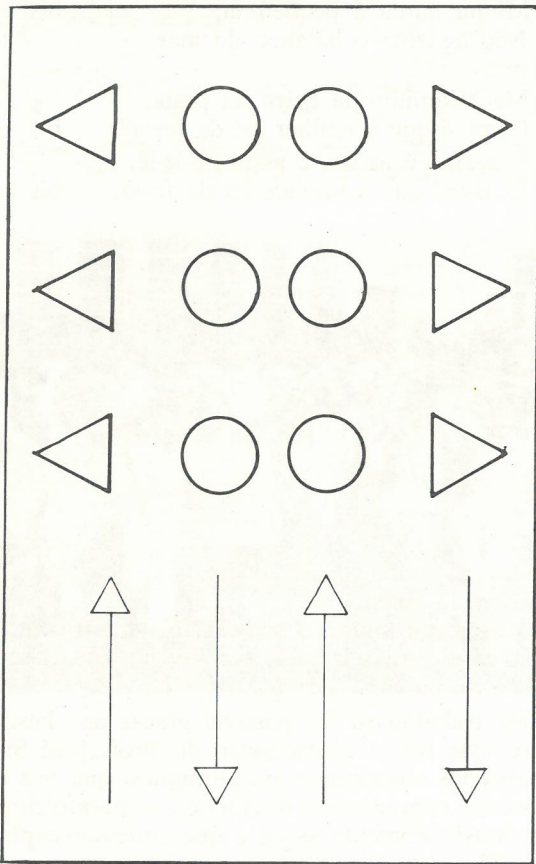
Durante vários anos, os negros, mesmo após a abolição da escravatura, continuaram realizando os seus negó-

cios no meio dos rios, através de pequenas embarcações que construíram.

É uma dança de ritmo alegre e bem contagiante.

COREOGRAFIA

POSIÇÃO INICIAL



1.^a figura

Na posição inicial, conservam-se dançando no lugar (como se estivessem marcando passo), enquanto é cantada a 1.^a estrofe: É assim que a mulher vai à festa.

2.^a figura

1.^o movimento — ainda na posição inicial, marcando passo, enquanto cantam:

Maçariquinho da beira da praia
Como é que a mulher roda a saia? bis

2.^o movimento — A mulher, rodando a saia, ora dança de frente para a outra mulher, ora para o seu cavalheiro, enquanto cantam:

É assim, é assim, o-le-lê,
É assim que a mulher roda a saia. bis

3.^o movimento — O homem apóia o joelho esquerdo no chão, a dama dá uma volta dançando pelo lado esquerdo, depois a figura é repetida pelo lado direito, enquanto cantam:

Oi não me leve, não me leve São Rafael,
Não me deixe, não me deixe sem sua mulher. bis

4.^o movimento — Mulher segura a mão do cavalheiro e colando os ombros, dão uma volta para o lado esquerdo e depois para o lado direito. O movimento é repetido ao repetir a estrofe.

3.^a figura

1.^o, 3.^o e 4.^o movimentos iguais aos da 2.^a figura, acompanhando o canto.

2.^o movimento — A mulher requebrando, dança ora de frente para a outra mulher, ora para o seu cavalheiro, enquanto cantam:

É assim, é assim, é assim, o-le-lê,
É assim que a mulher se requebra. bis

4.^a figura

1.^o, 3.^o e 4.^o movimentos iguais aos da 2.^a figura, acompanhando o canto.

2.^o movimento — A mulher sapateia ora de frente para a outra mulher, ora para o seu cavalheiro, enquanto cantam:

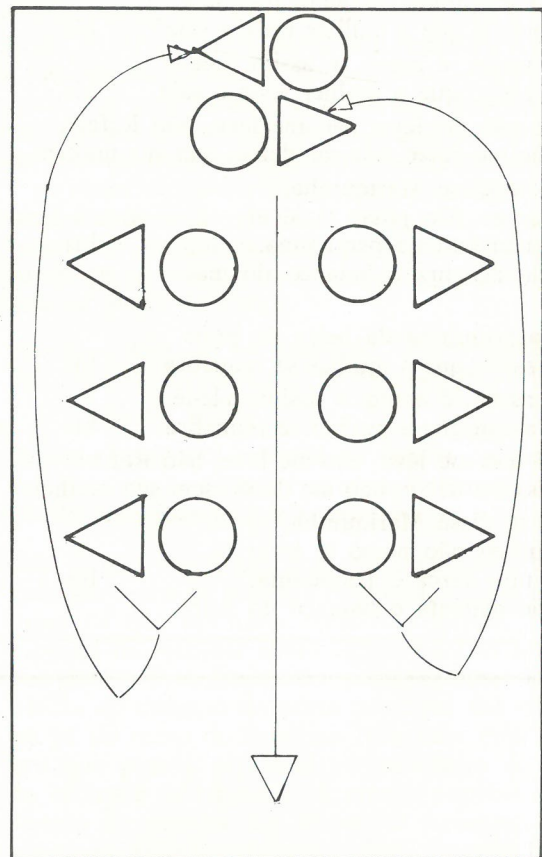
É assim, é assim, é assim, o-le-lê,
É assim que a mulher sapateia. bis

5.^a figura

1.^o movimento igual ao 1.^o movimento da 2.^a figura.

Saída: É assim, é assim, é assim, o-le-lê,
É assim que a mulher sai da festa. bis

Os pares dão uma volta pelos lados do palco até a frente, depois vão se intercalando e saem definitivamente do palco.



INDUMENTÁRIA

Homens: Camisa de mangas compridas (estampada ou xadrez). Calças brancas. Sapatos pretos.

Mulheres: Vestido xadrez ou estampado. Saia ampla, à altura dos joelhos com babado na barra (cor lisa). Blusa com mangas à altura dos cotovelos com babado, decote em V, frente e costas (bem amplo nas costas, quase na cintura) arrematados por babado (cor lisa). Sapatos pretos fechados. Arranjo de flores coloridas nos cabelos. Cinto na cor dos babados.

INSTRUMENTOS

Percussão: Atabaque (tronco de árvore escavado numa das extremidades com couro de veado branco). São usados dois ou três atabaques de diâmetros diferentes. Reco-reco (de bambu). Maracás (de cuia ou cabaça). Pandeiro. Ganzás. **Cordas:** Violino. Banjo. **Sopro:** Flauta (de bambu).

MAÇA - RI - QUI - NHO DA BEIRA DA PRAIA CO MO É QUE A MULHER VAI A FESTA MAÇA RI
 FESTA É AS - SIM É AS - SIM É AS - SIM O - LE - LÊ É AS - SIM QUE A MULHER VAI A FESTA É AS -
 FESTA OI NÃO ME LEVE OI NÃO ME LEVE SÃO RAFAEL OI NÃO ME LEVE OI NÃO ME LEVE SEM SUA MULHER OI NÃO ME
 SUA MULHER JÁ TE DISSE MARIQUINHA QUE EU NÃO POSSO TE LEVAR
 MINHA BARCA É PEQUENINA NÃO AGÜENTA O BALANÇO DO MAR LAN CO DO MAR

MAÇARIQUINHO

- 1 — Maçariquinho da beira da praia
 Como é que a mulher vai à festa? bis
 É assim, é assim, é assim, o-le-lê
 É assim que a mulher vai à festa. bis
- 2 — Maçariquinho da beira da praia,
 Como é que a mulher roda a saia? bis
 É assim, é assim, é assim, o-le-lê bis
 É assim que a mulher roda a saia. bis
 Oi não me leve, não me leve, São Rafael,
 Não me deixe, não me deixe, sem sua mulher. bis
 Já te disse Mariquinha,
 Que eu não posso te levar,
 Minha barca é pequenina, bis
 Não agüenta o balanço do mar.
- 3 — Maçariquinho da beira da praia,
 É assim que a mulher se requebra. bis
 É assim, é assim, é assim, o-le-lê, bis
 É assim que a mulher se requebra. bis
 Oi não me leve, não me leve, São Rafael,
 Não me deixe, não me deixe, sem sua mulher. bis
 Já te disse Mariquinha,
 Que eu não posso te levar,
 Minha barca é pequenina, bis
 Não agüenta o balanço do mar.

- 4 — Maçariquinho da beira da praia,
 Como é que a mulher sapateia? bis
 É assim, é assim, é assim, o-le-lê,
 É assim que a mulher sapateia. bis
 Oi não me leve, não me leve, São Rafael,
 Não me deixe, não me deixe, sem sua mulher. bis
 Já te disse Mariquinha,
 Que eu não posso te levar,
 Minha barca é pequenina, bis
 Não agüenta o balanço do mar.
- 5 — Maçariquinho da beira da praia,
 Como é que a mulher sai da festa? bis
 É assim, é assim, é assim, o-le-lê,
 É assim que a mulher sai da festa. bis



Este trabalho só foi possível graças aos Festivais do Folclore, que sob a coordenação do Prof. José Sant'anna são realizados anualmente em Olímpia e que nos colocam em contato com grupos folclóricos e parafolclóricos de todo o Brasil. Somente assim é que podemos explicar este intercâmbio que nos permite pesquisar, preservar e divulgar o nosso folclore, tendo como fonte de pesquisa grupos como este, o excelente "Baioaras" do Belém, Pará, sob a coordenação de Edson Janary Padilha Castro, Raimunda Edna Padilha Castro e Venâncio Oeiras Castro, que se tornam cada vez mais nossos irmãos e a quem dedicamos grande carinho e afeição.

MODA DE VIOLA E CATIRA

INEZITA BARROSO
 Departamento de Folclore — Olímpia

Tenho integrado anualmente o Festival do Folclore de Olímpia, no mês de agosto. Participo como intérprete de músicas folclóricas e também como palestrante no Curso de Folclorística e no Minifestival do Folclore. Cumpri das minhas obrigações com relação ao Festival, gozo ainda do imenso privilégio de assistir às apresentações folclóricas, que somente em Olímpia — Capital do Folclore — qualquer brasileiro pode presenciar, sem ter que percorrer todo o território nacional. E isto tudo apenas em oito dias. Os grupos folclóricos hoje desfilam no Folcloródromo da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson

Zangirolami" que, sem dúvida, é a única cidade do mundo a dedicar um espaço permanente ao Folclore. Antes, quando o Festival nem sonhava ter sua casa própria, assisti a uma apresentação de Cateretê, na Praça Rui Barbosa, e tive a oportunidade de gravar a dança em 1966. Era um grupo de catireiros dos senhores Ezequiel Batista de Carvalho e Joaquim Ribeiro de Sá. A moda de viola executada pelos violeiros, durante a dança, já havia sido recolhida pelo Prof. José Sant'anna e era cantada pelo seu irmão, Néelson Joaquim de Sant'anna, no distrito de Ribeiro dos Santos, desde o ano de 1937.

AVIÃO DE PAIA

EST A NOI TE EU TI VE UM SO NHO SE EU CON TÁ O PO VO DÁ
 W A SONHEI QUE TA VAM BAR CAN - DO - NUM AE - RO - PLA NO CE
 PAI A DESPE DI DA MINHA GEN - TE A RRETI REI DA PA REN
 TAI A DESPE DI DA MINHA GEN - TE AR - RE TI REI DA PA REN TAI A EM BAR
 QUEI LÁ NO BAR BI - NO A - PI EI LÁ NO BA - TAI A

1 — Essa noite eu tive um sonho
 Se eu contá o povo dá vaia
 Sonhei que tava embarcando
 Num aeroplano de paia
 Despedi da minha gente, bis
 Arretirei da parentaia.
 Embarquei lá no Barbino
 Apiei lá no Bataia.

2 — Diz que sonho são verdade
 Para mim já deu o contrário
 Se o sonho fosse certo
 Eu era um rico milionário
 Eu sonhei que eu era um padre, bis
 Tava bancando o missionário.
 Sonhei que peguei uma purga,
 Pensando que era rosário.

3 — Se o sonho fosse certo
 Tenho um causo pr'a contá
 Eu contando esse meu causo
 Faço o povo admirá
 Sonhei com uma festa no céu bis
 Que me mandaram me chamá.
 Junto com meus companheiro
 P'ra tocá viola e cantá.

4 — Quem me feis esse convite
 Foi o Pedro Malasarte
 Mandado de São Gonçarve
 Ele me escreveu uma carta
 Na carta vinha dizendo bis
 Que era pra nós i sem farta.
 Junto com meus companheiro
 Fomos adivertir nos ar.

5 — Nós fomo inventano moda
 Custemo muito a chegá
 Quando nós fomo chegano
 O Jacuba estava lá
 Cantando moda bonita bis
 Fazeno os santo chorá
 Eu cheguei peguei na viola
 Fiz os santo se alegrá.

6 — Eu cheguei, peguei na viola
 Logo peguei a cantá
 São Miguel deixou a balança
 Vei cá perto pra escutá
 São Pedro esqueceu da chave bis
 Deixô a porta sem trancá
 Quem morreu naquela noite
 Entrô no céu sem pesá.

7 — São Gonçarve ficou alegre
 Quando viu os violero
 Chamou Pedro Malasarte
 Para ser nosso parmero

Não tratava nós por nome bis
 Era só meus companheiro
 Ele tava se lembrando
 Do seu bom tempo premero.

8 — Malasarte batia parma
 Fazia um grande tropé
 Tanto ele batia parma
 Como macetava os pé bis
 Quando foi à meia-noite
 Vestiu ropa de muié
 Veio falando diferente
 Pra enganá São Gabrié.

9 — No otro dia bem cedo
 Antes do dia clareá
 Eu falei pr'os companheiro
 Nós precisa arretirá bis
 Despedimo e fomo embora
 O Jacuba ficô lá
 Cantando mais umas moda
 Esperando pra armoçá.

COMENTÁRIOS

Avião de Paia é moda de viola composta por 9 estrofes de oito versos (oitavas), sendo que o 5.º e 6.º versos se repetem em cada estrofe, espichando-a para 10 versos (décima). Rimam o segundo, quarto, sexto e oitavo versos de cada estrofe. Os demais ficam soltos entre si. Na 4.ª estrofe as rimas são imperfeitas: Malasarte/arta/farta/ar. São rimas toantes.

As estrofes de um modo geral são isométricas, aparecendo versos de nove, oito e sete sílabas. Moda tocada e cantada na dança do Catira.

1 — *Barbino* (Balbino) — Nome de uma propriedade rural, servindo-se do nome do proprietário. Campo de embarque, no sonho.

2 — *Bataia* (Batalha) — Nome de uma propriedade rural, servindo-se do sobrenome do proprietário. Campo de desembarque, no sonho.

3 — *São Miguel* — É um dos três arcanjos designados pelo seu nome na Sagrada Escritura conforme a doutrina de São Jerônimo. Tem São Miguel a missão especial de recolher almas eleitas para as introduzir na glória. É representado pelos artistas da Idade Média ao tímpano da porta principal das catedrais, ao pé do trono do Supremo Juiz, com uma balança em que pesava as almas no ministério de separar os eleitos e os réprobos. A crença popular dá-lhe a função de pesador das almas. O Arcanjo, também chamado Anjo Custódio do reino, é particularmente invocado a favor da boa morte para os agonizantes.

4 — *São Pedro* — Nasceu em Betsaida, Galiléia, atual Oriente Médio em data desconhecida e morreu, provavelmente, no ano 64 em Roma, Itália. Chamado primitivamente de Simão, foi o mais importante discípulo de Cristo. Era casado e vivia na casa de sua sogra, em Cafarnaum, onde exercia a função de pescador no mar da Galiléia. Tem-se como verdadeiro o relato de que Pedro foi crucificado, em Roma, de cabeça para baixo, segundo sua vontade, pois se considerava indigno de morrer como seu mestre. Enterrado no cemitério dos pagãos, sobre seu túmulo construiu-se a primeira Basílica do Vaticano e que durante a Renascença foi substituída pela atual Basílica de São Pedro.

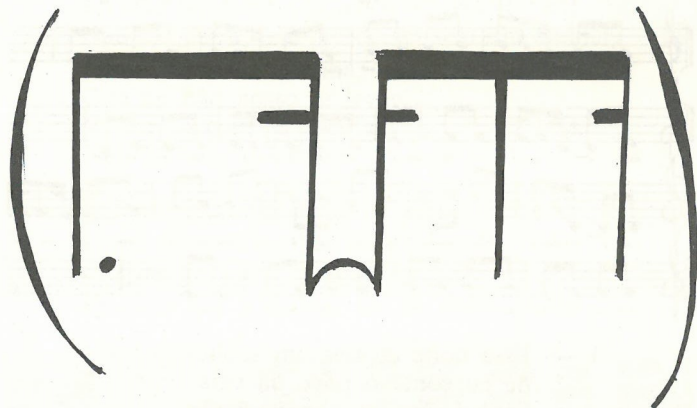
5 — *São Gonçalo* — Depois de Santo Antônio, é o mais popular dos santos portugueses. Da sua vida não ficou, todavia, qualquer documento coevo. Tudo quanto registram os hagiológicos procede apenas da tra-

dição. São Gonçalo tem em Portugal tradição de santo, mas não chegou a ser canonizado. Atribuem-lhe especial proteção para o casamento das velhas. Fazem-lhe grande festa, com danças. Quem dança para São Gonçalo não sofre de reumatismo, porque é santo curador dessa doença. Foi excelente tocador de viola e por isso é considerado protetor dos violeiros. O povo o trata por São Gonçarve.

- 6 — *São Gabrié* (São Gabriel) — Arcanjo, divino mensageiro do mistério da Encarnação. Quando se anunciou ao Sacerdote Zacarias que sua esposa Isabel seria a mãe do precursor e também quando Deus faz saber à Virgem Maria que seria ela a mãe de Jesus, foi o Arcanjo Gabriel que serviu de mensageiro. Bento XV marcou a festa de São Gabriel a 24 de março, vigília da Anunciação, quando a tornou obrigatória em toda a Igreja.
- 7 — *Jacuba* — Em Olímpia — SP, jacuba é uma sopa fria, não muito grossa, feita de água, açúcar e farinha de mandioca. Apreciada sobretudo pelas crianças. Por extensão é o apelido que se dá às pessoas que se parecem moleironas, mas que na realidade são muito espertas.
- 8 — *Pedro Malasartes* — É herói de contos e fábulas de todos os povos. Muda de nome, entretanto, conserva o substrato ideal. Popularizadíssimo no Brasil. É inocente praticador do mal, como praticam as crianças. É um tipo inteligente, considerado um traquinas por passar peças ingênuas às pessoas. Salva-se dos apuros em que se envolve a cada passo. Não há quem desconheça Pedro Malasartes. Ele vive até nas modas de violas do Brasil, envolvido em aventuras extraordinárias. O povo diz Pedro Malasarte ou simplesmente Malasarte.

ANÁLISE MUSICAL

Ritmo — A célula rítmica principal desta mode-de-viola é:



Esta estrutura sincopada está presente em diversas músicas folclóricas, principalmente em danças sapateadas, notadamente o cateretê.

A ligadura que existe entre o primeiro e o segundo tempos desta célula, dá o "balanço" característico do ritmo vinculado a canção quando dançada.

Melodia — Uma das características desta melodia é a repetição de notas, principalmente quando apoiadas sobre a segunda parte do motivo rítmico. Esta característica é natural à maneira com que os violeiros cantam, pois na realidade ao contarem uma estória, estão praticamente fazendo um recitativo.

Harmonia — Não existe nenhuma variante. O conteúdo harmônico é uma simples sucessão de acordes de I e V graus (tônica e dominante, respectivamente).

Esta característica vem, mais uma vez, demonstrar a simplicidade que marca esta moda-de-viola como folclórica.

POR QUE A ESCRAVIDÃO SE EXTINGUIU

F. GABRIEL JUNQUEIRA MACHIONE
Departamento de Folclore — Olímpia

Que o dia 13 de maio marca a data da legítima libertação do negro escravo no Brasil, todos sabem. Que foi a Princesa Isabel quem assinou a Lei Áurea, não há quem desconheça. Que fazendeiros de extensos cafezais ou proprietários de vastas glebas de algodoeiros, ou cana-de-açúcar ficaram furiosos, muitos sabemos.

No entanto, a verdade tem múltiplas faces, como quase ninguém desconhece. Essas verdades acima, são verdade históricas, são verdades registradas, assinadas, incontestes. Mas há outras verdades. E foi atrás delas que, com certa surpresa e saudade, andei, pesquisei, recorri à memória de pessoas que fazem parte da minha infância e adolescência. Que vivem até hoje, em Barretos, SP, que não temem em contar fielmente o que levou a Princesa Isabel, em momento crítico para o país, a assinar a emancipação dos negros escravos.

Há mais pessoas que sabem dessa verdade. Porém, como são verdades muito parecidas, resolvi ficar com a narração feita por duas velhas conhecidas, barretenses: Dona Rosalina Braga e Dona Lázara Carlos de Oliveira.

Eis o depoimento da primeira, Dona Rosalina, 71 anos, moradora na Rua Colômbia n.º 50, ou entre as ruas 19/21, n.º 1246:

A Princesa Isabel teve um filho. Este nascimento foi uma grande desgraça. O menino (era homem), nasceu de

duas cores. Igual cavalo pampa. Mas o menino foi dividido nas cores, bem pelo meio do corpo. Assim: de uma banda, começando do topo da cabeça, na moleira, até a ponta do dedão de uma perna, preto. Preto de alumiar. Daquele lado, o cabelo mola de binga (carapinha), olho cor de melado queimado, e a pele pretinha. Um risco certinho do alto da testa aos fins da barriga. De uma banda, preto cor de urubu, da outra, branco descascado, que nem bicho de pau podre. De um lado da cabeça, cabelo de enrosco, que nem ninho de arapuá, do outro cabelos macios cor de ouro.

No rosto, pra cá, olho escuro, castanhão. De lá, olho azul. E assim, por aí afora. O fato foi um assombro, um reboliço por todos os lados.

Foram chamados os padres para benzer o menino, os médicos para examinar o acontecido e dar remédios, mas nada! Nem reza, nem remédio, nada, nada resolveu a desgraça.

Dias depois a princesa teve um sonho. No sonho lhe apareceu São Benedito e lhe explicou que se ela libertasse os cativos, desse liberdade aos negros escravos, seu filhinho voltaria a ser branco. A princesa, logo que acordou, no mesmo dia começou a tomar providências. Chamou todos os homens importantes da política, do exército, da igreja e mandou que se preparasse a boa-nova.

Decretou a lei da liberdade dos pretos. E aí, São Benedito cumpriu sua parte da promessa. Naquela mesma noite, o menino foi clareando, clareando, o lado pixaim do cabelo foi-se alisando e o olho castanho acabou tão azulzinho quanto o outro.

Estava cumprida a promessa de São Benedito. E a princesa cumpriu a dela, e os negros, dali para a frente, até hoje, ganharam a liberdade.

Viva a Santa Isabel!

Observação: A narração assim foi feita. Procuramos não alterar nada, ouvindo, anotando, transcrevendo como nos pareceu certo. Dona Rosalina ouviu este conto de sua mãe, quando criança, Dona Antônia de Freitas, em Cravinhos, SP.



D. Rosalina

O segundo depoimento foi de Dona Lázara Carlos de Oliveira, 59 anos, residindo na Rua 8, entre as 39/41, n.º 965. Foi narrado por sua avó Dona Luzia, benzedeira famosa na região, falecida há cerca de 20 anos, centenária. Eis o que narra:

Foi no tempo da escravatura.

Como castigo, Deus botou no mundo um filho da Princesa Isabel, meio preto, meio branco. Riscado de cima embaixo. Preto de um lado, branco do outro.

A princesa chorou muito e não se conformava. Não se conformou de jeito nenhum. Também, quem ia se conformar com filho de um lado cabelo ruim, rolo de bucha, do outro, liso espichado. Um olho cor de jabuticaba, o outro, azul tal qual uma conta. Nariz meio chato, meio fino. Beijudo num lado, boca fina do outro.

E lá estava a criança pelas metades, nem uma coisa nem outra.

Um dia, a princesa sonhou com São Benedito e ele lhe deu um conselho sério: “Acaba com a judiaria da escravatura. Deixa os negros viver livres que eu curo o menino”. A princesa, no sonho, foi concordando.

Deu uma festa e anunciou o fim das malvadezas dos brancos com os negros. Deu liberdade para todos eles. Foi dito e feito. Na mesma hora o menino clareou. Tudo se igualou. Ficou branquinho de vez, clarinho, tal qual os pais.

Foi uma alegria geral, houve muita festança. E São Benedito deu o direito dela ser Santa Isabel.



D. Lázara

Um guarda-noturno de Barretos, o Senhor Joaquim Sales, conta o mesmo caso, com uma variante. A princesa não sonhou com São Benedito. Fez-lhe uma promessa. Caso o filho ficasse de uma só cor — branca, ela poria fim à escravidão negra no Brasil. Assim, condoído, São Benedito não só a atendeu quanto à promessa como, por ter logo assinado a Lei Áurea e por seus dotes de bondade e formosura, deu permissão para que ela fosse classificada entre os santos já cultuados. No caso, Santa Isabel.

Muitos conterrâneos barretenses conhecem o conto, apresentam-no com sutis variações, mas bastam-nos esses dois para fazer com que mais brasileiros saibam “por que a escravidão teve fim no Brasil”. Isto é, a verdade sobre a assinatura da Lei Áurea, abolindo a escravidão negra no dia 13 de maio de 1888, segundo a versão de quem sabe o que diz, por ouvir, dos seus ancestrais, e acredita no que conta.

DANÇA DE SÃO GONÇALO

São Gonçalo nasceu em Arriconha, província de Ta-gilde, em Portugal. Filho de nobre, recebeu, ainda moço, ordens religiosas. Foi pároco de São Paio de Riba-Vileza e depois de viajar pela Palestina e Roma, para conhecer os lugares santos, radicou-se em Amarante. Entrou para

o mosteiro de São Domingos. Era muito virtuoso e dizem ter feito milagres em vida. Faleceu em Amarante (Douro) em 10 de janeiro (que se tornou o seu dia) de 1259. Foi beatificado em 1551.

No Brasil a devoção a São Gonçalo data da época do

descobrimto. A referência mais antiga da dança de São Gonçalo no Brasil data de 1718. Em Portugal dançavam nas igrejas, o que acontecia outrora no Brasil. É dança difundida em vários Estados brasileiros. Atualmente é dançada em recintos cobertos e em terreno com barraca, ou mesmo ao ar livre.

Os dançadores de São Gonçalo contam que “a dança teve sua origem na época de Jesus Cristo aqui na terra e narram muitas lendas a respeito. Outros dizem que o santo reunia, aos domingos, as mulheres de “vida alegre” e ensinava-lhes a dança, para que se esquecessem do erro, do pecado”.

São Gonçalo é considerado *padroeiro* dos violeiros, dos militares, dos enfermos e dos casamentos. A dança em seu louvor é pagamento de promessas, pois o santo resolve todos os problemas de doença, principalmente os das pernas, e desencana solteirões.

Olímpia foi a mimosa filha de Barretos até que o Município tivesse sua criação, com território dela desmembrado, à Lei Estadual n.º 1571, de 7/12/1917, que concedeu também foros de cidade à sede municipal, mas sua instalação ocorreu em 7/4/1918. Por essa justa razão queremos prestar uma homenagem, para nós muito significativa, à nossa cidade-mãe, através da publicação da foto do grupo de Dança de São Gonçalo do mestre *Jaime Cardoso da Silva*, que se mudou para Barretos em 1947, provindo da cidade de Januária — MG. O grupo, além do mestre, se constitui de dois guias da dança (homens), e uma rainha que segura os estandartes de São Gonçalo e Nossa Senhora Aparecida, e dez pares (mulheres). Dançam, pagando promessa. Há um conjunto de músicos fardados: (1 acordeão, 1 violão, 2 violas, 1 rabeca e 1 caixa) que cantam durante a dança: *Evém o carro cantando/Cheio de cravo e rosa/São Gonçalo evém no meio/Escoiando a mais formosa...* É dançado geralmente à noite. Depois de rezado o terço, dão início a dança que tem a duração de, no mínimo, 2 horas. Os dançadores, em pares, igualmente trajados, portam arcos (aros) de pau de peneira, cortados na Minguante, e deixados um dia ao sol, para facilitar o emborçamento. Esses arcos, de 1,70 m, são enfeitados com fitas de papel de seda, de todas as cores, com exceção da preta e da roxa, porque estas simbolizam tristeza, representam a morte. E a dança é alegre, viva. Dança-se diante de um oratório ornamentado com flores naturais ou artificiais, tendo-se as imagens de São Gonçalo

e Nossa Senhora Aparecida e 2 velas acesas. As danças, sempre com os mesmos passos, têm um destaque apreciadíssimo, por efeito dos arcos, nas diferentes passagens: saída, dança do ombro, do arco para cima e para baixo, alinhavo, rede, esteira, balaio, troca dos arcos, túnel. Depois do túnel, volta-se a 1.ª parte, a saída, para terminar. Após o terço, o festeiro oferece aos dançadores e convidados, uma mesa de quitandas, chocolate e café. O grupo de Barretos há 6 anos diz presente à festa folclórica de Olímpia. E que sempre esteja presente. Amém!



Em Olímpia há 5 grupos de São Gonçalo: da *Família Valeriano* (sapateado) — Bairro de São José; da *Família Santos* (palmeado e sapateado) — Vila Garcez; de *Dona Santina dos Santos Cardoso* (palmeado e sapateado) — Jardim Paulista; do *Sr. Nicanor de Sousa* (genuflexão) — Fazenda Corredeira e o da *Família Miranda* (palmeado e sapateado) — distrito de Ribeiro dos Santos, que participam do nosso FEFOL. Em nossos festivais de Folclore têm-se apresentado, ainda, os são-gonçalos de Barretos — SP, Bebedouro — SP, Cajobi — SP, Fortaleza — CE, Juazeiro — BA, Laranjeiras — SE, São Luís — MA, Sorocaba — SP e Viradouro — SP, cada grupo com características próprias.

JOSÉ SANT'ANNA
Coordenador do Festival

MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE

“D. MARIA OLÍMPIA”

ANTÔNIO CLEMÊNCIO DA SILVA
Departamento de Folclore — Olímpia

O primeiro passo dado para atingir os objetivos foi a instalação solene, no dia 13 de agosto de 1973, no início da administração do Dr. Alfonso Lopes Ferraz, com o acervo cedido à Prefeitura Municipal com regime de comodato pelo Prof. José Sant'anna, no prédio que anteriormente servira de Posto de Puericultura e Delegacia de Ensino, na Avenida Valdemar Lopes Ferraz, funcionando ali atualmente a Segunda Companhia do 17.º B.P.M./I, do Museu de História e Folclore, órgão do Conselho Municipal de Cultura. Ali permaneceu até o ano de 1975, sob a direção do Prof. Vitorio Sgorlon, sendo os demais cargos assim atribuídos: chefe de Seção de História, Prof. Rothschild Mathias Netto e chefe da Seção de Folclore, Prof. José Sant'anna.

Em 1976, o Prof. José Sant'anna assumiu a direção do Museu, cargo que acumulou com o Chefe de Seção de Folclore. Permaneceu como Chefe da Seção de História, o Prof. Rothschild Mathias Netto.

Segundo uma pesquisa realizada no Livro Histórico do Museu, o professor Rothschild Mathias Netto, compilou todas essas informações:

“Em todos esses anos, tendo existido como instalação apenas oficiosa, funcionando, aqui e ali, precariamente, não poderia como é óbvio produzir os resultados que dele se esperavam.

Entretanto, a 25 de março de 1977, o prefeito municipal Álvaro Cassiano Ayusso enviou à Câmara o projeto de lei 1536/77, dispondo sobre a criação do Museu de

História e Folclore, que uma vez discutido foi aprovado por unanimidade.

Já em 18 de abril de 1977, o chefe do executivo promulgava a lei n.º 1274, dispondo sobre a criação do Museu, ao mesmo tempo que criava as funções de diretor-técnico, chefe da Secção de História, chefe de Secção de Folclore, museólogo, restaurador, bibliotecário e arquivista, datilógrafo e servente. Posteriormente houve a mudança do cargo de datilógrafo para o de escriturário.

Com a assinatura, a 1.º de agosto de 1977, do decreto n.º 1114/77, o prefeito municipal nomeou o Dr. José Sant'anna para o cargo de diretor-técnico do Museu de História e Folclore de Olímpia; pelo decreto n.º 1115/77, foi nomeado o Prof. Rothschild Mathias Netto, chefe da Secção de História e pelo decreto n.º 1116/77, foi nomeado o Dr. José Sant'anna, chefe da Secção de Folclore.



D. Maria Olímpia

Em 14 de junho do ano seguinte, através do avulso 31/78, o vereador José Sant'anna apresentou o projeto de lei n.º 1625/78, dando ao organismo fundado no ano anterior, a denominação de Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia", aprovado em regime de urgência e por unanimidade, pela Câmara Municipal de Olímpia, na sessão de 30 de junho de 1978.

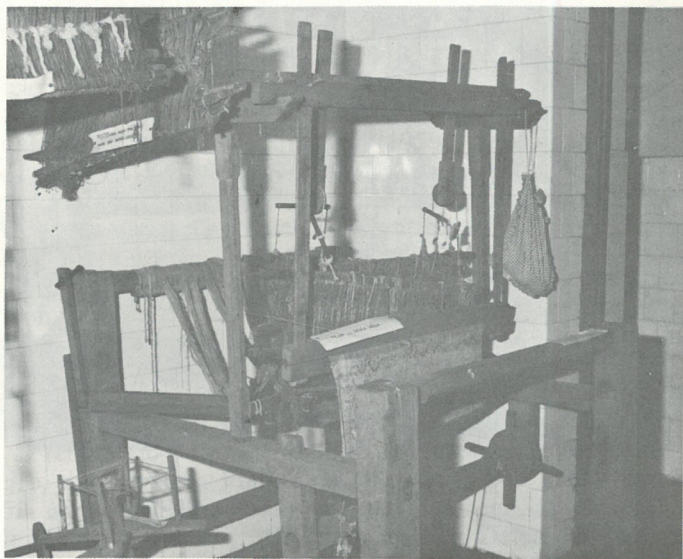


Museu

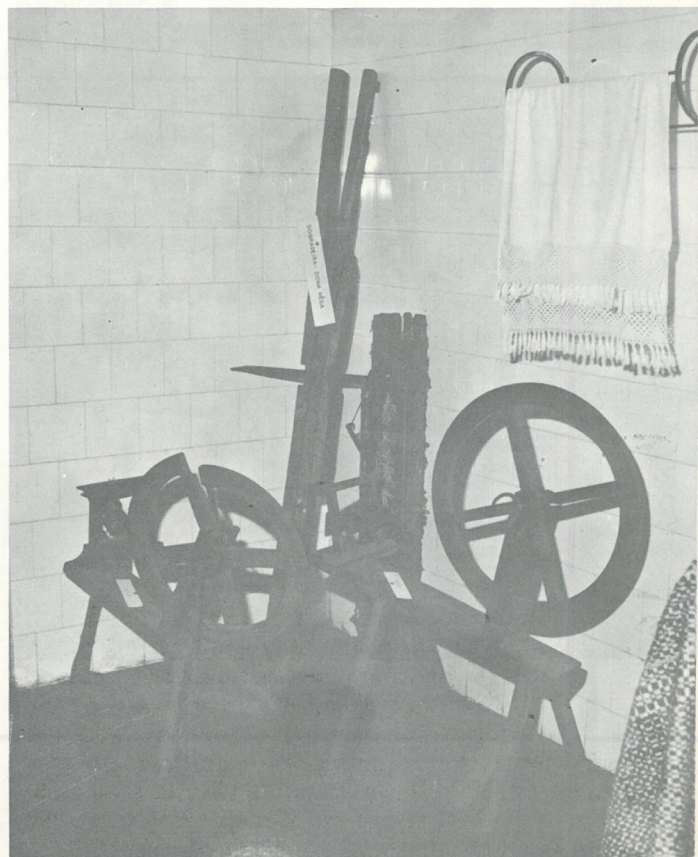
Em 5 de julho do mesmo ano, o prefeito Álvaro Casiano Ayusso sancionava a lei 1358/78, que dá nome ao Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia".

Com a aquisição do palacete construído por Giosué Tonâni foi dado mais um passo para a instalação definitiva do nosso Museu. Convenientemente restaurado o prédio, dentre em breve abrigará todo o acervo histórico e folclórico da nossa cidade, satisfazendo, desse modo as aspirações de quantos, nesta terra, amam verdadeiramente a cultura."

ALGUMAS PEÇAS DO ACERVO



Tear



Rocas



Palha de milho



Indumentárias



Luminárias

O Museu contribuiu para a divulgação de nossas coisas, já que o Folclore, como a História, entrelaça-se profundamente com a alma do povo e é seu vivo reflexo. É um ponto turístico-folclórico de que se pode justamente orgulhar a Capital do Folclore, para que seja ainda mais procurada e conhecida.

Neste Museu, na Secção de Folclore, se encontram peças usadas ainda hoje pelo povo, nas suas diferentes manifestações folclóricas. Seu acervo, como já afirmamos, é pertencente ao Prof. José Sant'anna. É proveniente de doações e coletas, principalmente na forma de aquisição. Ali se reúne excelente coleção de peças, que documentam no tempo e no espaço, o entrelaçamento de cultura de que resultaram as mais típicas manifestações da alma do povo brasileiro.

Esse acervo, graças ao zelo de seus dirigentes, é exclusivamente enriquecido, e o Museu constitui-se num documentário vivo e não estático das manifestações folclóricas de nossa gente.

ADEUS A ROSSINI TAVARES DE LIMA

CÉLIO JOSÉ FRANZIN
Departamento de Folclore — Olímpia

Rossini Tavares de Lima, um dos mais notáveis pesquisadores do folclore brasileiro, nasceu em Itapetininga, Estado de São Paulo, no dia 25 de abril de 1915. Filho de Mozart Tavares de Lima e de Maria José Aires Tavares de Lima.

Fez os primeiros estudos de piano com seu pai e diplomou-se em música em 1935, pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Aluno e amigo de Mário de Andrade, com ele iniciou os estudos de folclore e foi seu assistente, no ensino de História da Música, no mesmo Conservatório e no ano de 1944 começou a ensinar folclore nacional naquela Escola.

Ingressou no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de São Paulo, indo até o 3.º ano. Abandonou-o para dedicar-se inteiramente à música e ao folclore. Foi professor de História do Brasil, História da Civilização, Economia Política, História das Doutrinas Econômicas e Orfeão em diversos estabelecimentos de ensino da Capital Paulista. Colaborou em diferentes jornais de 1940 a 1945. A partir de 1944 foi comentarista musical da Rádio Cruzeiro do Sul; em 1948, no mesmo cargo, na Rádio Gazeta, onde chegou a Chefe de Reportagem. De 1958 a 1963 dirigiu, nesse jornal, a página de folclore, publicada aos sábados.

Integrou o Conselho de Ensino da Fundação Armando Álvares Penteado e a Consultoria Técnica do Serviço de Congressos, em geral, da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Fundou, com seus alunos do Conservatório, o Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade" e a revista "Folclore", órgão desse Centro e da Comissão Paulista de Folclore, do IBECC, para o que foi convidado pelo ministro Renato Almeida, presidente da Comissão Nacional de Folclore.

TRABALHOS PUBLICADOS SOBRE FOLCLORE

São essas, além de centenas de artigos publicados em jornais, revistas, folhetos, etc. as principais obras do emérito escritor folclorista brasileiro:

Nótulas sobre Pesquisas de Folclore Musical (1945), Ai, Eu Entrei na Roda — 50 rodas infantis (1947), Poemas e Adivinhas (1947), Mitos do Estado de São Paulo (1948), Conceituação do Lundu (1953).

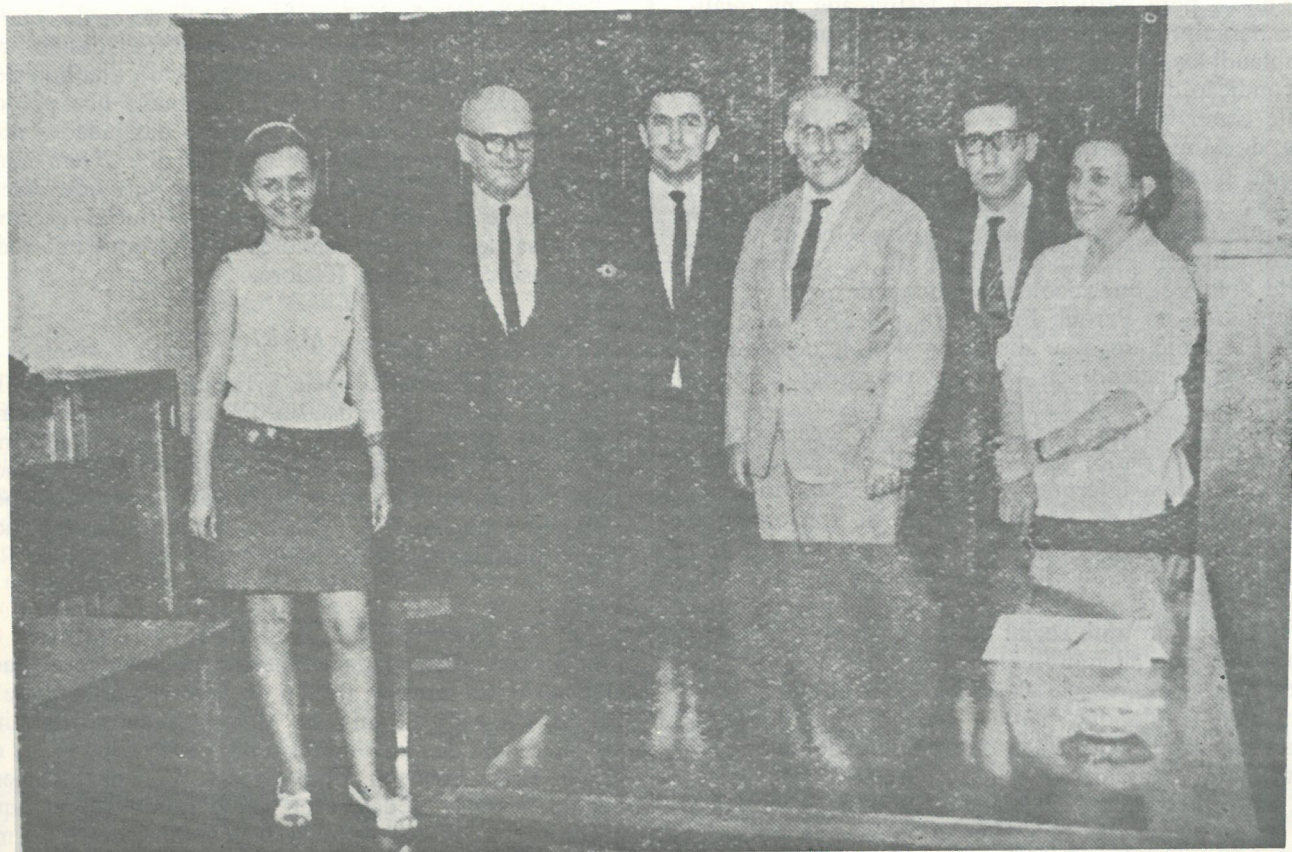
Abecê do Folclore: 1952, 1958, 1962, 1968, 1972; Folclore de São Paulo — melodia e ritmo (1954, 1962), Folguedos Populares de São Paulo (1954), Achegas do Estudo do Romanceiro do Brasil (1959), A Malhação do Judas em São Paulo (1959), O Folclore na Obra de Escritores Paulistas (1962), Folguedos Populares do Brasil (1963), Manifestações Folclóricas em São Paulo — "São Paulo, Terra e Povo" (1968), O Folclore no Litoral Norte de São Paulo — com equipe da Com. Paulista de Folclore, 1.º volume (1968), Romanceiro Folclórico do Brasil (1971), Folclore das Festas Cíclicas (1971) e Ciência Folclórica (1974).

PRÊMIOS DE FOLCLORE

Prêmios do Folclore: Monografia sobre Folclore Brasileiro, da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, em 1952, com o trabalho "Malhação de Judas em São Paulo", Prêmio Silvio Romero, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com o trabalho "Romanceiro Peninsular no Brasil"; Prêmio Governador do Estado de São Paulo, em 1960, com o trabalho — "Os Africanos na Cultura Popular".

DISCOS DE FOLCLORE

Orientou as gravações da cantora Prof.^a Ely Camargo: "Folclore do Brasil" e "Danças Folclóricas e Folguedos



Da esquerda para a direita: Laura, Rabaçal, Rossini, Sant'anna, Damante e M. Irene, secretária

Populares”, lançados pela Gravadora Chantecler de São Paulo, as quais apresentam temas de suas obras.

PRIMEIRA COMISSÃO ESTADUAL DE FOLCLORE

Para cumprir o disposto no artigo 2.º do Decreto n.º 48310, de 1967, de acordo com a Portaria 150 da Secretaria do Governo foi constituída e empossada a Primeira Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, pelos senhores professores Rossini Tavares de Lima, José Sant’anna, Laura Della Mônica, Hélio Damante e Alfredo João Rabaçal, com o fim de realizar festivais, cursos de folclore e conferências pelo interior paulista, disciplinando as comemorações do Mês do Folclore nas Escolas de 1.º e 2.º graus do Estado de São Paulo.

ESCOLA DE FOLCLORE

Em 1967 criou e instalou um Curso de Folclore de onde surgiu a Escola de Folclore, em 1971, com o objetivo de formar pesquisadores do folclore brasileiro, num curso regular de duração de um ano (dois semestres) com aulas práticas e treinamento em pesquisa de campo.

PARANINHO EM OLÍMPIA

No ano de 1968, o Prof. Rossini Tavares de Lima foi escolhido para paraninfar a entrega de licença aos concluintes da 4.ª série ginásial (antiga) do então Colégio e Escola Normal Estadual “Capitão Narciso Bertolino” (hoje E.E.P.S.G.). A cerimônia realizou-se na Cripta da Igreja Matriz de São João Batista de nossa cidade, à noite do dia 19 de dezembro de 1968.

Assim se expressou o preclaro paraninfo:

A atividade que vem desenvolvendo Olímpia, através de seus estudantes e professores, no exemplo do colega folclorista José Sant’anna, pela nossa matéria, nos aspectos de estudo e pesquisa, deve merecer o reconhecimento e as homenagens de todos os especialistas em assuntos brasileiros. Por isso aceitei, com vivo entusiasmo, o convite que vocês me formularam, caríssimos licenciados de 68, do Colégio e Escola Normal Estadual “Capitão Narciso Bertolino”, para participar desta festividade, na qualidade de paraninfo. Aqui me encontro para cumprimentá-los e aplaudí-los, meus caros afilhados, não apenas na minha condição de estudioso de folclore, mas também oficialmente como vice-presidente do Conselho Nacional de Folclore, do Ministério de Educação; secretário geral, com funções de presidente, da Comissão Paulista de Folclore do IBECC, órgão nacional da UNESCO; presidente da Comissão de Folclore e Artesanato, do Conselho de Cultura, do Governo do Estado; presidente da Associação Brasileira de Folclore, que mantém o Museu de Artes e Técnicas Populares, no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

Neste exórdio do meu discurso-palestra, dedicado a vocês, jovens licenciados de Olímpia, desejo antes recordar que folclore na minha orientação de estudo e pesquisa nada tem a ver com moças que cantam e tocam violão, duplas caipiras de rádio, grupos de amadores que cantam, dançam, desfilam a interpretar o folclore, podendo-se aí, quando muito, falar em aproveitamento de folclore, que sem dúvida é outra coisa, importante para muita gente, mas não para mim. O que eu valorizo é a pesquisa, o estudo, a análise do folclore na sua expressão de cultura espontânea, armazenada no trato social do dia a dia. Interessa-me e às entidades que eu represento saber como vivem, pensam, sentem, agem e reagem as coletividades rurais e urbanas em tudo aquilo que não é consequência direta da ação da propaganda organizada ou da atividade dos meios de difusão do pensamento erudito: escolas, academias, igrejas, imprensa, rádio, cinema, etc. E neste saber, que resulta inicialmente de uma simples coleta de dados e ulterior elaboração de relatórios sobre o material recolhido — sugestão que deixo aos estudantes de Olímpia —

havemos de verificar, coisas que poucos imaginam, que o estudo do folclore, se bem que demarcatório de uma expressão nacional, muito longe de açular o espírito regional, nos levará ao encontro de índios, negros africanos, europeus e outros povos de que somos tributários em nossa aculturação, e assim, curiosamente, atingir à compreensão de verdade axiomática: na essência, a humanidade é uma, apenas com diferenças no seu contexto: locais, regionais, nacionais. Estudando folclore, permanecemos na diversidade e sutileza de todos os matizes de nossa índole, de nosso gênio, dentro de limites geográficos, e ao mesmo tempo na ilimitada órbita humana. Folclore é campo aberto a todo o Brasil para atividade de teor científico, amplitude humanística e profunda emoção artística. É a pesquisa e a consequente compreensão do viver do povo e de nós mesmos, como partes dele, e necessita ajuda, reclama entusiasmo, busca vontade, requer amor porque Folclore, na sua alta expressão, já dizia Paul Sébillot, é a própria ciência do amor.

O folclore, meus caríssimos jovens licenciados, tem aspectos que se incluem no que chamamos de cultura material e outros que participam da cultura espiritual ou material, e estes aspectos na formulação de exemplos, vamos abordar, sinteticamente, com a finalidade de esclarecer sobre nossa maneira de ver seu campo de ação, na diversidade de expressões, e responder à indagação nem sempre devidamente esclarecida, do que se deve entender por folclore. Um folclorista paraninfo tem essa obrigação, especialmente ao falar a jovens, interessados sem dúvida no assunto, porque são filhos de uma das cidades do Brasil, que mais promove o folclore e sua pesquisa: Olímpia.

CULTURA MATERIAL ESPONTÂNEA

1 — MOBILIÁRIO FOLCLÓRICO

Um aluno indagou-me se deveria considerar o mobiliário, portais, rótulas e demais pertences, que vemos usualmente à venda em antiquários, como peças folclóricas. A propósito recordou que em livro de Folclore da Editora Melhoramentos há muitos desenhos dessas coisas, tudo fazendo crer que o autor as considera folclore. Nossa resposta foi categórica: não o são. Peças de estilo, que revelam indisfarçáveis características eruditas, mesmo antigas, não podem e não devem ser incluídas no domínio de nossa matéria. Mobiliário folclórico é aquele que predomina nas casas dos sertanejos ou da gente das cidades do interior e que é produzido por artesãos que vivem mais em função da cultura espontânea, jamais sofrendo direta influência de estilos. Portais, rótulas e outros objetos das moradias dos grandes senhores de outrora jamais devem ser classificados como folclore.

2 — MARIQUITA

Quando visitamos pela primeira vez o Museu Histórico de Franca, seu entusiasta diretor nos mostrou um belo exemplar da “mariquita”. Mariquita não é gente não, é a panela do tropeiro, presa por meio de um gancho a uma trempe, tudo de ferro. Registra-a Carvalho Ramos em “Tropas e Boiadas”. No gancho da mariquita, espetada sobre o brasido, refervia o bom adubo da feijoada.

3 — COCHO

Este é o nome do conhecido recipiente de madeira, que pode ser feito de tronco de árvore e no qual se coloca comida para os animais. Mas, é também denominação de uma viola de cinco cordas de tripa de mico ou de quati, usada ainda hoje em Mato Grosso. Von den Steinen, no século passado, a descreveu como sendo violino, que os próprios moradores daquela região fabricavam de madeira de salgueiro. O vocábulo registrado pelo etnólogo alemão era “koschó” e ele deve ter se enganado ao relacioná-

lo ao violino. Com a designação de cocho recolhemos dois exemplares em Cáceres, feitos de figueira brava. Parece haver sido utilizado outrora em São Paulo no acompanhamento do Cururu.

4 — VAQUEIRO DE MARAJÓ

Este vaqueiro é no geral o mestiço de branco e índio. Sua indumentária diária é sóbria; camisa e calça de pano claro, que lhe permitem liberdade de movimento e defesa contra o clima quente e úmido. O chapéu é feito de palha, de trançado muito unido, abas largas planas, tendo a copa achatada e forçada. O espaço entre o forro e a copa é cheio de folhas secas, como medida de defesa contra a ação dos raios solares e impermeabilizantes à água de chuva. No período das cheias, a montaria do vaqueiro é o boi, que constitui nota pitoresca nos costumes da ilha de Marajó.

5 — PINTURAS DE BAR

Eis um setor do folclore que precisaria ser investigado com mais atenção e profundidade. Compreende as pinturas, executadas por artistas espontâneos, nas paredes dos bares e das vendas, em azulejos e mesmo em afrescos. Os assuntos são paisagens, cidade de origem do dono do bar, descoberta do Brasil, retratos de personalidades históricas, etc. Em artigo divulgado pela revista "Habitat", Theon Spanudis faz referência a alguns lugares de São Paulo, onde se encontram exemplos dessa pintura, que merece registro pelas suas características: bar da rua Glória, 32, com o retrato de Castro Alves, peixaria da Domingos de Moraes, com barco de pescar peixe; parede externa do Cemitério do Araçá, com o chamado "Labirinto Pacaembu". Este último é um mapa das ruas do Pacaembu e Sumaré, com menção aos prédios, praças, Estádio Municipal, espectadores e jogadores de futebol, que foi executado pelo motorista B. Borges, auxiliado por J. Barbosa.

6 — VESTE DE COURO

A indumentária de couro do vaqueiro nordestino, falamamente chamada roupa de cangaceiro, relaciona-se a vestes muito semelhantes de pastores portugueses. A propósito, escreve Costa Pereira em "Artesanato e Arte Popular", que as peças denominadas Jaleco e no conjunto, o Gibão, aproximam-se do Pelico português, um casaco de pele de ovelha, em forma de samarra sem gola ou mangas, com a parte da frente ao nível da cintura e a de trás descendo ao meio da coxa ou até à altura do joelho. As Perneiras usadas pelo nosso vaqueiro também encontram equivalentes nos Safões ou Seifões, espécie de meias-calças de pele de ovelha, para a proteção das pernas.

7 — BALANGANDÃ

A palavra balangandã é onomatopaica e advém do som que produzem uns berloques ornamentais da mulher, quando batem um no outro. Definindo-os, escreve Beaurepaire Rohan no seu "Dicionário de Vocábulos Brasileiros" é a coleção de ornamentos de prata, que as crioulas trazem pendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bonfim. Acredita-se que o centro de maior produção tenha sido a cidade do Salvador, na Bahia, e que os balangandãs eram fabricados pelos negros ismalizados do Daomei e nações vizinhas, os Malês, que conheciam a fundição dos metais. Referidos berloques são também conhecidos pelos nomes de barangandã, berenguençã, balançã.

8 — JEROPIGA

Bebida alcoólica, feita de suco de fruta, álcool e açúcar. Também é designação de pseudovinho, cuja fermentação foi suspensa pela adição de 10 a 13 por cento de álcool. Costuma-se chamar de vinho à fermentação de

frutas frescas maduras, obedecidos aos mesmos preceitos da vinificação da uva. Assim se diz: vinho de laranja, vinho de caju, vinho de abacaxi. A jeropiga, porém, é diferente, pois nela o álcool é adicionado no início ou durante a fermentação que principia, a fim de paralisá-la, emudecê-la. A jeropiga é chamada também "mistela", cuja verdadeira significação é de comida ou bebida mal feita e de sabor desagradável.

9 — CHICO SANTEIRO

Assim era chamado o escultor folclórico Joaquim Manuel de Oliveira, natural de Santo Antônio do Salto da Onça, no sertão do Rio Grande do Norte. Desde criança fazia imagens, arte que aprendeu com o pai. Percorreu muitos sertões, montado em jumento, a carregar suas figuras e fazendo encarnação, isto é, pintura nova em santos velhos de oratórios e igrejas. Quando tinha 14 anos, encarnou imagem na igreja de Goianinha. Ficou tão perfeita, que o padre resolveu mandá-lo estudar no Rio. Continuou, porém, no sertão e depois foi residir em Natal, na praia da Areia Preta. Há poucos anos — faleceu em 66 — vivia dos santos que confeccionava e vendia, havendo exemplares de sua arte na residência de artistas e intelectuais do Brasil e até no Catete e no Vaticano. Gostava de esculpir o Lampião, Mulher Rendeira, Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Cristo.

10 — BANDOLA ITALIANA

Foi Marina de Andrade Marconi, representante francesa da Comissão Paulista de Folclore, quem primeiro registrou a bandola italiana como instrumento integrado no nosso folclore. Ela a encontrou nas mãos de um trabalhador da fazenda São Borja, na Franca. O instrumento fora construído por ele mesmo, de uma lata de querosene e um braço de bandolim, com quatro cordas. O curioso do registro, a provar a profunda assimilação do instrumento, é que a folclorista trocou-a por uma viola, mas passado algum tempo o executante voltou a construir outra, afirmando que não havia se acostumado com o novo instrumento. Ele se chama Olegário Antônio dos Passos, é natural da fazenda São Roque no município de Piuí, Minas Gerais. Afirma que a bandola está em uso no sul mineiro, onde aprendeu a tocá-la.

11 — FOLHA DE FLANDRES

A folha de flandres, que não é outra coisa senão o ferro laminado, tem larga aplicação industrial e também no artesanato folclórico. Serve para fazer canecas, recipientes de medida, lampiões ou lamparinas, pratos e até colheres. Pouca gente sabe, no entanto, que sua invenção deve-se a um judeu brasileiro de Minas Gerais, que acabou caindo nas garras da Inquisição. Deportado para Portugal, encontrou na cadeia de Lisboa um companheiro a quem transmitiu o invento. Este, ganhando liberdade, foi para Bruges, na região de Flandres, Bélgica, de onde espalhou a chamada folha de flandres para o mundo.

12 — RENDA DE BILRO

A renda de bilro, também chamada "de almofada", "do norte", "do Ceará", "da terra" tem seus principais focos no Nordeste: Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão. Quanto à difusão, aparece em seqüência a região Leste: Bahia e Estado do Rio, e depois, a sul, com sede em Santa Catarina, e a norte, no Pará. Outros pontos do país a conhecem, mas parece que a concentração se observa na área costeira, às margens dos rios da vertente oriental, nas regiões baixas em que vivem pobres pescadores. O antigo ditado português "Onde há rede, há renda" pode ser aplicado ao caso brasileiro da renda de bilro.

13 — CESTARIA

Este é um aspecto do nosso folclore que tem merecido pouca atenção dos estudiosos brasileiros. O mesmo, entretanto, não ocorre em outros países, tais como Portugal e França. Maurice Robert, no recente trabalho "Vanniers et Vannerie du Limosin et de la Marche", sugere como razão deste fato o caráter familiar da cestaria em tempos mais recuados. A seguir, refere-se à perfeição que a cestaria atingiu outrora, relacionando as maneiras de classificá-la: a função a que se destina, material empregado, técnica de fabricação, valor econômico.

14 — ESQUENTA MULHER

É nome genérico, regional de Maceió, de agrupamentos instrumentais, compostos, segundo investigamos e também no parecer de Theo Brandão, o maior pesquisador do folclore alagoano, de dois ou três pifes (flautas de taquara), dois zabumbas, uma caixa e um par de pratos de metal. Por vezes pode integrá-lo o ganzá, grande cilindro de lata com seixos dentro, o tamborim e o reco-reco, o que ocorre em Pernambuco, Paraíba, Ceará, em que o agrupamento aparece com a designação comum de Cabaçal. Outras denominações dessa bandinha folclórica nordestina: Zabumba, Terno ou Terno-de-Oreia, Banda de Pifes, em Alagoas; Banda-de-Música de Couro, Zabumba-de-Couro, no Ceará. Sua finalidade é alegrar as festividades religiosas, abrir o desfile das Cavalhadas, acompanhar o Coco e os folguedos populares: Quilombos e Baianas.

15 — REDE DE PESCA

Muitos julgam que a tarrafa usada pelos nossos caiçaras e piraquaras seja invenção deles. Não é verdade. A conhecida rede circular de arremessar, e que possui pesos na borda, para ir ao fundo, é usual no Mediterrâneo e na Europa e até no extremo-sul da Suécia. Com pesos de metal, é encontrada também na África e parece haver sido introduzida ali pelos colonizadores europeus. Ainda os pescadores do Índico e do Mar Vermelho assim como os do Japão a utilizam nos seus trabalhos. O termo tarrafa, afirmam os dicionaristas, advém do árabe "tarraha". É o fenômeno folclórico a provar que o homem é um só na sua essência.

CULTURA NÃO MATERIAL, IMATERIAL OU ESPIRITUAL

1 — USOS E COSTUMES

Nas pesquisas folclóricas como nas antropológicas é um erro avaliar as comunidades em função dos nossos próprios pontos de vista. A propósito conta a antropóloga Virginia Gutierrez de Pineda: Estudava os índios guajiros e assustou-se com o costume do homem dar dinheiro e uma vaca por uma esposa. Então, uma índia lhe perguntou: E você, quanto custou ao seu marido? A antropóloga respondeu, com superioridade: Nada, pois não somos vendidas. A índia retrucou, pesarosa: Ó, que coisa horrível! Seu marido não deu nem mesmo uma vaca por você? Você não deve valer nada! E daí por diante, as mulheres da tribo não tomaram mais conhecimento da existência da Sra. Virgínia, que teve dificuldades em levar avante sua investigação.

2 — LINGUAGEM

A língua italiana deixou pegadas no falar do Brasil, escreveu Joaquim Ribeiro no excelente livro "História da Romanização da América". Estrepar não é mais que o napolitano "streppare"; afanar só encontra explicação satisfatória no napolitano "effonare". Muito comum no sul do país é o emprego do sufixo "eria" ou "aria", puro ita-

lianismo, dando origem aos vocábulos cavalaria em vez de cavalaria; leiteria por leitaria, lavanderia por lavandaria. Segundo ainda o saudoso folclorista, filólogo e historiador, a expressão paulistano é também italianismo, formado com o sufixo "ano", que em italiano tem o significado de "propriedade ou apartença". Afinal, recorda a interjeição "uh che paura", traduzida ao pé da letra e incorporada à linguagem popular de São Paulo: "ó que paúra".

3 — RODA INFANTIL

Penedo Vai, Penedo Vem é uma das mais conhecidas e queridas rodas infantis do folclore do Estado do Espírito Santo. Na versão da ilha de Vitória, o texto altera o versinho "de quem quer bem" para "Penedo está na terra de quem quer bem", alusão à gigantesca pedra que existe à entrada da baía daquela cidade. Conta velha estória capixaba que em outros tempos, ali perto do Penedo, "quando as ondas estavam quietas e os ventos adormecidos", soava forte e melodioso um búzio encantado. E a música do estranho instrumento de sopro, que parecia sair do mar ou do rochedo, ecoava por todos os cantos do Estado, a recordar um toque de reunir ou de alerta.

4 — MITO

Em Montes Claros, Minas Gerais, Famaleal é descrito como sendo um capetinha, minúsculo, que se guarda dentro de uma garrafa. Conforme a crença, muita gente possui um Famaleal e por isso acaba enriquecendo, milagrosamente. Há inclusive uma fórmula para se obter o capetinha. Coloca-se embaixo do braço um ovo de franga preta, vinte e um dias antes de sexta-feira da Paixão. Passado o tempo, em lugar de um pintinho, nasce um molequinho preto, com pés de pato, que deve ser colocado numa garrafa e bem arrolhada. A seguir, o seu possuidor deverá pagar ao Diabo com seu sangue todas as sextas-feiras, os juros da preciosa relíquia. E tudo lhe correrá bem.

5 — CULTO A SÃO GONÇALO

Este santo é originário de Amarante, Portugal. Aí faleceu a 10 de janeiro de 1258, dia que lhe foi consagrado pelos portugueses. Segundo a tradição, era dançador e usava fazer os figurados sobre pregos, como penitência. Por isso, em Portugal e no Brasil, o principal elemento do culto do povo a São Gonçalo tem sido, através dos tempos, a dança. No princípio, dançava-se no interior das próprias igrejas e os cônegos da Sé, na cidade do Porto, não se furtavam de executá-la à frente do altar do milagroso santo. Quem primeiro a descreveu no Brasil foi o francês Le Barbinnais, que a assistiu em 1717. Daí para cá e com características de casamenteiro das velhas, na imagem mais comum de um santo com viola na mão e chapéu batido na testa, passou a ser cultuado por quase todo o Brasil, com cantos e danças. E na sua específica aparência de instrumentista, o consideramos padroeiro dos músicos do nosso país.

6 — LENDA

Os paranaenses têm no seu folclore a belíssima lenda da gralha azul, a quem devem, segundo tradição do povo, o reflorestamento dos pinheirais. Como se sabe, o principal alimento desse pássaro é o pinhão. E ele, providente como a formiga, costuma enterrá-lo em lugar úmido, a fim de conservar o fruto nos tempos de escassez. Dizem, porém, que Nosso Senhor faz a gralha esquecer o lugar onde enterra o pinhão, para que o Paraná jamais deixe de ser a terra dos pinheirais. Dessa maneira, a gralha azul concorre para a existência de uma das mais típicas paisagens do Brasil.

7 — TERAPÊUTICA POPULAR

Em Restinga, nas proximidades da Franca, foi recolhida por Marina de Andrade Marconi uma receita para dor de amor: Pega-se meio litro de água de paciência, 300 gramas de desespero, 3 goles de lágrimas, 1 colher de ingratidão, para dar gosto. Juntam-se 3 colheres de essência de beijos e mistura-se com açúcar de esperança. Põe-se na panelinha do coração, ferve-se no fogo do amor, mexe-se com a colher do esquecimento. Depois de pronto, põe-se na garrafa dos afagos e tampa-se com o véu da sinceridade. Dose: tomar 3 colheres por dia, 1 na hora da saudade; outra na da lembrança e a terceira na hora do perdão.

8 — ATRIBUTOS DOS SANTOS

No trabalho "Região, Crença e Atitude", publicado no Recife, Gonçalves Fernandes relaciona nomes de alguns santos, com os respectivos atributos, segundo investigação feita em determinada zona pernambucana. São Bartolomeu guarda a casa dos ladrões e elimina complicações no parto. São Cipriano ajuda a ganhar no jogo do bicho e a conquistar mulheres. São Francisco não deixa faltar comida em casa e afasta animais bravos. São Gabriel e Nossa Senhora da Guia fecham o corpo contra malefícios. Santa Sofia cura azia, gastrite, erisipela, sarna. Outros santos são mencionados na relação.

9 — GESTOS

"A História dos Gestos", do Prof. Pei, da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos, revela a existência de 700 mil gestos, espalhados pelo mundo, os quais constituem uma autêntica linguagem. Há por exemplo, várias maneiras de demonstrar satisfação: beliscando a face e piscando o olho, para o siciliano; beijando os dedos, para o francês; arregalando os olhos, para o colombiano. Para prevenir contra maus fados o italiano passa a mão em um pedaço de ferro e o brasileiro e outros latino-americanos mais comumente batem na madeira ou fazem figa. O colombiano, ao puxar a pálpebra inferior do olho, está exclamado: Maravilhoso! O brasileiro: Você é esperto, hein?!

10 — DITADO

Luís da Câmara Cascudo, comentando o ditado "Macaco velho não mete a mão em combuca", mostra que descende da história clássica de Epiteto e que já era conhecido dos árabes antigos. Lembra ainda o "Compêndio Narrativo do Peregrino da América", de Nuno Marques Pereira, que na parte inédita recentemente divulgada, tem uma descrição do Peregrino a visitar o Palácio da Saúde, guiado por Belomodo. Aí, vê um painel de intenção moral, apresentando "macacos com as mãos metidas dentro de buracos feitos em uns cabaços, os quais levavam arrastando pelos campos, e negras atrás deles com bordões e laços de cordas para os enlaçarem e matarem". E Belomodo, na palavra de Nuno Marques Pereira, explica o símbolo: "são avarentos e ambiciosos que, por não largarem a presa das riquezas dos bens do mundo, se deixam apanhar". Conclusão de Câmara Cascudo: o nosso ditado revela figuração erudita. Combuca nunca serviu para apanhar macacos no Brasil.

11 — EX-LIBRIS

João Ribeiro no seu livro "O Folclore" tem um capítulo sobre o "ex-libris" folclórico das escolas. E recorda uma fórmula muito usada na sua época, a qual apresentava-se em versos e tinha grande número de variantes.

Se este livro foi perdido
Por acaso for achado,
Para ser bem conhecido
Leva o meu nome assinado.

Quem este livro pegar
Não causa admiração,
Mas quem com ele ficar
Pega, pega que é ladrão.

12 — MORTE

Hernâni Donato, da Comissão Paulista de Folclore, divulgou alguns nomes populares de cemitério, que havia registrado no centro-sul de São Paulo. E assim os relacionou: Chácara do Padre Vigário, Cidade dos Pés Juntos, Lugar dos Espichados, Coqueiral Gordo, Pouso da Canela Esticada, Sítio da Irmandade Acomodada. No mesmo texto, recorda que o povo não costuma usar a palavra morte, preferindo designá-la com as expressões: finar, bater as botas, bater a canastra, cuspir a louca, atolar o couro, largar a casca, juntar os pés, esticar os cambitos, pitar maçaia, tomar descanso.

13 — ICAMIABAS

O folclorista José Coutinho de Oliveira, em sua obra "Folclore Amazonense" fez um registro do que chama "lenda das Icamiabas", as mulheres sem seios. Preferimos, porém, classificar o fato como mito, pois lenda no geral inclui um traço religioso. E o mito definimos como a ação personificada de versos ou coisas, de características maravilhosas, que ocorre nos céus ou na terra. As Icamiabas, também conhecidas por Amazonas, são mulheres guerreiras, que costumam amputar o seio, para poderem melhor usar o arco e flecha. Orellana as imaginou habitantes da região rio-mar do Brasil, mas o mito procede da Grécia. Foi referido por Homero, Heródoto, atravessou a Idade Média e chegou à Moderna.

14 — SUPERSTIÇÃO

No seu interessante trabalho "Um informe sobre alguns problemas do nordeste", Paulo Frederico Maciel fez um ligeiro comentário sobre uma superstição que tem seu lado de verdade. Trata-se daquela que aconselha o plantio na época das trovoadas, que segundo se afirma é a de maior proveito. E ele explica: as chuvas de trovoadas são carregadas de ozona, que incorpora ao solo o azoto, produto químico de larga importância na agricultura.

15 — PADRE NOSSO DOS CACHACEIROS

No ano passado, um nosso informante recolheu no Bar Iemanjá, no bairro do Capim-Guaçu, Município de Embu, este Padre Nosso: "Santa Cana que está na roça, aguardente sem mistura, vem a nós o vosso líquido, para ser bebido à nossa vontade, assim no boteco como em qualquer lugar. Nos dai hoje cinco litros por dia e perdoai as vezes que bebemos menos, assim como nós perdoamos o mal que ela nos vem fazendo. Não nos deixeis cair atordoados e livrai-nos da Rádio Patrulha, Amém".

16 — ANEDOTA

Diferente do que se pensa, não foi o famoso caricaturista Péricles quem inventou a expressão "Amigo da Onça". Ela há muito freqüenta o folclore brasileiro e foi anotada por Cristiano Fraga, do Estado do Espírito Santo, conhecido divulgador de "causos" de caçada. Eis um "causo" ou anedota mencionada pelo escritor, em que aparece a expressão, depois usada e personificada pelo saudoso Péricles:

Dois compadres conversavam. Disse o Manuel: Compadre, que é que você faria se te encontrasse com uma onça? Respondeu o Chico: Eu dava um tiro nela. E seguiu-se o diálogo. E se te falhasse a garrucha? Eu dava uma facada. — E se você não tivesse faca? Eu trepava numa árvore. E se a onça trepasse atrás? Afinal, compadre, você é meu amigo ou é amigo da onça?

O nome alecrim procede do árabe "al ikkil" e sua designação latina era "rosmarinus" (orvalho marinho), de onde se originam os nossos vocábulos rosmaninho ou rosmaninho. Atribui-se a esta planta virtudes ocultas e milagrosas e dela se utilizam os curandeiros e feiticeiros nas suas mezinhas e mandingas. Na emblemática, significa "coração feliz" e na linguagem das flores, "sou feliz quando te vejo". Há um velho ditado que anota: "Quem pelo alecrim passou e dele não colheu, ou nunca teve amores ou dele se esqueceu". Em vários países da Europa suas virtudes também são reconhecidas: os ingleses atribuem-lhe a qualidade de manter a memória desperta. No "Hamlet", de Shakespeare, Ofélia, na sua loucura, oferece um ramo de alecrim a Laerte, para que não a esqueça jamais.

Como fecho deste discurso-palestra, evocamos para vocês a poetisa Cecília Meireles, que também se dedicou à nossa matéria e foi membro da Comissão Nacional de Folclore. Dizia a extraordinária autora do "Romanceiro da Inconfidência", que nós brasileiros, na expressão erudita, estamos ainda como certos frutos amadurecidos à força, cuja casca não corresponde à verdadeira polpa. Precisamente, na minha opinião, porque não temos estudado, como devíamos, o nosso folclore, cultura espontânea da gente do campo e das cidades, o que na verdade é o que nos caracteriza e diferencia de outros povos, no contexto local, regional, nacional. Ainda é muito atual a velha crítica de Sílvio Romero: exibimos roupa alheia e não tratamos de talhar uma que nos vá a jeito e a caráter. E bem merecemos a censura do escritor e poeta Mário de Andrade no "Lundu do Escritor Difícil", de "A Costela do Grão-Cão":

Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cacanje!
Você sabe o francês "singé"
Mas não sabe o que é guariba?
— Pois é macaco, seu mano,
Que só sabe o que é da estranja.

E DESPEDIU-SE

Embora cientes de que a saúde de Rossini Tavares não andava boa, foi um choque para os folclorólogos sabê-lo internado no Hospital do Servidor. Quando, no dia 5 de agosto de 1987 foi, sem alardes, anunciado o seu falecimento, a dor de muitos foi grande, pois Rossini foi um desbravador no meio dos folcloristas paulistas, foi um batalhador perseverante, língua ferina às vezes, um escritor e pesquisador como poucos. O acervo dos seus escritos o comprova.

Exíguo espaço do jornal "A Folha de São Paulo", na coluna Banco de Dados foi que conseguimos para certeza do seu desaparecimento. Imediatamente a Prefeitura enviou, através do Prefeito Wilson Zangirolami seus pêsames pelo infausto acontecimento. Também o Prof. José Sant'anna, em nome da Comissão de Folclore do Conselho Municipal de Cultura, da Prefeitura Municipal lamentou, através de telegrama à família, a perda do ilustre folclorólogo brasileiro. Em nome do Departamento de Folclore, de Olímpia, Iseh Bueno de Camargo telegrafou à família, enviando pêsames pelo inesperado desaparecimento do grande mestre.

Chopin Tavares de Lima, Secretário da Educação do Estado de São Paulo, irmão do folclorólogo, agradeceu aos telegramas recebidos. Foi rezada missa de 7.º dia a 12/08/87, às 19:30 h, na Igreja São Dimas, em São Paulo.

A Câmara Municipal, através do Prof. Sant'anna, fez constar dos Anais da Edilidade um voto de profundo pesar pelo infausto acontecimento, sessão de 12/08/87.

Rossini Tavares de Lima, uma vida dedicada à pesquisa folclórica, à preservação dos valores do povo brasileiro, uma vida que se apagou nos 72 anos de idade, um nome a ser lembrado, perenemente, por estudiosos das nossas raízes, por qualquer brasileiro que ame o solo pátrio.

Sua Cartilha do Folclore — "Abecê do Folclore" será, por muitos anos, o livro-base para principiantes, a estrela-guia para folcloristas em geral, o roteiro para futuros escritores e pesquisadores do Folclore.

Adeus, mestre, que os seres mitológicos que tão bem conhecia o auxiliem na nova rota a ser seguida.

NOTICIÁRIO

ISEH BUENO DE CAMARGO

CEM ANOS DE LIBERDADE

Isabel, Princesa Isabel, Santa Isabel para muitos cultos religiosos de grupos folclóricos; brasileira, nascida no Rio de Janeiro, assinou, a 13 de maio de 1888 a Lei Áurea, lei que abolia definitiva e irrevogavelmente no Brasil, a escravidão negra.

Viajemos no tempo, corramos a essa noite que completou uma centena de anos. Caminhemos pelas senzalas, pelas taperas de velhos negros libertos pela Lei dos Sexagenários. Ouçamos o soluçar de alegria de muitos, o riso triste de outros que temiam a liberdade recém-conquistada. Sintamos a angústia de muitos que não sabiam sequer, o significado da libertação. Dancemos ao som de atabaques, agogôs, afoxés, à luz das fogueiras. Saudemos com os libertos os orixás e os santos católicos que inspiraram a princesa que os libertou.

Dia glorioso. Fato importante. Data memorável. Lavadas as nódoas da história econômica do país, serenados os ânimos dos fazendeiros que se viram obrigados a ad-

mitir assalariados, acalmados os clamores das turbas eufóricas ou assustadas. Viva a liberdade !

Liberdade! Nada de escravidão! Sonho, sonho dos homens de bem, sonho dos humanitaristas, dos que crêem na igualdade de todos os seres humanos. Utopia, sim, cem anos de utópicos anelos, de quiméricos desejos de igualdade, de frágeis teias de libertação efetiva.

Nós, brasileiros, que sabemos correr em nossas veias o sofrido sangue do escravo que erigiu a riqueza desta terra, sentimos, sabemos mesmo que foram cem anos de lutas, de derrotas, de anseios, de fracassos, de parcas vitórias.

Ah! Negras que amamentaram o branco que lhes castigou o corpo. Negros que amanharam o solo, enriquecendo-o com sangue e suor para a riqueza do branco. Negros e negras libertos, presos às promessas de uma igualdade sem fronteiras, ainda discriminados, escravizados, com milhões de descendentes de pele clara que portam o sangue do negro da senzala, presos aos ditames de uma sociedade segregacionista e senhoril.

A luta continua. Estamos juntos nela. Valeu a pena saber que a pena de ouro de uma Isabel branca sentiu pena do povo que erigiu a nação, que foi nosso berço. Salve, pois, o ano que comemora o Centenário da Abolição da Escravatura. Negro, você merece! Nós merecemos, brasileiros que somos.

Salve Santa Isabel, Princesa Isabel; Isabel, a Redentora!

VALIOSO CONVITE AO SANT'ANNA

O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — IBECC, Rio de Janeiro, com data de 19 de fevereiro do ano em curso, enviou, ao Prof. Sant'anna, convite para participar da Segunda Conferência Mundial de Pesquisas de Danças Populares a ser realizada na cidade de Larissa, Grécia, de 6 a 10 de julho. Trinta e cinco países participarão, com viagem, alojamento e alimentação fornecida pelo país anfitrião.

Um convite da máxima importância que, infelizmente, cai em época difícil, quando os preparativos para o 24.º Festival do Folclore estarão em plena efervescência, quando o Prof. Sant'anna e seus poucos auxiliares estarão totalmente envolvidos em trabalhos escritos, contratação de Grupos Folclóricos, término da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" e centenas de outros envolvimento. Assim sendo, além de perder a ocasião de conhecer a Grécia e trocar idéias com cientistas, coreógrafos, grupos de danças e especialistas em geral, além de sensibilizado pelo convite, o professor sugere, como substituto, o nome da ilustre mestra de danças brasileiras, Maria Amália Correa Giffoni, da USP, São Paulo. Só resta agradecer, de coração, ao senhor Dr. Paulo de Carvalho Neto, assessor do IBECC/UNESCO no Rio de Janeiro pela indicação do nome do Sant'anna. Desejamos que seja coroado de pleno sucesso o Congresso em questão, que seus frutos cheguem até nós, folcloristas e amigos dessa encantadora manifestação folclórica — a dança.

Ao Senhor Paulo de Carvalho Neto, pesarosamente, o Prof. Sant'anna apresentou, através de ofício datado de 14 de março de 1988, justificando seu não comparecimento. Eis, na íntegra, as palavras do convidado ao ilustre assessor do IBECC/UNESCO:

Olímpia, 14 de março de 1988

Ilustríssimo Senhor
Paulo de Carvalho Neto
DD. Assessor IBECC/UNESCO
Rio de Janeiro — RJ

Comunico o recebimento do ofício IBECC/78, de 19/02/88. Fiquei profundamente agradecido por ter sido levantada a hipótese de ser minha humilde pessoa a escolhida para representar o Brasil no Congresso Mundial de Intérpretes e Pesquisadores de Danças Populares. Envai-dece-me a indicação, mormente ser meu acalentado sonho conhecer a Grécia, berço das tradições que, atravessando os tempos e as fronteiras, chegaram até nós, nestes rincões longínquos.

O sonho é antigo, o desejo de aproveitar a oportunidade é atual, é imenso. No entanto, julho marca o período de mais acúmulo de trabalhos para quem, como eu, organiza e coordena um Festival de Folclore, o 24.º em 1988, festival que congrega Grupos de Danças de todas as partes do país.

Ninguém é insubstituível, sabemos. Porém, parca-mente auxiliado, cabem-me quase todas as atividades per-tinentes à organização, acolhida e desenrolar das festivi-

dades. Isto tolhe-me toda e qualquer possibilidade de deixar Olímpia no período reservado ao Congresso.

Ouso, se me permite, indicar o nome da ilustre mes-tra e grande pesquisadora de danças folclóricas, Prof.ª Maria Amália Correa Giffoni (Rua Sergipe, n.º 424, Apar-tamento 13, CEP 01243 — São Paulo), pessoa que con-tribuirá, mais do que ninguém, para maior brilhantismo do encontro planejado.

Mais uma vez menciono o pesar de ter que recusar tão extraordinário convite e, com todo meu vigor de fol-clorista, rogo ao Senhor que abençoe o Congresso e os congressistas.

Agradecido, aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Senhoria meus protestos de alta estima e conside-ração.

Respeitosamente,

a) José Sant'anna

Além da honraria do convite, além da satisfação dos olimpienses, especialmente dos folcloristas amigos do professor, a Câmara Municipal de Olímpia, sentindo-se grata ao IBECC/UNESCO, por meio do Requerimento n.º 134/88, o Vereador Wanderley Dario Forti, presiden-te da Câmara, cumprimentou o mestre, assim como segue:

REQUERIMENTO N.º 134/88

Senhor Presidente:

Considerando que o Professor José Sant'anna, ilus-tre vereador desta Casa, vem de ser convidado através do IBECC/UNESCO para representar o Brasil na Se-gunda Conferência Mundial Sobre Pesquisas de Danças Populares, a ser realizado na cidade de Larissa, na Gré-cia, em julho próximo vindouro;

REQUEREMOS, na forma regimental, que seja la-vrado em ata o voto de congratulações da Edilidade olimpiense, pelo honroso convite assim recebido, fato que reputamos sumamente dignificante para o professor José Sant'anna e honroso para Olímpia e especialmente para a Câmara de Vereadores.

Sala das Sessões "Professora Oscarlina de Toledo Bonilha", em 14 de março de 1988.

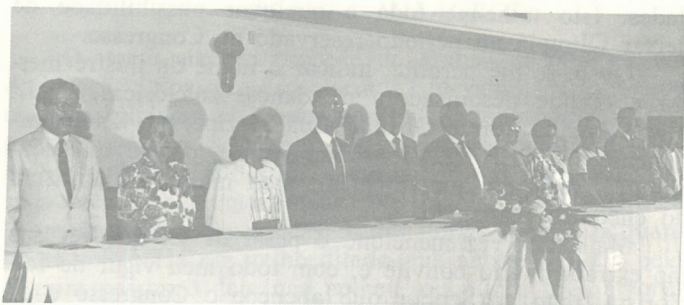
Wanderley Dario Forti
Vereador

Desta maneira, sumamente honrados, professores de música e dança, folcloristas, edilidade, olimpienses, gente da terra e amigos da região louvam, mais uma vez, a indi-cação feita e, como o Professor Sant'anna, pranteiam a sua não participação ao glorioso evento. Gratos, gratíssimos a todos. Que o Senhor nos conceda novas oportunidades, em época menos trabalhos. Olímpia agradece.

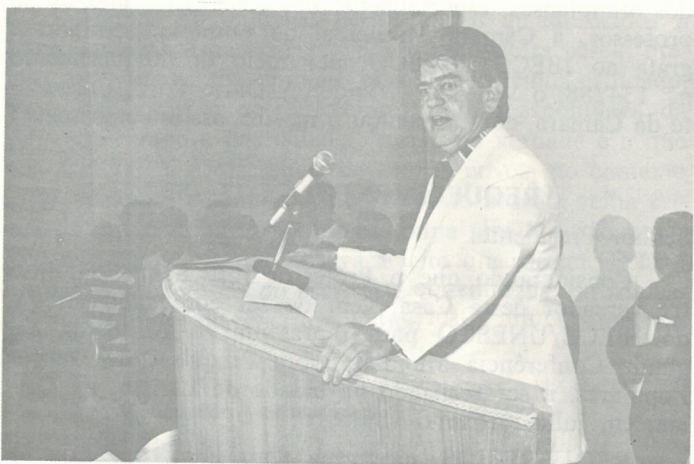
A UM NOVO OLIMPIENSE

O dia oito de abril do corrente ano marca a data do nascimento de mais um olimpiense ilustre. É que nesse dia, ou melhor, na noite de oito de abril, Uebe Rezeck, secretário do Interior do nosso Estado, recebeu o título de Cidadão Olimpiense.

Em sessão ordinária, na Câmara Municipal de Olím-pia, dia 27 de fevereiro de 1988, o Vereador José Sant'-anna apresentou projeto para que o Dr. Rezeck recebesse o referido título. Esclareceu, na oportunidade, que o ilus-tre paulistano o merecia, não apenas por sua carreira polí-tica de batalhador pelo progresso do interior, mas, princi-palmente, por sua inestimável ajuda na construção da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangi-rolami".

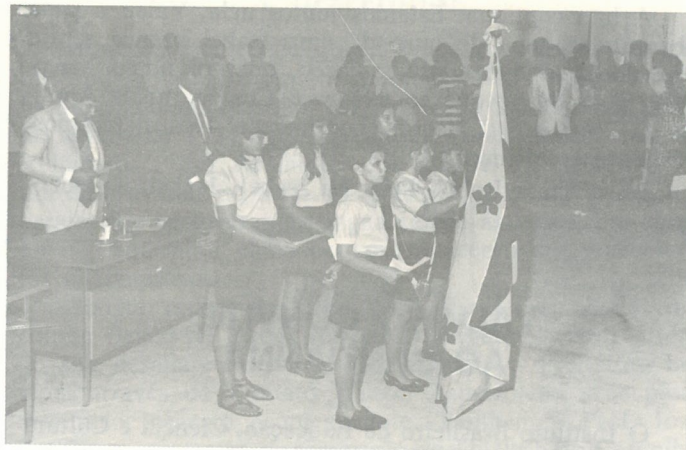


Por isso, a sessão solene, que ofereceu o título ao Senhor Secretário do Interior revestiu-se de esplendor inigualável. O Prof. José Sant'anna esmerou-se nos preparativos e organização geral das solenidades, apoiado pelas irmãs Iceh e Iseh Bueno de Camargo, com total apoio da direção da EEPG "Silva Melo", das igrejas evangélicas e, como não podia deixar de ser, do Prefeito Wilson.

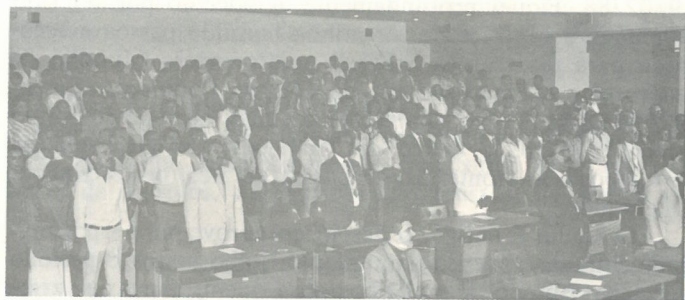


O próprio ambiente festivo da noite dizia que tudo sairia a contento. A sala da Câmara, engalanada, estava repleta. Gente de Olímpia, gente da região, prefeitos de perto e de longe, representantes do clero, coral de duas igrejas evangélicas, metodista e adventista, jograis da EEPG "Silva Melo", garbosamente trajados, portando bandeiras, brasão, jarras com água olimpiense, vaso com terra nossa, brindes, flores.

Foi tocante a cerimônia, foram rápidos, porém, comoventes os discursos; belos os hinos, emocionando a Mesa toda, arrancando aplausos do auditório, sempre em pé. Merecido foi o título, ninguém melhor que Uebe Rezeck para recebê-lo; ninguém melhor que o folclorista José Sant'ana para solicitar lhe fosse outorgado. Nosso folclore deve muito a esse novo olimpiense e, olimpiense que nasceu sob as bênçãos de um órgão divinamente executando músicas sacras, que nasce junto a jovens de possantes vozes quais as dos jograis da Escola Silva Melo, que tem



como padrinho um folclorista como José Sant'anna, será certamente um esteio perene dos nossos festivais.



Seja bem-vindo ao seio do povo olimpiense, Uebe Rezeck! Bem-vindos os seus familiares que participaram de tão solenes momentos. Bem-vindos sejam seus amigos, nossos amigos doravante.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Os membros que compõem a atual Comissão Nacional do Folclore, ligada à Comissão Nacional da UNESCO, órgão integrante do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — IBECC, Rio de Janeiro, Brasil são, sem qualquer dúvida, o que de melhor possuímos em termos de conhecimentos culturais do país e, de modo especial, do Folclore de Olímpia.

Ático Vilas-Boas da Mota, Bráulio do Nascimento, Amália Lucy Geisel, Maria Luiza Figueira de Mello, Cásia Frade e Paulo de Carvalho Neto, amigos de Olímpia, amigos do Prof. Sant'anna que os conhece bem e os admira, todos, conhecedores de um, de alguns, de todos os Festivais do Folclore olímpense, participando, quase sempre, sempre mesmo, dos movimentos literários dos referidos festivais.

Olímpia já os transformou em irmãos e amigos peregrinos, pelo muito que fizeram e que fazem pela divulgação do Folclore Brasileiro, especialmente do que observamos nos nossos festivais. O Folclore Brasileiro está de parabéns com essa Comissão. O Brasil só tem a ganhar quando uma plêiade de pessoas cultas e perseverantes como essa dirige um setor tão importante dos meios culturais pátrios — Comissão Nacional de Folclore.

Nossos votos de louvor à Comissão, junto aos nossos desejos de que perseverem sempre na luta que vêm empreendendo, que estejam conosco por muito tempo, que saibam o quanto são respeitados, admirados e queridos pelos folcloristas olímpenses.

Parabéns, nobre Comissão Nacional de Folclore.

BANDEIRAS DESFRALDADAS AO VENTO

Noite do início do 23.º Festival do Folclore, brisa ligeira renunciando as noites frias que viriam, ainda em agosto, perturbar a atuação dos Grupos de Danças do Norte e Nordeste do País. Noite cheia de estrelas. Muita gente na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", aguardando a abertura oficial do Festival.

Ali, na Esplanada das Bandeiras, ao lado da Administração Geral do recinto, junto às autoridades olímpenses — Prefeito Wilson, 1.ª dama Zuleica, Sant'anna, criador dos Festivais, membros da Câmara Municipal, militares, educadores, folcloristas, visitantes anônimos, gente da terra. Destacamos a presença amiga do Deputado Dr. Wagner Rossi, Secretário de Estado dos Esportes, bem como dos prefeitos de inúmeras cidades da região, técnicos de rádio e televisão, jornalistas, todos a postos para a solenidade do hasteamento dos pavilhões nacionais.



Um momento de grande emoção e beleza, inesquecível marco da abertura do 23.º FEFOL, na noite de 16 de agosto de 1987 (domingo), 20 horas. Voz possante, aparelhagem de som sem defeito, o jovem encarregado das apresentações em geral, apresentou o que se segue:

Serão solenemente hasteadas as Bandeiras do Brasil, dos Estados da União e do Município de Olímpia — a

Capital do Folclore — na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", ainda em local não definitivo, o que não nos impede de antevermos, para o próximo ano, a riqueza da sua permanente Esplanada das Bandeiras. As frases que serão lidas, a cada hasteamento, são da Professora Iseh Bueno de Camargo, da Comissão do Folclore. Eis, pois, em 1987, 23.º FESTIVAL DO FOLCLORE, este solene momento das festividades, o hasteamento das Bandeiras.



Ouviremos, cantado por todos nós, o Hino Nacional Brasileiro, acompanhando a gravação oficial da música. Letra de Joaquim Osório Duque Estrada e música de Francisco Manuel da Silva.

Com orgulho, o hasteamento da Bandeira Brasileira, no 23.º Festival do Folclore de Olímpia, é saudado pelos presentes que rogam pela paz e progresso do país. Salve, Bandeira do Brasil! Tem a honra de ser hasteada pelo senhor Deputado Wagner Rossi, digníssimo Secretário dos Esportes e Turismo do Governo de São Paulo.

Imenso orgulho nos invade, ao vermos, desfraldada ao vento, a amada Bandeira do Estado de São Paulo, símbolo do pioneirismo brasileiro, retrato perene dos desbravadores imortais. Honrosamente hasteada por Wilson Zangirolami, Prefeito Municipal de Olímpia.

Neste momento sublime cantaremos o Hino do Município de Olímpia, de autoria do Prof. José Sant'anna e Prof. Jônatas Manzolli, acompanhando a gravação oficial deste símbolo auditivo.

Olímpia, terra fecunda,
Tu és formosa e perspicaz,
Plantada em solo paulista
Num elo de amizade e paz;
Deus guie o teu destino,
Fiel, constante, sempre audaz,
Concedendo ao teu povo
Governo bom e capaz.

Teu solo fértil, favor divinal,
Povo de brio senhoril,
Agricultura exemplar, sem rival,
Vida também pastoril;
Fundada por mão de amor sem igual,
Para honrar o Brasil,
Sempre erguendo-te assim tão leal,
És nossa mãe mui gentil.

Menina-moça, cidade ideal,
Despontas bela entre mil,
Tens no Folclore o teu festival
Cenário primaveril;
O teu passado de valor real
Exempla o mundo infantil,
No teu labor o progresso é total,
Arma do amor sem fuzil.

Bandeira de Olímpia, símbolo de um povo que luta por tudo que é brasileiro, que preserva valores desmedidos, que honra nossa nação. Será, com orgulho, hasteada pelo Prof. Wanderley Dario Forti, Presidente da Câmara Municipal de Olímpia.

- 1 — Bandeira jovem do Acre, tua cintilante estrela nos fala da grandeza de um pequeno rincão gigante, orgulho do Norte do país, orgulho do Brasil. E é com muito amor que será hasteada por Alessandra Vieira Campopiano.
- 2 — Linda Alagoas, Alagoas dos Marechais, das viridentes praias, dos bravos e preclaros nordestinos, cuja Bandeira, retrato fiel de pujança e denodo, será, orgulhosamente hasteada por Cláudia Regina Rodrigues da Silva.
- 3 — Imenso celeiro verde do mundo, tu, Amazonas, ostentas em tua amada Bandeira as estrelas fulgurantes do futuro da nação. Será honrosamente hasteada por Guacira de Paula.
- 4 — Bahia Azul, branca, vermelha. Bahia de todas as cores, cadinho de raças magníficas que te fazem invejada e tão amada. Bahia de todos os Santos. Bandeira que será, com carinho, hasteada por Sara Regina Vicente.
- 5 — Ó Ceará, dos contrastes infindos: Ceará que vive dentro de cada coração olimpense. Eis tua bandeira que amamos e réverenciamos como nossa. Honrosamente hasteada por Ilcimari Aparecida Lopes.
- 6 — No seio do Brasil plantado, admirado internacionalmente, a Bandeira do Distrito Federal retrata a jóia arquitetônica que é Brasília, nosso tesouro imperecível. Com muita honra, hasteada por Sérgio Alexandre Di Marco.
- 7 — Espírito Santo, rincão amado do Brasil, recanto gigantesco em sua modesta área. Área que vê, retratada em Bandeira, o poder imenso da fé na terra e no trabalho. Honrosamente será hasteada por Adriana Dias dos Santos.
- 8 — Ricas terras de Goiás. Goiás das terras auríferas, do gado, dos arrozais. Tua Bandeira tão bela, ostenta o valor da tua gente, o poderio do Estado que deu Brasília. É com orgulho que será hasteada por Marcelo Aparecido Mantovanelli.
- 9 — Maranhão, distante chão brasileiro, retrato varonil de um povo batalhador e empreendedor. Terra do nosso presidente José Sarney. Tua Bandeira é com orgulho hasteada por Marco Aurélio da Silva.
- 10 — Mato Grosso, grande terra, grande rincão do país. Tua Bandeira retrata o poder, a força e a pujança de gente que sabe lutar e vencer. Com muita honra será hasteada por Maria Aparecida Pecini.
- 11 — De Mato Grosso do Sul, uma Bandeira que encerra uma luta varonil. Tremeluzindo ao vento, és o retrato dos fortes que te cultuam. Com honra e orgulho será hasteada por Célido Mantovanelli Jr.
- 12 — Minas Gerais, terra fértil, de muita gente que está aqui. Tua gloriosa Bandeira recorda, no Festival, as lutas do teu povo imortal. Com muito orgulho, será hasteada por Célio José Franzin.
- 13 — Pará distante, uma só estrela em tua Bandeira é o bastante para contar ao mundo que és fabuloso e historicamente rico. És a última reserva vegetal e mineral do homem dos nossos dias. Será, com amor, hasteada por José Aparecido Alves Marinho.
- 14 — Bandeira da Paraíba que “negando” nos dá o “sim” de um povo trabalhador, naturalmente sábio, uma verdadeira avalanche de heróis e mitos nacionais. Com honra e orgulho será hasteada por Ivair Augusto Ribeiro.

- 15 — Paraná, Bandeira que retrata a luta pela posse da terra. Bandeira que fala da cordialidade nata do brasileiro, no seu jeito singelo de conviver com todos os povos que a esse Estado acorrem. Hasteada por Adriana Piton.
- 16 — Pernambuco de Olinda, do Recife, de céus azuis, de verdes mares, tens, na tua Bandeira, a alma do teu povo retratada, povo que engrandece a Pátria e luta pela eterna paz mundial. Será hasteada, com muita honra, por Rosilene Ap. da Cruz Barbalho.
- 17 — Bandeira do vigoroso Piauí, dos homens que marcaram e marcam as páginas da história da pátria por sua honradez e bravura. Bandeira que, com carinho, será hasteada por Simone Regina Lourenço.
- 18 — Trazes, cidade maravilhosa, Rio de Janeiro, que o mundo admira, na tua Bandeira, gravadas as riquezas que te fazem imortal, que marcam as horas da tua histórica caminhada para a posteridade. Com muito orgulho, será hasteada por Débora Aparecida Vicente.
- 19 — Despontando no horizonte brasileiro, tua enorme estrela emerge da pirâmide do anonimato para os céus do futuro. Bandeira feliz de Rondônia, Estado de riquezas ímpares, esperanças do país. Com orgulho, será hasteada por Rogério de Oliveira.
- 20 — Rio Grande do Norte, orgulho do país inteiro, tua Bandeira aqui surge, como o penhor do imenso amor que Olímpia a ti dedica. E é com prazer que será hasteada por Anali de Oliveira.
- 21 — Rio Grande do Sul, das vaquejadas famosas, dos gaúchos indomáveis, das prendas e dos baluartes intrépidos das fronteiras nacionais. Bandeira que será honrosamente hasteada por Suzana Maria Paladini.
- 22 — Santa Catarina, espelho mágico de um povo trabalhador, Estado que, congregando povos e raças, faz-se grande a cada instante que passa. Bandeira hasteada por Luís Carlos Costa.
- 23 — Sergipe das cinco estrelas tens, na Bandeira de que te orgulhas, o retrato das lutas que enfrentas com galhardia, o retrato do teu povo que é sábio e justo, dignos filhos da Pátria Verde-Amarela. Tua bandeira será, com muita honra, hasteada por Francisco Aparecido Queirós.

A coordenação e organização dos trabalhos referentes ao hasteamento das Bandeiras no recinto deste 23.º Festival do Folclore, ano de 1987, estiveram a cargo de José Sant'anna, Iseh Bueno de Camargo, Débora Aparecida Vicente e Aguiar Alves de Melo.

Aqui ficam expressos os agradecimentos a todos que participaram e presenciaram esta solenidade.

“Promover o folclore é tarefa de todos que queiram garantir a Independência de seu povo”.

E, neste espírito, para finalizar este ato, entoaremos o Hino da Independência, letra de Evaristo Ferreira da Veiga e música de Dom Pedro I.

TRADICIONAL MISSA DOS VIOLEIROS

Na abertura do 23.º Festival do Folclore, após as solenidades de hasteamento das Bandeiras Nacionais e entrega das chaves da cidade ao Curupira realizou-se, mais uma vez, a esperada missa dos violeiros. Revestiu-se nesse 1987 de uma pompa extraordinária, congregando nas arquibancadas que cercam o palanque, enorme público.

A Missa, rezada pelo Frei Francisco Aparecido Rodrigues, da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, contou

com a presença maciça dos violeiros de Olímpia, violeiros que tocam e cantam nas cerimônias da Igreja de São João Batista.

Missa inteiramente cantada, preparada com esmero pelo Frei Francisco e paroquianos olimpienses, cativou a todos que acompanharam esse ritual católico, imbuído das mais lídimas tradições sertanejas do nosso povo. Pudemos acompanhar o cantar vibrante do coral de São João Batista na apresentação de músicas "caipiras", samba rural, rasqueado, maxixe, cateretê, ritmos diversos que a viola e o violão engrandeceram.

Momento de grande emoção quando, com sua bela voz o frei, braços abertos em cruz, suntuosos trajes eclesiásticos para missas solenes, cantou, com os violeiros e coral as músicas finais da missa. Palavras relativas ao entrelaçamento da religião católica ao folclore foram pronunciadas por jovem acompanhante do rito católico, palavras que eletrizaram os ouvintes, que falavam alto e claro da crença do homem simples e da perpetuação dos valores religiosos pelo mesmo.

Não ficaram imunes ao encantamento dessa solenidade as autoridades presentes, Deputado Wagner Rossi, Prefeitos de muitas cidades vizinhas, folcloristas, folclorólogos, visitantes, moradores da cidade. A comoção foi grande, foi geral.

A intensa iluminação atraiu os curiangos (aves noturnas) que completaram o cenário, num autêntico balé aéreo, rítmico e festivo.

Como parte final dessa emocionante cerimônia religiosa, nos seguintes termos, rogaram-se "Graças ao Senhor", assim: "Tantas têm sido as graças com que o Senhor vem nos cumulando ao longo desses vinte e três anos dos festivais do folclore, tantas têm sido as bênçãos que jorram sobre nós, olimpienses, que nossas preces serão sempre frágeis e pobres ao dizermos: obrigado, Jesus, obrigado bom Deus, nosso Pai. Agora, neste 23.º Festival teremos, logo após a cerimônia do hasteamento das bandeiras, no palanque oficial, a já consagrada Missa dos Violeiros, todos da União dos Violeiros da Paróquia de São João Batista, missa que será celebrada por Frei Francisco Rodrigues, da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Será um momento de grande emoção quando, folclore e religião se entrelaçam num raro momento de congraçamento espiritual, social e profano, logo na abertura do festival, clamando pelas bênçãos sempre pródigas do Senhor. Que nenhum olimpiense fique alheio a esse acontecimento, são os pedidos que a todos fazemos."

A seguir, o Prefeito passará a chave do Município ao Curupira. Para este ato, são convidados ao palanque o Prefeito, Wilson Zangirolami, o Secretário de Estado, Deputado Wagner Rossi, todos os prefeitos presentes e demais autoridades. Convidados também os membros da Comissão de Folclore e os visitantes nascidos em Olímpia: Paulo Goulart e Nicete Bruno.

Maravilhosa Missa campal, divina Missa dos Violeiros. Parabéns aos organizadores. Firmes, continuem para sempre.

O CURUPIRA NO 23.º FEFOL

Como acontece há vários anos, após Decretos do ex-Prefeito Álvaro Cassiano Ayusso, o Curupira governa Olímpia durante os Festivais do Folclore. Deixa de ser um mito, para vestir roupagem humana, dá ordens, exige, impõe-se. A entrega das chaves, cerimonial caprichado, contou com a presença do senhor Prefeito, Wilson Zangirolami, de autoridades convidadas ao palanque e, é claro, do Curupira. Este, tão bem caracterizado, tão lesto em suas falas, quase enganou a muitos, parecendo possuir pés voltados para trás como o mitológico Curupira que interpretou em 1987.

Momento de rara beleza aconteceu logo após a entrega das chaves da cidade e outorga dos poderes pelo Prefeito ao novo mandante, momento de muito encantamento quando, ao som de atabaques, tambores, instrumentos vários de percussão, com trajes de cor laranja, colados ao corpo esguio, jovens do Grupo de Danças Parafolclóricas "SESI", de Fortaleza-CE, entraram dançando, num rito místico, um rito mágico. Era como que uma autêntica saudação de povos pré-históricos às suas divindades totêmicas. O Curupira, interpretado pelo jovem Rodrigo Leardine, da E.E.P.G. "Prof.ª Dalva Vieira Ítavo", como autêntico rei, sendo coroado e homenageado, manteve-se firme e belo como um governante de pulso. Deu seu recado.



Com semblante triste por "perder o cargo", temporariamente embora e, ao mesmo tempo, feliz por ver-se "liberto" de encargos administrativos, o Prefeito, através de eloqüentes palavras, entregou tudo ao Curupira, solicitando-lhe um governo justo e honesto, augurando-lhe alegre gestão.

Para justificar a presença marcante desse ente mitológico nos Festivais do Folclore, é preciso que se explique ao público o porquê do "Curupira dirigindo a cidade". Eis, na íntegra, as explicações na abertura do 23.º FEFOL:

"Por que uma entidade fantástica, mitológica, o Curupira, recebe, das mãos do Prefeito de Olímpia, Wilson Zangirolami, as chaves da cidade? Por que foi o Curupira, esse estranho personagem que o folclore preserva entre seus mitos, escolhido como Patrono dos Festivais olimpienses? É simples. Seja qual for a imagem que dele se faça, Curupira é sempre pequeno, tem os pés voltados para trás, impede que caçadores matem pelo prazer de matar, cuida da floresta, avisando as árvores que o temporal se aproxima. Destrói os que acabam com a fauna e com a flora, é o ente que protege o homem e possibilita a sua sobrevivência na Terra. Por isso, por uma semana, Olímpia fica sob o governo de um mito — o Curupira, enquanto o Prefeito "trabalha pelo Festival e se diverte". O Decreto n.º 1286, de 1.º de agosto de 1979 outorga-lhe o título de protetor dos Festivais olimpienses. E Wilson passa-lhe as chaves, símbolo do seu poder político. O Curupira sabe o que lhe compete fazer. E o faz bem feito".

Após as explicações, o Prefeito Wilson, olhos postos no Curupira, ambos emocionados, pediu-lhe que cuidasse bem da cidade, do povo olimpiense, dos visitantes, dos grupos folclóricos. O Curupira, voz vibrante, declara:

— Senhor Wilson, perante essa multidão, juro cumprir com amor meu mandato. Olímpia estará protegida.

O Prefeito, como quem teme ser enganado, não entrega de pronto a chave. E o Curupira acrescenta:

— Sem medo, senhor. Eu, Curupira, protetor da fauna e da flora, não deixarei que nada de mau nos aconteça. Dá-me as chaves da cidade de Olímpia, durante o 23.º Festival do Folclore, e ela terá todas as proteções de que necessita.

Aí, sim, o Prefeito entrega-lhe a chave. O Curupira conclui:

— A partir deste momento, como prefeito desta cidade, delibero o seguinte: muita alegria, muita diversão, danças, folguedos, folclore para grandes e miúdos. Eu, Curupira, assim o determino.

Eclodiram as “danças tribais”, soaram os rudes instrumentos de percussão saudando o Curupira, iniciou-se o seu governo, sob as bênçãos do Senhor.

Parabéns, Prefeito Wilson, pelo feliz desempenho; parabéns, Curupira 1987! Volte, Curupira, no 24.º FEFOL, estamos à sua espera, cumpriu seu desiderato.

MARCO ANTÔNIO ANTUNES

Durante o mês de abril esteve entre nós o dinâmico Prof. Marco Antônio Antunes, Assessor de Cultura da Secretaria para Assuntos do Governo do Estado de São Paulo, em Brasília, assessoria implantada pelo Dr. Jair José Cisoto, Subsecretário.



Além da simpatia pessoal que irradia, demonstrou total interesse pelos trabalhos que Olímpia desenvolve em torno do folclore, acompanhando José Sant’anna, em muitos eventos relacionados à Quaresma, observando, filmando, anotando. Sua função principal — visitar as Prefeituras paulistas tentando, a partir da realidade encontrada, estabelecer, para o setor cultural, projetos comunitários dinamizadores. Trabalhou arduamente em Olímpia, congregando a comunidade e orientando-a em vários setores culturais.

Propôs, como função específica, divulgar o Folclore Olímpense o que, junto ao Professor José Sant’anna, já começou a fazer. Pretende solidificar a idéia da implantação da Folclorolândia em Olímpia, idéia arrojada, mas gratíssima para folcloristas em geral. Outra meta, projetar o Museu da Ferrovia São Paulo-Goiás, dentro do plano geral do seu trabalho.

Muito importante, também, a reforma da Casa da Cultura “Álvaro Marreta Cassiano Ayusso” e do Museu de História e Folclore “Dona Maria Olímpia”, obras necessárias e importantes.

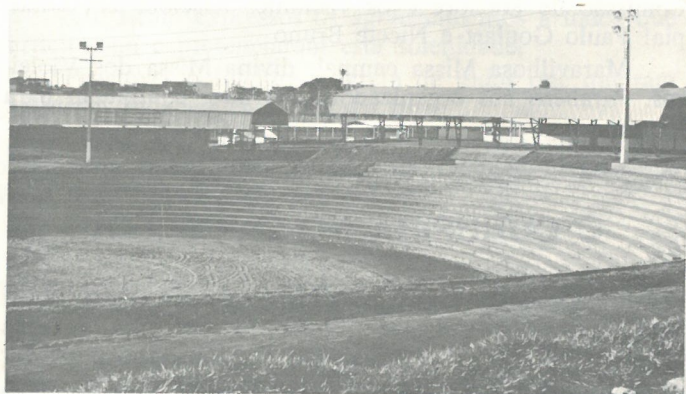
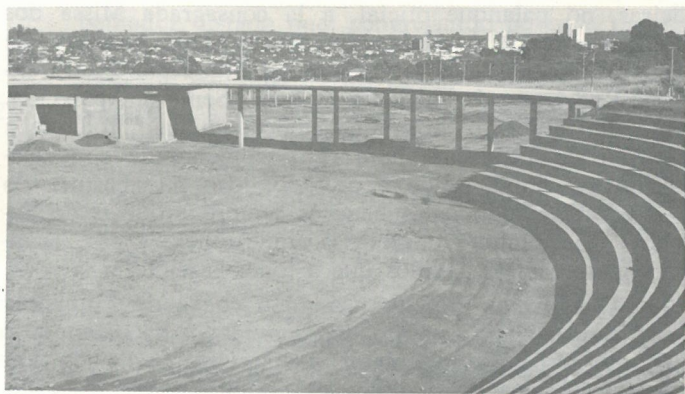
Foi profícuo o trabalho aqui realizado por Marco Antônio Antunes, no período de 21 de março a 4 de abril de 1988. Fez amigos, deixou saudades.

Por todos os benefícios que pode trazer ao olimpiense, por todo o trabalho desenvolvido, o Professor José Sant’anna, como criador e coordenador dos festivais do folclore apresentou, na Câmara Municipal, requerimento de louvor ao Assessor de Cultura, Prof. Marco Antônio.

Nós lhe somos gratos, Marco Antônio Antunes, que sua perseverança e dedicação produzam frutos, não só em Olímpia, mas em todos os municípios paulistas, para engrandecimento do país.

A PEQUENA NOTÁVEL

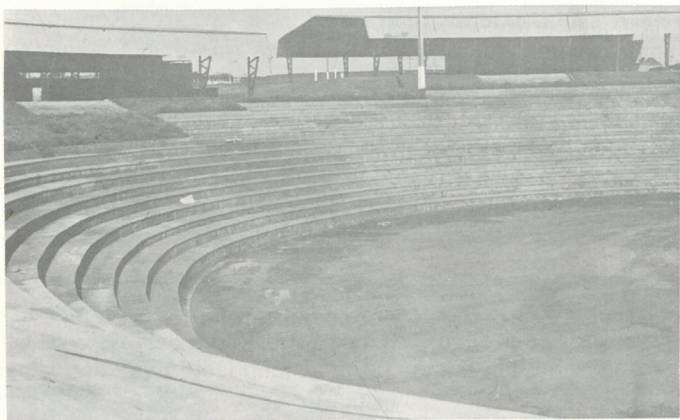
A cada dia que passa, mais nos encantamos com o crescimento da Praça das Atividades Folclóricas “Prefeito Wilson Zangirolami”. O que foi o sonho de José Sant’anna é, sem dúvida alguma, uma realidade nos dias atuais. Olhar a Praça é ver sempre uma novidade. Um novo pavilhão. Plantas. Avenidas. Folcloródromo em construção. Pouco a pouco, segundo as possibilidades econômicas do Município, consolida-se o que é o maior monumento erigido às atividades folclóricas do país.



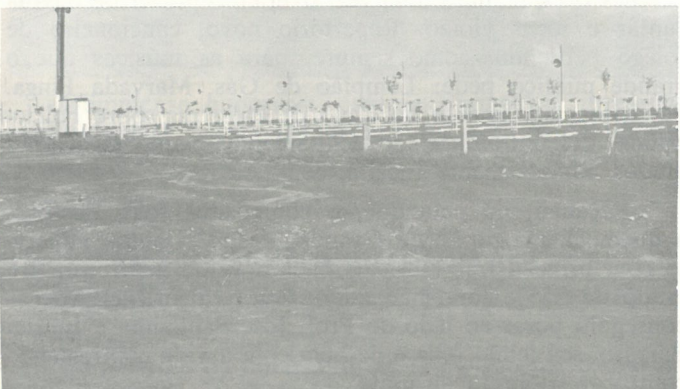
E nisso tudo, encontramos as pinceladas da jovem arquiteta, Nilma Mieko Yamato, formada pela Universidade Federal de Brasília. Muito jovem, ainda, porém, perspicaz e eficiente naquilo que projeta, exigente por vezes, quer a perfeição e não aceita corrigendas. Durante a formação acadêmica, Nilma estagiou em firma especia-

lizada em projetos de acústica e, após o término do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, desenvolveu projetos de Igrejas (auditório), residências e reforma de edifícios. Trabalhou no Departamento de Obras Públicas, em São Paulo, em reformas e projetos. Presta serviços no programa "Somando Verde", do Departamento de Águas e Energia Elétrica, da Secretaria de Obras, programa que atende as Prefeituras do Interior do Estado, com parques, praças, centros de lazer e paisagismo.

A partir de maio de 1986, entrou firme no projeto da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", uma das metas prioritárias da administração atual da cidade de Olímpia. Portanto, cumprindo, passo a passo o que projetou, a arquiteta chegará, em breve, ao que pretende: "Sentir a maneira como as pessoas utilizam o espaço projetado", isto é, observar o retorno daquilo que planejou, que fiscalizou, que viu nascer, crescer e ser adequadamente usado.



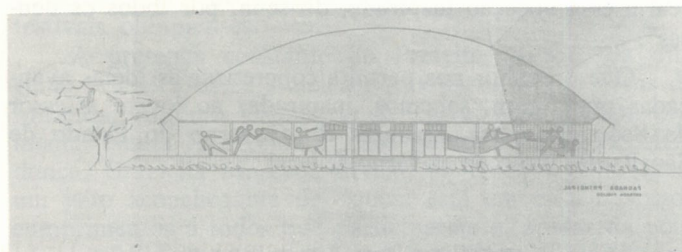
Temos que mencionar, também, o trabalho do Dr. Gustaaf Winters, coordenador do Programa "Somando Verde", da Secretaria de Obras do Governo do Estado de São Paulo. Graças ao Dr. Winters, já está pronto o paisagismo do Estacionamento da Praça das Atividades Folclóricas, perfeição e beleza reunidas, proporcionando, no futuro, sombra aos carros que lá permanecerão.



Esses dois nomes do "Somando Verde" — Nilma Mieko Yamato e Dr. Gustaaf Winters já fazem parte da história de Olímpia, da história dos festivais do folclore desta cidade. São parte e amigos que serão sempre bem-vindos, sempre lembrados.

CENTRO DE DIFUSÃO DA CULTURA FOLCLÓRICA

Mais um sonho dos folcloristas olimpienses começa a tomar corpo: a construção de amplo recinto, coberto, fechado, diretamente destinado a apresentações folclóricas — danças, músicas, exposições artesanais, simpósios, cursos, debates, encontros de estudiosos e pesquisadores, seminários. Durante os Festivais do Folclore, o Centro acolherá as apresentações dos grupos folclóricos, livrando seus integrantes da chuva, do sol inclemente ou do frio, que tantos transtornos causa aos dançarinos do Norte e Nordeste do país, pouco afeitos ao mesmo.



A Secretaria de Esportes e Turismo, através do Deputado Wagner Rossi, amigo da cidade e da região, é responsável pela parte financeira dessa obra que, rogamos ao Senhor, nos seja entregue ainda em agosto deste ano.

Mais um marco importante para a preservação do nosso folclore, mais um trabalho que envolve a administração do Prefeito Wilson Zangirolami e o ideal do Prof. José Sant'anna. Parabéns, Olímpia.

FESTIVAL OLÍMPICO DO FOLCLORE UNIVERSAL

Com seu título, Marco Antônio Antunes, Assessor de Cultura da Secretaria para Assuntos do Governo do Estado de São Paulo, junto ao Governo Federal, trouxe-nos idéia original e de porte gigantesco.

Propôs que Olímpia trazendo, como é sabido, o título de Capital do Folclore, seria a cidade indicada para congregar, em data distanciada dos festivais do folclore, a partir do próximo ano, encontro internacional de folclore.

Propõe que, em trabalho conjunto com a UNESCO e Embaixadas diversas, se encontrem folcloristas internacionais e que tragam, de suas pátrias, o Folclore, através das manifestações mais comuns: folguedos, danças, música, culinária, trajes típicos, obras impressas, artesanato...

Entusiasmado, o Prof. José Sant'anna já adotou o mês de novembro de 1989 para que tal acontecimento, de proporções internacionais, se realize. É claro que o projeto nos agrada, e muito, pois teríamos oportunidade de ver o mundo desfilar em Olímpia, acrescentando ao que possuímos, algo imensurável, qual seja o conhecimento vivo do folclore internacional. Vamos lutar para que isso se concretize.

FOLCLOROLÂNDIA

Extraordinária idéia trazida por Marco Antônio Antunes. A construção de um Parque Turístico-Cultural em

Olímpia, nos moldes da Disneylândia e outros congêneres, composto de núcleos representativos do Folclore Nacional. Como Folclorolândia, todo acervo do folclore mundial poderá ser visto, ser admirado, ser representado nesta "cidade universal".

Segundo o assessor Marco Antônio, "a idéia é oferecer ao visitante um painel universal do mito, uma viagem ao mundo dos sonhos".

A Folclorolândia deverá ser implantada por um cartel de empresas, capital aberto, nas seguintes etapas: compra de terreno, elaboração do projeto, divulgação nacional do investimento, construção.

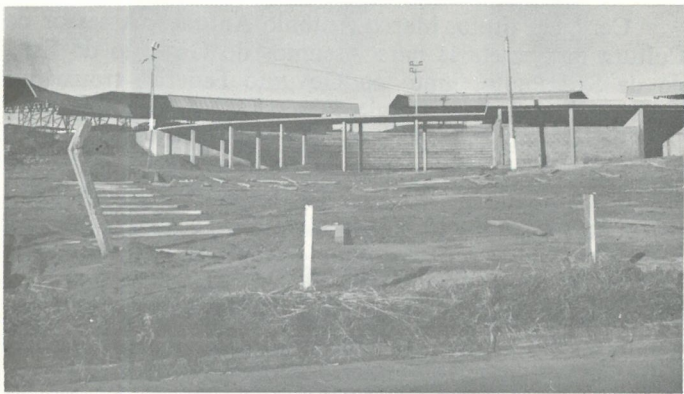
Olímpia, grega, sede dos jogos olímpicos do período áureo da história da Grécia A.C., terá na Olímpia brasileira, a reminiscência de toda a mitologia mundial, sediando o folclore internacional, fazendo jus ao título que nos envaidece — Capital Nacional do Folclore. Marco Antônio concluiu seu parecer: "A escolha da nossa cidade para sede do Parque é de uma lógica predestinada que não pode deixar passar despercebida, nem deixar de dar forma real a essa vocação inspirada, dir-se-ia, por todos os deuses".

Que o Senhor nos permita concretizar as idéias avançadas que foram, sabemos, inspiradas ao jovem assessor da Secretaria para Assuntos do Governo do Estado de São Paulo, junto ao governo federal.

FOLCLORÓDROMO

Por que introduzir no nosso sofrido vocabulário mais esse autêntico travalingua? É uma bonita palavra, não se pode negar. Palavra híbrida, formada de folclore, do inglês antigo *folk* = povo e *lore* = sabedoria, mais *dromo*, elemento originário do grego, significando lugar por onde passa.

Assim, *Folcloródromo* é o lugar construído para o "folclore passar", ou seja, a passarela feita, na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", para os grupos folclóricos desfilarem nos festivais. É o primeiro Folcloródromo do mundo.



O Folcloródromo, em cimento armado, parte suspensa sobre pilares — uns metros acima do solo, outra térrea, contornando o anfiteatro das exibições na Praça, superpondo-se aos vestiários, coroando, por assim dizer, obra já grandiosa, anteriormente terminada.

A partir deste ano, os Grupos desfilarão mais livremente, o visual dos mesmos será excelente, detalhes de seus trajes serão fotografados como devem. Serão filmados satisfazendo a curiosidade de estudiosos e estudantes, proporcionando recursos para todos que pesquisam nosso folclore.

Salve, Prefeito, por esse avanço! Salve, Sant'anna, pelos esforços dispendidos!

PRESERVANDO O VERDE

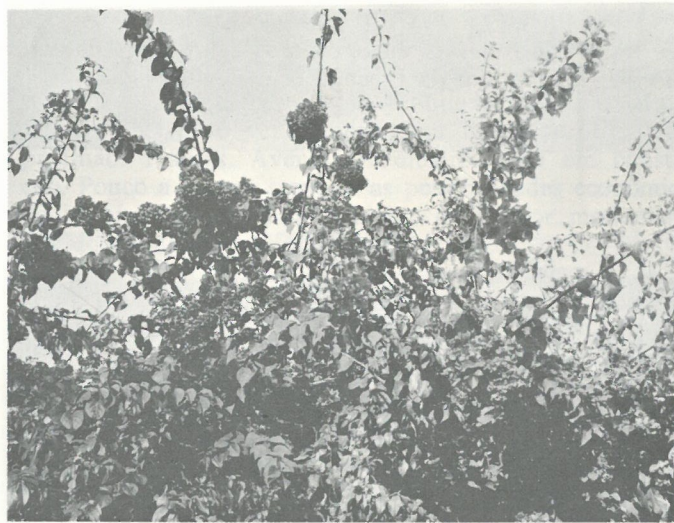
A Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", palco dos Festivais do Folclore de Olímpia, não só para ficar mais bela, como realmente ficou, não só para proporcionar sombra amiga à hora da canícula, porém, para ampliar a área verde da cidade, ostenta, já, bonitas e gratas à boa terra, um grande número de plantas, simetricamente distribuídas.

Na área de Estacionamento, trezentas e setenta e quatro árvores, dezessete em cada um dos vinte e dois canteiros: Ipê Rosa Salvador (*Tabebuia Pentaphylla*), *Cassia Leptofila* (*Cassia Leptophylla*), *Alfineiro* (*Licium Japonicus*), *Coleutéria* (*Koelreuteria Panniculata*), Ipê Amarelo (*Tabebuia Araliacea*).

No local de estacionamento dos ônibus, vinte e oito pés de Ipê Rosa Salvador, distribuídos por três canteiros.

À saída, extensa fileira de Jerivá (*Syagrus Romanzofianum*) como que acenando para os que dizem adeus ao recinto.

Buganvílias ou Primavera, das mais variadas cores, espalham-se pelas cercas, pelos aramados que circundam o recinto ou que cercam determinados lugares. Floridas, darão ao recinto um aspecto alegre, bucólico, feliz.



Sant'anna não vê a hora de apreciar esse bosque aberto em flor. Não é para menos...

INEZITA BARROSO NO 23.º FEFOL

Como vem acontecendo desde o primeiro Festival do Folclore, em 1987 Inezita Barroso se fez presente ao palanque da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami". Noite muito fria, o povo fugindo das arquibancadas ficando, porém, firmes e irredutíveis seus perenes fãs que, mais uma vez, tiveram o prazer de ouvi-la cantar e tocar violão. Repertório novo, cancionero de fôlego perdendo, como sempre, para as músicas que o grande público pede: *Lampião de Gás*, *Marvada Pinga*. Participou ativamente do Ciclo de Palestras sobre Folclorística, descontraída e tão ocultamente quanto os demais alunos. Simplesmente Inezita, como sempre.

Recebeu, no palanque, o compositor João Pacífico, a quem chama de "Meu Grande Mestre", tentou aquecê-lo com brincadeiras musicais, mas o velho guerreiro, tirando de frio e sono não aderiu adequadamente. Apenas conseguiu posar ao lado do Prof. José Sant'anna e Inezita Barroso, seu jeitão feliz e de bem com a vida contrastando com o ar friorento da noite.



Inezita, eterno sorriso, fez questão de posar ao lado de Rogério e Anali de Oliveira, seus guardiões voluntários no exíguo camarim da Praça.



Olimpiense honorária, cantora obrigatória, presença imprescindível, nossos agradecimentos e votos de retorno eterno, até o último Festival de Folclore que puder!

OLÍMPIA NA III FEIRA DA SOLIDARIEDADE — SÃO PAULO

De 25 a 29 de novembro de 1987, sob patrocínio da primeira dama do Estado realizou-se, no Parque do

Anhembi, capital, a III Feira da Solidariedade, congregando dirigentes do Fundo Social de inúmeras cidades do interior. Puderam, os visitantes, verificar a riqueza dos trabalhos executados por artistas locais e, no meio de tantas, Olímpia destacou-se.

O Grupo Parafolclórico "Asa-Branca" do Centro de Tradições Nordestinas, liderado pela eficiente Prof.^a Liedna Nogueira de Oliveira, fez extraordinária apresentação no palanque da Feira, recebendo calorosos aplausos e felicitações sem conta. A criançada da FOSAC, das Creches olimpienses deu um recado como poucos julgaram possível, sendo vista por artistas e leigos como pertencendo a excelente escola de danças. Causou sensação.

O estande olimpiense, de grandes proporções, teve vários destaques. Além do tamanho e localização, muito bem organizada, graças a Luís dos Santos que cuidou das instalações e Luís Arnaldo Pinho que transportou tudo para a capital. Havia belas telas artísticas da Reuniuivone B. Putini, trabalhos em tecido, deliciosos biscoitos de polvilho, trajes suntuosos do desfile de alegorias, muito crochê, muito artesanato local. Durante todo o tempo, projeções, em vídeo-cassete, mostravam danças de vários festivais olimpienses.

A presença constante do Prefeito Wilson, da diligente primeira dama Zuleica e auxiliares, Maria Jesus de Miranda, Antônio Clemêncio da Silva, João Carlos Clemente, Neusa Aparecida P. dos Santos, Calice M. Mendonça, Graciella M. Cruz deram, ao recanto olimpiense, um jeito aconchegante de "quem está em casa". Nossos cumprimentos a todos que participaram e, apesar da pouca rentabilidade, a intenção valeu. Olímpia esteve presente, destacou-se, cumpriu com sua parcela de brasilidade e amor às crianças carentes. Parabéns.

AS CORES DE OLÍMPIA

A Lei n.º 1868, de 17 de junho de 1987, da Prefeitura Municipal, assinada pelo senhor Prefeito Wilson Zangirolami, estabelece, no seu artigo 1.º que as cores oficiais de Olímpia são: vermelha, preta e amarela. Em parágrafo único estabelece que a doação oficial implicará na confecção de fitas (de pano) com ornato das três cores.

Excelente idéia, Projeto do Prof. José Sant'anna, desde que cores vibrantes quanto essas só podem dar maior ênfase a uma cidade que se destaca por sua própria natureza. Cores que envolverão cidadãos olimpienses, que guiarão folcloristas, que enaltecerão uma cidade que cresce, que se projeta, que mergulha, sem medo, no futuro da terra brasileira.

Parabéns, idealizadores e realizadores de tal idéia colorida. Parabéns, amarelo, preto e vermelho da nossa cidade!

AOS "BAIOARAS" COM CALOR

Belém do Pará, Belém dos dias quentes, apesar das pancadas costumeiras de chuva, Belém das noites estreladas, mas tórridas. Belém das riquezas de um passado régio. Belém dos turistas de hoje, das encantadoras ruas orladas de vetustas mangueiras, Belém dos "Baioaras" do Edson Janary Padilha Castro e do seu fabuloso grupo de danças parafolclóricas.

A presença do Grupo de Danças Parafolclóricas "Os Baioaras", em nosso Festival do Folclore foi, mais uma vez, um reafirmar de sentimentos irmanados no mesmo ideal — a difusão e preservação do folclore nacional através da projeção de músicas e danças.

A inclemência do tempo marcou as horas dos últimos dias do Festival, o frio intenso para o paraense tão pouco habituado a ele fez com que quase todos os componentes

do grupo ficassem doentes, febris e trêmulos, gargantas fechadas, rouquidão total. Corrente de ar. Frios no corpo, calor, calor esfusante no momento das apresentações públicas, no palanque, no pátio da escola para amigos e convidados. Calor quando convocados para apresentação diurna no curso sobre Folclorística, uma apresentação vibrante que jamais será esquecida.

Nossos festivais não podem dispensar "Os Baioaras". Nosso folclore enriquece cada vez mais com as novidades que os jovens mestres, Edson, sua irmã Edna e o papai Venâncio nos trazem. É um grupo que dança freneticamente, que preserva danças quase perdidas, que mantém, através dos trajes e da coreografia que, primorosamente se baseiam nas manifestações primevas de seus ancestrais o misticismo religioso daqueles que deram origem ao rijo homem das fronteiras do Norte brasileiro, a cultura centenária de seres que deixaram rastros apenas nas lembranças de estudiosos e "fanáticos" como o mestre e sua equipe.

Não há frio que arrefeça o ardor dos "Baioaras" do Edson; não há garoa que os impeça de mostrar ao povo que os admira a garra que norteia a cultura do Pará. Simplicidade rica de calor humano, singeleza plena de glórias sempiternas, plácidos semblantes em turbilhão de lutas, esses os recados do Grupo de Danças Parafolclóricas "Os Baioaras", de Belém do Pará.

A vocês, mestres, a todos os elementos desse grupo extraordinário, Olímpia, através de parcos elogios lhes tece loas, lhes deseja sejam abençoados perenemente para que jamais nos esqueçam, para que o frio de agosto não os amedronte nunca. Queremos vê-los sempre aqui, cantando, dançando, fazendo o povo vibrar.

Obrigada, Edson, obrigada de coração. Que as bênçãos do Senhor aqueçam a todos os queridos componentes do grupo, estejam conosco, através do espaço territorial que entre nós medeia, sempre amigos, respeitados e inesquecíveis.

UM PREITO DE GRATIDÃO

Extraordinário. Espetacular. Fascinante. Inigualável. Deslumbrante. Rico. Mágico... Muito, muito mais poderíamos dizer sobre o espetáculo de rara beleza que nos foi possível apreciar durante o 23.º Festival do Folclore, em Olímpia, a "Capital do Folclore". Esse espetáculo sem medidas nos foi proporcionado pelo Grupo de Danças Parafolclóricas do SESI, Ceará, grupo que é dirigido pelo não menos brilhante professor Francisco da Silva Freitas.

Não era novidade para o olimpiense a presença desse grupo que aqui já estivera, em 1985, por exemplo, sob a chefia do mesmo professor Freitas. No entanto, circunstâncias várias transformaram um grupo de tradições nordestinas em verdadeiro símbolo de pujança, de garra, de brasilidade, de amor ao próximo. O orgulho do Prof. Freitas se justifica. Ele é o protótipo do cearense que estende as mãos, não esmolando, pedindo chuva para o sertão nordestino, rogando que o aguaceiro seja clemente e nada destrua. Cearense forte de Fortaleza que estende as mãos e consegue que o milagre, que os milagres aconteçam.

Frio, frio inclemente, frio que fazia o sul-riograndense tiritar sob seus grossos ponchos de lã, horas perdidas da noite, madrugada envolta em neblina, o Conjunto Parafolclórico SESI firme, à espera do momento da sua apresentação, indiferente ao êxodo do público que procurava abrigo contra o vento gélido. Danças programadas, danças dançadas.

Moços de dorso nu, três horas da manhã, "manero-o-pau", cangaceiros espoucando tiros de bacamarte, moças de blusas decotadas e pés descalços. Lá estava o grupo no palanque, o conjunto musical dando o vibrante recado

dos seus mágicos instrumentos e um verdadeiro balé, tal a riqueza e precisão dos passos, tal a autenticidade coreográfica retirada do folclore nordestino que nos foi apresentado. Isso sem falar das inúmeras outras apresentações, como a especial que nos foi presenteada no pátio da Escola onde o grupo se alojava, como a que, sobre poeira e chão recoberto da marca remanescente de forró em noite anterior nos foi dedicada aos alunos do curso sobre Folclorística.

Não temos palavras para elogiar e agradecer a essa plêiade de jovens que nos encantou, por dez dias, que foi presença marcante no 23.º FEFOL, 1987. Nem sabemos mais o que dizer ao insigne mestre que, através de sua tenacidade e filosófica postura nos alegrou, nos encantou, lutou contra o mau tempo e contra tudo. Cantou, rouco sim, declamou, botou o seu grupo para mostrar ao povo que o distingue entre os grandes "o que é que o nordestino tem".

Obrigada, Prof. Freitas, obrigada Conjunto Folclórico do SESI — Ceará. Que o Senhor esteja conosco sempre, unindo nossos ideais e reacendendo nossas esperanças na cultura popular.

SAUDAMOS "TRÊS PÁTRIAS" DA NOSSA PÁTRIA

Mais uma vez entre nós, por ocasião do 23.º Festival do Folclore, um grupo de tradições gaúchas foi o ponto alto das festividades que transcorreram em 1987. Desta feita, jovens de São Gabriel e Uruguaiana unidos, trouxeram a Olímpia, liderados pelo tão querido e grande amigo, Dr. Francisco de Paula Marques, um pouco do esplendor da música, da dança e da poesia característica do Sul do país.

Foram diversas apresentações, tanto no palanque do recinto quanto no curso sobre Folclorística, momentos de grande revelação artística, de nativismo e precisas coreografias na dança gaúcha. O desfile os apresentou ao grande público e, ao som da gaita e outros instrumentos bem do gosto do homem da fronteira sulista, o Rio Grande do Sul encantou e recebeu os merecidos aplausos.

Não podemos esquecer jamais a gentileza dos dirigentes dos grupos do Sul que no pátio da EEPSPG "Capitão Narciso Bertolino", desta cidade, local onde se hospedam, oferecem às autoridades olimpienses e àqueles que lidam com o Folclore um encontro tipicamente gaúcho: "churrasco e bom chimarrão, fandango, tango e mulher; é disso que o povo gosta, é isso que o povo quer". Esses encontros nos irmanam cada vez mais, levam-nos às lutas fronteiriças, tornam mais conhecidas as tradições da nossa terra, da nossa gente.

Ao Rio Grande do Sul, aos componentes dos Grupos Parafolclóricos representados pelos aguerridos jovens que cantam e dançam num perene recado musical: Grupo Uruguaiana, de Cleber Ubirajara Soares, Grupo de Projeção Folclórica "Três Pátrias", de Luís Felipe Quintana Maidama, Conjunto Bandocon com E. E. Pereira de Medeiros, a todos nossos amigos que aqui estiveram em 87 e àqueles que ficaram no Sul à espera de notícias, nossos sinceros agradecimentos, nossa perene gratidão. Que fiquem sempre ao nosso lado, que brilhem em todos os nossos festivais, que sejam o arauto perpétuo dos anseios do país, fazemos votos. Parabéns, amigos.

OS MAGOS DO ORIENTE E SEUS RECADOS

A Folia de Reis "Magos do Oriente", do Bairro São José, de Olímpia, gerenciada pelo Sr. Pacífico de Sousa

e Silva tem sido, no decorrer de muitos anos, presença efetiva e marcante nos Festivais do Folclore e, o que é muito importante, nas solenidades religiosas do ciclo natalino.

Após apresentações no canal 8, São José do Rio Preto, foram muitos os convites que receberam para "chegadas" em casas de devotos, bem como para apresentações em cidades paulistas. É uma Folia disciplinada, correta, perfeita. São dezessete homens que tocam instrumentos, cantam e dançam louvando santos de sua devoção e hospedeiros do momento. Quatro palhaços, dois adultos e dois menores fazem a alegria da garotada e causam boa impressão pela dança e pela cantoria.

Dentre as muitas apresentações, a Folia esteve em Votuporanga no dia 24 de janeiro deste ano, quando do "5.º Encontro de Folias de Reis". E, para nosso maior orgulho, receberam o prêmio que lhes foi conferido, 1.º lugar na classificação geral. Parabéns, é claro.

Ao Sr. Pacífico e membros da Folia de Reis "Magos do Oriente" nossos votos de brilho eterno e, sob as graças dos santos que cultuam, muitas glórias terrenas lhes sejam concedidas. São nossos votos sinceros.

OLIMPIENSES EM ITAPEVA

Itapeva, SP, comemorou a 20 de setembro de 1987 seu 218.º aniversário de emancipação política. Muitas festividades foram programadas. Através da Vereadora Rosa Antônio Chuéri que aqui esteve durante o 23.º FEFOL, junto com o Prof. João Carlos Kuntz, participou do Ciclo de Palestras sobre Folclorística, pesquisou sobre danças folclóricas. Foram convidados para os festejos o Professor José Sant'anna, Antônio Clemêncio da Silva e Sérgio Alexandre Di Marco.

Os três olimpienses estiveram em Itapeva de 17 a 21 de setembro, declarados hóspedes oficiais do Município, participando de inúmeras solenidades. Assistiram à apresentação de Bandas da cidade, e também a monumental desfile com alegorias, belas fanfarras, e cavalaria.

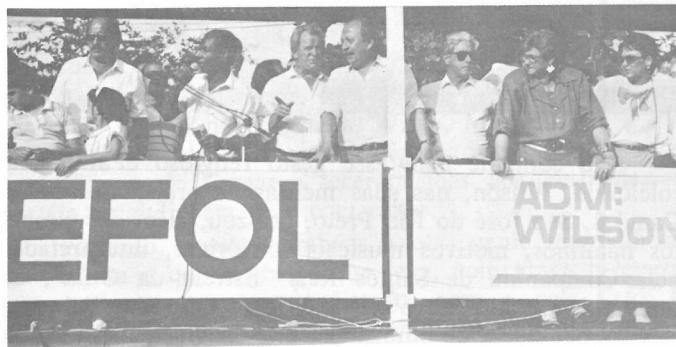
Participaram de várias inaugurações municipais, inclusive de escola. Assistiram à apresentação de uma catira local. Houve uma reunião de itapevenses interessados no levantamento do Folclore do Município e a opinião de Sant'anna era necessária aos estudiosos. Criou-se uma Comissão constituída por Rosa Antônio Chuéri, João Batista Dias Monteiro, Newton de Moura Müzel, João Carlos Kuntz e Olga Furquim Camargo Fortelli, para pesquisar o folclore itapevense.

Regiamente recebidos, os olimpienses, especialmente convidados, trouxeram de Itapeva ótima impressão e vão voltar para concluir o projeto da pesquisa folclórica.

Olímpia apresenta agradecimentos à Vereadora Rosa, ao Senhor Prefeito de Itapeva e aos itapevenses que tão bem os receberam.

PRESENÇA DE ALMINO AFONSO NO 23.º FEFOL

Além da multidão presente aos desfiles dos Grupos Folclóricos e de Alegorias, no domingo, encerramento do 23.º Festival do Folclore, Olímpia contou com a presença do Senhor Vice-Governador do Estado de São Paulo, Almino Monteiro Álvares Afonso. Assistiu ao desfile, no palanque oficial, armado na Avenida Aurora Fórti Neves, ao lado do Prefeito Wilson e Zuleica Zangirolami, bem como de outros ilustres convidados pela Comissão de Folclore, não escondendo seu entusiasmo pelo que via, aplaudindo, fazendo perguntas, participando.



Ficamos gratos por essa marcante presença e, desde já, enviamos nosso convite para que compareça sempre, pois seu entusiasmo contagia e alegra aos que desfilam. Parabéns, senhor Vice-Governador!

MAIS QUE MEROS AGRADECIMENTOS

Os Festivais do Folclore de Olímpia, por um motivo ou por outro, recebem gentilezas tais que deixam os que neles se envolvem, devedores de muitos e sinceros agradecimentos. É extensa a lista, impossível de ser especificada.

A todos que, de qualquer modo, nos auxiliam, rogamos sejam abençoados plena e perenemente pelo Senhor. Temos que destacar, pela pertinácia e amplitude com que acorrem aos nossos apelos, alguns amigos, amigos da cidade, amigos do Folclore, amigos dos amigos de Olímpia.

Com profunda gratidão, nosso obrigado ao Senhor Governador do Rio Grande do Sul, Senhor Pedro Simon que nos atendeu, com presteza e oportunidade.

Imensuráveis agradecimentos aos Prefeitos Municipais, Sr. Mário Pozzobon, de Votuporanga; Sr. Milton Ferreira, de Barretos; Sr. Manuel Antunes, de São José do Rio Preto; Sr. Odair Pastrez, de Guaraci e Sr. Sérgio Sasso Stamato, de Bebedouro; todos municípios paulistas, nossos vizinhos.

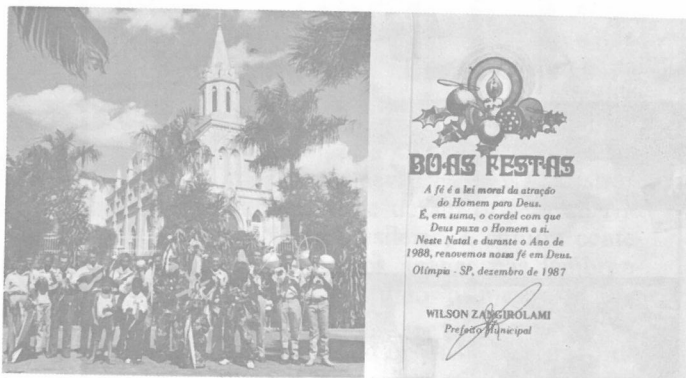
E dúzias de outros que nos socorrem nas costumeiras agruras, pessoas que demonstram sua amizade e a bondade que molda suas vidas.

Muito, muitíssimo grata a vocês. Aqui estaremos, certos da ajuda se necessária. Que o Senhor os cumule de bênçãos, fazemos votos.

MENSAGEM DE NATAL DO PREFEITO WILSON

Wilson Zangirolami, Prefeito Municipal de Olímpia, ao enviar seus votos de Boas Festas, escolheu foto com a Igreja de Nossa Senhora Aparecida e, à frente, em

destaque, a Folia de Reis "Magos do Oriente", desta cidade. Aos amigos enviou a mensagem Boas Festas. "A fé é a lei moral da atração do homem para Deus. É, em suma, o cordel com que Deus puxa o Homem a si. Neste Natal e durante o ano de 1988, renovemos nossa fé em Deus". Bonito, não?



Não contente com esse gesto religioso e altamente folclórico, Wilson, nas suas mensagens orais, através do Canal 8, São José do Rio Preto, utilizou, além dos símbolos natalinos, motivos musicais folclóricos, interpretados pela Companhia de Santos Reis "Estrela da Guia", da família Miranda, bairro de São José, Olímpia. Foi uma grande mensagem de otimismo e alta religiosidade, envolta pelas mais puras e lídimas tradições do nosso povo, da nossa terra, da nossa gente. Grande, Sr. Prefeito! Que o Senhor lhe devolva, com muitos juro, todas as graças que a nós desejou.

DANÇAS E FOLGUEDOS EM LIVRETO

Compilado por mim, Iseh Bueno de Camargo, sob orientação do meu mestre em Folclore, Professor José Sant'anna, um livreto, intitulado "Danças e Folguedos do Folclore Brasileiro" foi editado e distribuído a pessoas interessadas nas tradições populares do Brasil, a estudantes e autoridades da cidade e visitantes. Algumas explicações abrem o livreto, justificando a pesquisa realizada e a necessidade da divulgação do seu conteúdo.

O Hino a Olímpia, letra de José Sant'anna, música do Maestro Jônatas Manzolli, hino oficializado através do Decreto n.º 1509, de 2/3/1982, faz parte do livreto. Deve ser ouvido, conhecido, cantado. É belo. Explicações sucintas sobre Bacamarteiros, Batuque, Bumba-Meu-Boi, Caiapó, Capoeira, Catira, Folia de Reis, Congada, Cordão de Bichos de Tatuí, Dança-de-São-Gonçalo, Cururu, Fandango, Moçambique, Reisado, Samba-Lenço, Baianas, Pastoria do Menino Jesus, Dança do Vilão, Cavalhadas, Pássaros, Jongu, Quadrilha e Lundu, Ticumbi, Mascaradas de Poconé, Catupé, e danças parafolclóricas executadas pelos grupos olimpienses "Cidade Menina-Moça" e "Asa-Branca".

Um livrinho de alento, modéstia à parte, livreto que serve como guia a professores e estudantes dessa rica face do folclore nacional.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Olímpia que viabilizou a publicação desse trabalho e a todos que estão fazendo uso do que foi exposto no livreto.

CURSO SOBRE FOLCLORE EM SÃO PAULO

A convite da senhora Mércia Teresinha Martins Romar, Supervisora da DRECAP-3, São Paulo, Capital, Maria Aparecida de Araújo Manzolli e Iseh Bueno de Ca-

margo ministraram o curso "O Folclore na Educação", na E.E.P.S.G. "Caetano de Campos", Aclimação — SP, escola que tem como diretora a Professora Ineh Bueno de Camargo.

O curso contou com a participação de Jane Manzolli, de Nadir (com seu acordeão), do Antônio Carlos da Silva — o Toninho e dos jovens Cléber, Décio Alexandre, Fabiana, Alessandra, João Luís, Flávia, Sérgio e Vilma, todos pertencentes ao Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça". Liedna Nogueira de Oliveira, na tarde do dia 25 compareceu com seu Grupo de Danças Parafolclóricas "Asa-Branca".

Foram trinta horas de aulas, teóricas e práticas, aproveitamento extraordinário, desde que o curso era freqüentado por supervisores, diretores, professores e alunos do Magistério ficando, como ouvintes, inúmeros participantes. Aprenderam os conhecimentos básicos sobre folclore, muitas músicas folclóricas, cantos com movimentação, brincadeiras para serem utilizadas na escola de 1.º grau e pré-escola e várias danças. À noite, dia 26, apresentaram no palco do amplo auditório da escola as danças já aprendidas e fixadas: Maçanico e Cana-Verde de Passagem, conseguindo calorosos aplausos da platéia.

O interesse pelo curso foi tão grande que há pedidos para outros na mesma escola e em diversas outras Delegacias de Ensino. Aprenderam, em uma só tarde, a dançar o Coco-Peneruê e, de passagem, com os jovens olimpienses aprenderam passos de danças nordestinas, terminando as aulas, diariamente, a pedido da senhora Supervisora, com uma ciranda da qual todos participavam.

Assim, com apenas trinta horas de curso, levamos a mais de cem paulistanos um pouco do nosso Folclore, muita alegria e conhecimentos que, aproveitados, tornarão o ensino muito mais alegre, introduzindo no currículo o amor às tradições pátrias.

Gratos à Prof.ª Mércia, Prof.ª Ineh, à DRECAP-3, ao Prof. Sant'anna que sempre nos orientou e que, no dia 30/11 fez inserir nos trabalhos da Câmara Municipal de Olímpia voto de "congratulações pela brilhante participação no curso", gratos à Delegacia de Ensino de Olímpia, a Liedna e às crianças do Grupo "Asa-Branca", aos jovens do Grupo "Cidade Menina-Moça", ao Toninho que cantou e tocou sem parar e fez muitos amigos, às senhoras Aiko, Shirley e Mércia que recepcionaram com carinho nossos jovens. A dona Cida e auxiliares da "Caetano de Campos" que apresentaram delícias nos nossos almoços. Gratos a todos que nos prestigiaram e aplaudiram.

DANÇANDO PELO BRASIL

O Grupo Parafolclórico "Asa-Branca", grupo que preserva as tradições nordestinas e tem como mestra a jovem e dinâmica professora cearense, Liedna Nogueira de Oliveira, congrega alunos das Creches locais, bem como crianças de escolas estaduais. Tem o apoio total da primeira dama olimpiense, Zuleica Zangirolami que, com seus conterrâneos, vibra e se alegra com as apresentações dessas crianças, orgulho desta terra.

Em 1987, Liedna levou o Grupo "Asa-Branca" para vários rincões brasileiros, deu o seu recado nordestino, encantou, alegrou. Em julho apresentou-se na Casa da Cultura para a turma do "Redescobrimdo o Interior"; em Aparecida do Taboado — MT, e no Educandário São Benedito, de Barretos, SP.

Em agosto, cinco apresentações noturnas na Barraca da FOSAC, duas noites no tablado da Praça das Atividades "Prefeito Wilson Zangirolami", uma tarde no curso de Folclorística, no recinto. Desfilou, pela cidade, com as alegorias do Festival.



Setembro levou a criançada a Paranapuã e Mirassolândia, SP. Em outubro, participou da Semana da Criança, esteve em Meridiano e Aparecida d'Oeste. Novembro, a grande apresentação no Anhembi, Feira da Solidariedade e na E.E.P.S.G. "Caetano de Campos", Aclimação, durante o curso sobre folclore. Sucesso absoluto.

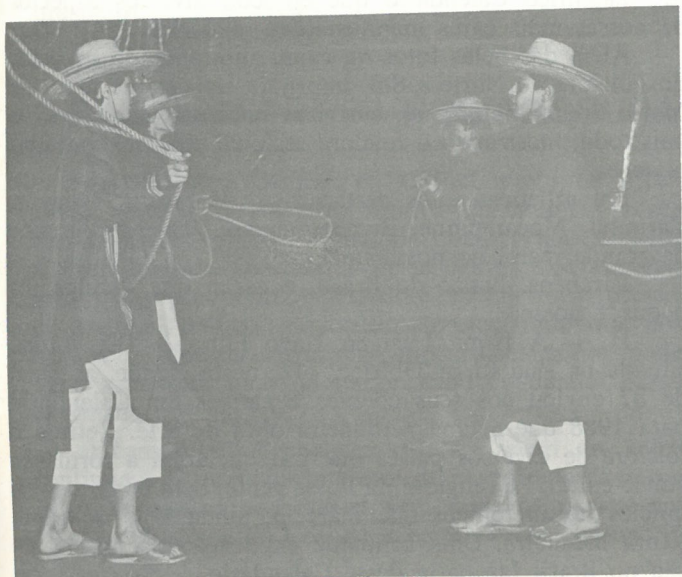
Dezembro, na Casa da Cultura de Olímpia, participação no espetáculo promovido pelo jornal Cidades, "Pre-núncios de Natal" e, na Praça do Folclore, entrega das sacolas de Natal às crianças carentes.

A professora Liedna está de parabéns, seu grupo vem desempenhando brilhante papel na preservação dos nossos valores sócio-culturais. Ao grupo "Asa-Branca", nossos votos de longa duração e os cumprimentos a todos seus integrantes. Parabéns, mestra; parabéns, alunos.

CULTURA ATRAVÉS DA DANÇA

O Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça" do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia, dirigido pela Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli tem, através das danças e da música, levado nossa cultura e nossas tradições a várias regiões do país. É um grupo constituído de crianças, adolescentes, alguns adultos, estudantes de 1.º e 2.º graus e de nível universitário. Possuem seus integrantes, rico guarda-roupa e procuram, através dos trajes, o mais próximo dos usados por grupos folclóricos, a fim de traduzir a magia inspirada pela coreografia e pela música que interpretam.

1987 foi um ano de intensa atividade para o grupo. Em fevereiro, apresentaram-se em Novo Horizonte. Por duas vezes — abril e maio, estiveram na TVS, programa



"Inezita Especial", espetáculos que atravessaram o país todo, empolgando, entusiasmando. No dia 13 de junho, presença marcante na Festa do Vinho, no Abrigo São José, desta cidade. Ainda em junho, dançaram em Palestina.

Julho os levou ao Rotary Clube de Olímpia, à cidade de Colina e Paulo de Faria. Agosto foi pleno de apresentações: Ipuã, Barretos (dias 11 e 25, único grupo a saudar o Presidente da República, José Sarney); Franca; diversas apresentações na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", por ocasião do 23.º Festival do Folclore. Grande destaque foram as apresentações na cidade de Itaporã — MS, nos dias 28, 29 e 30, um sucesso sem precedentes.

Em outubro dançaram em Matão, Turmalina e São José do Rio Preto e, em novembro, Arealva. Com alguns elementos do grupo, Cidinha causou furor, ministrando curso na E.E.P.S.G. "Caetano de Campos", Aclimação, SP, curso que foi intensamente proveitoso e concorrido.

Temos que lembrar, também, a esfuziante apresentação do Grupo no programa "Viola, Minha Viola", TV Cultura, quando, entre uma dança e outra, Sant'anna e Ineh Bueno de Camargo teceram loas aos Festivais. A platéia aplaudiu em pé e com razão.

Portanto, nossos parabéns a essa gente maravilhosa que cultua o que é nosso, que leva, com graça e leveza para todos os rincões do Estado, para o país todo, o nome de Olímpia e o seu amor ao Folclore brasileiro.

Parabéns, Cidinha Manzolli, que o Senhor lhe dê forças para prosseguir perenemente com esse magnífico e promissor grupo.

A CASA DA CULTURA TROCOU DE NOME

Através da Lei n.º 1890, de 1.º de dezembro de 1987, da Prefeitura Municipal de Olímpia, Projeto do Vereador José Sant'anna, a Casa da Cultura denominada, até então, "Doutor Antônio Sylvio Cunha Bueno" passou a chamar-se "Casa da Cultura Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", assinada pelo senhor Prefeito Municipal, Wilson Zangirolami. Justa homenagem que se presta a um dos mais devotados prefeitos que a cidade possuiu, homem modesto e dinâmico, protetor do nosso Folclore. Marreta, foi, também, o responsável pela construção da Casa que ora ostenta o seu nome.

Nossos parabéns à administração atual por sua larga visão.

"REDESCOBRINDO O INTERIOR"

De 16 a 23 de julho de 1987, dando continuidade ao projeto de férias a escolares do Estado de São Paulo, Olímpia recebeu na E.E.P.G. "Prof.^a Dalva Vieira Ítavo", do Conjunto Habitacional Jardim Luís Zuca, crianças provenientes de várias escolas do Embu-Guaçu. Eram 36 crianças, acompanhadas do Prof. Rivaldo Rodrigues de Almeida, Prof. Antônio Carlos Brandino, Prof.^a Vera Lúcia da Silva Cruz e Vânia Casarin.

Redescobrimo o Interior, os alunos tiveram oportunidade de assistir à apresentação do Grupo Parafolclórico "Asa-Branca", em nossa Casa da Cultura. Estiveram na Usina Guarani e na Fazenda Jangada. Fizeram passeios a cavalo, estiveram no Haras Zangirolami, visitaram a Fazenda Nata, foram ao Clube de Campo "Álvaro Brito", assistiram à missa na Igreja Nossa Senhora Aparecida e a um espetáculo da Sula Miranda.

Crianças simples, porém, encantadoras que nos receberam com toda gentileza e teceram elogios a Olímpia, à

direção da escola, ao Prefeito e aos funcionários da E.E.P.G. "Prof.^a Dalva Vieira Ítavo".

Deixaram, como despedida, redações das quais extraí o seguinte: 1) ... "e o interesante é que eu nunca tinha ido na casa de um prefeito, mas nessa viagem eu fui". 2) ... "lá na fazenda tomei leite acabado de sair do peito da vaca". 3) ... "e hoje fui ao museu de História e Folclore onde vi coisas bonitas...". 4) "eu quero agradecer o prefeito que nos convidou para almoçar, tomar guaraná e chupar laranja". 5) ... "fomos conhecer um cafezal, adorei".

Descobriram que o interior possui certos encantos que a cidade grande não tem. Partiram em prantos, com saudades da Capital do Folclore. Voltem, Olímpia gostou de vocês, crianças do Embu-Guaçu.

3.^a MOSTRA DE ARTE E CIÊNCIAS

Realizou-se na casa anteriormente chamada Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", hoje "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", nos dias 28, 29 e 30 de outubro de 1987, das 8h30 às 22h00 esse encontro estudantil que já cria raízes em Olímpia.

Os estudantes se empenham na apresentação de novidades, transformando a Casa da Cultura em autêntico laboratório artístico e científico.

A Prof.^a Bäder Abinagem Serrano, Delegada de Ensino de Olímpia, em convite ao povo enfatizou que "o ver realizar desperta a vontade de realizar" e foi o que aconteceu. Todos os que lá estiveram, sentiram-se motivados para criar, para fazer algo em prol do ensino e da educação. E, é claro, do social também, desde que licores deliciosos uniam visitantes ou curiosos. E quitutes típicos. E muita arte. Muitas idéias surgiram, que se perpetuem.

Aos participantes, aos organizadores, aos visitantes, nossos cumprimentos pelo acontecimento. Cultivem esses novos valores, são eles os alicerces de uma nova era. Parabéns.

AINDA SÃO JOÃO NO FOLCLORE DE OLÍMPIA

Dia trinta de agosto de 1987, proveniente do atual e mui digno Presidente da Comissão Nacional de Folclore, Doutor Ático Vilas-Boas da Mota, recebeu o Prof. José Sant'anna missiva que muito o comoveu. Em palavras plenas de elogios e louvores, o grande folclorólogo, Doutor Ático, cumprimentou o mestre pelo artigo contido nos Anais do 23.^o FEFOL, sobre "A Presença de São João Batista no Folclore de Olímpia". Analisou o artigo, concluindo, entusiasticamente, ser esse o mais completo trabalho sobre o assunto já publicado no país. Elogiou o que foi apresentado no 23.^o FEFOL, elogiou a equipe que colabora para tal evento, mas encantou-se com o artigo do folclorista e amigo, José Sant'anna. O professor daqui agradece, feliz, ao Professor de lá e nós, concordes, cumprimentamos aos dois, rogando ao Senhor Ihes dê luzes para infinitas pesquisas e trabalhos de igual teor. Salve mestre Ático Vilas-Boas da Mota!

BILHETE DE LOTERIA

A Loteria da Habitação do Estado de São Paulo — CEESP, a fim de homenagear, mais uma vez a cidade de Olímpia — SP e seus moradores distribuiu, para a 55.^a extração a se realizar no dia 4 de março de 1988, bilhete que traz o brasão deste Município, com os dizeres: "Aniversário de Olímpia — 02-03-88. Brasão das Armas do

Município de Olímpia — Capital do Folclore. Fundada em 1903".



Muito felizes pela lembrança. Agradecemos a CEESP esse gesto simpático e, através dos bilhetes, o Estado todo e outras regiões do país recordarão que Olímpia é a Capital do Folclore. Nossa eterna gratidão aos dirigentes da CEESP.

MAIS UM SERVIÇO DA TV GLOBO

Por ocasião do Ciclo Natalino, a TV Globo — Canal 5 — filmou algumas Folias de Reis da Família Miranda, de Adelis Paula Santos e Pacífico de Sousa Silva, acompanhando-as nas peregrinações religiosas. Na casa do Sr. Zico Garcia, Olímpia, a equipe filmou um presépio de cera, confeccionado pelo mesmo e em sua residência montado.

Nas noites de 23 e 27 de dezembro, em horário nobre, a Tevê apresentou flashes dos momentos mais folclóricos observados, com comentários muito ricos, aproveitando entrevista feita com o Prof. José Sant'anna, que os guiou nos trabalhos de filmagem e Ihes forneceu informações precisas sobre o que viam. A equipe soube apreciar o que foi filmado, achando que Olímpia precisa divulgar mais o seu lado folclórico, o mais importante que a turma observou.

Pelo estímulo oral com que agradeceram ao Mestre Sant'anna, pelos entusiásticos trabalhos realizados e pelas apresentações na tevê, nossos sinceros agradecimentos e nossos desejos de que estejam sempre conosco por ocasião dos múltiplos momentos folclóricos olimpienses. Parabéns, moços da Globo!

RECEBIMENTO DE CALENDÁRIOS 1988

I — O Banco do Brasil, dando continuidade a sua luta em prol do Folclore brasileiro distribuiu, no final de 87, magnífico Calendário que enfocou diversos aspectos de nossas mais caras manifestações folclóricas.

Além das belas fotos da capa, apresentando aspectos do Folclore do Norte a Sul, imprimiu importante texto de Mário Souto Maior que, em ricas palavras, "percorre" o país todo, mostrando o folclore regional em suas variadas nuances.

Em artísticas fotos destacam-se: Maracatu, Caiapós, Carimbó, Moçambique, Bumba-meu-boi, Taieiras, grupos de grande realce no nosso folclore.

Parabéns, Banco do Brasil, é assim que divulgamos o que é nosso.

II — A firma Luciano Ítavo Filho & Cia. Ltda., situada na Rua Jorge Tibiriçá, 776, nesta cidade, ao final de 87 enviou aos seus clientes e amigos um Calendário para 1988 que é uma verdadeira obra de arte. Retrata o folclore de diversos países que influenciaram a formação étnico-cultural e religiosa da nossa gente, bem como os resquícios arquitetônicos que marcam, ainda hoje, a arquitetura brasileira. Uma brilhante explicação da miscigenação no Brasil faz parte desse Calendário.

Estão registrados grupos de danças de Curitiba, PR, representando os portugueses, espanhóis, japoneses, italianos, alemães, poloneses, com grande destaque para os traços típicos de cada povo.

Muito bem, Luciano Íttavo, nós o cumprimentamos, pela feliz idéia. Preserve o que é nosso, seremos mais brasileiros. Parabéns.

VOTUPORANGA EM TRÊS DIMENSÕES

Recebemos do folclorista José Carlos Rossato, pequena obra que traz o título acima, livro que apresenta prefácio de Sebastião Almeida Oliveira, palavras de apresentação do Professor José Sant'anna, um pouco da história de Votuporanga e traços do seu folclore.

Um livro que será lido em poucas horas, mas que abrirá espaço para estudos e discussões. Interessante, apropriado para uso escolar, ponto de partida para pesquisadores da história regional e do folclore votuporanguense.

Autor de muitas outras obras, "O Planalto Ocidental Paulista", "Falsas Noções de Folclore", "Folias de Reis", "Nosso Folclore", José Carlos Rossato caminha para novos rumos dentro dos estudos do Folclore Nacional. Agradecemos pelos livros enviados e parabenizamos o autor paulista.

A UM MENINO CATARINENSE

Fernando da Silva Matos, residente na Rua Tiago da Fonseca, n.º 285, apto. 7, Bairro Capoeira, Florianópolis, SC, no dia 1.º de janeiro de 1988, em um recanto da maravilhosa praia da Pinheira, brincava com crianças da terra e amigos da capital. Fernando tem 9 anos. Ouvindo a algazarra, percebi que o "pega-pega" era feito através de escolhas variadas, conhecidas muitas, diferentes outras.

Algumas formas de escolha que Fernando quis que eu copiasse: 1) Eu conto e tu cai fora na tampa da coca-cola, eu por dentro e tu por fora; 2) Minha mãe mandou eu escolher esse daqui, mas como sou teimoso, vou escolher esse daqui; 3) Ai, bai, bia, foste na Bahia não trouxe o que eu queria; 4) Canivete pintadinho, corre bala 25: um, dois, três, cinco (o cinco cai fora, é o pegador).

Interessado em saber o que Olímpia faz durante os Festivais do Folclore, o pequeno Fernando quer que lhe enviemos nossos Anuários. Vamos mandá-los, com certeza. Agradecemos as formas de escolha que nos deu e, esperamos, venha a ser mais um estudioso do folclore brasileiro.

RIBEIRÃO PRETO NOS PROCURA

A Biblioteca Central, da USP, Campus de Ribeirão Preto, através da direção técnica da mesma, trazendo assinatura de Valderes Aparecida Coelho Falaschi, solicita à Prefeitura de Olímpia, material sobre folclore. Preparam exposição sobre o Folclore Brasileiro. Necessitam de material gráfico, gravações, cassetes, tudo que possamos lhes oferecer. Desejam informações sobre onde e como conseguir material (emprestado ou doado) para tal exposição.

Ficamos gratos por ver que a Capital do Folclore continua a despertar o interesse de pesquisadores de renome e, na medida do possível, será enviado material disponível à Biblioteca da USP de Ribeirão Preto. Sucesso para a exposição.

RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS

Uma tradição que se perde na noite dos tempos, a Recomenda das Almas, de fundo religioso, católico, desaparece do cenário das comemorações que relembram o padecimento e morte de Jesus. No entanto nesta região, permanece ainda, revivida por muitas famílias que, mesmo não o sabendo, preservam, além do caráter religioso do ato, o folclore brasileiro. É bem folclórica a Recomendação das Almas. Encantadora, sinistra mesmo — só depois das 22 horas inicia-se a peregrinação dos rezadores, número ímpar de casas a serem visitadas.

Não querem ser filmados, fotografados, não querem gravações. É religioso o seu peregrinar. As almas conclamadas às preces podem ressentir-se da intromissão. Porém, graças aos esforços do Prof. Sant'anna e à amizade que mantém com a família Macedo, fazenda que fica na divisa Olímpia-Barretos, na noite de 1.º de maio de 1988 (Sexta-feira da Paixão), assistimos a esse velho cerimonial, ficamos "de cabelos em pé" (literalmente), tudo foi filmado, fotografado, gravado. Já está pronta a fita que poderá mostrar aos folcloristas o que fazem homens cobertos de brancas toalhas, batendo nas janelas de casas às escuras, orando pelas almas esquecidas, pelas almas desamparadas, por aquelas que não acharam o caminho do outro lado.

A matraca agitada, repicada, as vozes do coro masculino orando pelas almas, um cenário magnífico no meio de plantação extensa de algodão, sob laranjeiras, mangueiras, sentindo-se o perfume de brancas rosas e jasmim, algo que jamais esqueceremos.

Nossos agradecimentos à família Macedo e, rogamos, mantenham-se firmes nessa tradição extraordinária, bela, antiga e tão jovem. Tradição que liga nossos mundos — o terreno e o "do outro lado".

OLÍMPIA EM CONCURSO DE MÚSICA SERTANEJA

Em concurso de música sertaneja, realizado em junho de 1987, na Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", Rua São João, n.º 942, nesta cidade, no evento Primeiro Concurso de Músicas Sertanejas, versando sobre Olímpia, organizado pelo Vereador Antônio Martins Correia a dupla, Osvanil e Osmair apresentou, defendeu, de sua autoria, a toada "Cidade Menina-Moça". Por cantarem nossa terra com tanto entusiasmo, por apresentarem versos de grande interesse para os folcloristas e por serem, seus versos, acompanhados de boa melodia, julgamos merecer um espaço em nosso Anuário a toada "Cidade Menina-Moça", dos jovens compositores e intérpretes olímpenses. Que tenham sucesso, que cantem aos olímpenses e às pessoas de fora, que sejam ouvidos por todos que apreciam Olímpia e participam dos seus Festivais do Folclore. Eis o que diz a música:

CIDADE MENINA-MOÇA

The image shows a musical score for the song "Cidade Menina-Moça". It consists of five staves of music. The first staff is the vocal line, and the following four staves are the accompaniment. The lyrics are written below the notes. The music is in 4/4 time and features a simple, melodic line with a steady accompaniment.

EU VOU FA-LAR DE O-LÍM-PIA A MI-NHA TER-RA QUE
RI-DA CI-DA-DE ME-NI-NA MO-ÇA QUE ME DEU A LUZ DA
VI-DA LU-GAR DE GEN-TE HO-NES-TA DE MU-LHE-RES FAS-CI-
NAN-TES QUEM PAS-SAR POR ES-TA TE-RA NÃO ES-QUE-CE UM INS-
TAN-TE.

Eu vou falar de Olímpia,
A minha terra querida,
Cidade Menina-Moça
Que me deu a luz da vida
Lugar de gente honesta
De mulheres fascinantes
Quem passar por esta terra
Não esquece um instante.

Na matriz de São João
Onde faço a minha prece,
Pedindo a paz ao meu povo
E a cidade que só cresce
Um prefeito que trabalha
E luta por seus ideais,
Um professor que cultua
E preserva os festivais.

Quando chega o mês de agosto
A cidade é mais bonita
Tem folias e congadas
Bumba-meu-boi, pau-de-fitas
Na Capital do Folclore
Olímpia se transformou
Graças ao José Sant'anna
Nosso grande professor.

Sou um filho desta terra
Tenho orgulho em dizer
Cidade maravilhosa
Que um dia me viu nascer,
Quando falo desta gente
Sinto força e emoção
Olímpia, colírio dos meus olhos,
Alegria do meu coração.



Osvanil Antônio Teixeira nasceu em Olímpia, em 15-2-1960. Casado e pai de quatro filhos. Aprendeu, de ouvido, a tocar viola e violão, ainda criança. Osvair Caetano nasceu em 22-8-1964. Casado e pai de um filho. Aprendeu, sozinho, a tocar viola, violão, cavaquinho e acordeão, desde criança.

Ambos cantam em parceria. São compositores e intérpretes e suas produções musicais são também em parceria.

ROSA PEREIRA DOS SANTOS, A QUE VIVE O FOLCLORE

Rosinha, para os amigos, para os olimpienses em geral. Nascida em Monte Azul Paulista, no Sítio Olhos d'Água, a 2 de agosto de 1913, fixou residência em nossa cidade e aqui vive há 60 anos. Foi casada com Jaime Pereira dos Santos que, alegremente como viveu, faleceu durante o Carnaval deste ano, em Guaraci — SP.

Dona Rosinha é a autêntica mulher folque, vive cercada por manifestações folclóricas, é folclorista nata, tudo o que faz, o que diz, o que conta, a forma como conta qualquer coisa singela, traz a marca da mulher humilde que preserva a nossa história.

Uma vida longa — 75 anos dedicados a muito labor, a trabalhos duros e humildes, trabalhos que lhe propiciaram o contato com gente de classe mais elevada, econômica, política e culturalmente falando. Daí o seu jeito bonito de exprimir-se, palavras difíceis, corretamente colocadas, um vocabulário amplo e eivado de termos que marcam a personalidade dessa folclórica pessoa.

Empregada doméstica desde tenra idade, teve a felicidade de aprender com famílias sírias, requintados pratos que soam assim: Mijárada, cauxi, názare, xixisbarra, rames, xacre... (grafia por conta dos sírios que nos lêem). Não ficou só na cozinha árabe: perita em pratos brasileiros, especialmente baianos; pratos italianos, espanhóis, sabe fazer diversos tipos de queijo, cozinheira e doceira de não se botar defeito.

Não estudou em escolas, e o pouco que sabe de leitura e escrita a vida lhe ensinou. Sozinha também aprendeu a costurar, observando modelos em revistas e jornais.

Rosinha faz tanta coisa, que um livro ficaria grosso com sua história. Vamos, de leve, passar por algumas habilidades que a tornam tão popular.

Ela faz flores de papel crepom, estilo próprio, flores que enfeitam os grupos folclóricos, que dão o colorido especial das Folias de Reis, das Congadas, do Moçambique.



Foi excelente cavaleira tocando o berrante com garbo e segurança, também a buzina de chifre de bovino, objetos que hoje, calados, enfeitam as paredes de sua casa.

Casa... Dois pequenos cômodos na Avenida do Folclore, n.º 566, apertados, paredes recobertas de fotos antigas, quadrinhos, recortes de revistas, calendários de

idos anos, cartazes dos Festivais do Folclore, nem um vão para deixar ver a pobreza do ambiente.



Suas peças com abrolhos são encantadoras, famosas mesmo. Aprendeu a tecê-los com Dona Carmela Sproni Lenti, uma das suas patroas e, caprichosamente os vem colocando em sacos alvejados, em linho, em “vira-linho” (linhão), obras de arte. Alguns, feitos para pessoas muito especiais: Maria Luíza Figueiredo de Melo, da Comissão Nacional do Folclore; Laura Della Mônica, escritora e folclorista paulista; Inezita Barroso, a grande cantora brasileira; Dr. Uebe Rezeck, um dos mais novos cidadãos olimpienses e outras autoridades.



É incansável na utilização da agulha de crochê e, de suas mãos, saem os mais variados trabalhos, nas mais diversas cores e formatos: bolsa com alças, chapéu de criança, tapete em várias cores, porta-copos de tecido com aplicação de crochê, toalhinhas de mesa e bandeja de modelos vários, vestidinho de criança com acompanhamento de calcinhas e bolsa, combinando, sacola em ponto segredo, alguns trabalhos mais finos com linha Mercer ou linha fina de novelo n.º 60, engomados ou sem goma, até um sutiã.

Parece bastante, mas há muito mais. Dona Rosinha gosta de bordar, a mão, fazer pintura em tecidos — possui apenas 2 pincéis e pouca tinta. Trabalha em um estranho grampo de arame grosso a fim de confeccionar chales, ponchos. Tece crivo, renda... Toca sanfona (agora não, pois vendeu a que possuía), pandeiro, tamborim. Mais ainda: é benzedeira bem procurada, utilizando diversas plantas que cultiva ao redor da casa, praticando, assim, a medicina caseira e também a medicina teológica. Diz-se espírita de nascimento, possuir mediunidade, ter



uma criancinha por mentora espiritual, mas professa o catolicismo à moda de muito bom cristão brasileiro.

Ao redor da casinha, grande quintal, parte varrida e limpa, o restante utilizado para plantações das quais ela cuida, desde o plantio à colheita: mandioca, feijão guandu, bananeiras, algumas hortaliças que a falta de água prejudicam, muitas flores: rosas, picão, capitão (zínia) — a ele chama de mal-me-quer, muitas plantas de jardim, espadas-de-são-jorge, arruda. E ainda cuida de um irmão doente, o Joaquim, que com ela reside; alimenta e fornece água a cães da rua...



Como se não bastasse tudo isso, veste-se de palhaço nas Folias de Reis e se caracteriza para todos os desfiles dos Festivais do Folclore: boiadeira, pescadora, caçadora, mulher-rendeira e outros tipos.

Extraordinária transmissora de contos folclóricos, alguns já impressos nas revistas do Folclore de Olímpia: O Afilhado do Diabo, O Príncipe Tatu, Maria de Pau, Joãozinho e Maria, Cavalinho Branco Encantado, O Rei Cego...

Conhece a hinologia popular católica, canta orações da recomendação das almas e infinitas outras que fazem parte do hinário folclórico. Figura popular, já se apresentou em feiras do artesanato em São Paulo, a convite da primeira dama e lá, na barraca de Olímpia, deu o seu recado folclórico.

Esta é, pois, a corrida histórica dessa pessoa extraordinária, mulher que preserva muito do nosso saber popular, que faz o folclore permanecer vivo e atuante, que vive cada instante da sua pobre vida como se predestinada a deixar profundas pegadas na terra de adoção — Olímpia, Capital Nacional do Folclore.



O Museu do Folclore "D. Maria Olímpia" guardará, para os pósteros, muito do que Dona Rosinha produziu e entregou ao Prof. José Sant'anna, aquele que lhe dá grande apoio e cobertura.

Que o Senhor nos permita tê-la conosco por muitos, muitos anos ainda, singela grande senhora, Rosa Pereira dos Santos, Dona Rosinha, a benzedeira.

CORRIGINDO

SETILATRIA OU SETELATRIA

Na edição de 22 de agosto de 1986 do Anuário do Folclore, comemorativo do 22.º Festival do Folclore de Olímpia, da página dois à página sete, foi publicado o artigo do senhor José Carlos Rossato, professor emérito, folclorista, membro do Departamento de Folclore de Olímpia, sob o título *Setilatria* — Temor e Respeito. Por pequeno descuido, saiu publicado *Setilatria* (que é adoração à seda) e não *Setelatria* (que é a adoração ao número sete).

Nossa língua é bem complicada e quando há diferenças sutis, facilmente as pessoas se enganam. Mas nossa obrigação é "ir fundo", pesquisando a dúvida e refazendo o erro. E foi assim que fez o grande folclorólogo de Votuporanga — SP, Prof. Rossato.

PERDEMOS O MARRETA

Olímpia sofre quando um dos seus filhos parte. Sofre quando a tragédia se abate sobre um dos membros da sua comunidade. Veste-se de luto quando alguém, da dimensão de Álvaro Marreta Cassiano Ayusso, cerra seus olhos à luz olimpense.

Marreta, nosso amigo de vários anos, teve uma vida singela e, ao mesmo tempo, extraordinária. Qual Midas moderno, suas mãos diligentes transformavam em ouro tudo em que tocasse. Nos negócios, galgou da humilde situação de operário para as culminâncias de proprietário da mais requintada e luxuosa indústria de móveis da cidade e região.

Na política, em meteórica carreira, vai de Vereador — 1973 a Prefeito — 1978, quase elegendo-se Deputado Estadual. Um ser lendário, dinâmico e carismático, soube conquistar inimigos, visitantes, desconhecidos, ampliando

o seu grupo de amigos e admiradores de forma imensurável.

De poucas letras, pouco estudo, soube, como poucos, cultivar e preservar a cultura do seu povo através dos Festivais do Folclore — apoio irrestrito e indiscutível. Presença obrigatória em todos os eventos folclóricos.

Além disso, Marreta lutou e conseguiu, em seu mandato, reconstruir o prédio do Museu do Folclore, construiu a Casa da Cultura, que hoje leva o seu nome, deu-nos, através de Decretos, um patrono oficial para os festivais — o Curupira. Foi autor de inúmeros Decretos que regulamentam o Festival. Reestruturou o Conselho Municipal de Cultura, um marco importante na história de Olímpia, pois é esse Conselho o responsável pelos muitos cursos que a cidade frequenta e por artigos em todos os meios de comunicação locais, estaduais, internacionais.

É vasta a lista do que Marreta conseguiu enquanto militante político. A cidade toda traz as marcas da sua vertiginosa passagem, o centrão, a periferia, a zona rural. Ele era onipresente, possuía o dom da ubiqüidade, era mágico quando necessário. 1985 marcou o início sua trágica história final. Nascido num dia 13 de agosto, num outro dia 13 foi sepultado, entregando seu espírito à Senhora Aparecida, bem do jeito que pedia em suas orações no leito em que passou seus momentos de luta final, no dia mesmo em que a igreja católica consagra à mãe de Jesus — 12 de outubro.

O povo, através de homenagem póstuma organizada pela Prefeitura Municipal sob o comando de José Sant'anna e Cidinha Manzolli, com a participação emocionada da Câmara e toda a coletividade reverenciou esse insigne vulto da nossa vida política. Foi a mais bela homenagem cristã prestada e o Marreta, de onde estava aplaudiu, com certeza, pois amava a música, entendia a sinceridade de um gesto espontâneo.



A sombra do Marreta ficará incólume, adejando sobre nós, sobre os que amam o Folclore, sobre os que lutam para que Olímpia prospere e brilhe. Como bem lembrou o deputado Maluly Netto em sua homenagem de adeus: Marreta viverá no meio dos pássaros, das árvores

e flores da cidade, no sopro do vento e na lembrança de todos”.

Adeus, amigo olimpiense!

SEM FIÍCO FICOU NOSSO FOLCLORE

O dia 26 de janeiro de 1988 marcou a data do desaparecimento de um humilde, porém, grande homem do povo, um folque nato desses cuja perda passa quase despercebida, embora tenham sido notáveis. Conhecido como Fiíco Vato, chamava-se Antônio Nicolau de Miranda e, com 72 anos de idade, incansável e diligente, era presença marcante nos encontros folclóricos.

Passou a vida como homem folque, participando das Folias de Reis, de São Sebastião, do Divino, de São João, da Dança-de-São-Gonçalo, de Catira, não perdendo, como violonista, uma só missa dos violeiros. Foi funcionário da Prefeitura, encarregado da limpeza pública.

Sepultado no Cemitério de São João Batista, descansa seu corpo enquanto, com certeza, seu espírito percorre os velhos caminhos palmilhados em vida, cantando, saudando e cultuando seus santos, nossas tradições preservando e engrandecendo nossa terra.

Adeus, Fiíco. Nós não o esqueceremos.

MAIS UMA VEZ ADEUS!

Pessoa simples, indiferente às loas que os homens tecem aos competentes, assim era Dona Maria Albertini de Miranda. Atuante em incontáveis festas cíclicas religiosas mantidas, tradicionalmente, pela grande família — Festa de Santos Reis, de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, de São João Batista.

Dona Maria estava presente em todos os lugares que dela necessitassem, confeccionando flores para enfeites dos grupos, cuidando de trajes festivos com carinho, caprichando nas comezainas oferecidas aos convidados das festas religiosas. E sociais também. Ela foi bem o símbolo da mulher que, inconscientemente, preserva o folclore, mantém as tradições, prepara os caminhos para os que fazem a história de uma cidade.

Estava com 72 anos de idade, e no Dia do Trabalho, trabalhadeira como sempre foi, partiu para outras plagas esperando com certeza, ver de perto aqueles a quem cultuou a vida inteira. Faleceu na Santa Casa de Olímpia, a 1.º de maio deste ano. Fora esposa do Sr. João Marques de Miranda (João Vato, como os olimpienses o chamaram sempre) e, no cemitério São João Batista foi sepultada. Que ele, João Batista, a quem tanto orou, esteja aí firme à sua espera, saudosa Dona Maria Albertini de Miranda. Adeus!

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

COMENTA ISEH BUENO DE CAMARGO

I — De 27 de janeiro de 1988, assinado por Lygia Maria Ballantyne, da Library Congress Office, Brazil, consulado Americano, agradecimento pelo envio de publicações do 23.º Festival do Folclore de Olímpia, acusando encaminhamento imediato à sede da Biblioteca em Washington, D.C. Auspiciosas notícias: estaremos sendo lidos nos Estados Unidos.

II — Hildegardes Vianna, com data de 2/1/88 agradece ao Sant’anna o envio do Anuário do 23.º FEFOL, elogiando seu conteúdo e desejando que o “Festival cresça sempre em prestígio e objetividade”. Todos olimpienses agradecem, entusiasmados.

III — Do Rio de Janeiro, a emérita folcloróloga Cásia Frade escreve ao Sant’anna, agradecendo recebimento publicações 23.º FEFOL, cumprimentando o mestre pela excelência de seu artigo sobre São João Batista no Folclore de Olímpia. Nós é que cumprimentamos tão importante brasileira, retribuindo seus votos de sucesso.

IV — Inezita Barroso, de São Paulo, cumprimenta o Prof. Sant’anna, dizendo “Que os santos Reis lhe tragam um Ano Novo cheio de luz (e que tragam para mim pelo menos uma Revista deste ano!)”. Esperamos que, a esta altura, nossa olimpiense por adoção e por direito, esteja de posse não de um, mas de vários exemplares do Anuário. Merece muito mais do que isso, grande folclorista de São Paulo. Continue amiga do Sant’anna, ele é seu admirador incontestado.

V — De Jundiá, SP, dezembro de 87, o amigo do Prof. Sant’anna, Prof. Adelino Brandão, acusa recebimento do Anuário do 23.º FEFOL, acrescentando: “Você é um dos que honram a inteligência nacional, nessa tarefa a que se dedica há tantos anos...”. Estamos de acordo, desejando-lhe trabalhos profícuos e duradouros no ano que estamos a percorrer.

VI — Benedito Pires de Almeida em 22/12/87 envia, de Tietê, SP, saudações ao Sant’anna, agradecendo o envio da “monumental Revista sobre o Movimento Folclórico de Olímpia” (sic). Continua: “Você está superando Sílvio Romero que é o autor mestre para a ciência do Folclore”. Alguém de Tietê, cidade que cuida de preservar seus valores culturais, dizendo tais palavras, causa-nos emoção incontida e, é claro, nos envaidece por serem dirigidas a quem merece. Nossos agradecimentos, mestre.

VII — Arthur Napoleão Figueiredo, do Belém, PA, acusa recebimento Anuário 23.º Festival do Folclore de Olímpia, enaltecendo o valor do mesmo por conter “preciosa contribuição para o estudo da cultura popular brasileira”. Envia ao Prof. Sant’anna seus parabéns. Nós é que cumprimentamos o grande folclorólogo paraense, agradecendo a gentileza do envio de jornais onde artigos de sua lavra atestam as pesquisas que realiza com tenacidade. Olímpia sente-se honrada em tê-lo como amigo, brasileiro ilustre.

VIII — Proveniente de Ilhabela, SP, com data de 20/12/87, Iracema França Lopes Correia escreve ao Sant’anna, agradecendo o recebimento do Anuário e desejando ao mestre que “o Folclore de Olímpia possa contar com a sua ajuda constante”. Mil vezes obrigada, amiga do olimpiense que cuida do seu folclore. Olímpia é que lhe deseja longa vida nesse paraíso brasileiro. Parabéns pela amizade que conserva pelo criador e coordenador dos Festivais do Folclore olimpiense.

IX — Maceió, AL, na pessoa insigne do folclorólogo José Maria Tenório Rocha, cartão de 17/12/87, agradece recebimento Anuário 23.º FEFOL e publicação do seu artigo “Respeito Pelo Folclore, Teu Nome é Olímpia!”, desejando ao Prof. Sant’anna um 88 pleno de êxitos. Nós, de Olímpia é que ficamos gratos por contar entre nossos ami-

gos tão esclarecido folclorista e ficamos lisonjeados e agradecidos pelas palavras elogiosas.

X — Veríssimo de Mello, extraordinário folclorólogo nordestino envia, de Natal, RN, a 16/12/87, cartão ao Professor Sant'anna, chamando a este de "madeira que cupim não rói", agradecendo envio do Anuário do 23.º FEFOL, destacando, no Noticiário, entrega de "Medalha ao Professor Sant'anna". Diz ele que "nossa matéria — entrega da Medalha J.A.B.M. (Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros) está — dos amores um cravo! Magnífica!" Éh! quem sabe, sabe, Veríssimo, e nada mais nos resta que dizer, humildemente: obrigada.

XI — Do Rio de Janeiro, 16/12/87, Setor de Intercâmbio da Biblioteca Amadeu Amaral, do Instituto Nacional do Folclore, notícia do recebimento do Anuário do Folclore, agradecendo seu envio pelo Prof. José Sant'anna. Quem agradece somos nós, de Olímpia, por saber que nossos trabalhos farão parte do acervo da Biblioteca do Instituto Nacional de Folclore.

XII — Pedro Teixeira, a 10 de janeiro de 1988, de Maceió, AL, enviou ao Prof. Sant'anna extensa missiva, agradecendo o recebimento da Revista do 23.º FEFOL, sobre o qual discorre: "Achei-o maravilhoso. Cada ano que passa ele vai melhorando consideravelmente. O seu trabalho sobre a Presença de São João Batista no Folclore de Olímpia está fora de série! Um verdadeiro espetáculo! Não era para ficar apenas em uma revista, porém, deveria ser publicado e espalhado por esse Brasil a fora a fim de que todos vissem como se faz folclore, como se pesquisa com cuidado e carinho, como se sabe guardar as tradições da nossa gente, do nosso povo". Muito agradecidos estamos, professor Pedro. Continue a nos honrar com sua amizade.

XIII — Acusamos recebimento de convite para a III Semana Paulista de Fotografia, de 7 a 12 de dezembro de 1987, convite da Deputada Bete Mendes a quem, em nome dos folcloristas locais, autoridades municipais, estudiosos em geral, penhoradamente agradecemos.

XIV — A Prefeitura Municipal de Franca, SP, enviou convite para participação no I Simpósio de Historiadores da Região, marcado para 28/11/87, no Museu Municipal José Chiachiri, em nome do Prof. José Sant'anna, do Prefeito Wilson Zangirolami, dos pesquisadores da História Regional e mestres em geral. O Prof. Sant'anna compareceu e expôs sobre a história e o folclore de Olímpia. Nossos agradecimentos ao Museu e que tenham colhido os frutos merecidos. Parabéns pelo evento.

XV — Através do senhor Protázio da Mata e Sousa, do Grupo Moçambique Branco Nossa Senhora do Rosário 'Céu Estrelado', de Uberlândia, MG, em setembro de 1987, recebeu o Prof. Sant'anna uma carta de agradecimento pela acolhida que lhes foi feita, por ocasião do 23.º FEFOL. Agradece os elogios que o mestre faz ao seu Grupo Folclórico, promete retornar no próximo ano. Acusa o recebimento do Of. 581/87 com a anexação do Requerimento n.º 474/87 que aos componentes do Moçambique causou grande alegria. Nós, de Olímpia, só temos que enaltecer esse gesto do amigo Protázio, rogando ao Senhor que o traga sempre para participar dos festivais. Obrigada, amigo.

XVI — Com data de 10/9/87, proveniente de São Paulo, o Prefeito Wilson recebeu carta de congratulações do mestre aposentado, Dirceu Ferreira da Silva que, nos anos 31/32 morou em Olímpia. Diz ele, em trecho da carta: "Alegro-me em saber que Olímpia é a Campeã nas comemorações do Folclore". Com 87 anos de idade, o senhor Dirceu, lúcido e saudoso, recorda homens que marcaram a história olimpiense.

É um prazer, perpétuo amigo de Olímpia, saber que alguém, de longe, cumprimenta o povo que o acolheu, e que se rejubila com os feitos da cidade. Obrigada.

XVII — À Câmara Municipal de Olímpia, ao Sr. Wanderley Dario Forti e ao Vereador José Sant'anna chegou, em 29/10/87, ofício assinado pelo Senhor Oswaldo Prado Margarido, de Itapeva, SP, agradecendo a inserção, nos trabalhos da Câmara, dos votos de congratulações pelo lançamento do livro "Bandas Musicais de Itapeva". O Prof. Sant'anna, autor do requerimento n.º 504/87, só tem palavras de louvor pela gentileza da lembrança e, carinhosamente, reserva um lugar em sua vida ao hospitaleiro povo de Itapeva.

XVIII — Capão Bonito, 24 de setembro de 1987. Assinado pelo senhor Conrado Patrocínio de Oliveira Jr., Presidente da Câmara daquela cidade ao Vereador José Sant'anna, veio o Ofício CM/613/87: "É com grande satisfação que vimos comunicar a Vossa Senhoria que, em virtude da aprovação unânime do Requerimento Verbal de autoria do nobre Vereador João Cláudio Ferreira, foi consignado na ata dos trabalhos da Sessão Ordinária de 21/9/87, "VOTOS DE LOUVOR" à sua estimada pessoa, pela coordenação do 23.º Festival do Folclore de Olímpia".

Ante tal deferência, o mestre agradece sensibilizado e todos os folcloristas da cidade com ele se alegram. Nossos agradecimentos ao povo de Capão Bonito, aos que preservam as tradições paulistas. Parabéns.

XIX — Isaac Grinberg, de Mogi das Cruzes, SP, a 9/11/87, enviou à Câmara Municipal de Olímpia e especialmente ao Vereador José Sant'anna, agradecimentos por ter sido aprovada a inserção, em ata, de voto de congratulações pela publicação do seu livro "Folclore de Mogi das Cruzes".

Não só o Prof. Sant'anna, mas todo o povo olimpiense agradece a gentileza do autor, esperando que muitas obras folclóricas possam vir à luz, através dos trabalhos do ilustre autor. Nossos cumprimentos.

XX — De Brasília, 25/11/87, Leda Tâmega Ribeiro agradece, através do senhor presidente da Câmara, ao Professor José Sant'anna, que propôs a inserção em ata de voto de congratulações pelo lançamento do livro "Mito e Poesia Popular". Declara a autora: "que a iniciativa da Edilidade olimpiense muito me honra e igualmente me sensibiliza, não só no que se refere à valorização do meu esforço pessoal mas, sobretudo, pelo significado maior que reveste esta homenagem, qual seja, um estímulo, na verdade, a toda pesquisa no sentido de ampliar os conhecimentos no campo da cultura popular brasileira". À preclara escritora e merecedora da homenagem, Olímpia é quem agradece.

XXI — O Prof. Dr. José Chiachiri Filho de Franca, agradece à Câmara Municipal de Olímpia por ter inserido, em ata, através, do Vereador José Sant'anna, referência ao I Simpósio de História Regional, dizendo que "o sucesso desse nosso Encontro de Historiadores não seria completo sem a brilhante participação de Olímpia, liderada, pelo ilustre Prof. José Sant'anna". Nossos cumprimentos pelo evento, Dr. José Chiachiri, que sejam colhidos os frutos desse digno trabalho, desse necessário encontro. Parabéns aos francanos, aos historiadores em geral.

XXII — Antônio Arthur Fernandes, de Arealva, SP, envia ofício ao Sant'anna por inserir, na ata dos Trabalhos da Câmara Municipal de Olímpia, — Of. n.º 159/87, votos de congratulações pela realização da "Festa Brasileira" daquela cidade. Aos professores e alunos da EEPSP "Prof. Sebastião Inoc Assumpção" de Arealva, os cumprimentos do povo olimpiense, especialmente daquelas pessoas que honrosamente aí deram seu recado folclórico, através da danças e que tão carinhosamente foram recebidos. Parabéns pela festa. Continuem firmes.

XXIII — A ilustre folcloróloga de Aracaju, SE, Núbia N. Marques enviou ao Vereador José Sant'anna e família, encantador convite que diz: "Núbia N. Marques convida para o vernissage comemorativo dos seus sessenta anos de sonhos, lutas e experiência de vida, no dia 11 de dezembro de 1987, às 21 horas." Conhecida estudiosa da cultura popular, folclorista emérita, clara em sua arte de pesquisar, é uma honra saber que, com apenas 60 anos, muito fará ainda pelo Folclore Brasileiro, pela preservação dos valores pátrios. Parabéns, Núbia, pelo seu aniversário, parabéns por seus dias de quem não se acovarda, não é morna, nem fica no muro da covardia. Parabéns, gratos pelo convite.

XXIV — Através do Mestre Venâncio Castro, "Os Baioaras" de Belém, PA, Grupo Parafolclórico que anima os nossos Festivais do Folclore, em nome do Prof. Sant'anna cumprimenta o povo de Olímpia, desejando que o Ano Novo seja a continuidade das legítimas conquistas na realização dos ideais de progresso. É o que desejamos a todos os "baioaras", que progridam, que preservem as tradições do Brasil-Norte, que, dançando e cantando, levem a cultura brasileira a todos os rincões das Américas... do mundo, se possível. Olímpia lhes é sempre grata.

XXV — Carlos Cruz, Presidente da União dos Vereadores de São Paulo envia ao Prof. José Sant'anna convite para participar da Sessão Inaugural do Ano Legislativo Municipal no Estado de São Paulo, no Auditório do Palácio do Morumbi (Governo do Estado), momento em que deverão ser expressas as preocupações da edilidade quanto aos rumos da Constituinte, às 15 horas do dia 29 de janeiro de 1988. Uma tarefa que merece toda consideração dos políticos esclarecidos do Estado, o que torna esse convite de importância imensurável. O Prof. agradece e, com ele, todos os folcloristas de Olímpia, esperando sucesso nas reivindicações. Parabéns.

XXVI — Incalculável número de cartões e cartas chegaram às nossas mãos, especialmente às do Prof. Sant'anna, desejando-nos sucesso perene nos Festivais do Folclore, um novo ano rico em realizações, voltadas para a cultura popular. Destacamos alguns, por exigüidade de espaço: Dulce Martins Lamas, Rio de Janeiro; Teresa e Dante de Laytano, Porto Alegre; Saul Alves Martins, Belo Horizonte; Ruth Guimarães, São Paulo; Carlos G. Krebs, Porto Alegre; Léa Vinocur Freitag, São Paulo; Florival Seraine, Fortaleza; Moçambique "São Benedito", Lorena; Aláide e Orestes Quércia, União Brasileira de Escritores de São Paulo, Adelino Brandão, Jundiá e muitos outros.

XXVII — Maria Amália Correa Giffoni, grande pesquisadora das danças e músicas folclóricas brasileiras, autora de obras que servem de guia a todos que lidam com grupos parafolclóricos enviou, de São Paulo, a 15 de janeiro do corrente, amáveis palavras, cumprimentando o Prof. Sant'anna pelo envio da última Revista do Festival do Folclore. Deu especial atenção ao trabalho do professor — São João Batista no Folclore de Olímpia — dizendo: "completíssimo, oportuno e louvável, sob todos os aspectos. Muita coisa coincidente com o que é visto na minha zona e muita novidade".

É gratificante saber que alguém tão atarefada quanto a emérita musicista encontra vaga para elogiar o que fazemos com o intuito de divulgar tradições e costumes que tendem a cair no esquecimento. Nossa gratidão e cumprimentos pelo livro sobre Zequinha de Abreu, obra que faltava nas bibliotecas brasileiras. Parabéns, grande pesquisadora e gratos pelos cumprimentos.

XXVIII — Maria Luíza Figueira de Mello, da Comissão Nacional de Folclore, augurando um bem sucedido 1988 ao Professor José Sant'anna, diz-lhe, entre aspas: "Planta um grande Pensamento, Colhe um grande Destino". A importante figura do Folclore Nacional, conhecendo o valor do amigo Sant'anna, acertou com a frase pre-

monitória. Que ela, também, através da sua luta pela preservação das nossas raízes, colha os frutos de um grande Destino, são nossos votos.

XXIX — De Taubaté, SP, Benedito Nunes de Assis agradece o recebimento do Anuário do 23.º Festival do Folclore, endereçando ao Sant'anna suas palavras elogiosas: "importante documento dos nossos costumes populares, que veio enriquecer minha pequena biblioteca". Folcloristas e olimpienses em geral agradecem tal gentileza e nos sentimos felizes em saber que nossos modestos trabalhos ampliam bibliotecas do Estado todo, especialmente de cidade tão progressista quanto Taubaté. Gratos, amigo Benedito Nunes.

XXX — Zita de Andrade Lima, Assessora de Relações Públicas do Ministério do Trabalho, Brasília, DF, agradece ao Sant'anna o envio do Anuário do 23.º FEFOL, demonstrando sua gratidão pelo registro da morte de seu esposo, Prof. Luís Beltrão, na Revista em questão. A gratidão é nossa, ilustre senhora, por termos tido, como mestre e amigo alguém da categoria de Luís Beltrão que os fados, em feliz momento, tornaram-no seu esposo. Que a perda de Beltrão seja substituída por sua amizade constante, desejam os folcloristas de Olímpia. Gratos.

XXXI — Do Rio de Janeiro, Maria Eduarda Lessa agradece ao Sant'anna o envio do Anuário do 23.º FEFOL, ressaltando a publicação, sobre a morte de seu marido, Orígenes Lessa, sob o título "A Morte de um imortal", complementando: "Isto consola meu coração, pois vivemos num país de memória curta". É certo, ilustre dama, porém Olímpia, Capital do Folclore, preserva, com carinho, o nome e a obra dos que foram grandes em vida, imortalizando-os nos arquivos da memória do folclore. Gratos pelas palavras amigas.

XXXII — Ineh Bueno de Camargo, diretora da EEPG "Caetano de Campos", Aclimação, SP, enviou ao Senhor Prefeito Wilson, à Delegada Bäder Abinagem Serrano e ao Prof. Sant'anna, convite para participarem do Curso "Folclore na Educação", a ser realizado naquele estabelecimento de 23 a 27 de novembro de 1987, ministrado pelas professoras Cidinha Manzolli e Iseh. Diz o convite que, "juntas, sob orientação do Prof. Sant'anna, elevam e tornam cada vez mais conhecida a grande Capital do Folclore — Olímpia". Ficam aqui os agradecimentos de ambos e de todos os folcloristas que gostariam de ter participado do curso. A diretora agradece, também, a participação do Grupo de Danças Parafolclóricas "Asa-Branca", que, sob direção de Liedna Nogueira, apresentou-se no recinto do curso. Nossos cumprimentos à mestra.

XXXIII — O Prof. Dr. Reinidolch Caffagni, Livre-Docente pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Diretor-Coordenador do Instituto de Pesquisas "Emile Durkheim" de Votuporanga, SP, assim expressou-se, através de ofício dirigido ao Prof. José Sant'anna: "Gostaria de cumprimentá-lo, na minha humilde condição de professor de Antropologia Cultural e Sociologia em Faculdades de Filosofia da nossa região, por seu brilhante trabalho em prol do reconhecimento e desenvolvimento do Folclore Brasileiro". Tece elogios aos encontros folclóricos em Olímpia, enaltece o trabalho de José Carlos Rossato e promete, para breve, um encontro, "no qual discutiríamos sobre as possibilidades de ampliar de fato a presença dos estudos folclóricos como obrigatórios nos currículos universitários". Que a idéia se concretize, ilustre mestre. Desde já gratos pelos elogiosos termos.

XXXIV — De Água Preta, endereçado ao Prefeito Wilson assinada pelo Prof. Severino Cassiano Ferreira, recebemos ofício em que o mestre fala das atividades culturais de Olímpia e declara seu desejo de aqui estar, por ocasião do Festival do Folclore, a fim de ampliar seus conhecimentos. Solicita exemplar do "Acorda, Povo", de Laura Della Mônica e trabalho de Cidinha Manzolli. Agra-

decemos ao mestre, esperando vê-lo, em agosto, nesta cidade.

XXXV — A Secretaria de Difusão e Intercâmbio Cultural do Ministério da Cultura incluiu, entre os museus brasileiros que comporão o Calendário a ser editado em 1988, o nosso Museu de História e Folclore, “Dona Maria Olímpia”, solicitando dados informativos sobre o mesmo. À Coordenadora do SPHAN, Priscila Freire, nossa gratidão.

XXXVI — De Votuporanga, SP, assinado pelo Senhor Abílio José Guerra Fabiano, Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal, dirigido ao Sr. Antônio Miguel Alves, chega-nos às mãos ofício que visa agradecer a colaboração recebida durante o Encontro Regional de Folias de Reis, com onze horas seguidas de apresentações e respectivas louvações e saudações das vinte e três companhias de Reis presentes. Olímpia, ali, deu seu vitorioso recado de fé e religiosidade, engrandecendo seu povo e seu folclore. Dada a grandiosidade do evento, este passará a ser dito Encontro Inter-estadual de Folias de Reis. Parabéns, votuporanguenses e suas Folias de Reis. Crescendo e preservando o que é, nosso, meta desses inspirados encontros.

XXXVII — Ao Prof. Sant’anna, através de Dona Zita de Andrade Lima, mais uma publicação da Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais do Departamento de Antropologia e Centro de Estudos Folclóricos, Recife, PE, trazendo, desta feita, artigo de Roberto Benjamin sobre Luís Beltrão — “Mestre de Folclore e Comunicação”. Cientes de que tal trabalho virá enriquecer nossos arquivos sobre o Folclore Brasileiro, nossos sinceros agradecimentos à Fundação e ao povo recifense.

XXXVIII — O folclorista Doralécio Soares, de Florianópolis, SC, envia ao Prof. José Sant’anna, sua obra de 1987, “Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina”,

um trabalho de pesquisas artesanais maravilhosamente ilustrado, mostrando o rendilhado miraculoso das mãos femininas da mulher catarinense. Há um profundo estudo das influências açorianas nesse tipo de “artesanato folclórico” e as causas sociais que impulsionam o aperfeiçoamento das rendeiras. Ao mestre catarinense, nossos cumprimentos pela obra que nos orientará em estudos posteriores e nossos agradecimentos pela lembrança de incluir Olímpia em seus esforços de divulgação.

XXXIX — Do Museu Paraense “Emílio Goëldi”, através do amigo folclorólogo Napoleão Figueiredo recebemos, freqüentemente, notícias, trabalhos, obras e pesquisas relacionadas com o folclore do Norte do país. As pesquisas do ilustre mestre sobre o Indígena da região extremo norte do Brasil são dignas de divulgação em nível nacional, não ficando atrás os demais artigos de sua lavra e de outros estudiosos paraenses. Ao amigo Napoleão e ao Museu Goëldi, em nome do Prof. Sant’anna, em nome dos folclorólogos olimpienses nossos cumprimentos pelo exaustivo trabalho e agradecimentos sinceros pela inclusão de Olímpia no envio de toda obra de vulto que nos chega do Pará. Obrigada, em nome dos olimpienses.

XL — É vultoso o número de ofícios, cartas, livros, telegramas, cartões que enaltecem o trabalho do Professor José Sant’anna como criador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia, que cumprimentam o Prefeito Wilson pelo arrojo de sua obra na construção da Praça das Atividades Folclóricas que leva o seu nome, aos membros da Câmara Municipal, a todos que militam nas hostes dos que lutam pela preservação de valores pátrios. Ser-nos-ia impossível registrar tantas palavras de estímulo e gratidão recebidas, o que nos leva a rogar ao Senhor que a todos amigos de Olímpia cubra de bênçãos, trazendo-os à nossa cidade e ao nosso convívio para todo o sempre. Gratos, gratíssimos estamos nós.

PROMOVER O FOLCLORE É TAREFA DE TODOS QUE QUEIRAM MANTER A INDEPENDÊNCIA DE SEU POVO

Devemos agradecimentos ao BRADESCO, nosso paladino, pela publicação deste Anuário. Sua colaboração não é apenas excelente, mas de um valor incontestável. Sete anos consecutivos de amparo ao nosso trabalho.

Somos também muito gratos a Augusto Zangirolami e filhos, Laticínios Flor da Nata Ltda., David de Oliveira e Cia. Ltda., Eletro Metalúrgica CIAFUNDI Ltda., Seiji Kanashiro, Beneficiadora Balbo de Cereais, Edson Vâner Furlan, Hiroschi Kitagawa, Móveis Nossa Senhora Aparecida, Indústria e Comércio de Cereais David de Oliveira e Usina Açucareira Guarani S.A., de Olímpia, pelo patrocínio da ilustração interna (fotolito) desta Revista.

A Francisco de Assis Madalena, José Fernando Rizatti, Luís Antônio Fonseca, Rubens Ribeiro Sousa e Sílvio Luís Bacheга, pelo estímulo e penhorada atenção.

José Sant’anna.
diretor do anuário

Composta nas Oficinas da Linotipadora Expressa Ltda.
— Rua 21 de Abril, n.º 269 — Brás — São Paulo — SP.

Esta edição recebeu uma doação
do BRADESCO, através da Lei
Sarney de incentivo à cultura.

GRUPO EMPRESARIAL ZANGIROLAMI

Augusto Zangirolami e Filhos

HÁ 48 ANOS SERVINDO O BRASIL

Bazar das Noivas



No dia 13 de maio de 1888, os homens de cor, libertos, no terreiro da fazenda, deliravam em alegria ruidosa.

Cantavam, gritavam, dançavam, como ébrios de prazer, remexendo-se, saracoteando nos sambas e dando umbigadas furiosas em frenéticos batuques. A partir daquela data, o folclore brasileiro tornou-se inimitável.

Graças ao homem de cor.

O agradecimento é uma obrigação, que não devemos jamais esquecer.

AVENIDA DR. ADEMAR PEREIRA DE BARROS, 218 - FONE: (0172) 81-1015 - 15.400 - OLÍMPIA - SP

Folclore:
Um Pouco
Da Nossa
Terra
E Da Nossa
Gente

Olímpia-SP



Colaboração

BRADESCO